



A TFP: uma vocação

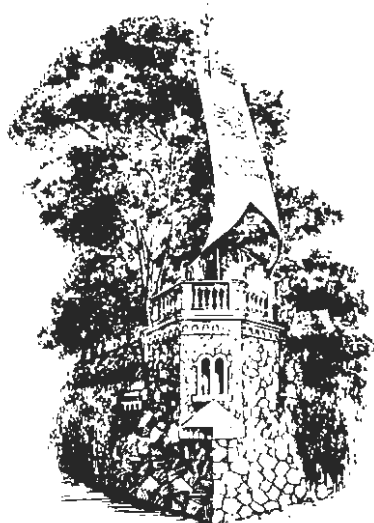
TFP e famílias

TFP e famílias na crise

espiritual e temporal do século XX

A nossa capa, cena escultórica que se encontra no Santuário do Sagrado Coração de Jesus, em São Paulo, representa o encontro do Menino Jesus no Templo entre os doutores, assim descrito por São Lucas no Evangelho: "E sua Mãe disse-Lhe: Filho por que procedeste assim conosco? Eis que teu pai e eu te procurávamos cheios de aflição. E Ele disse-lhe: Para que me buscáveis? Não sabíeis que devo ocupar-Me nas coisas de Meu Pai? E eles não entenderam o que lhes disse" (Lc, 11, 48-50).

A TFP: UMA VOCAÇÃO
TFP E FAMÍLIAS
TFP E FAMÍLIAS NA CRISE
ESPIRITUAL E TEMPORAL
DO SÉCULO XX

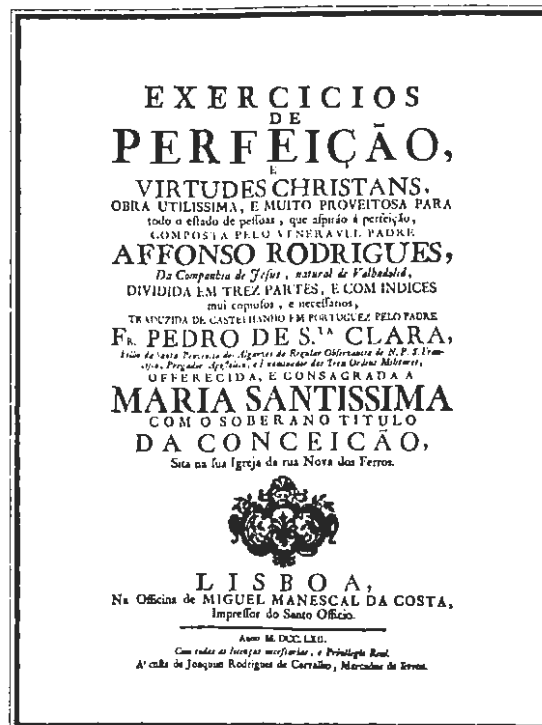


VOLUME II

A TFP: UMA VOCAÇÃO TFP E FAMÍLIAS TFP E FAMÍLIAS NA CRISE ESPIRITUAL E TEMPORAL DO SÉCULO XX

VOLUME II

*A perfeita harmonia entre o I e o IV Mandamento
nas vidas dos Santos,
que amaram intensamente a seus familiares,
mas acima de tudo amaram a Deus*



ORIENTAÇÃO DA PESQUISA
JOÃO S. CLÁ DIAS

**ESTA OBRA FOI ELABORADA
POR UMA COMISSÃO DE ESTUDOS DA TFP**

Fevereiro de 1986

Edição e Impressão:

ARTPRESS - Papéis e Artes Gráficas, Ltda.
Rua Javaés, 681
São Paulo

CAPÍTULO I

É no seio de famílias piedosas que a santidade costuma encontrar suas origens; em suas famílias alguns Santos permaneceram toda a vida, constituindo modelos de pais, mães, esposos e filhos; alguns outros Santos, mesmo depois de terem adotado um estado de vida mais perfeito, continuaram a encontrar num ambiente familiar particularmente fervoroso, estímulo para seu progresso espiritual

254. *Numa família cristã, os primeiros germes da santidade*

Da encíclica *Ad Catholici Sacerdotii*, de 20 de dezembro de 1935, de Pio XI:

“O principal e mais natural viveiro onde devem germinar e desabrochar as flores, que se hão de desenvolver no Seminário, é sem dúvida a família, uma família em tudo cristã no pensar e no viver. Consta, efetivamente, que a maior parte dos Bispos e Sacerdotes santos, ‘cujos louvores apregoa a Igreja’ (cfr. Eccli. XLIV, 15), devem os primeiros germes, tanto da sua dignidade como da sua santidade, já a um pai ilustre pela sua fé e virtude cristã, já a uma mãe singularmente piedosa e honesta, já enfim a toda a família, cujos membros reproduziam inteira e perfeitamente o ideal da caridade para com Deus e para com o próximo” (Pio XI, *Ad Catholici Sacerdotii*, Documentos Pontifícios, n.º 8, Vozes, Petrópolis, 1946, pp. 48-49).

255. *Na origem da santidade, o papel incomparável de uma virtuosa mãe*

Do renomado escritor católico Monsenhor Delassus (1836-1921):

“ ‘Ó meu Deus! devo tudo à minha mãe!’, dizia Santo Agostinho.

“No seu reconhecimento por havê-lo impregnado tão profundamente da

doutrina de Cristo, São Gregório Magno mandou pintar sua mãe, Silvia, ao lado dele, trajando um vestido branco, com a mitra dos Doutores, erguendo dois dedos da mão direita como para abençoar, e segurando na mão esquerda o livro dos Santos Evangelhos, sob os olhos do filho. [...]

“Mais próximo de nós, a alguns que o felicitavam por ter tido tão cedo o gosto pela piedade, o Santo Cura d’Ars diz: ‘Depois de Deus, isto é obra de minha mãe’.

“Quase todos os Santos fizeram remontar as origens de sua santidade a suas mães” (HENRI DELASSUS, *Le Problème de L’Heure Présente*, Desclée de Brouwer, Lille, 1905, t. II, pp. 575-576).

256. Mãe de um Santo, e esposa exemplar

Conta o grande Santo Afonso Maria de Ligório (1696-1787):

“Santo Agostinho (354-430) nos ensina que sua Mãe, **Santa Mônica**, vivia em paz com seu marido, apesar de ele ser de um caráter difícil e irascível. Suas vizinhas, em cujas casas reinava freqüentemente a discórdia, lhe perguntaram um dia como ela fazia para conservar a paz de que gozava. A Santa lhes respondeu: ‘Os desagradados que sentis de parte de vossos maridos, estai persuadidas de que não são tanto causados pelos defeitos deles, mas pelos vossos: replicando-lhes, vós amargurareis o humor deles, e caireis assim continuamente na confusão. Quando vejo meu marido de mau humor, não digo nada, suporto-o pacientemente, e rezo a Deus por ele; deste modo, vivo em paz. Fazei assim, e vivereis também vós na paz’” (Santo AFONSO MARIA DE LIGÓRIO, *Oeuvres Complètes — Oeuvres Ascétiques / La Prédication*, Casterman, Tournai, 1877, t. XVI, p. 487 / *Imprimatur*: J. B. Ponceau, Vic. gen., Tornaci, 25-3-1875).

257. “Eu venci cem batalhas, mas fui vencido por Clotilde”

De Santa Clotilde (475-545), diz o Pe. Muñana em sua obra catequética:

“Clotilde, esposa de Clóvis, Rei dos francos, era muito obediente e submissa a seu marido; e assim conseguiu ganhá-lo para Cristo. Costumava ela dizer: ‘Deixei minha própria vontade esquecida na casa de meus pais. Aqui não tenho outra que a de meu marido’. Por isso Clóvis disse mais de uma vez aos seus: ‘**Eu venci cem batalhas, mas fui vencido por Clotilde**’ ” (Pe. RAMÓN J. DE MUÑANA SJ, *Verdad y Vida*, El Mensajero del Corazón de Jesús, Bilbao, 1948, t. II, p. 403 / *Imprimatur*: Carmelus, Episcopus Victorienensis, 29-3-1947).

258. Um monarca santo, modelo de filho, de esposo e de pai cristão

De uma vida de São Fernando, Rei de Castela em 1217 — em seqüência à renúncia de sua virtuosa mãe, D. Berengüela, ao direito ao trono castelhano em seu favor — e Rei de Leão em 1230, por herança paterna:

“São Fernando foi objeto das iras injustificadas de seu pai (o Rei D. Afonso IX, de Leão), que lhe moveu guerra e incentivou os Lara a que perturbassem a paz do Reino castelhano, pondo à prova o respeito e o amor filial do santo Rei. Fernando, como vimos, soube colocar-se acima de toda ofensa, preferindo entregar a grande quantia em maravedis que D. Afonso IX lhe pediu como preço da paz, a desembainhar a espada contra o autor de seus dias.

Filho exemplar, apesar das injustiças de seu pai

“Este continuou mostrando-se injusto com ele, e seu rancor não se apaziguou nem diante do sepulcro, o que demonstrou ao deserdá-lo, pondo o santo Rei na contingência de sustentar uma guerra fratricida para defender seus indiscutíveis direitos ao trono de Leão, **sem que em nenhum momento nem ocasião deixasse São Fernando de cumprir os deveres de bom filho em relação ao irado monarca leonês.**

“Como consequência da dissolução do matrimônio de D. Afonso IX e de D. Berengüela, viu-se São Fernando, ainda na infância, separado de sua mãe. Mas nem a ausência, nem os ressentimentos que não cessava de manifestar contra ela o pai, entibiam o amor que o santo Rei lhe professou durante toda a vida; e quando, mediante licença de D. Afonso IX, acudiu a seu chamado, foi grande o júbilo que experimentou, parecendo-lhe um século cada momento que tardava em colocar-se sob seu maternal regaço.

Enquanto viveu a mãe, quis estar sob sua tutela

“Coroadado Rei de Castela, sempre fez questão de ser o primeiro súdito de sua mãe, cujos conselhos observou sempre como se fossem ordens, sem se dar nunca o caso de tomar determinação alguma que antes não consultasse D. Berengüela e obtivesse sua aprovação.

“Pode-se dizer que enquanto viveu a mãe, esteve submetido a sua tutela, não por frouxidão de caráter, nem porque lhe faltassem dotes de governo — que bem demonstrou ter excelentes — mas **porque o respeito filial que lhe professava não lhe permitia fazer nada sem contar com seu assentimento,** parecendo-lhe que não cumpriria com seus deveres de bom filho obedecendo-lhe nos assuntos privados e prescindindo de suas opiniões e advertências nos negócios públicos.

“Aconselhado por sua mãe, casou-se em primeiras núpcias com a Princesa D. Beatriz da Suábia, de quem teve, como dissemos, sete filhos, cinco

varões e duas mulheres. Morta sua primeira mulher, contraiu novas núpcias com D. Joana, filha do Conde de Ponthieu, da qual teve outros três filhos: D. Fernando, D. Luiz e D. Leonor. Em ambos enlaces **foi um modelo para esposos, como igualmente o foi para pais cristãos.**

Teve especial cuidado em educar os filhos no santo temor de Deus

“Em seu venturoso lar, não se conheceram as discussões que costumam perturbar a paz das famílias reais, com escândalo dos povos e detrimento para o sossego público, pois os exemplos de santidade que o **Rei D. Fernando III** deu a sua família, não só lhe conquistaram o respeito devido à sua autoridade de esposo e pai, mas também o amor de suas mulheres e filhos, pois sempre se mostrou com eles firme sem acrimônia, e afável sem debilidade.

“Teve especial cuidado em educar os filhos no santo temor de Deus e na simplicidade de costumes, inspirando especialmente nos varões o horror à moleza e a afeição pela vida ativa e laboriosa.

“Sobretudo ao primogênito, por ser chamado a suceder-lhe no trono, **procurou torná-lo tão apto para as letras como para as armas**, e muito jovem ainda acompanhou o pai em suas empresas guerreiras contra os mouros, como todos os demais irmãos varões. Em algumas ocasiões tomou o comando supremo dos exércitos, portando-se sempre como príncipe valoroso e como comandante experiente.

“Suas filhas foram educadas na piedade, e uma das duas que teve de seu primeiro matrimônio, D. Berengüela, tomou o hábito religioso em Las Huelgas de Burgos, cumulando a ventura do santo autor de seus dias o oferecer especialmente a Deus uma princesa de sua linhagem. [...]

Com seus irmãos, sempre muito amoroso

“Foi também São Fernando muito amoroso para com seus irmãos, cujo bem procurou em tudo o que dele dependeu. A D. Afonso, senhor de Molina, deu-lhe posto preeminente em seu exército, e a sua irmã D. Berengüela casou-a com D. João, Rei de Jerusalém e Conde de Brienne, no ano de 1232.

“Outra de suas irmãs, chamada D. Constância, tomou o hábito no Mosteiro de Las Huelgas, no qual mais tarde professou, como já dissemos, uma das filhas do santo Rei, sendo ambas no claustro modelos de virtude.

“O interesse que sempre demonstrou pela paz no lar, manifestou-o de modo eloqüente nos últimos momentos, quando ao dar a seu filho primogênito as recomendações de que mais adiante falaremos, encarregou-o muito especialmente de zelar por sua madrasta a Rainha D. Joana como se fosse sua própria mãe, e portar-se de tal maneira que a seus irmãos ‘não lhes pesasse o terem nascido segundos’ ” (San Fernando, Rei de España — *Vidas populares*, Editorial Apostolado de la Prensa, Madrid, 1954, 4.^a ed., pp. 101 a 105 / *Imprímase*: José María, Ob. Aux. y Vic. Gen., Madrid, 24-6-1953).

259. Um santo, abastado comerciante, que viveu feliz e fielmente com sua esposa

Da obra de Wilhelm Schamoni, *A verdadeira fisionomia dos Santos*:

“**Santo Homobono** († 1197), segundo diz Stadler no seu Dicionário Hagio-gráfico [...], era filho de um abastado comerciante de Cremona, chamado Tucingo, o qual lhe proporcionou uma esmerada educação. **Prosseguiu o negócio do pai, e viveu feliz e fielmente com sua esposa.**

“Todas as noites rezava as matinas e permanecia em oração até a hora da primeira Missa, que ouvia diariamente. As esmolas com que favorecia os pobres eram tão pródigas que se via necessitado de usar todos os meios que a Fé proporciona para tranquilizar a esposa, menos generosa que ele.

“E não somente obsequiava os pobres com largueza quando recorriam a ele, mas também ia pessoalmente visitá-los em suas misérrimas habitações, a fim de ajudá-los com a esmola material e a espiritual. Sua grande firmeza permitiu-lhe manter-se em contínua paz consigo mesmo e com os seus semelhantes. **Decorreu-lhe a existência sempre como se ele se achasse na presença do Senhor**; nos momentos de sossego, seu espírito se unia ao Todopodeoroso. Não se sabe que idade alcançou. A biografia não especifica a idade em que faleceu, somente fazendo constar o caráter edificante de toda a sua vida” (WILHELM SCHAMONI, *El verdadero Rostro de los Santos*, Ediciones Ariel, Barcelona, 1952, p. 96 / *Imprimase*: Gregorio, Obispo de Barcelona, Por mandato de Su Excia. Rvma., Alejandro Pech, Pbro. Canciller Secretario).

260. Santa de sangue real, que amava ternamente os filhos e levava uma vida de perfeição com seu esposo

Do Ofício litúrgico de Santa Hedvigés (1174-1243):

“Hedvigés, nascida de sangue real, foi muito mais ilustre ainda pela inocência de sua vida. [...]

“Tinha apenas doze anos quando seus pais a casaram com Henrique, duque da Polônia. Foi santo este casamento; dele nasceram filhos que ela educou no temor de Deus; e para se entregar mais livremente ao Senhor, levou o esposo a fazer de acordo com ela, **voto de continência.** [...]

“Era admirável quanto à paciência e à força de alma; ela o foi sobretudo na morte de Henrique, duque de Silésia, seu filho maternalmente amado, morto na guerra contra os Tártaros, pois ela teve, então, por seu filho, **mais ações de graças a Deus do que lágrimas**” (Dom PROSPER GUERANGER, *L' Année Liturgique*, Maison Alfred Marie et Fils, Éditeurs Pontificaux, Tours, 1922, 9.^a ed., t. V, pp. 519 a 521 / *Imprimatur*: Albertus, Archiepisc. Turon., Turo-nibus, 28-12-1920).

261. Santa Isabel, Rainha de Portugal e perfeita mãe de família

Da conhecida obra de Dom Guéranger, Abade de Solesmes, *O ano litúrgico*:

“Pela terceira vez em julho, a Liturgia celebra hoje uma Rainha. A Espanha que a viu nascer e Portugal onde reinou, com razão se sentem ufanos de sua santidade e de sua proteção. **Porém a Igreja, que sabe ter ela sido um modelo de virtudes para todos**, propõe-na hoje ao culto de todas as nações.

“Como Rainha, Santa Isabel (1271-1336) demonstrou ao lado do Rei seu marido, e mais ainda na administração de Torres Vedras, cidade da qual foi governadora queridíssima, as qualidades e as virtudes que desejamos a todos os que têm a responsabilidade dos negócios públicos. Em sua vida privada, foi uma perfeita mãe de família pelo terno afeto e submissão de que deu provas a seu indigno e, além disso, perseguidor esposo, para o qual conseguiu, com suas orações, a graça de uma santa morte; também pelo cuidado que teve em educar cristãmente os filhos naturalmente rebeldes. E, por fim, depois de enviuar, deu exemplo, na Ordem Terceira de São Francisco, das mais altas virtudes religiosas de humildade, pobreza, espírito de oração e de penitência, caridade para com os pobres e os enfermos” (Dom PROSPER GUÉRANGER, *El año litúrgico*, Editorial Aldecoa, Burgos, 1955, t. IV, p. 555 / *Imprimase*: Luciano, Arzobispo de Burgos, 1-2-1954; por mandado de su Excia. Rvdma. el Arzobispo, mi Señor, Dr. Mariano Barriocanal, Canc.-Secr.).

262. Levou o esposo a imitar a piedade de sua vida

Do relato litúrgico da Igreja sobre a vida de Santa Brígida (1303-1373), na famosa obra do Abade de Solesmes, Dom Guéranger:

“Brígida, nascida na Suécia de ilustres e piedosos pais, teve uma vida muito santa. [...]

“Casada com Ulf, Príncipe de Niricie, ela o levou, pelos exemplos e pela persuasão de suas palavras, a imitar a piedade de sua vida. Pôs todo o coração em educar seus filhos, todo o seu zelo em socorrer os pobres e sobretudo os doentes, que ela servia numa casa destinada a esse fim, tendo o costume de lavar e oscular seus pés” (Dom PROSPER GUÉRANGER, *L'Année Liturgique*, Maison Alfred Mame et Fils, Éditeurs Pontificaux, Tours, 1922, 9.^a ed., t. V, pp. 456-457 / *Imprimatur*: Albertus, Archiepisc. Turon., Turonibus, 28-12-1920).

263. Durante quarenta anos, exemplo de todas as virtudes na união conjugal

Referindo-se à festa de Santa Francisca Romana (1384-1440), comenta Dom Guéranger:

“No dia de hoje (9 de março), esta imponente série (de Santos) já tão numerosa [...] se completa com a admirável figura de esposa cristã, na pessoa de Francisca, a piedosa dama romana.

“Após ter dado **durante quarenta anos o exemplo de todas as virtudes na união conjugal** que tinha contraído com a idade de doze anos, Francisca foi procurar na solidão o repouso de seu coração provado por longas tribulações; mas ela não tinha esperado esse momento para viver para o Senhor.

“Durante toda a sua vida, obras da mais alta perfeição a tinham tornado objeto das complacências do Céu, ao mesmo tempo que **as doces qualidades de seu coração lhe asseguravam a ternura e a admiração de seu esposo e de seus filhos**, dos grandes de quem foi o modelo, e dos pobres a quem servia com amor. Para recompensar essa vida toda angélica, Deus permitiu que o Anjo da guarda de Francisca se tornasse quase constantemente visível a ela, ao mesmo tempo que Ele mesmo se dignou esclarecê-la por meio das mais sublimes revelações” (Dom PROSPER GUÉRANGER, *L'Année Liturgique*, Le Temps de la Septuagésime, Maison Alfred Mame et Fils, Éditeurs Pontificaux, Tours, 1922, 15.^a ed., p. 455 / *Imprimatur*: Albertus, Archiepiscopus Turonen., Turonibus, 28-12-1918).

264. “Paz e felicidade reinavam naquela casa, onde três corações viviam unidos pelo amor de Deus”

De uma vida ilustrada de São Francisco de Paula (1416-1507):

“Na aldeia de Torrevecchia, o ritmo da vida começa com os primeiros raios do sol: portas e janelas se abrem saudando o novo dia. [...]

Um acontecimento quinze anos esperado

“Um espetáculo inédito se oferecia a todos: ouvia-se uma suave melodia e chamas misteriosas saíam daquela casa. Não era incêndio, porque ninguém sentia cheiro de queimado e aquelas línguas de fogo não se propagavam às casas contíguas.

“Foi quando a comadre Maria interrompeu o encanto, bateu à porta, entrou na casa de Vienna e saiu gritando: ‘Viva! Nasceu Francisco!’ [...]

“Deus tinha ouvido os pedidos daquele santo casal que pacientemente tinha esperado durante quinze anos esse acontecimento. Giacomino e Vienna eram muito devotos de São Francisco de Assis e, em suas orações, tinham pedido sempre a vinda de um filho, prometendo dar-lhe o nome de Francisco. Eis porque aquele nome, marcado já há muito tempo, era conhecido pelos habitantes da aldeia.

“Isso aconteceu em Paula, pequena aldeia da Calábria, no dia 27 de março de 1416.

“A chegada de Francisco deu nova vida a Giacomino e Vienna que não se cansavam de agradecer a Deus tão grande graça. **Paz e felicidade reinavam**

naquela casa que servia de exemplo aos vizinhos, como uma casa de Nazaré, onde três corações viviam unidos pelo amor de Deus. [...]

Aos 12 anos, o Santo é levado por seus pais para passar um ano no convento

“São Marcos Argentano é uma aldeiazinha situada ao norte de Cosenza, onde havia uma comunidade de Frades Conventuais. Depois de uma viagem de quase 15 quilômetros a pé, aí chegaram três peregrinos: Giácomo e Vienna com o filho. Francisco tinha nessa ocasião doze anos e deveria vestir o hábito franciscano por um ano: era uma promessa que sua mãe tinha feito, quando estava ameaçado de perder um olho.

“Francisco se sente muito à vontade, porque aí reencontra o padre Antônio de Catanzaro que costumava ir a Paula por motivo de apostolado.

“O menino progrediu rapidamente revelando uma inteligência excepcional, transformando-se num exemplo extraordinário. Entregando-se a mortificações, jejuns e abstinência, habitua o corpo a um equilíbrio espiritual, que encontra sobretudo nos seus colóquios com Deus. [...]

“Todos os dias, não só se fechava na sua cela para rezar, mas também ajudava na cozinha, na igreja, varria e limpava as celas e corredores, servia no refeitório, trabalhava na horta do convento e ia buscar lenha no bosque. Quanta humildade!

“Não só sua devoção e a freqüência aos Sacramentos ficaram conhecidas e lembradas naquele convento, mas também sua disponibilidade, às vezes premiada com prodígios.

“Terminado seu compromisso de servir a Deus por um ano, Francisco volta para Paula.

“ — Foi bom e voltou santo! — observavam admirados parentes e conhecidos. [...]

Ainda adolescente, resolve tornar-se eremita; e os virtuosos pais a nada se opõem

“Atendendo a um desejo do filho, Giácomo e Vienna se prepararam para fazer juntos uma peregrinação a Roma, Assis, Loreto, Monte Luco e Montecassino. [...]

“Francisco, com seus pais, visitou centros de alta espiritualidade monástica, onde o jovem pede luz interior para seu futuro aos Religiosos que encontra, cativado pela sua vida solitária entre a natureza e Deus, no silêncio e na contemplação.

“Francisco sente-se tocado pelas belezas naturais que lhe fazem pressentir as belezas do Céu.

“Ao chegarem a Roma, fica estupefato diante das belezas da arte, impressionando-se com tudo o que se passa ao seu redor. Mas fica fascinado

irresistivelmente pelas memórias dos Apóstolos, dos Mártires e dos Santos. Sua alma vibra com ardor.

“Quando, no caminho de volta, se aproxima das portas de Paula, deixa-se levar por seu amadurecimento espiritual, confiando aos pais seu pensamento de se fazer eremita. Os pais resignam-se e o jovem, na sua tenra idade, desejando fazer-se eremita, revela-se espiritualmente precoce. A intervenção da graça divina numa alma escolhida, ultrapassa nossa compreensão humana” (Pe. ANTONIO CASTIGLIONE OFM, *São Francisco de Paula*, vida ilustrada, Delegação Geral da Ordem dos Mínimos, São Paulo, 1980, pp. 19 a 31 / *Com aprovação eclesiástica*).

265. Permaneceu sempre estreitamente afeiçoado à família, com uma ternura toda sobrenatural

Nas *Obras Seletas* de São Francisco de Sales (1567-1622), publicadas pela conhecida editora BAC, se lê a seguinte narração feita por um Salesiano:

“Esposo da Igreja de Genebra, chefe e pastor de uma vasta e bem sofrida Diocese, nosso Santo lhe consagra seus primeiros pensamentos, seus incessantes trabalhos, toda a sua vida; sem embargo do que permanece sempre muito afeiçoado, muito estreitamente afeiçoado à própria família. Em suas relações com ela domina um amor profundo, uma ternura toda sobrenatural.

“Para sua mãe, é o filho mais amante, o conselheiro mais seguro, e mesmo, pai, porque ela lhe havia confiado a direção de sua alma. [...]”

“A 1.º de março de 1610, morria a boníssima mãe do Bispo, e este redige então páginas admiráveis, que mostram claramente a fina sensibilidade de coração do homem e a intensidade do amor filial no coração do Santo.

“Francisco não se contenta com dedicar aos irmãos e irmãs o melhor de seu carinho; é alternativamente, e às vezes ao mesmo tempo, o confessor, o guia, o protetor geral. Cuida de seus pequenos assuntos, interessa-se por sua situação, preocupa-se por sua saúde, defende-os com energia se invejosos os atacam, e, quando Deus os vai arrebatando um após outro, derrama lágrimas, de que não se envergonha” (Pe. FRANCISCO DE LA HOZ SDB, *Obras Selectas de San Francisco de Sales*, BAC, Madrid, 1954, t. II, pp. 876-877. / *Imprimatur*: José María, Obispo Aux. y Vic. Gen., Madrid, 8-11-1954).

266. “Estou cumulado de uma terna e incomparável consolação, junto a minha boa Mãe”

De uma carta de São Francisco de Sales (1567-1622) a Santa Joana de Chantal (1572-1641):

“Não posso deixar de vos dizer que estou atualmente em Sales, cumulado de uma terna e incomparável consolação, junto a minha boa Mãe. Decerto apreciáveis ver um tão perfeito acordo entre coisas comumente tão discor-



SÃO FRANCISCO DE SALES (séc. XVI) em carta a Santa Joana de Chantal:
"Não posso deixar de vos dizer que estou atualmente em Sales, cumulado de
uma terna e incomparável consolação, junto a minha boa Mãe. (...) Não há
aqui senão um coração e uma alma". (ficha 266)

(São Francisco de Sales; retrato, 1618, Convento da Visitação, Turim)

dantes: sogra, nora, cunhada, irmãos e cunhados. Entre todos, minha filha, posso-vos assegurar, pela glória de Deus, que **não há aqui senão um coração e uma alma** em unidade de seu santíssimo amor, e bem espero que a graça do Senhor por isso se torne abundante. Pois já é uma coisa boa, bela e suave ver como esta fraternidade permanece unida. Vosso enviado vos poderá contar que ontem toda essa amável família veio confessar-se comigo em nosso pequeno castelo, mas com tanta piedade que, dir-se-ia, tratava-se de lucrar um jubileu de Ano Santo” (Ch. D’HERICAULT, *Les mères des saints*, Gaume et Cie. Éditeurs, Paris, 1895, 2.^a ed., pp. 271-272).

267. “Depois de Deus, eu o devo à minha Mãe”

Da vida de São João Maria Vianney (1786-1859), Cura d’Ars, escrita pelo conhecido hagiógrafo Cônego Trochu:

“A 11 de fevereiro de 1778, em Ecully, [...] Mateus Vianney desposava Maria Beluse. Mateus era um bravo cristão, e sua jovem esposa lhe trazia como o melhor do seu dote uma fé muito ativa e muito esclarecida.

Consagrado à Virgem antes mesmo do nascimento

“Deus abençoou a união. Tiveram seis filhos que, segundo o tocante costume do tempo, foram consagrados à Santíssima Virgem antes mesmo do nascimento. [...]

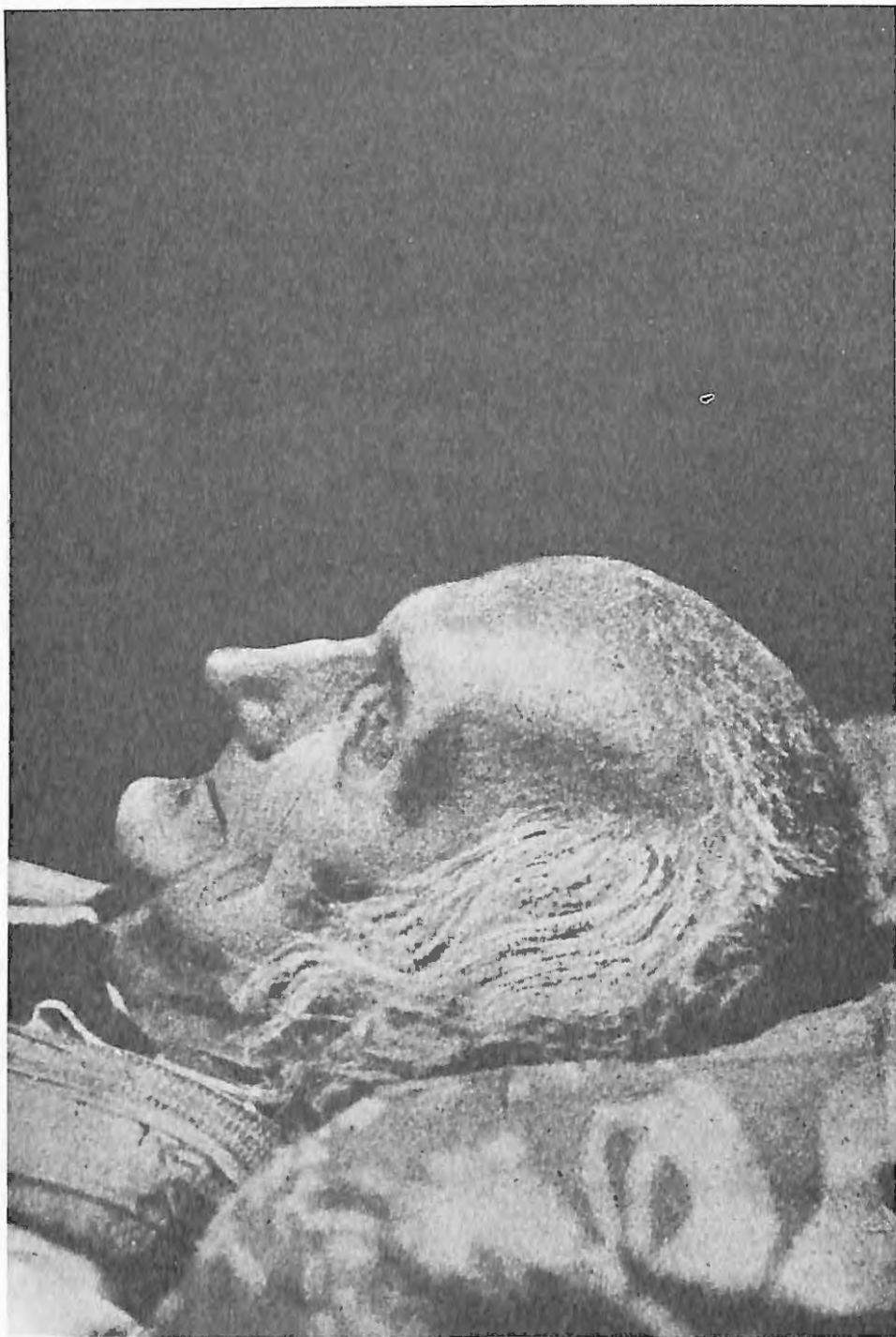
“Desde que o mais novo (São João Maria Batista Vianney), ao que parece desde logo mais amado que os outros, **pôde designar os objetos exteriores, sua mãe se comprouve em mostrar-lhe o crucifixo ou as imagens piedosas** que ornavam os compartimentos da granja. Quando os pequenos braços se puderam mover um pouco mais à vontade, ela começou a conduzir a mãozinha incerta, da frente ao peito e do peito ao ombro. [...]

“Desde a idade de dezoito meses, quando a família se reunia para a oração da noite, por si mesmo se ajoelhava entre os seus, sem dúvida por espírito de imitação; ele sabia perfeitamente juntar as pequenas mãos (Abbé Rougemont, *Processo Apostólico in genere*, p. 428).

“Sua piedosa mãe o deitava em seguida e, antes de o beijar pela última vez, debruçava-se sobre ele, falando-lhe do Menino Jesus, da Santíssima Virgem, de seu bom Anjo... O menino adormecia ao murmúrio amado da voz materna. [...]

A mãe o instruí nas coisas de Deus

“João Maria não deixava nunca a ativa mãe. Esta, enquanto se ocupava dos afazeres do lar, instruí seu pequeno filho por meio de palavras simples, com frases infantis. Foi assim **que ela lhe ensinou, com o Pater e a Ave Maria, as noções elementares sobre Deus e sobre a alma**. O menino, esperto para



"Mais tarde, quando felicitarem (SÃO JOÃO VIANNEY, o Cura d'Ars séc. XIX) por ter tido desde tão cedo o gosto da oração e do altar, ele responderá: 'Depois de Deus, eu o devo à minha Mãe'". (ficha 267)

(São João Batista Vianney no seu leito de morte)

a sua idade, fazia por outro lado inocentes perguntas. O que lhe interessava mais, eram os doces mistérios da infância de Jesus, sobretudo o Natal, a manjedoura e os pastores.

“Acontecia que essas cândidas conversas se prolongassem noite adentro: para ouvir contar a História Sagrada, João Maria velava com sua mãe e Catarina, a mais piedosa de suas irmãs. Por vezes, ‘ele se punha de joelhos no chão, juntando suas mãos e colocando-as entre as de sua mãe’ (Guillaume Villier, Processo Ordinário, p. 629). [...]

“Talvez Maria Vianney nada tenha pressentido do maravilhoso futuro de seu filho preferido. Nem por isso a beleza dessa alma era menos preciosa a seus olhos, e se esforçava por afastar dela até a sombra do pecado. ‘Tu vês bem, meu João, repetia ela, que se tuas irmãs e teus irmãos ofendessem o bom Deus, eu ficaria bem desgostosa, mas eu ficaria ainda muito mais se fosses tu!’ (Frère Athanase, Processo Apostólico ne pereant, p. 1031). [...]

“A Sra. Vianney, que ‘era de uma piedade eminente’ (Abbé Toccanier, Processo Apostólico in genere, p. 143), **assistia tão freqüentemente quanto podia à Missa matinal.** Ela ia normalmente com Catarina, a filha mais velha. Mas seu **companheiro preferido foi logo esse pequeno de quatro anos, de piedade tão precoce e que já tinha fome de Deus.** Quando, na igreja próxima, um repicar de sino anunciava a Missa, João Maria suplicava a sua mãe de o levar lá. Ela não tardou em ceder ante suas instâncias.

“A virtude passa facilmente do coração das mães para o coração dos filhos”

“Ajoelhada junto a ele no banco da família, explicava-lhe os diversos movimentos do Padre. O menino rapidamente tomou gosto pelas cerimônias santas. Seus olhares iam do celebrante, que achava tão belo sob os seus paramentos com desenhos de ramos, ao coroinha, cujo roquete branco e a batina vermelha o extasiavam. Também ele teria querido ajudar à Missa; mas seus braços eram muito fracos para levantar o grande missal. De vez em quando ele se voltava para sua mãe; para aprender a rezar bastava-lhe contemplá-la completamente recolhida e como que transfigurada por uma chama interior.

“Mais tarde, quando o felicitarem por ter tido desde tão cedo o gosto da oração e do altar, ele responderá com emoção banhada em lágrimas: ‘Depois de Deus, eu o devo à minha Mãe. Como era prudente! **A virtude passa facilmente do coração das mães para o coração dos filhos...** Jamais um filho que tem a felicidade de ter uma boa mãe deveria olhá-la ou pensar nela sem chorar’ (Abbé Toccanier, Processo Apostólico ne pereant, p. 253. — Condessa de Garets d’Ars, Processo Ordinário, p. 765)” (Con. FRANCIS TROCHU, *Le Curé d’Ars*, Librairie Catholique Emmanuel Vitte, Lyon-Paris, 1935, pp. 5-8, 11-13 / *Imprimatur*: Adolphus, Episc. Bellic., Bellicii, 20-4-1925).

268. “Quando o filho nos assombrar com a grandeza de suas realizações, então nos lembraremos da mãe, a humilde camponesa de Becchi”

De uma vida de São João Bosco (1815-1888):

“Na quinta-feira imediata, Festa de Corpus Christi, satisfez (São João Bosco) finalmente o desejo do povo de sua terra, celebrando em Castelnuovo a Missa cantada da festa e oficiando na procissão do Santíssimo. Para sole-nizar o acontecimento realizou-se um alegre festim na residência paroquial. O Arcipreste tinha convidado todos os parentes de João, todo o clero da redon-deza, e as autoridades do lugar. No entanto o novel Sacerdote tinha pressa em desvencilhar-se de todas essas rumorosas demonstrações de estima para encontrar-se a sós com sua mãe. E assim ao cair da tarde, partiram ambos para chegar a Becchi. [...]

“De hoje em diante pensa somente na salvação das almas e não te preocupes absolutamente comigo”

“Atravessaram a soleira da pobre casita, espectadora de tantas cenas de alegria e de lágrimas. A mãe acendeu a candeia e tratou de preparar tudo para o descanso noturno. Depois, **como outrora, como vinte anos atrás, daqueles dois corações puros subiu aos Céus a oração da noite.** Quando se ergue-ram da prece, a velha mãe, que se deixara ficar quase sempre silenciosa em todo aquele dia de emoções, tomou entre as suas mãos as mãos do filho e com acento muito grave, e muito doce, falou:

“João, agora és Padre! Agora dirás Missa todos os dias. Lembra-te bem disso: começar a dizer Missa é começar a sofrer. Não o perceberás logo; mas um dia, mais tarde, verás que tua mãe tinha razão. Todas as manhãs, tenho certeza, hás de rezar por mim. Não te peço outra coisa. **De hoje em diante pensa somente na salvação das almas e não te preocupes absolutamente comigo.**”

“Palavras admiráveis! Esta cena de pura beleza sobrenatural dá-nos real-mente a chave de um futuro todo inteiro. Mais tarde, **quando o filho nos assombrar com a grandeza de suas realizações, com seu ardor apaixonado para com Deus e para com as almas, com sua fé calma e intrépida, então nos lembraremos da mãe, a humilde camponesa de Becchi,** a pobre mulher analfabeta, mas de tanta elevação de espírito, a mãe que durante quinze lon-gos anos de pobreza e de provações, lenta e pacientemente formou esse cora-ção sacerdotal. [...]

A querida e velha mãe de Dom Bosco se tornara mãe de todos aqueles pobres meninos

“Parecia que o braço direito de Dom Bosco em todos os dias, sua querida e velha mãe, que se tornara a mãe de todos aqueles pobres meninos, esperava



"O braço direito de DOM BOSCO (no Oratório de Turim), sua querida e velha mãe (MAMMA MARGARITA – séc. XIX), se tornara a mãe de todos aqueles pobres meninos". (ficha 268)

(Retrato de Margarida Occhiena -- Mamma Margarita, como a chamava São João Bosco – aos 67 anos, pintado por Rollini, baseando-se num esboço de Bartolomeu Bellisio. Oferecido a São João Bosco . Este ao vê-lo exclamou: "É mesmo ela! Só lhe falta falar..." A tela encontra-se no Museu de Dom Bosco, em Turim)

apenas que a Obra se tivesse estabelecido definitivamente para deixar esta vida em que tanto havia sofrido. Agora já podiam dispensar o auxílio dela; a casa estava terminada; as simpatias para com seus filhos surgiam de todos os lados. [...]

“Era bem essa a interpretação das disposições do Céu, pois que Deus permitiu que uma pneumonia dupla a conduzisse em poucos dias à tumba. Era o fim do mês de novembro de 1856. Sua constituição de piemontesa robusta lutou ainda mais de uma semana contra a doença, mas por fim esta triunfou. No dia 24 de novembro o teólogo Borel, seu confessor, administrou-lhe o Santo Viático; os dois filhos, João e José, estavam à cabeceira esmagados pela dor. A casa inteira rezava; uma onda de tristeza invadia o coração daqueles meninos, os quais tinham nela encontrado uma ternura que a morte agora ia arrebatara.

“Era ela o olho vigilante da casa, a solicitude sempre alerta, o trabalho que jamais se cansava, a mãe numa palavra. E agora estava prestes a deixá-los. Era o pensamento que dilacerava os corações e lhes fazia crer obstinadamente que Deus ainda haveria de conceder o milagre que imploravam nas orações.

“Tiveram que desiludir-se. Às 3 horas da madrugada do dia 25 de novembro, Margarida expirou placidamente. Quando os dois filhos, depois de terem seguido a dolorosa agonia, compreenderam que aquele grande coração tinha acabado de palpitar na terra, olharam-se como que aterrorizados pelo vazio que se lhes escavava na existência, e um longo soluço atirou-os ambos aos pés do cadáver” (A. AUFRAY SDB, *Dom Bosco*, Livraria Editora Salesiana, São Paulo, 1955, 2.^a ed., pp. 70-71, 121-122 / *Imprimatur*: Mons. M. Meirelles Freire, Vigário Geral, São Paulo, 9-10-1946).

269. Sua terna devoção a Nossa Senhora era fruto dos conselhos e exemplos de sua virtuosa mãe

Sobre Dom Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira (1844-1878), Bispo de Olinda, cujo processo de Beatificação está em curso, comenta um piedoso frade Capuchinho:

“Dos lábios maternos aprendeu Antônio (o futuro D. Frei Vital) os princípios da nossa Fé e as primeiras orações.

“Mais tarde comprazia-se em dizer que sua terna devoção a Nossa Senhora, à Virgem Imaculada, era fruto dos conselhos e exemplos de sua virtuosa mãe” (Fr. FELIX DE OLÍVOLA, *Um grande Brasileiro*, Imprensa Industrial, Recife, 1937, 3.^a ed., p. 21 / *Imprimatur*: Miguel, Arcebispo de Olinda e Recife, 25-2-1935).



DOM VITAL (séc. XIX) "comprazia-se em dizer que sua terna devoção a Nossa Senhora, à Virgem Imaculada, era fruto dos conselhos e exemplos de sua virtuosa mãe". (ficha 269)

(Da. Antônia Albina de Albuquerque, a mãe de D. Fr. Vital)

270. “Como é atraente e comovedor o espetáculo do lar do Sr. e da Sra. Martin!”

Da carta-prefácio de S. Exa. Mons. Picaud, Bispo de Bayeux e Lisieux, datada de 6 de abril de 1945, a um livro sobre a vida do Sr. Louis Martin (1823-1892), e da Sra. Zélie Martin (1831-1877), pais de Santa Teresinha, cujos processos de Beatificação estão em curso:

“Tenho a firme convicção de que este livro fará um bem considerável, pondo sob os olhos de numerosos leitores o quadro vivo de um matrimônio cristão. Quando tantas influências malsãs atentam contra a indissolubilidade, a união e a fecundidade dos lares, **como é atraente e comovedor**, apesar da austeridade aparente do dever e do sacrifício, **o espetáculo do lar do Sr. e da Sra. Martin!**

“Quando a insuficiente formação familiar dos filhos patenteia tão frequentemente a omissão de tantos pais, mesmo batizados, como encanta e é benfazejo discernir, notadamente na correspondência da Sra. Martin, a requintada ternura e a vigilância assídua de uma mãe idealmente cristã!

“Quando as vocações religiosas e sacerdotais tão frequentemente encontram um clima desfavorável e mesmo oposições formais no seio das famílias, que lembrança eloqüente da hierarquia das vocações denotam as nobres aspirações e os santos desejos confiados a Deus pela rendilheira de Alençon e pelo Patriarca dos Buissonnets!

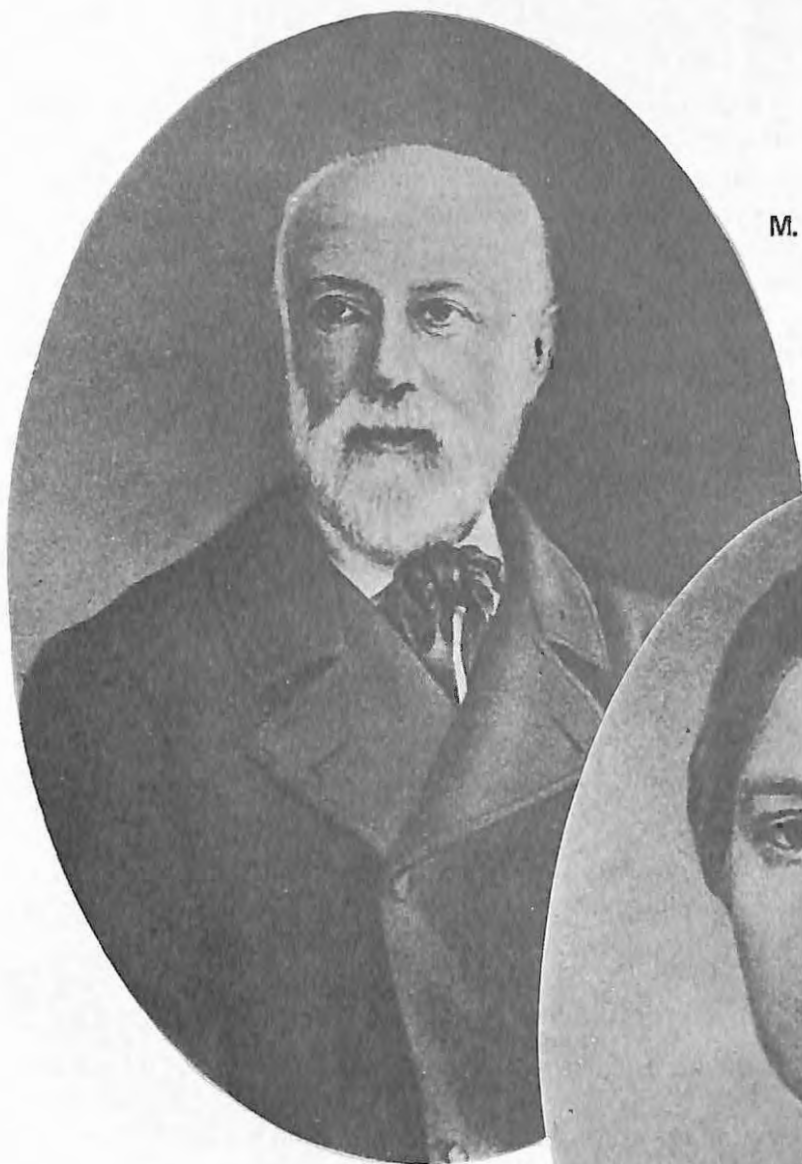
“Encontraríamos hoje muitos pais que conduzam, como o fez o Sr. Martin, a sua ‘pequena Rainha’ ao Bispo de Bayeux, a fim de apressar sua entrada no convento, ainda que essa diligência devesse apressar ao mesmo tempo o dilaceramento e a solidão de seu coração paterno?

“A esses exemplos de vida conjugal e familiar, vós não deixastes de acrescentar os de uma vida laboriosa e de alta consciência profissional que, ainda hoje, é bem oportuno evocar para esclarecer e reencaminhar o comportamento de muitos leitores.

“Para dizer tudo numa palavra, **é o retrato de dois modelos incomparáveis — eu ia dizer de dois santos patronos — que vós propondes à admiração e à imitação dos pais cristãos**” (Mons. FRANÇOIS PICAUD, Carta-prefácio ao livro *Histoire d'une famille*, do Pe. Stéphane-Joseph Piat OFM, Office Central de Lisieux, 1946, 4.^a ed., pp. 7-8 / *Imprimatur*: François-Marie, Evêque de Bayeux, Bayeux, 30-9-1945).

271. “Quando penso em ti, meu Pai, penso naturalmente em Deus”

Trechos de cartas que Santa Teresinha do Menino Jesus (1873-1897) escreveu, depois de ter ingressado no convento carmelita de Lisieux, a seu venerando pai:



M. LOUIS MARTIN (séc. XIX)



Mme. ZÉLIE MARTIN (séc. XIX)

"É o retrato de dois modelos incomparáveis – eu ia dizer de dois santos patronos – que vós propondes à admiração e à imitação dos pais cristãos".
(ficha 270)

Quando penso que dentro de oito dias se completarão quatro meses que estou no Carmelo, não deixo de me espantar. Parece-me que sempre estive aqui, e por outro lado, parece-me que entrei ontem. Como tudo passa!... É bem verdade o que nos dizias com freqüência: ‘ vaidade das vaidades, tudo é vaidade ’ — vaidade da vida que passa. Quanto mais avanço, tanto mais acho verdadeiro que tudo é vaidade sobre a terra; e também, **quanto mais avanço, meu querido pai, tanto mais eu te quero**. Não sei como é isto, mas é verdade; eu me pergunto o que será no fim de minha vida...

“Parece-me impossível que haja alguém mais santo do que tu na terra”

“Quando penso em ti, paizinho, penso naturalmente em Deus, pois me parece impossível que haja alguém mais santo do que tu na terra. Sim, tu és, certamente, tão santo como o próprio São Luís (rei de França), e preciso ainda repetir-te que eu te amo, como se tu ainda não o soubesses. Oh, que orgulhosa estou de ser Rainha (apelido familiar da Santa)!... Espero merecer sempre esse título. Jesus, o Rei do Céu, ao tomar-me para Si, não me tirou a meu santo Rei da terra (Santa Teresinha, na intimidade, chamava ‘Rei’ a seu pai).

“Oh! não! sempre, sempre, se meu querido pai estiver de acordo e não me achar por demais indigna, eu continuarei sendo a Rainha do papai. Sim, continuarei sendo sempre tua ‘Rainhazinha’ e procurarei lavar tua glória, tornando-me uma grande santa” (Carta de 31-7-1888).

Santa Teresinha pensa continuamente em seu pai, reza por ele...

“Tna Rainha pensa em ti continuamente e reza por ti durante todo o dia. Sou muito feliz no doce ninho do Carmelo, e só desejo na terra ver de todo curado meu Pai. Mas sei muito bem por que nos manda Deus esta prova: para ganhar o céu. Sabe que nosso querido pai é o que mais amamos na terra; mas sabe também que é necessário sofrer para ganhar a vida eterna, e por isso nos prova no que nos é mais querido.

“Pressinto também que Deus irá dar a meu Rei, no Reino dos Céus, um trono magnífico, tão belo, tão elevado sobre todo pensamento humano, que se pode dizer com São Paulo: ‘Nem o olho do homem viu, nem seu ouvido ouviu, nem seu coração poderia compreender o que Deus reserva aos que ama’ (I Cor. II, 9).

“Há alguém a quem Deus ame sobre a terra mais do que a meu querido paizinho?... Na verdade, não o posso crer. Hoje, ademais, Ele me dá a prova de que não me engano, pois Deus prova sempre os que ama” (Carta de 25-11-1888).

...e lhe escreve do retiro em que se preparava para a tomada de hábito

“Se na quinta-feira se celebrará uma grande festa na terra (a tomada de hábito da Santa), creio que será ainda maior a que se celebre no céu; os Anjos estarão admirados de ver a um pai tão agradável a Deus, e Jesus preparará uma coroa para acrescentá-la a todas as que este pai incomparável já reuniu.

“Não, nunca as festas da terra serão tão maravilhosas como as do Céu; não obstante, parece-me impossível achar uma festa mais celestial do que esta que se prepara. Ademais, eu nada fiz para tornar-me digna de uma graça tão grande; mas Deus houve por bem considerar os méritos de meu pai querido, e por isto me concede este insigne favor.

“Estou agora em retiro, e durante ele não nos é permitido escrever; mas nossa Madre me permitiu enviar-te estas linhas para agradecer-te. És tão bom para com tua Rainha! E ademais, sem dúvida, se está proibido escrever, é para não perturbar o silêncio do retiro; mas, poderá alguém perturbar sua paz se escreve a um Santo? (Carta de 8-1-1889)” (Santa TERESINHA DO MENINO JESUS, *Obras completas*, Tip. da Editora ‘El Monte Carmelo’, Burgos, 1964, pp. 543 e 559-560, 577-578 / *Imprímase*: Segundo, Arzobispo de Burgos).

272. “Casa de bênção era aquela”

Do livro sobre D. Claudio López Bru (1853-1925), Marquês de Comillas, pelo célebre çanonista Pe. Regatillo SJ, Postulador de sua Causa de Beatificação:

“Casa de bênção era aquela [...]. Quem sobretudo fazia as delícias da casa era Claudio.

“Amor intenso à família, sempre o sentiu, com a ternura de menino; é o que mais ressalta em suas cartas familiares: tinham todos os filhos uma ‘paixão por seu pai’, escreve a Marquesa. [...]

“Ele, que desprezava as injúrias que se fizessem à sua própria pessoa, não podia tolerar as feitas a seu pai. Por esta razão levou seu tio materno aos tribunais [...]. E ante a indignação que lhe produzia o menoscabo do bom nome de seu pai, dizia compreender o duelo em homens sem Fé.

“As cartas a sua mãe respiravam ainda maior ternura: as delicadezas com ela se requintavam. Um exemplo: como impressionava muito a sua mãe a notícia de certos falecimentos, Claudio tinha o cuidado de olhar o jornal e recortar as participações que pudessem afetá-la. Percebendo D. Luísa o estratagemma, dizia sorrindo: ‘Como Claudio é bom!’

“Eu que desde menino convivi muito com eles, diz o Conde Ruiseñada, posso afirmar que tratou sua esposa com toda a sorte de considerações, com afeto respeitoso e ao mesmo tempo cheio de ternura e amor. Achando-se ele enfermo quando ela tinha que dar turno no Palácio Real, ao anoitecer,

quando cessava o serviço, ia sempre com sua carruagem esperá-la à saída do Palácio.

“Se combinavam sair juntos, e por alguma circunstância inesperada não podia, apresentava à esposa desculpa verdadeira, com tal delicadeza, que jamais lhe produzia o menor agastamento. Nunca presenciei a menor desavença entre eles. Ele se empenhava em que a atuação dela nas múltiplas Juntas a que pertencia, fosse acertada e eficaz.

“A vida conjugal foi santa e constantemente dominada pela presença de Deus, acrescenta o Sr. Patriarca-Bispo de Madrid, que o soube por confidências da esposa.

“Ainda se conservam no Palácio de Comillas os pregos onde se prendiam as grinaldas com que D. Claudio ordenava que se adornasse a casa no dia do Santo da sua esposa, diz seu porteiro Torre. [...]

“Do amor fraterno é impossível dar mostras mais significativas do que os sacrifícios que fez por seu irmão Antonio; e as cartas a sua irmã Maria Luísa; [...]

“Entre a parentela aparecia como o patriarca respeitado, querido: a cabeça moral, o centro da família, para onde refluíam as penas e alegrias de todos; onde achavam sustento, conselho, autoridade e carinho” (Pe. EDUARDO F. REGATILLO SJ, *Un Marqués Modelo*, Sal Terrae, Santander, pp. 95-98 / *Imprimatur*: Santanderii, 1-5-1950, Josephus, Episcopus Santanderiensis).

273. “Aquele filho nunca lhe causara a mais leve mágoa”

De um livro sobre o Bem-aventurado Contardo Ferrini (1859-1902), leigo e professor universitário, beatificado em 1947:

“Vejamos Ferrini primeiro no seio da sua família. Como já ficou dito, tinha tão grande apego à família, que, para poder viver entre os seus queridos, estava quase a ponto de fazer o sacrifício mais penoso que se lhe podia pedir, o de renunciar ao estudo do Direito Romano e de escolher outro ramo de ciência.

“A seus pais consagrava respeito filial unido ao amor mais terno. Depois da morte de Ferrini, disse o pai que Contardo lhe fora o amigo mais dedicado e declarou a mãe que aquele filho nunca lhe causara a mais leve mágoa. Palavras simples, mas por isso mesmo eloqüentíssimas! Pelo mais, não havia aparentemente nada de extraordinário na vida de Ferrini, mas tudo nele era irrepreensível. [...]

“Comungava todos os dias, e neste exercício de devoção acompanhava-o freqüentemente seu excelente pai. Nos domingos jamais faltava à igreja de San Fidelis para ouvir a eloqüente pregação do prior Catena. Ao voltar da igreja punha-se imediatamente ao estudo.

“Que tocante espetáculo o verem-se no mesmo quarto, diante de duas estantes colocadas uma em frente da outra, esses dois grandes sábios, pai e filho, absortos no estudo, aquele no das ciências naturais, este no do Direito



SANTA GEMA GALGANI (séc. XIX) "amou antes de tudo ternissimamente a seus pais. Guardou sempre no peito a lembrança da mãe, sentindo em relação a ela religiosa veneração". (ficha 274)

Romano” (Pe. H. W. SPYKER SJ, *Beato Contardo Ferrini*, Vozes, Petrópolis, 1945, pp. 110 a 113 / *Imprimatur*: Por comissão especial do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo diocesano, D. José Pereira Alves, Petrópolis, 30-12-1944, Frei Ático Eyng OFM).

**274. No relacionamento com os familiares,
resplandecia sua santidade**

De uma vida de Santa Gema Galgani (1878-1903):

“Amou antes de tudo ternissimamente a seus pais. Guardou sempre no peito, como num relicário sagrado, a lembrança da mãe, arrebatada ao carinho de seu coração quando contava apenas sete anos, sentindo em relação a ela, mais do que filial carinho, religiosa veneração.

“Na última doença do pai viu-se até onde pode chegar o afã de uma filha quando vê de frente a morte do ser querido, e por trás dela o cataclismo de um lar que desaba, esmagando sob suas ruínas sete tristes órfãos.

“Em relação a seus irmãos mais velhos sentia uma certa forma de respeito. Particularmente a Guido, mais velho, obedecia como a um pai.

“Já dissemos algo sobre a ternura que sentia por seu angélico irmão Ginés e pela bondosa irmã Julia.

“Quando alguns dos irmãos não souberam apreciar sua virtude; quando em sua ignorância fizeram chacota pública dos dons sobrenaturais com que ela era favorecida, expondo-a ao escárnio dos de fora; quando, corrigindo ela as faltas deles, responderam à correção com violência, resplandeceu admiravelmente a caridade da Serva de Deus em suportá-los e desculpá-los” (Pe. BASILIO DE SAN PABLO, *Santa Gema Galgani*, Editorial Litúrgica Española, Barcelona, 1948, 2.^a ed., p. 148 / *Imprimase*: Gregorio, Obispo de Barcelona, por mandato de S. E. Rvma. Dr. Luis Orpí Carbonell, maestla. Canc. Scrio.).

CAPÍTULO II

**Assim como Nosso Senhor Jesus Cristo
deixou sua Santa Mãe para realizar sua
Missão que Lhe confiara o Padre Eterno,
também houve Santos que deixaram
famílias, mesmo piedosas,
para atenderem ao chamado de Deus**

275. Tendo feito Jesus trinta anos, deixou sua Mãe e a sua casa

Da conhecida obra de pedagogia eclesiástica, de Santo Antonio Maria Claret (1807-1870), *El Colegial o Seminarista Instruido*:

“Jesus Cristo, nosso Divino Mestre, nos ensinou com palavras e exemplos o que devemos praticar. Os Sagrados Evangelistas nos contam que **tendo feito Jesus trinta anos (deixando sua Mãe e sua casa) foi para o Jordão**, onde São João estava a batizar, e recebido o batismo de sua mão, foi para o deserto onde permaneceu quarenta dias sem comer nada (Lc. IV, 2) [...] donde saiu unicamente para dar começo à santa missão para que O tinha enviado seu Pai celeste; e ao mesmo tempo, **com esse comportamento, ensinou aos jovens que são chamados por Deus para a carreira eclesiástica como devem afastar-se de sua casa, parentes e conhecidos**. Retirados a um lugar solitário, recolhidos de corpo e de espírito, em silêncio, jejum e oração se dediquem a Deus inteiramente, contemplando as verdades eternas, e pedindo a Deus os auxílios e graças de que têm necessidade para vencer os inimigos, mundo, demônio e carne” (Santo ANTONIO MARIA CLARET, *El Colegial o Seminarista Instruido*, Editorial del Corazón de María, Madrid, 1924, t. I, pp. 492-493 / *Imprimi potest*: Nicolaus García CMF, Spr. Matriti, 16-7-1924).

276. “Não mais A chamará de Mãe em público, no meio dos prodígios, do poder e dos triunfos de sua palavra”

Ao comentar as dores de Nossa Senhora, diz São Pedro Julião Eymard (1811-1868):

“Silenciemos a vida que decorreu em Nazaré, até o dia em que **Jesus deixou sua santa Mãe para preparar-se, no deserto, à sua missão de Salvador**. Está acabado portanto! Jesus não mais permanecerá perto da Mãe.

“**Não mais A chamará de Mãe em público**, no meio dos prodígios, do poder e dos triunfos de sua palavra. Em Caná, diz-Lhe: Mulher, ainda não chegou a minha hora. E também na Cruz: Mulher, eis o teu filho. Quando Lhe comunicam que a Mãe O espera, responde, mostrando os discípulos: eis a minha mãe e meus irmãos. Quando uma mulher do povo louva a Mãe que O trouxe e alimentou, replica: antes bem-aventurados os que escutam a palavra de Deus e a guardam” (SÃO PEDRO JULIÃO EYMARD, *A Santíssima Eucaristia*, Festas e mistérios no ano litúrgico, Vozes, Petrópolis, 1955, vol. V, p. 79 / *Impri-matur*: Por comissão especial do Exmo. e Revmo. Sr. Dom Manuel Pedro da Cunha Cintra, Bispo de Petrópolis, Frei Lauro Ostermann OFM, Petrópolis, 5-4-1955).

277. Deixando a seus pés até mesmo sua Mãe, sobe à Cruz para cumprir seu Sacrifício

Da obra de Mons. Charles Gay, Auxiliar do Cardeal Pie, elogiada num breve de Pio IX:

“Mas apropriando-O (a Nosso Senhor) tão exclusivamente a Deus, esta consagração O separa, senão de tudo que não é de Deus, pelo menos de tudo o que não se refere a Deus. **Jesus é o grande ‘separado’, porque é o grande ‘consagrado’**. É um dos traços mais salientes de sua vida entre os homens, e um novo aspecto sob o qual ela é o modelo da vida religiosa.

“Jesus é separado primeiro por sua transcendência e incomparável excelência. É claro que ela O torna excepcional e completamente à parte. Ele ainda o é mais pelo seu ministério de mediador e de pontífice. Só Ele o pode preencher e, de fato, só Ele o preenche. **Como o pontífice da antiga Lei se separava do povo, entrando sozinho no Santo dos Santos, assim Jesus, deixando a seus pés a turba, os carrascos, seus discípulos, e mesmo sua Mãe, sobe sozinho à Cruz para aí cumprir seu Sacrifício**. Ele morre exteriormente como sempre viveu interiormente, entre o céu e a terra, a uma altura onde ninguém a não ser Ele pode chegar.

“Mas, além do mais — e é aqui que Ele se torna um modelo — entre Ele e tudo o que O cerca, e sobretudo o que é inferior a Ele, há todo tipo de separações voluntárias e estáveis, que O mantêm aqui na terra distante de

tudo o que é terrestre: puro, livre, desprendido, e, como dizia tão bem David, 'único' e divinamente 'pobre' (Ps. XXIV, 16)" (Mons. CHARLES GAY, *De la Vie et des Vertus Chrétiennes*, Librairie H. Houdin, éditeur, Paris, 1883, 10.^a ed., t. I, pp. 108-109 / *Com um Breve* de S. S. Pio IX).

278. O amor de Deus tem santas tiranias que desconcertam nossa débil fé

De uma coletânea de fatos e ditos para uso de catequistas, do Pe. Ramón de Muñana SJ:

"Quando Santa Paula Romana (347-404) decidiu abandonar sua pátria e seu palácio para levar vida de freira em Belém, uma multidão de amigos, seu irmão Cornélio, toda a nobre parentela e seus próprios filhos, a acompanharam ao Porto Romano.

"Estes últimos se esforçavam por comover a sua bondosíssima mãe com suas carícias. Rufina pedia com insistência à mãe, com lágrimas silenciosas, que pelo menos esperasse seu casamento. O pequeno Toxócio ia para ela com braços suplicantes. Paula sustentava em seu coração uma luta imensamente dolorosa. 'Não houve mãe alguma, diz São Jerônimo, que amasse mais do que ela seus filhos'. Mas aqui o amor de Deus prevalecia; ele tem santas tiranias que desconcertam nossa débil fé (Pe. R. Génier, Santa Paula, p. 67)" (Pe. RAMÓN DE MUÑANA SJ, *Verdad y Vida*, Editorial El Mensajero del Corazón de Jesús, Bilbao, 1951, 2.^a ed., t. V, pp. 72-73 / *Imprimatur*: Daniel, Episcopus Segoviensis, 30-6-1951).

279. Um amor que acaba com todos os outros quereres, mesmo os mais caros

Lê-se na mesma coletânea do Pe. Ramón de Muñana SJ:

"São Nilo (séc. V) narra sua saída do mundo para a vida religiosa em companhia de um filho muito pequeno, chamado Teódulo. Diz assim: 'Fervia em meu coração um ardente desejo de morar no deserto do Sinai e de desfrutar de paz e repouso, e tal desejo absorvia todos os meus pensamentos. Teria sido impossível que em tais circunstâncias eu pensasse noutra coisa qualquer.

"Quando o amor de determinado objeto se apoderou de uma alma, acaba prontamente com todos os outros quereres, mesmo com os mais caros... Por fim, o desejo da solidão tornou necessária a fuga; já não podia resistir por mais tempo. Tomo, pois, pela mão meus filhos, muito jovens ainda, ponho-os diante de sua mãe, e dando-lhe um, fico com o outro. Foi então que lhe manifestei minha resolução. Meu olhar e o tom de minha voz fizeram-na adivinhar que minha resolução era irrevogável. Julgou inútil opor resistência, e sendo assim, nem sequer o tentou.

"Quando percebeu a impossibilidade de opor-se a minha fuga, deu-me,

não sem dor, seu beneplácito. A dor a embargava e as lágrimas corriam pelo seu rosto. **Bem compreendeis quão dolorosa é a separação dos que estavam unidos pelos laços de um legítimo matrimônio.** Não é menos doloroso este sofrimento que o causado por um punhal afiado, cravado no meio do peito' (São Nilo, Narratio II, Migne, P.G., t. LXXIX, col. 602-603).

“Essa vocação de São Nilo é extraordinária, e sem uma especial manifestação de vontade divina não lhe teria sido lícito realizá-la” (Pe. RAMÓN DE MUÑANA SJ, *Verdad y Vida*, Editorial El Mensajero del Corazón de Jesús, Bilbao, 1951, 2.^a ed., t. V, p. 72 / *Imprimatur*: Daniel, Episcopus Segoviensis, 30-6-1951).

280. Tendo renunciado desde seus mais tenros anos à família, recebeu o cêntuplo e a vida eterna

De uma biografia de São Bonifácio (680-775), publicada na coleção “Les Saints”, a qual recebeu carta de louvor do Cardeal Gasparri, Secretário de Estado de S. S. Pio XI:

“**Com a idade de quatro ou cinco anos, ele suplicava a seu pai que o deixasse abraçar a vida monástica.** Jamais vocação religiosa foi mais precoce nem mais sólida, não conhecendo nem hesitações nem incertezas. E, como o bom lavrador do Evangelho, uma vez que pôs a mão no arado, não olhou para trás.

“O pai, entretanto, resistia. Gostava do filho, e dele era orgulhoso; sonhava em lhe deixar seus bens, e se comprazia em imaginá-lo seguindo uma carreira brilhante no mundo. Empregou alternativamente, com a criança, meios de persuasão e de intimidação, porém com o mesmo insucesso. Nada vencia a irresistível vocação de Winfrid (nome originário do Santo).

“Enfim, após uma doença que pareceu de início mortal, e no decorrer da qual pôde fazer sérias reflexões sobre a vaidade das coisas terrestres, o pai cedeu. Reuniu um conselho de família, e, de acordo com seus próximos, enviou o menino como oblato à abadia de Exeter.

“O sacrifício parece lhe ter sido duro: conta-se que no último momento o coração lhe faltou diante das penosas formalidades que deviam acompanhar a consunção, e foram seus servidores que apresentaram o filho ao piedoso Abade Wolfhard. Em sua presença, **a criança, diz o biógrafo, expôs seu pedido conforme a fórmula que lhe haviam ensinado seus pais,** e declarou que desde muito tempo era seu desejo submeter-se à regra monástica. **Tinha então sete anos.**

“O Abade, após ter tomado o conselho de seus monges, decidiu com eles acolher esse postulante que apresentava sinais tão evidentes de vocação. E é assim, diz o velho biógrafo, que **tendo renunciado desde seus mais tenros anos à família e às riquezas deste mundo pela herança celeste, Winfrid recebeu o cêntuplo e a vida eterna** (Willibald, Vita S. Bonifacii, c. I)” (G. KURTH, *Saint Boniface*, Coleção “Les Saints”, Librairie Victor Lecoffre, Paris, 1924, 5.^a ed., pp. 4 a 6).

281. Só Deus lhe pôde dar a força sobre-humana para consumir o sacrifício

Da obra do Pe. Teodoro Ratisbonne sobre São Bernardo (1090-1153), elogiada num Breve de Gregório XVI:

“Foi lá (em Cister), entretanto, naquela comunidade desprovida de religiosos e de todas as coisas necessárias, que Bernardo resolveu consagrar-se a Deus, e começar com seus amigos o noviciado da vida monástica.

“Como homens que se preparam para a morte, eles acabaram de acertar os seus negócios, e depois de tomadas todas as providências, à véspera de realizar o intento, **Bernardo e seus irmãos foram a Fontaines para dizer adeus ao pai e pedir-lhe uma última bênção.**

“O que se deu nesse encontro foi uma dessas cenas dilacerantes que o coração humano, por mais forte que seja, não seria capaz de suportar a não ser uma única vez no curso de uma longa vida.

**Para o velho pai, uma rude prova:
perder cinco filhos num só dia**

“Há muito tempo Têcelin (o pai de São Bernardo) considerava com inquietude os rumos que estavam tomando seus filhos; e, se bem que já esperasse uma separação inevitável, seu coração não tinha podido absorver uma tal dose de sacrifícios. Perder num único dia cinco filhos cujas eminentes qualidades eram sua glória e sua felicidade! Ver-se, no declínio da vida, privado de todas as esperanças e de todas as alegrias! Era um golpe demasiado rude para um velho que o peso da idade vergara. ‘O solene da despedida, diz um biógrafo, apertou-lhe o coração; deitou sobre os filhos uns olhos quase extintos; faltou-lhe a voz, e toda a sua pessoa ficou num desfalecimento quase total’ (Guill. apud Surium.).

“Junto ao pai, a **jovem Humbelina** vertia uma torrente de lágrimas. Ela **tinha por cada um dos irmãos uma grande afeição, mas, desde a infância, e sobretudo depois da morte da mãe, era por Bernardo que ela sentia uma predileção mais íntima, uma ternura mais confiante. Agora ela o via como o demolidor do lar e de seu futuro, e num tom que revelava, mescladamente, ressentimento, amor, desgosto, respeito e esperança, ela suplicava a Bernardo que adiasse seus projetos.** Conjurava-o a tomar em consideração os cabelos brancos dum velho, o abandono em que deixava o mais frágil dos irmãos, e, enfim, que tivesse piedade duma jovem irmã que ele tanto amara e que logo se encontraria só e sem apoio...

“**Bernardo manteve o domínio de sua alma** por entre os tormentos de tão acabrunhante prova. **Só Deus, o Deus que habitava essa alma plena de amor, lhe pôde dar a força sobre-humana para consumir o sacrifício,** segundo a palavra de Jesus Cristo: ‘Se alguém quer vir após Mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me’ (Mt. XVI, 24). ‘E todo o que deixar a casa, ou

os irmãos, ou as irmãs, ou o pai, ou a mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou os campos, por causa do meu Nome, receberá o cêntuplo e possuirá a vida eterna' (Mt. XIX, 29).

“Os filhos de Têcelin dominaram as lágrimas, receberam a bênção paterna, e se retiraram...

Também o pai entra no convento, para morrer nos braços de São Bernardo

“Apressemos-nos, entretanto, e antecipemos para consolação do leitor, o curso dos acontecimentos. **O velho Têcelin, no final de sua vida, foi juntar-se a seus filhos, e morreu, muito idoso, nos braços de São Bernardo.** E assim, por um sacrifício momentâneo, consumado no curto período da existência terrena, ei-los todos reunidos eterna e inseparavelmente no Céu!

“**Bernardo**, afastando-se dos lugares onde sua presença fizera rebentar tão violenta tempestade, escapou aos perigos de um enternecimento funesto às grandes almas. Mas ao pai estava reservado um derradeiro golpe, o qual, visivelmente dirigido pela mão da Providência, acabou por lhe abrir os olhos sobre o irrevogável destino de sua família.

Uma partilha injusta...

“Saindo do castelo de Fontaines, os filhos de Têcelin notaram o irmão mais novo que brincava com outros meninos de sua idade. E Guido, o mais velho de todos, disse-lhe ao abraçá-lo: ‘Meu pequeno Nivard, vês este castelo e estas terras? Pois bem, tudo isso te caberá só a ti’. — ‘Como! respondeu o menino com um senso que nada tinha de infantil; Como! vós tomais para vós o Céu, e a mim me deixais a terra? Essa partilha não está, de forma alguma, justa’ (Guill., lib. 1, cap. III, n.º 17).

“Desde esse momento, nem o pai, nem a família, nem qualquer outra influência humana puderam segurar o jovem Nivard, que se reuniu a Bernardo; e este, com seus irmãos e seus companheiros — em número de trinta — pôs-se a caminho para Cister.

“Partiram todos juntos a pé, sob a direção do varão bem amado que caminhava à frente. Era o ano de 1113” (Pe. MARIE-THEODORE RATISBONNE, *Histoire de Saint Bernard et de son siècle*, Librairie Poussielgue Frères, Paris, 1889, 10.^a ed., t. I, pp. 99 a 101).

282. “Tendo só cinco anos, resolveu deixar o pai e a mãe que a amavam ternamente”

De uma vida de Santa Gertrudes a Grande (1256-1301):

“Na casa de seus pais, (Santa Gertrudes) se entregava à oração, retirando-se da conversação dos homens, para tratar e conversar com Deus, e deleitar-

se com seu Divino Esposo, a quem desde que nasceu entregou sua pureza e coração. Mas os entretenimentos do palácio agrediam-na continuamente; suas delícias eram fel que lhe amargavam o paladar; suas músicas, tormentos; suas galas, aborrecimentos; seus saraus, dores; seus festins, amargura; e todos os seus gostos, desgosto e aflição, **suspirando sempre por seu amado Esposo**, em quem tinha as delícias, a alma, a vida e todo o coração, clamando como amorosa rôla por seu consorte, e dizendo de dia e de noite: Quem Te me dará, Esposo meu? Onde Te acharei? Ver-Te-ei, e poderei desfrutar de Ti a sós, livre do cárcere deste século, na liberdade verdadeira da santa Religião?

“E com este ansioso desejo tudo fazia para sair daquela escravidão, que por tal a têm com razão os que conhecem a verdadeira liberdade, que está em servir a Deus, livres da sujeição às riquezas, honras e deleites do mundo, os quais quanto maiores são, tanto mais aprisionam os corações dos homens.

Decide deixar seus pais

“**Abrasada pois desse desejo, tendo só cinco anos, resolveu deixar o pai e a mãe que a amavam ternamente**, e com eles tudo quanto tinha e podia esperar no século de honras, grandezas e deleites, e pisando tudo quanto o mundo adora, foi sacrificar-se a Deus em aras da Religião, o que fez tomando o hábito do glorioso Patriarca São Bento no Mosteiro de Rodardes, tão insigne e célebre no mundo por sua grande religiosidade, como pelas muitas Santas que deu à Igreja, o que se mencionará adiante; e em particular por ter merecido receber a esta sagrada virgem, o que já bastava para torná-lo famoso em todo o mundo.

“Se entrou com satisfação ou com desgosto de seus pais, não o dizem os seus cronistas; mas pode-se crer de pessoas tão santas que teriam gosto em dar a Deus sua filha, oferecendo-Lhe de boa vontade a prenda mais amada de seu coração, como o fizeram os Pais da Santíssima Virgem, quando A ofereceram no Templo (segundo alguns autores dizem, na mesma idade que Gertrudes); e Ana, mãe de Samuel, a seu filho com cinco anos, para que o mal não pudesse tomar pé em sua alma, e, quando abrisse os olhos para a razão, se encontrasse na casa do Senhor.

Nosso Senhor a chama do bulício do palácio para a solidão amena da vida religiosa

“Mas se a gloriosa Santa Gertrudes tomou essa resolução, abrasada no amor de seu dulcíssimo Esposo, e com vivos desejos de unir-se intimamente a Ele, não mostrou menos desejo Cristo nosso Redentor de trazê-la para sua casa, e tirá-la do bulício do palácio para a solidão amena da Religião, para celebrar seus desponsórios, deliciar-se com sua alma, e falar-lhe ao coração, comunicando-lhe seus segredos em penhor de seu grande amor; chamava-a continuamente com santas inspirações, vozes que atravessavam

sua alma, e lhe arrancavam doces lágrimas, para entregar-se totalmente a seu Senhor. [...]

Gratidão eterna pelo dia em que abandonou o mundo

“A esta vocação respondeu a santa virgem Gertrudes com igual gosto e prontidão, abandonando tudo quanto o mundo adora, para entregar-se a seu divino Esposo, e servi-Lo com todas as forças da sua alma; e estimou tanto esta graça, que em todos os dias de sua vida Lhe deu graças por ela. E teve por dia de festa o dia de sua vocação, fazendo algum serviço singular a Deus pela mercê de tê-la tirado do século, e transplantado ao Paraíso da vida religiosa nos tenros anos da sua infância, imitando nisto a muitos dos antigos Santos que celebravam o dia da sua vocação como os Reis do mundo o de seu nascimento, não com festins e comédias como eles, mas com orações, sacrifícios, penitências, esmolas e obras santas, considerando que naquele dia tinham renascido para Deus como por um segundo batismo” (Fr. JUAN DE CASTAÑIZA OSB, *Vida de la prodigiosa Virgen Santa Gertrudis la Magna*, Imprenta de la Administración del Real Arbitrio de Beneficencia, Madrid, 1804, pp. 11 a 14).

283. “Tivesse eu cem pais ou cem mães, teria partido”

De uma biografia de Santa Joana d’Arc (1412-1431):

“Eis Joana, sem azedume, mas com angústia cruciante, voltando para Burey; não desanimava, porém, de se fazer ouvir, tão ancorada estava nela a convicção de sua Missão:

“ ‘Em todas as coisas, eu sempre obedeci a meus pais, exceto quanto à minha partida, porque desde que Deus a ordenava, era mister obedecer-lhe: tivesse eu cem pais ou cem mães e fosse eu filha de rei, teria partido’ ” (AMÉRICO MENDES DE OLIVEIRA CASTRO, *A História Maravilhosa de Joana d’Arc*, Vozes, Petrópolis, 1949, p. 38 / *Inprimatur*: Por comissão especial do Exmo. e Revmo. Sr. Dom Manuel Pedro da Cunha Cintra, Bispo de Petrópolis, Fr. Lauro Ostermann OFM, 1-6-1949).

284. “Quando saí da casa de meu pai, o pesar era tal que não creio que seja maior quando morrer”

Conta Santa Teresa de Jesus (1515-1582) no *Livro da Vida*:

“Por estes dias em que estava com tais determinações (de me tornar freira), tinha persuadido um irmão meu a se fazer frade, falando-lhe da vaidade do mundo; e os dois juntos combinamos sair no mesmo dia, muito cedinho, indo para o mosteiro onde estava aquela minha amiga, à qual eu tinha muita afeição; pois eu já tinha tomado como última determinação que eu iria para o



SANTA TERESA DE JESUS (séc. XVI): "Lembro-me claramente de que, quando saí da casa de meu pai, o pesar era tal que não creio que seja maior quando morrer". (ficha 284)

(Santa Teresa de Ávila, com 61 anos)

lugar onde pensava servir melhor a Deus, qualquer que fosse, **quisesse ou não meu pai**; pois eu olhava mais para o remédio de minha alma, e não dava atenção ao meu próprio sossego.

“Lembro-me claramente de que, **quando saí da casa de meu pai, o pesar era tal que não creio que seja maior quando morrer**; pois parecia-me que cada osso se separava do outro, pois como não tinha um tal amor de Deus que tirasse de mim todo amor a meu pai e meus parentes, precisava fazer uma tão grande força que se o Senhor não me tivesse ajudado não bastariam só os meus pensamentos e determinações para levar meu propósito adiante. A essa altura, Ele me deu ânimo contra mim mesma, de forma que levei a cabo (a fuga do lar)” (Santa TERESA DE JESUS, *Obras Completas — Libro de la vida*, BAC, Madrid, 1967, 2.^a ed., p. 34 / *Imprimatur*: José María, Ob. Aux. y Vic. gen., Madrid, 12-4-1962).

285. “Se visse perto de mim a meu pai e a Deus, a quem seguiria?”

Da já citada coletânea do Pe. Muñana SJ:

“Quando São João Berchmans (1599-1621) se decidiu a ingressar na Companhia de Jesus, escreveu a seus pais: **‘Se eu visse perto de mim por um lado meu pai, minha irmã... e por outro Deus Nosso Senhor com sua Mãe** que é também minha bendita Mãe, e se os primeiros me dissessem assim: ‘Querido filho, fica conosco; nós te pedimos isso pelas penas e fadigas que sofremos por ti etc.’ E Jesus Cristo por seu lado: ‘A Mim é a Quem debes seguir, a Mim que nasci por ti, que fui açoitado por ti, coroado de espinhos e por fim crucificado. Olha as minhas cinco sagradas Chagas, não foi por ti que sofri as dores delas? Ignoras que alimentei tua alma com meu santíssimo Corpo e que te dei a beber meu Sangue adorável?’

‘Meus queridíssimos pais, quando considero essas coisas, meu coração se inflama de tal maneira, que se me fosse possível, voaria imediatamente para a vida religiosa, e minha alma e meu coração não teriam nenhum momento de repouso até achar meu bem-amado.

“Mas direis que é demasiado cedo. Eu vos pergunto: Se viesse a vossa porta um mendigo pedir esmola, e vendo-vos dispostos a dar-lha vos dissesse: virei buscá-la dentro de um ou dois anos, sem saber se então lha haveríeis de dar, não o teríeis como um homem sem juízo, como um louco? E diante de Deus Todo-poderoso, não somos todos mendigos?

“Vêde, pois, que após tantas súplicas como eu Lhe fiz, teve por bem fazer-me uma de suas preciosas esmolos, a de chamar-me para a vida religiosa, e na Companhia de Jesus — numa Ordem que se pode chamar martelo de todas as heresias, asilo de todas as virtudes — e eu desprezarei esse dom e o pisarei com meus pés? Eu não sei se Nosso Senhor ainda quererá depois de dois anos, manter seu oferecimento. Posso pensar com maior razão que me lançará em face estas desoladoras palavras: ‘Eu não te conheço; nescio te’ (Cervós,

Vida de San Juan Berchmans, p. 59)” (Pe. RAMÓN J. DE MUÑANA SJ, *Verdad y Vida*, Editorial El Mensajero del Corazón de Jesús, Bilbao, 1951, 2.^a ed., t. V, pp. 68-69 / *Imprimatur*: Daniel, Episcopus Segoviensis, 30-6-1951).

**286. Deixou na solidão a seus
filhos Francisco e Joana...**

Conta o Pe. Muñana SJ, na mesma coletânea:

“Santa Joana de Lestonnac (1566-1640), fundadora da Companhia de Maria, deixou na solidão seus filhos Francisco e Joana, esta solteira e com poucos anos, para se tornar cisterciense.

“Não suportava seu coração o ter que despedir-se de Joana, e assim deixou-a na cama e bem de madrugada saiu de casa, sem lhe dizer nada, para a barca que havia mandado que tivessem preparada. Despertou a jovem ao ouvir os prantos da criadagem, e imediatamente correu desolada em busca de sua mãe. Por fim achou-a e se pendurou a seu pescoço, suplicando-lhe com grandes soluços que desistisse de seu propósito. Mas a heróica mãe, obediente à voz do Senhor, soube sobrepor-se à ternura de seu coração, e separando-se de sua querida filha, partiu para o claustro. Também seu filho Francisco lhe fez grande violência com suas carícias e prantos (J. Nonell, Santa Juana de Lestonnac, p.36)” (Pe. RAMÓN J. DE MUÑANA SJ, *Verdad y Vida*, Editorial El Mensajero del Corazón de Jesús, Bilbao, 1951, 2.^a ed., t. V, p. 73 / *Imprimatur*: Daniel, Episcopus Segoviensis, 30-6-1951).

**287. “Deus me chama hoje. Amanhã
seria demasiado tarde!”**

De uma biografia de São Pedro Julião Eymard (1811-1868), escrita por um religioso Sacramentino:

Já Sacerdote, decide deixar a irmã para tornar-se Religioso

“Mariana Eymard que, com angústia profunda, pressentia aquela próxima partida pela festa da Assunção, conseguiu arrancar uma semi-confissão ao seu mano, que lhe disse ser provável fazer-se missionário.

“Julgando que falava das missões diocesanas, ela correu a Grenoble, a suplicar de joelhos ao sr. Bispo que não lhe tirasse o irmão. O Bispo respondeu: ‘Não sou eu que lhe imponho esta separação, minha filha, mas Deus, que o chama ao estado religioso. Agi com vosso irmão, como um pai com seu filho. Experimentei-o por longo tempo, tentei muitas maneiras de o fazer desistir de sua idéia. Ofereci-lhe até cargos honoríficos e vantajosos: minhas promessas, resistências e recusas não o demoveram. Encontro-me, portanto,

como um pai em relação a uma filha que deseja casar-se, a todo custo: para não vê-la comprometer a saúde, é preciso deixá-la partir’.

“O Bispo escrevera ao Pe. Eymard avisando que já estava designado seu sucessor. Chegaria este a Monteynard à noite de domingo, 18 de agosto.

**Parte ocultamente para evitar as despedidas,
mas acaba encontrando a irmã na estrada**

“A carta foi entregue na ausência da irmã. Sem perda de tempo, tomou então o Beato todas as medidas necessárias para partir, o mais ocultamente possível. O carregador veio de noite buscar sua maleta, escondida no jardim; e no dia seguinte, que era domingo, por volta do meio dia, saiu passando por detrás das casas e afastou-se rapidamente sem que ninguém o percebesse. Os habitantes da aldeia, terminada a Missa do dia, tinham-se reunido em torno de um pequeno tocador de viola, a quem o Pároco (São Pedro Julião Eymard), com santa indústria, dera algum dinheiro aconselhando-o a tocar por muito tempo, a fim de desviar a atenção dos paroquianos. E aquela boa gente se distraía descuidadamente sem saber que o Padre tão estimado de todos, os deixava para sempre.

“Concede-me um dia mais, um dia só”

“Caminhava a pé, para alcançar a carruagem que o esperava a certa distância da localidade, quando inesperadamente encontrou na estrada a irmã, que regressava a toda pressa de Grenoble. Ao vê-lo, Mariana sentiu-se desconcertada e, fixando nele um olhar cheio da mais viva ternura, e dor profunda, disse: ‘Sei tudo, meu irmão, e não te peço senão uma graça: Concede-me um dia mais, um dia só!’ — ‘Se te conceder ainda um dia, querida irmã, minha vocação estará perdida para a eternidade. Deus me chama hoje. Amanhã seria demasiado tarde!’

**Dominando heroicamente a própria ternura, deixa a
irmã desfalecida e parte para onde Deus o chama**

“A pobrezinha vacila sob o peso da amargura que a oprime e cai nos braços das pessoas que a acompanham. À vista disto o Sacerdote empalidece e a comoção o invade. Fazendo porém um esforço sobre-humano, volta rapidamente a cabeça para não presenciar mais aquela cena angustiante, e afasta-se antes que os presentes, mudos de estupefação, tenham tempo de se refazer. [...]

“ ‘Toda pessoa que tenha conhecido o coração tão bom e tão amoroso do santo Sacerdote, e sua extrema sensibilidade — são palavras do Pe. Mayet — convencer-se-á de que lhe foi necessária uma graça poderosa e uma heróica correspondência para dar um tal golpe. Ele mesmo confessava mais tarde que, rompendo aquele último laço de família que lhe restava na terra e abandonando aquela irmã tão cara e estremosa que sempre lhe servira de



"SANTA TERESINHA (séc. XIX) tinha apenas catorze anos quando pediu ao pai para ingressar na Ordem do Carmo, e apesar de ele a acompanhar em seu pranto, nada lhe disse que pudesse desviá-la de sua vocação". (ficha 288)

mãe, sua alma sentira um profundo pesar e só a custo pudera alcançar a carruagem' ”(*O Bem-aventurado Pedro Julião Eymard, Livraria Eucarística*, 1953, vol. I, pp. 98 a 100 / *Imprimatur*: Mons. Caruso, pro-Vigário Geral, Rio, 25-2-1953).

288. Apesar de a acompanhar em seu pranto, nada lhe disse que pudesse desviá-la de sua vocação

A própria Santa Teresinha do Menino Jesus (1873-1897) nos conta como seu pai — cujo processo de beatificação está em curso — a foi preparando para a vida religiosa:

“ ‘Todas as tardes, escreveu ela, saía com meu pai para visitar o Santíssimo Sacramento em uma igreja. Numa dessas tardes, pela primeira vez, vi nossa capela do Carmelo. Olha, minha rainha, disse-me; atrás destas grades estão umas santas freiras, continuamente orando a Deus Nosso Senhor.

“ ‘À noite, quando íamos fazer nossas orações, colocada junto a meu querido pai, só tinha que olhar para ele a fim de aprender como rezam os santos...’

“**Santa Teresinha tinha apenas catorze anos quando pediu ao pai para ingressar na Ordem do Carmo, e apesar de ele a acompanhar em seu pranto, nada lhe disse que pudesse desviá-la de sua vocação.** Foram depois, o pai e a filha, solicitar ao Bispo de Bayeux a dispensa de idade para entrar no Carmelo, e foi tal o interesse que mostraram, que o vigário geral dizia ‘**jamais se ter visto um caso semelhante: um pai tão impaciente por oferecer a filha a Deus, como esta por consagrar-se a Ele**’ (Autobiografia, p. 113). [...]

“O pai de Santa Teresinha, quando soube que Celina, a última filha que lhe restava, desejava também se tornar religiosa, cheio de contentamento, disse-lhe: ‘Vem, vamos juntos nos prostrar diante do Santíssimo Sacramento, para dar graças ao Senhor pelos favores que concede a nossa família, e pela honra que me dispensa, escolhendo para Si esposas em minha casa. Sim, **muito grande é a honra que Deus me concede, pedindo-me minhas filhas, e se algo melhor possuísse, me apressaria em oferecer-Lhe**’ (*Autobiografía de Santa Teresita del Niño Jesús*, p. 185)” (Pe. RAMÓN DE MUÑANA SJ, *Verdad y Vida*, Editorial El Mensajero del Corazón de Jesús, Bilbao, 1951, 2.^a ed., t. V, pp. 80 e 83 / *Imprimatur*: Daniel, Episcopus Ségoviensis, 30-6-1951).

CAPÍTULO III

Muitos Santos foram incompreendidos por seus próprios familiares, e até precisaram resistir heroicamente a pressões e maus tratos daqueles que procuravam afastá-los do cumprimento de sua vocação

289. *É preciso ter heroísmo para resistir à família e aos amigos*

De um artigo do Cardeal Narciso Jubany Arnau, atual Arcebispo de Barcelona:

“Paul Claudel, o grande poeta francês, escreveu estas palavras em uma carta dirigida a um jovem: ‘**A juventude não foi feita para o prazer, mas para o heroísmo. Realmente o jovem necessita de heroísmo para resistir às tentações que o rodeiam; para acreditar sozinho em uma doutrina desprezada; para enfrentar sem retroceder um milímetro ante as pseudo-razões, a blasfêmia, a chacota que enchem os livros, as ruas e os jornais; para resistir à família e aos amigos, para estar só contra todos; para ser fiel apesar de todos**’. E lembrou aquelas palavras de Jesus: ‘Confiai, eu venci o mundo’.

“É necessário não esquecê-lo: é-se verdadeiramente uma pessoa humana graças à virtude; é-se um autêntico jovem pela generosidade em possuir os verdadeiros ideais e os valores da vida que não enganam: **somente se é um verdadeiro cristão na medida em que se é fiel e perseverante em seguir a Nosso Senhor**” (Cardeal NARCISO JUBANY ARNAU, *Pasotismo juvenil*, “La Vanguardia”, Barcelona, 30-9-1984, p. 27).

290. “Poupei a velhice de vosso pai e a infância de vosso filho: sacrificai pela prosperidade dos Imperadores!”

Martírio de Santa Perpétua, de Santa Felicidade e de seus companheiros, no ano de 203, narrado na *História da Igreja* do Pe. V. Postel:

“A perseguição não era menos violenta em Cartago: prenderam nesta cidade quatro jovens, Saturnino, Revocato, Secúndulo e Sátiro, e com eles duas jovens, Perpétua e Felicidade. A primeira, que era de condição nobre e irmã de Sátiro, tinha um filho de peito; a segunda esperava um filho.

“Nada é mais interessante do que a **história do seu combate, escrita pela própria Perpétua**. Ela se expressa nos seguintes termos:

“Meu Pai se esforçou por me fazer mudar de resolução”

“ ‘ — Logo que nos prenderam, guardaram-nos por algum tempo antes de nos meterem na prisão. **Meu Pai, que era o único de minha família que não era cristão**, acorreu imediatamente e se esforçou por me fazer mudar de resolução. Como ele me instava muito para não me dizer cristã, mostrei-lhe um vaso que se encontrava ali: — Meu Pai, disse-lhe eu, pode-se dar a este vaso outro nome que não seja aquele que lhe convém? — Não, respondeu ele. — Pois bem, eu também não posso dizer de mim outra coisa que não sou. — A estas palavras ele se jogou sobre mim como para me arrancar os olhos, depois se retirou confuso com sua fúria: não tornou a aparecer durante alguns dias, e eu gozei de um pouco de repouso. Neste intervalo, fomos batizados, e o Espírito Santo inspirou-me a não pedir outra coisa senão a constância nos tormentos. Pouco depois nos conduziram à prisão.

Na prisão, brutalidade dos guardas

“ ‘Eu me surpreendi ao entrar ali, pois não tinha visto jamais esse tipo de lugares. Ah! Que dura jornada! Que calor! Sufocava-se lá, tão apertado se estava; acrescentai a isto a brutalidade dos soldados que nos guardavam. Mas o que me inquietava mais, era que eu não tinha o meu filho. Por fim mo trouxeram, e dois diáconos, Festino e Pompônio, obtiveram por meio de dinheiro, que nos colocassem durante algumas horas num lugar menos incômodo.

“ ‘Cada um pensava no que mais lhe interessava; quanto a mim, o que mais me premia era amamentar meu filho, que morria de fome. Recomendei-o instantemente a minha mãe, que tinha vindo me ver. Eu estava sensivelmente aflita por ver minha família sofrendo por minha causa, e esse sofrimento durou vários dias; mas em seguida se dissipou: a própria prisão tornou-se uma estadia agradável. [...]

Nova investida do pai de Santa Perpétua:

“Deixa essa obstinação que nos perderá a todos”

“ ‘Poucos dias depois, espalhou-se o rumor de que seríamos interrogados. **Meu pai veio de novo à prisão e, acabrunhado pela tristeza, disse-me: ‘Minha filha, tem piedade de meus cabelos brancos, tem piedade de teu pai. Eu te eduquei com tanto cuidado: se eu te amei mais do que aos meus outros filhos, não cubras minha velhice de opróbrio. Pensa em tua mãe: pensa em teu filho, que não pode viver sem ti; deixa essa obstinação que nos perderá a todos’.** E falando assim, ele me segurava as mãos, beijava-as, e as regava com suas lágrimas. **Suas instâncias me transpassavam o coração,** e eu me lamentava por ser ele o único de toda a família que se afligia com meu martírio. **Entretanto, sem me deixar abalar, disse: acontecerá no interrogatório o que aprouver a Deus,** pois não estamos sob nosso poder, mas sob o dEle. E ele se retirou.

Diante do juiz, o pai tenta ainda comovê-la

“ ‘No dia seguinte, quando jantávamos, vieram nos apanhar para conduzir ao juiz: toda a cidade foi informada disso e encontramos o local repleto de inumerável multidão. Fizeram-nos subir ao estrado dos réus. De início foram interrogados meus companheiros, que confessaram corajosamente a fé em Jesus Cristo. Vieram então a mim, e nesse momento **meu pai, reaparecendo com meu filho,** me puxou de meu lugar e **me solicitou mais vivamente que nunca. O juiz se uniu a ele: ‘Poupai, disse-me, poupai a velhice de vosso pai e a infância de vosso filho: sacrificai pela prosperidade dos imperadores’.** — ‘Não sacrificarei’, respondi-lhe. — ‘Sois então cristã?’ — ‘Sim, eu o sou’. — Como meu pai se esforçasse por me tirar fora do estrado dos réus, o juiz ordenou que ele fosse afastado, e chegaram a bater nele para fazê-lo obedecer. Senti o golpe que lhe foi dado como se eu mesma o tivesse recebido, e **tinha o coração dilacerado por ver meu pai maltratado em sua velhice.** Então o juiz pronunciou a sentença, e nos condenou todos a sermos expostos às feras. Retornamos à prisão cheios de alegria. [...]

Pouco antes do martírio, o último assalto da ternura paterna

“ ‘Poucos dias antes dos espetáculos, vi entrar meu pai, que me vinha fazer um último assalto. Ele estava num acabrunhamento que eu não seria capaz de exprimir; arrancava-se a barba, lançava-se por terra, e permanecia deitado, escondendo a própria face, lançando gritos e amaldiçoando a própria velhice. Eu morria de dor vendo-o naquele estado; mas Deus me sustentou novamente, na violência do ataque’.

O glorioso martírio

“Aqui termina o relato da Santa; a seqüência foi escrita por uma testemunha ocular. Quando o dia dos espetáculos chegou, os santos Mártires foram tirados da prisão, e conduzidos ao anfiteatro. A alegria se refletia em seus rostos, brilhava em seus olhos, fazia-se ver em seus gestos, resplandescia em suas palavras. Perpétua ia em último lugar. [...] Saturnino e Sátiro ameaçavam com a cólera de Deus o povo idólatra que os cercava, e quando chegaram próximos ao juiz que os havia condenado, disseram-lhe com autoridade: ‘Tu nos condenas hoje, mas logo o próprio Deus te julgará’. O povo, irritado com essa repreensão, pediu que fossem chicoteados. Encantados por adquirir novo traço de semelhança com o Salvador, os santos Mártires manifestaram-se ainda mais alegres. Deus lhes concedeu o gênero de morte que cada um deles havia desejado. [...]

“As duas Santas, Perpétua e Felicidade, foram expostas numa rede a uma vaca furiosa. O animal atacou de início Perpétua, atirou-a para o alto com violência e a deixou cair sobre o dorso: Perpétua se levantou, ajeitou os cabelos, e tendo percebido Felicidade, que a vaca também tinha atacado e que estava estendida sobre a areia, cheia de dores por causa dos ferimentos, deu-lhe a mão e a ajudou a se levantar. [...]

“Aproximando-se o fim dos espetáculos, o povo pediu que os outros mártires fossem conduzidos ao meio do anfiteatro para lá receber a morte. Eles vieram com suas próprias forças e se deixaram degolar sem fazer o menor movimento. Perpétua caiu entre as mãos de um gladiador desajeitado, que a fez sofrer por algum tempo, e ela mesma acabou tendo que conduzir a espada a sua garganta, indicando-lhe assim o lugar onde deveria feri-la. Tal heroísmo em mulheres delicadas não poderia vir da natureza: é evidente que esta não vai até lá, e que só Deus pode explicá-lo” (Abbé V. POSTEL, *Histoire de L’Église*, Librairie d’Adrien Le Clere et Cie., Imprimeurs de N. S. P. le Pape et de l’Archevêché de Paris, Paris, 1864, 3.^a ed., pp. 70 a 77).

291. Aos 12 anos, Santa Asela veste a túnica de pano grosseiro das virgens para significar aos pais sua resolução de entrega total a Cristo

De uma obra sobre a virgindade na Igreja primitiva:

“Todos os cristãos de Roma se encheram de santa admiração, por volta do ano de 346, quando souberam que a piedosa Asela, aquela **jovem de apenas 12 anos, filha de família distinta**, com energia mais forte que sua idade, **não podendo dobrar a vontade de sua mãe para obter a túnica própria das virgens consagradas, tinha vendido ocultamente o precioso colar de fios de ouro** entrelaçados na figura de serpente que lhe aformoseava o pescoço,

e tinha adquirido com seu valor uma túnica de pano grosseiro, característico das esposas de Cristo.

“Revestida desta nova armadura, ofereceu a Deus sua perfeita pureza, e apresentou-se desta maneira a seus pais a fim de que entendessem de uma vez por todas que não conseguiriam arrancar palavra alguma de matrimônio terreno àquela que, com sua tosca vestimenta, viam condenar as vãs carícias do século.

“Aquela virgenzinha, que prolongou sua vida de inocência e austeridade para além dos 70 anos, foi um foco de luz tão brilhante na urbe imperial que até os inimigos do estado virginal não puderam subtrair-se ao fascínio de sua santidade. São Jerônimo, caso único na história de seus escritos, entoava sua apologia em uma carta à viúva Marcela quando ainda estava viva a protagonista (dedica uma carta inteira a descrever as virtudes daquela virgem, embora com a advertência de que não fosse comunicada àquela cuja apologia trachava — Epístola XXIV a Marcela)” (Pe. FRANCISCO DE B. VIZMANOS SJ, *Las Vírgenes cristianas de la Iglesia primitiva*, BAC, Madrid, 1949, p. 208 / *Imprimatur*: Casimiro, Obispo aux. y Vic. gen., Madrid, 12-1-1949).

292. Durante vários dias foi assediada por seus parentes, mas permaneceu inabalável

Da vida de Santa Clara de Assis (1193-1253), por Tomás de Celano, seu contemporâneo:

“Ora, uma vez que, como diz Jesus Cristo no Santo Evangelho, os inimigos de nossas almas são os nossos parentes segundo a carne, aconteceu, com a permissão de Deus, que os de Clara, sabendo de sua vocação e de sua entrada na Ordem, foram tomados de cólera e censuraram a santa decisão e o ato da jovem. A cidade em breve foi tomada por esta notícia que a pôs em polvorosa. Os parentes de Clara, muito aflitos e irritados, foram ao mosteiro de São Paulo, com a firme resolução de fazer a piedosa jovem renunciar aos seus desejos e de a retirar desse convento à força, caso não pudessem conseguir de outra maneira.

De início, esconderam o furor sob o véu da amabilidade

“Tendo chegado, empregaram todos os meios, sem que Deus lhes permitisse chegar a seu fim; de início esconderam seu furor sob o véu da amabilidade, dizendo-lhe palavras agradáveis, multiplicando as promessas e testemunhando-lhe um grande afeto. Depois, lhe disseram que uma tal mudança de hábitos provinha de sentimentos vis e ligeiros e absolutamente não se harmonizava com a nobreza de sua origem; prometeram-lhe numerosos presentes se ela renunciasse a um tal opróbrio, e sustentaram que era para eles uma grande vergonha e uma desonra que uma moça tão rica, tão bela e tão nobre se abrigasse num lugar tão pobre e miserável. Não havia memó-

ria, acrescentaram eles, que algum dos seus antepassados tivesse dado semelhante exemplo: em consequência, Clara devia voltar atrás na sua decisão e retornar ao século.

Ameaças e agrados, injúrias e súplicas

“A prudente virgem, reconhecendo que tal combate era suscitado pelo inimigo de sua salvação, rechaçou as adulações hipócritas e os conselhos indignos como uma bebida de morte que lhe fazia horror; apoiando-se com alma viril e fiel sobre Jesus Cristo, ela não temia as ameaças e não se preocupava com os agrados.

“Durante vários dias, foi assediada por injúrias e súplicas, mas permanecia inabalável, respondendo que a sua resolução não estava fundada sobre a areia inconsistente mas sobre a rocha firme; que tendo já posto a mão no arado, devia continuar o trabalho e não retroceder, mas ser perfeitamente fiel à palavra que tinha dado até à morte a seu Esposo Jesus Cristo. E repetia com o Apóstolo Paulo: ‘Quem poderá me separar da caridade de Cristo?’

De nenhuma forma poderiam separá-la de Jesus Cristo

“Como persistiam em querer levá-la por força e reconduzi-la a Assis, Clara pôs sua confiança em Deus, e para provar a seus parentes que todos os seus esforços eram vãos, foi rumo ao altar da pobre e pequena igreja do mosteiro, com muito fervor, pegando na mão direita as toalhas do altar a fim de que Deus a ajudasse se quisessem fazer-lhe violência; tirou com a outra mão os véus de sua fronte e mostrou a cabeça raspada declarando que jamais e de nenhuma forma poderiam separá-la do amor e do serviço de Jesus Cristo.

Confusos e derrotados, eles se foram

“Essas lutas haviam acrescido no coração de Clara o amor de Deus: quanto mais o combate era violento exteriormente, tanto mais seu coração se tornava forte interiormente e mais ela se dava a seu Jesus bem-amado. Vendo isto, seus parentes decidiram deixá-la seguir sua vocação sem levantarem obstáculos. Confusos e derrotados, eles se foram, e a virgem vitoriosa permaneceu no mosteiro com toda a tranqüilidade; jamais alguém, em qualquer momento, conseguiu induzi-la a aproximar-se das coisas mundanas” (THOMAS DE CELANO, *Sainte Claire d’Assise*, Pérrin et Cie. Libraires-Éditeurs, Paris, 1917, pp. 32 a 35).

293. São Tomás de Aquino: um exemplo de heróica resistência!

De uma obra escrita pelo conceituado tomista Pe. Santiago Ramírez OP (1891-1967):

“Por eles (Dominicanos professores de Teologia na Universidade de Nápoles), e especialmente por Frei João de São Julião, homem de grande ciência e santidade, **conheceu o jovem Tomás** (São Tomás de Aquino, 1225-1274) que a **Ordem dos Pregadores** harmonizava perfeitamente as observâncias monásticas com o estudo. Encontrara o que desejava. Suas aspirações de vida religiosa e de estudo seriam plenamente realizadas. **E decidiu nela ingressar.** O convite de João de São Julião para que vestisse o hábito dominicano encontrou Tomás completamente resoluto e decidido a segui-lo.

Esperou a morte de seu pai e, sem avisar a mãe e os irmãos, ingressou na Ordem dos Dominicanos

“De seu lado, teria desejado executar imediatamente sua resolução. Mas, **durante as temporadas de férias que havia passado em sua casa, pôde perceber a oposição que seus pais fariam.** Era prudente esperar, como aconselhava seu diretor espiritual e confidente Frei João de São Julião, que seu velho e doente pai, Landolfo, passasse a melhor vida. Este morreu, efetivamente, por volta do Natal de 1243, e Tomás se apresentou em meados de janeiro de 1244 ao prior de San Domenico Maggiore, Tomás Agni da Lentini, pedindo-lhe sua admissão na Ordem, o que lhe foi concedido de bom grado.

“Tinha dezoito anos completos, precisamente a idade requerida pelas antigas constituições da Ordem para vestir o santo hábito. [...]

“**Não avisou de sua decisão nem a mãe nem os irmãos.** E começou o noviciado com todo o fervor de sua alma. **Era entretanto de se temer a oposição da família, particularmente da mãe,** uma vez que esta chegasse a se inteirar do assunto. **Prevendo isso, os superiores o transladaram a Roma,** para o convento de Santa Sabina, onde estava no momento o Geral da Ordem, João de Wildeshausen, o Teutônico, que devia deslocar-se pouco depois para Bolonha a fim de assistir ao capítulo geral. O mestre João decidiu levar consigo o noviço, para enviá-lo a Paris, com o objetivo de continuar seus estudos, uma vez concluído o noviciado no convento de Bolonha.

Inconformada, a mãe, que não o queria Dominicano mas Beneditino, move a perseguição

“Porém o sucedido em Nápoles, com sua entrada na Ordem religiosa,

não tardou muito a chegar aos ouvidos da mãe. Soube-o por seus vassalos de Roccasecca, que sobressaltados, entre lágrimas e lamentações clamorosas, o relataram.

“Nem tímida nem preguiçosa, manda dona Teodora preparar seus cavalos e seu acompanhamento, e corre a Nápoles, para se entrevistar com o filho. Ali toma conhecimento de sua mudança para Roma. Sem perder um momento, dirige-se à Cidade Eterna, ao convento de Santa Sabina, em busca de Tomás. Mas este já havia empreendido viagem para Bolonha com o mestre Wildeshausen e outros três Religiosos.

“A paciência da mãe chegou ao limite. Imediatamente redige uma carta para seus filhos Aimón, Filipe, Rinaldo e Adenolfo, que se encontravam nas regiões da Toscana a serviço do Imperador, e **envia com um mensageiro a ordem terminante de vigiar todas as sendas e caminhos por onde podia passar Tomás, prendê-lo, uma vez encontrado, e conduzi-lo sob boa guarda à sua residência de Roccasecca.**

É seqüestrado com violência pelos irmãos

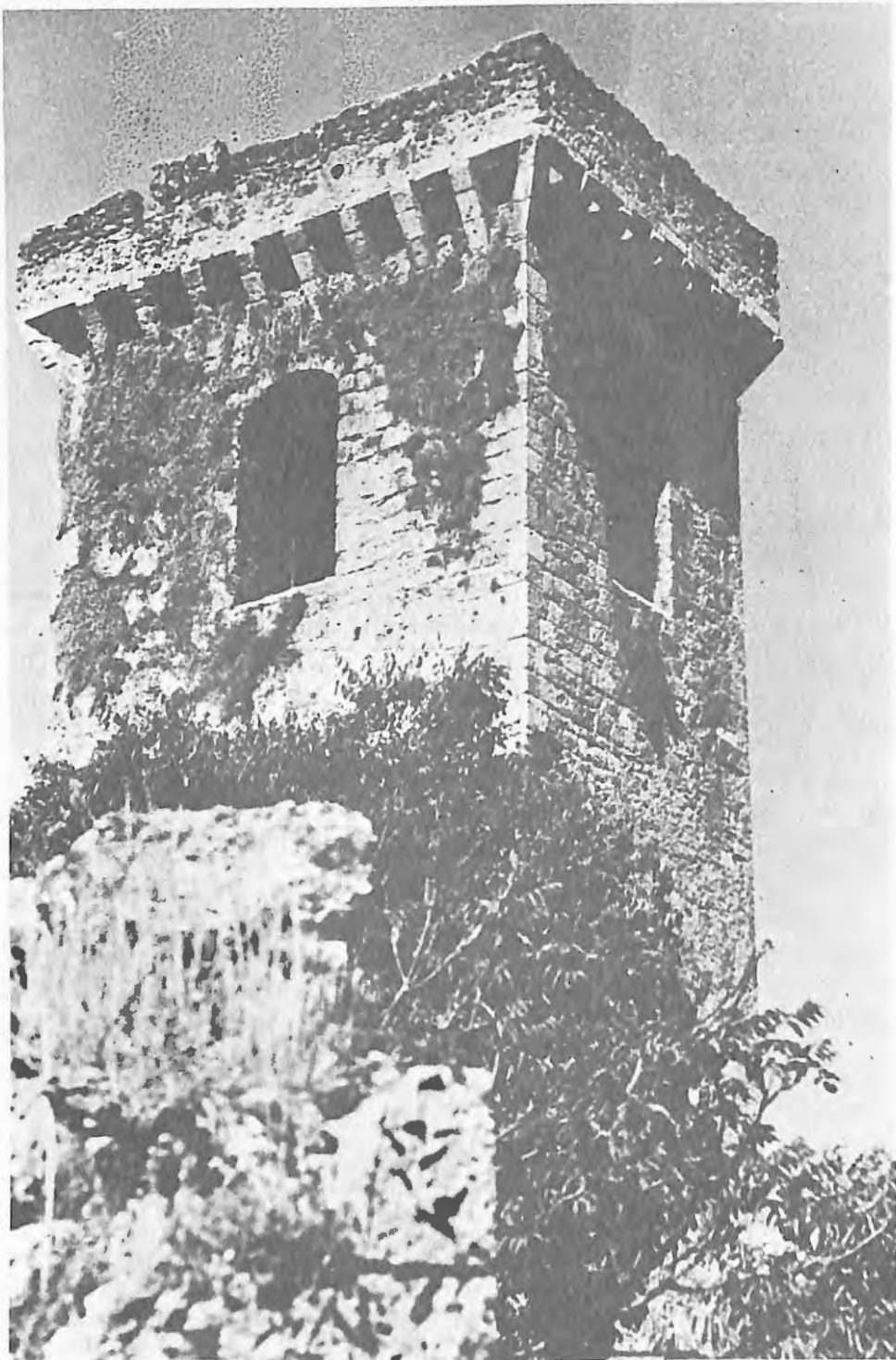
“Obtida a permissão do Imperador, destacaram incontinenti patrulhas por toda a região, e não tardaram em divisar perto de Acquapendente um grupo de cinco frades dominicanos, entre os quais se encontrava Tomás, sentados junto a uma fonte. Era em meados de maio de 1244, e o calor se fazia sentir.

“A galope se aproximam do grupo de frades, apeiam-se e, sem meias palavras, dirigem-se a seu irmão, forçando-o a despojar-se de seu hábito. Este agarra fortemente a capa contra seu corpo e não se deixa desvestir. O mestre João protesta contra tão brutal ataque ante o cavaleiro Pedro della Vigna, íntimo e influente conselheiro do Imperador, que ia à frente da patrulha, **enquanto os irmãos do noviço o montam a cavalo, à força, e desaparecem pelo horizonte rapidamente, com sua presa.**

Durante mais de um ano, uma sistemática tentativa de fazer mudar suas idéias

“Primeiramente, depois de cavalgar dois ou três dias, levam-no e **deixam-no recluso no castelo de Montesangiovanni Campano.** [...] Poucos dias depois será conduzido para sua residência habitual, ou seja, para a fortaleza de Roccasecca. Enquanto isto, os irmãos voltavam para o acampamento do Imperador.

“A vida de Frei Tomás na referida fortaleza não foi propriamente uma prisão nem uma reclusão. Podia circular livremente por toda ela, se bem que **a mãe tomara as medidas oportunas de vigilância. Tratava-se de dobrá-lo por bem.** Adulações, a honra e o porvir de sua família; seu talento e sua virtude



Após SÃO TOMAS DE AQUINO (séc. XIII) ser sequestrado pelos irmãos a mando da mãe, e depois de ficar recluso durante um ano na sua residência habitual, a fortaleza de Rocaseca, "seus irmãos põem em obra todos os meios para fazê-lo abandonar o hábito dominicano. Entram (até) de acordo com uma jovem formosa e elegantemente ataviada, mas de costumes levianos, a qual introduzem no quarto de Frei Tomás com o encargo de tentá-lo e seduzi-lo a todo o custo". (ficha 293)

(Torre da fortaleza onde São Tomás ficou recluso durante mais de um ano e de onde fugiu descendo por uma corda)

lhe faziam apto aos mais altos postos na Ordem beneditina ou no século; **qualquer coisa, menos simples frade mendicante.**

“Punham diante dele um hábito beneditino, instando-o a que o vestisse em vez do dominicano, e assim renovasse sua antiga vida de Monte Cassino, de onde, com o tempo, seria Abade. Em outras ocasiões lhe ofereciam um traje secular, dizendo-lhe que podia seguir a carreira da Justiça como seu pai. **As irmãs alternavam-se com a mãe nesses ofícios. O resultado foi nulo.** Ou melhor, foi Tomás quem induziu sua irmã Marotta a abandonar o século e a ingressar no mosteiro de Beneditinas de Cápua.

O Santo aproveita a reclusão para prosseguir seus estudos

“Os Dominicanos de Nápoles souberam logo do paradeiro de Frei Tomás e o visitavam com frequência, particularmente seu diretor espiritual, Frei João de São Julião. Dona Teodora não se opunha resolutamente a isto. Amava por demais seu filho para impedi-lo. Deixava estar.

“A primeira preocupação de Frei João foi providenciar-lhe uma Bíblia e o Breviário, a que acrescentou as Sentenças, de Pedro Lombardo, e a Sofística, de Aristóteles, que Frei Tomás estava estudando quando vestiu o hábito. [...]

“A vida de Frei Tomás se concentrou na oração e no estudo. Sabia todo o Saltério de cor desde sua passagem por Monte Cassino. Durante o longo ano e meio que passou em Roccasecca aprendeu de memória o restante da Bíblia e as Sentenças, de Lombardo.

Os irmãos empregam verdadeiras torturas psicológicas, tentando quebrar-lhe a resistência

“Porém faltava suportar a prova mais dura. **Ao cabo de um ano voltam os irmãos do acampamento e põem em obra todos os meios para fazê-lo abandonar o hábito dominicano.** Destroçam-lhe a veste, para que se envergonhe de sua nudez e se veja obrigado a pôr o traje beneditino ou o secular; tiram-lhe os livros e o Breviário, para que não possa rezar nem estudar e acabe por aborrecer-se; e, como golpe decisivo, entram de acordo com uma jovem formosa e elegantemente ataviada, mas de costumes levianos, a qual introduzem no quarto de Frei Tomás com o encargo de tentá-lo e seduzi-lo a todo custo.

**O Santo resiste a tudo, e afugenta, com um tição em brasa,
a mulher que fôra mandada pelos irmãos para tentá-lo**

“Mas tudo em vão. Porque ele se cobre com seus farrapos, e tem em sua cabeça o conteúdo de seus livros: e no momento em que vê entrar a mulher de má vida em seu aposento, corre à lareira que estava ardendo, pega um tição em brasa e com ele põe em fuga precipitada a tentadora.

“Depois se dirige ao ângulo mais afastado de seu quarto e desenha na parede com o tição, uma cruz, ante a qual se prostra em oração, suplicando ao Senhor que o livre para sempre dos ardores da carne. Foi imediatamente ouvido, e durante o sono lhe apareceram dois Anjos, e lhe puseram um cinto como penhor de perfeita e vitalícia castidade. Desde então jamais voltou a sentir o menor movimento sensual. A vitória havia sido completa.

**Vendo que tudo era inútil, a mãe desistiu de
vigia-lo, e São Tomás aproveitou para fugir**

“Vendo a mãe que tudo era inútil, não insistiu mais e cessou de vigiar os acessos à morada do filho.

“Combinado com Frei João de São Julião, dispõem ambos a fuga.

“Num dia determinado chega Frei João com uma parêlha de cavalos ante os muros da fortaleza. Frei Tomás desce com uma corda pela janela. Montam os dois em seus cavalos e desaparecem rapidamente rumo a Nápoles. Era em fins de 1245” (Pe. SANTIAGO RAMÍREZ OP, *Introducción a Tomás de Aquino*, BAC, Madrid, edição atualizada pelo Pe. Victorino Rodríguez OP, 1975, pp. 12 a 16 / *Con censura eclesiástica*).

**294. O irmão da princesa Santa Joana
de Portugal ameaçou arrancar-lhe
o hábito se ela não cedesse**

De uma vida de D. João II, Rei de Portugal:

“Quando por fim (Santa Joana, 1452-1490), resolveu tomar o hábito e entrar no noviciado, não falou nisso à família. [...] Era preferível apresentar-lhes o fato consumado. D. Joana fixou a data e convenceu a Priora, que se mostrava levemente relutante em assumir uma responsabilidade daquelas. A infanta supunha que, uma vez tomado o hábito, os parentes aceitariam a situação.

**O pai se resignou, mas o irmão
não queria aceitar o fato consumado**

“Nisso se enganava. Eles levaram aquilo muito a mal. [...] O pai de D. Joana (o rei D. Afonso V) lamentou, mas não disse nada — ele sabia

que a filha o dominara — mas o **irmão** (futuro D. João II) não teve papas na língua. Uma coisa daquelas não devia permitir-se! disse ele ao rei. A infanta não entrara no convento para fazer votos, mas apenas para gozar um período de retiro antes de casar. Era preciso pôr imediatamente fim àquele disparate, e se o rei não se propusesse agir, ele, D. João, **iria em pessoa tirar o hábito à irmã!**

“Partiu a toda a pressa para Aveiro com um batalhão de Bispos por séquito, chegando ao pombal ‘como leão rugiente’. Apoiado pelo mais bravo de todos os Prelados, o Bispo de Évora, D. Garcia de Menezes, cuja irmã professara neste convento contra a vontade dele, o Príncipe mostrou à Priora um pouco do que era capaz.

“A pobre senhora, completamente atrapalhada, respondeu com ‘poucas e mui humildes palavras’, dizendo que obedecera à infanta, pois achara ser a isso obrigada pelo dever. Entre o Príncipe furioso e o Bispo trovejante, ela não sabia para onde virar-se. A única coisa que podia fazer era deixá-los falar com a infanta.

Sua resolução estava tomada, e era definitiva

“Veio D. Joana [...] de olhos calmos e sorriso nos lábios, mas branca e esmaecida, e com o rosto, noutro tempo cheio, emagrecido pelos jejuns. O lindo cabelo tinha sido cortado rente, nenhum anel adornava a mão delgada, e o vulto gracioso desaparecia debaixo das amplas pregas do hábito de grosseiro pano branco com um manto negro por cima dos ombros. E era esta a infanta, a irmã de D. João, que ele e o pai tinham gostado de ver resplandescendo nas suas roupas reais e beleza juvenil!

“Para seu irmão o aspecto mudado de D. Joana foi um terrível choque. Vieram-lhe as lágrimas aos olhos e toda a sua cólera se dissipou. **Insistiu com ela em tom brando**, dizendo-lhe que dor causara ao pai, a ele próprio e a todo o reino. Era razoável, perguntou, abandoná-los a todos daquela maneira, especialmente a ele, que não tinha outra irmã ou irmão, nem filhos, e Deus sabia se havia de ter alguns?

“**D. Joana** ouvia em silêncio tudo o que ele tinha a dizer, mas **respondeu que por nada deste mundo podia renunciar ao caminho que escolhera pela vontade de Deus**. Não tinham o direito de esperar que o fizesse. A sua resolução estava tomada e era definitiva.

**Santa Joana deixou-os falar:
era como as ondas a bater na rocha**

“Ao ouvir isto, o leão começou a rugir outra vez, e chamou o Bispo para rugir com ele. D. Garcia de Menezes, Prelado que empunhava a espada com mais entusiasmo do que o báculo, increpou a infanta com violência nada episcopal. **Então o Príncipe agarrou na irmã pela mão e arrastou-a atrás de si até ao terraço**; o Bispo veio com eles, seguido pela Priora, assustadíssima

e cheia de agitação como a ave que vê o ninho ameaçado. A tremer, ela ouviu os dois homens trovejarem contra a sua pupila ordenando-lhe, em nome do rei, que pusesse de parte toda a idéia de professar. **D. Joana, sempre mansa e tranqüila, deixou-os falar: era como as ondas a bater na rocha.**

“Ameaçando-a de lhe arrancarem o hábito se ela não cedesse, o irmão e o Bispo retiraram-se por fim. D. João sabia muito bem que estava a perder tempo. A resolução de D. Joana estava tomada. [...]

Contara demasiado com sua resistência física

“Mais uma vez D. Joana ganhou a partida. Todavia, o seu triunfo apenas foi parcial. Ao escolher a ordem mais ascética que encontrou, contara demasiado com a sua resistência física. [...]

“Antes de terminar o ano do seu noviciado, caiu gravemente doente e quase morria. Chamaram-se todos os médicos da corte para junto do seu leito, e todas as irmãs rezaram. As suas súplicas foram ouvidas e D. Joana melhorou, mas nunca mais recuperou a antiga saúde. [...] Os médicos declararam todos que ela não podia observar a regra do convento, e os Padres, sem dúvida inspirados por ordem do alto, proibiram-na de tentar fazê-lo. O pai e o irmão juntaram as suas ordens peremptórias. D. Joana consultou todas as pessoas santas e sábias que encontrou, as quais unanimemente concordaram que, no seu caso, ela não devia professar.

“A chorar, D. Joana renunciou formalmente ao direito de usar o hábito que com tanta alegria vestira. Despiu-o e depô-lo no altar. Horas depois a Priora tornou a entregar-lho. De futuro usá-lo-ia apenas como irmã honorária.

“Assim, nem D. Joana nem D. João ficaram inteiramente satisfeitos. Na paz e no silêncio do convento, D. Joana viveu a vida que queria, mas sentiu o desencanto de uma alma ardente privada de se dar por completo. D. João conseguira que D. Joana ficasse na verdade livre, mas vira-se obrigado a deixar desaparecer da sua vida a irmã, sua companheira de infância” (ELAINE SANCEAU, *D. João II*, Livraria Civilização — Editora, Porto, 2.^a ed., pp. 45 a 48).

295. Incompreendido por um amigo de família, Santo Inácio pede parecer de teólogos para justificar sua atitude

Da vida de Santo Inácio de Loyola (1491-1556), pela conhecida historiadora Daurignac:

“Um jovem de porte nobre, elegante e rico, apresentou-se um dia no hospital Saint-Jacques, antes do pôr do sol:

“— Desejo falar a um homem que acaba de entrar — disse ele — e que

é fácil reconhecer, não só pela sua túnica cinzenta, mas também pelos seus compridos e desalinhados cabelos.

“— Ah! sim, senhor, é o Santo, como todos lhe chamamos aqui; venha comigo.

“O jovem elegante foi apresentado ao nosso herói, que pensou ver nele um desconhecido:

“— Não me conhece, D. Ínigo (Inácio)?

“— João de Madeva! Sim meu amigo, reconheço-o muito bem!

“— **O senhor aflige viva e profundamente sua família, D. Ínigo. Desonra a com a sua vida aventureira e com a sua obstinação em pedir esmola. É indigno do seu nascimento proceder assim! Que quer que se pense de sua família? Supor-se-á, ou que ela não tem meios para acudir às suas necessidades, ou que não quer. Num ou noutro caso enganam-se, e a censura recairá sobre ela, porque os seus bens são consideráveis e todo espanhol de raça nobre sabe quem são os ilustres Oñaz de Loyola. Direi mais: um fidalgo do seu nascimento, que tem a fortuna que o senhor tem, não pode viver à custa da caridade pública, como o senhor vive, sem se tornar culpado para com a própria família, que desonra, para com Deus, que ofende, e para com os pobres, que espolia em proporção do que recebe.**

“— Talvez o sr. D. João tenha razão; vou esclarecer este ponto e agradeço-lhe o interesse, que toma pela minha família.

“No dia seguinte, Inácio de Loyola fez esta pergunta, por escrito, à Sorbona:

“ ‘Um fidalgo que, por amor de Deus, renunciou ao mundo e abraçou a pobreza voluntária, ofende a Deus vivendo de esmolas nos diversos países que percorre?’

“Todos os teólogos responderam por escrito:

“ ‘Não há pecado, nem sequer sombra de pecado’.

“Inácio apressou-se a comunicar esta decisão a D. João de Madeva, acrescentando:

“— Foi menos para minha justificação que procurei esclarecer a V. Exa., do que pelo respeito que se deve ter pela pobreza voluntária, de que o nosso soberano Senhor Jesus Cristo nos deu exemplo.

“**Não encontrando João de Madeva nada que opor, não mais o inquietou e prometeu-lhe não revelar o seu nome**” (J. M. S. DAURIGNAC, *Santo Inácio de Loyola*, Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 1958, 4.^a ed., pp. 113-114 / *Pode imprimir-se*: Porto, 20-5-1958, Mons. Pereira Lopes, Vigário Geral).

296. Uma vitória difícil, alcançada com as armas da paciência e da oração, da generosidade no sacrifício e da energia da vontade

Os principais lances da prolongada luta que São Luís Gonzaga (1568-1591) travou para obter de seu pai licença para ingressar na Companhia de Jesus, narrados por um biógrafo do Santo:

“O marquês (de Castiglione, pai de São Luís) procurou por todos os meios induzir Luís a abandonar a vida grave, austera e mortificada, multiplicando para isso as distrações, alegrias e divertimentos públicos, que, na qualidade de governador, se via obrigado a dar com freqüência. [...]

Sem desobedecer ao pai, sabia evitar os teatros, as danças, e o trato com senhoras

“Era esta vida frívola, em todas as suas formas, a que se apresentava continuamente a Luís e para a qual o convidavam por vontade expressa do pai. **O menino contudo, sem desobedecer, sabia evitar semelhantes diversões.** Fugia dos teatros, danças, e sobretudo de se encontrar com senhoras, apesar destas virem a miúdo e em grande número a Casal para o verem e serem dele vistas. Se era obrigado a acompanhar sua mãe a algum destes passatempos, ia com ela até ao local da festa, e aí, à força de insistir, obtinha autorização para se separar, voltando só ao fim para a acompanhar. [...]

Falha a tentativa de, apresentando ao pai um fato consumado, forçar o seu consentimento

“Um dia em que andava de visita ao colégio dos Jesuítas em companhia de Rodolfo (seu irmão) e de alguns criados, de repente voltando-se para os companheiros, declarou-lhes com toda a seriedade e clareza que ficava ali, e que por isso podiam voltar para casa e prevenir o pai. O marquês, que então estava com um ataque de gota, enviou ao colégio o seu auditor, Salústio Petrocini, de Castiglione, com ordem terminante de trazer imediatamente o filho para casa. Este respondeu que valia mais que seu pai o deixasse já ficar ali, visto que mais tarde havia de ser da Companhia. Mas o margrave, vendo-se ofendido na sua honra por semelhante tentativa, ordenou-lhe que voltasse, obedecendo ele imediatamente.

“**Em seguida o marquês recorreu ao auxílio do Pe. Francisco (Frei Francisco Gonzaga, Franciscano e primo do Marquês de Castiglione).** Um dia representou-lhe quão incalculável vantagem seria para os vassalos terem por senhor a Luís, pedindo-lhe ao mesmo tempo que o aconselhasse a ficar no mundo para nele viver uma vida de piedade e de virtude. **O Padre, porém, negou-se energicamente a semelhante pretensão, respondendo que, nem como cristão, nem como religioso, se podia abalarçar a combater uma vocação tão manifesta.** Então limitou-se a pedir-lhe que ao menos o persuadissem a entrar em religião, só depois de voltar à Itália, o que não tardaria muito. Mas o santo religioso nem nisso consentiu, lembrando-se de que, quando na corte de Madrid tomou a resolução de se fazer religioso, os seus lhe fizeram também o mesmo pedido enganador, ao qual não deu ouvidos, tomando ainda em Espanha o hábito de São Francisco. Apenas condescendeu com o marquês, em manifestar a Luís o desejo do pai, sem contudo influir em nada na resolução ulterior. Com efeito, o Santo mostrou-se pronto para aceder

à vontade do pai, fazendo-lhe entretanto notar que, apesar de prever bem o que o esperava na Itália, contudo, com a graça de Deus, ninguém o poderia abalar da sua resolução. Deu-se então o marquês por satisfeito, persuadido de que quem ganha tempo, tudo lucra.

“Mas para Luís também não foi infrutuoso este combate. Seu pai ficou convencido que o negócio da vocação do filho estava absolutamente decidido e que para o realizar estava determinado a tudo; depois o próprio marquês deixara-lhe já entrever para mais tarde a licença de entrar na religião, o que equivalia a uma vitória.

Os pais não têm o direito de opor-se à vocação de seus filhos

“Há bem poucas questões em que tão a descoberto se ponham os pensamentos dos homens, como na de uma vocação religiosa. Logo que se manifesta um destes casos, Deus e o mundo tomam posição, para cada um falar a sua linguagem. **Os pais têm certamente o direito e o dever de examinar a vocação dos filhos, mas não de a impedir e impossibilitar.** Eles não estão menos sujeitos à vontade de Deus do que seus filhos, e nem a uns nem a outros é lícito resistir às ordens superiores da sua divina vontade, por mais difíceis de cumprir que elas sejam. **Os filhos não são um bem de que os pais possam dispor como propriedade, mas sim penhores confiados ao seu cuidado, que têm de restituir a Deus quando Ele os reclamar.** O marquês, que não era mau cristão, mas sim, um homem do mundo, preocupado somente com o engrandecimento de sua casa, estava por isso mesmo mal preparado para semelhante pedido da parte de Deus. Daqui a sua surpresa e relutância. Mas a oposição que fez ao filho, só serviu para revelar toda a firmeza do caráter deste, para fortificar e consolidar mais e mais a sua bem-aventurada resolução. São os embates da tempestade que robustecem o tronco do frágil arbusto. ‘Pensais que vim trazer a paz ao mundo? Declaro-vos que não vim trazer a paz, mas a separação! O pai será separado do filho!’ [...]”

Por ordem do pai, o Santo visita as cortes vizinhas de Castiglione, mas, ao contrário do que esperava o marquês, a viagem não o fez esquecer da vocação

“Luís estava de volta da viagem às cortes vizinhas; tendo então dezessete anos de idade, só ansiava por que seu pai o deixasse partir quanto antes (para a Companhia de Jesus). Mas o marquês não pensava assim. **Persistindo em crer que podia duvidar da seriedade real da resolução do filho** e vendo nela apenas um capricho juvenil concebido sem reflexão, **procurou novamente persuadi-lo**, mas desta vez **valendo-se do auxílio de outras pessoas.**

“Provavelmente para isto recorreu a Guilherme, duque de Mântua, que com efeito enviou um Bispo a Castiglione para o persuadir que, se queria ser eclesiástico, ao menos entrasse no clero secular, pois que a fortuna com que ficava e as dignidades que havia de alcançar, punham à sua disposição



SÃO LUIS GONZAGA (séc. XVI): "Meu pai, nas vossas mãos estou; podeis dispor de mim como quiserdes, mas sabeis que é Deus que me chama à Companhia, e que, opondo-se à minha vocação, resistis à vontade divina!" (ficha 296)

(São Luís Gonzaga; detalhe do quadro do Museu de História da Arte de Viena)

para a salvação das almas outros tantos meios eficazes, de que não disporia na religião; que Carlos Borromeu e outros fizeram certamente mais fruto do que muitos religiosos, e que o duque lhe prometia o seu auxílio para lhe procurar uma boa posição.

“Luís mandou-lhe agradecer a grande amizade que sempre lhe mostrara, e declarar-lhe ao mesmo tempo que, tendo escolhido a Companhia de Jesus exatamente por nela se renunciar às dignidades eclesiásticas, e não pretendendo na terra outro tesouro mais que Deus, entendia dever dispensar os bons serviços que a benevolência de sua Alteza punha à sua disposição.

Dois parentes intervêm, em vão, para afastá-lo de seu propósito

“A esta primeira tentação seguiram-se mais duas, que lhe vieram também da família.

“Uma, a de Afonso, príncipe de Castel Giuffredi, cujo feudo havia de recair no Santo, teve o mesmo resultado que a de Guilherme. A outra, talvez do Cardeal Vicente Gonzaga (1540-1591), do ramo dos Guastalla-Molfetta, procurava desviá-lo da Companhia, aconselhando-o a entrar antes nos Cartuxos ou nos Capuchinhos que não vivem, como os Jesuítas, no meio do mundo. Tal proposta provavelmente era inspirada na idéia de que nestas duas Ordens as dignidades eclesiásticas não são excluídas de antemão, ou na esperança de assim desviarem o Santo do estado religioso em geral, visto a sua saúde não poder suportar os seus rigores. Em todo o caso Luís respondeu que na Companhia viveria bastante separado do mundo, porque nela lhe é proibido pela regra aspirar às riquezas e honras.

Fracassam outras duas tentativas do marquês

“Outros dois Sacerdotes foram encarregados pelo marquês de fazerem nova tentativa. O arcepreste de Castiglione João Pastório, gozava ordinariamente de grande influência sobre o jovem príncipe; mas, quando por sua vez se apresentou a apoiar a causa do marquês, Luís defendeu-se tão bem, que a partir de então este adversário foi o seu mais dedicado defensor. Outro Sacerdote, Frei Francisco Panigarolo, pregador célebre, e mais tarde Bispo, não foi mais feliz com toda a sua eloquência. Tal resultado foi talvez devido a ter o religioso procedido, mais por espírito de condescendência para com o marquês, do que por convicção pessoal, e talvez também a não estar absolutamente interessado no bom resultado da empresa. Mais tarde dizia ele a um cardeal: ‘Tive de fazer com Luís o papel de advogado do diabo; cumpri com o que me disseram, mas Luís permaneceu firme’.

O pai o increpa, o ameaça, o castiga

“Depois de tantas tentativas sem resultado, resolveu o marquês dar um golpe decisivo. Um dia, em que novo ataque de gota o retivera ao leito, man-

dando chamar o filho à sua presença, perguntou-lhe que pensava agora acerca da sua vocação. Luís com todo o respeito e firmeza respondeu que não tinha mudado de parecer e que estava decidido a entrar na Companhia de Jesus. **O pai então, increpando-o com palavras violentas e ameaçadoras, ordenou-lhe que saísse.** O Santo interpretando estas palavras como uma ordem para se ausentar do palácio, disse ao criado que recolhesse o seu humilde mobiliário, cama e livros, e que lho levasse ao mosteiro de Santa Maria, situado junto dum pequeno lago artificial, nos arredores de Castiglione, ao lado da elegante casa de campo do marquês. [...]

“Foi nesta casa que Luís se estabeleceu, passando o tempo no coro da igreja dos franciscanos ou no seu aposento, orando e disciplinando-se várias vezes ao dia. Como o marquês estava num grande estado de agitação, ninguém se atreveu a comunicar-lhe a ausência do filho; mas, quando ao cabo de alguns dias, informando-se, teve notícia do que se passava, despeitado mandou-lhe dizer que voltasse imediatamente para casa, repreendendo-o com amargura pelo modo como desprezara as ordens que lhe dera e pela indignação em que o lançara. Luís respondeu com sossego e moderação que julgou que assim procedia conforme à sua vontade. **Depois de nova torrente de ameaças, mandou-lhe D. Fernando que se retirasse ao quarto. Para lá se dirigiu,** pedindo a Deus, entre copiosas lágrimas, que o não abandonasse em tão grave transe e que lhe desse forças e constância para cumprir com a sua santa vontade: em seguida **disciplinou-se duramente até ao sangue.**

Pela fresta da porta, o marquês vê o filho se flagelando, todo coberto de sangue...

“No entretanto acalmara um pouco o furor do pai. Os remorsos de consciência, o amor que tinha ao primogênito, o temor de o haver contristado e levado a extremos perigosos, restituíram-lhe de novo a tranqüilidade e a razão! E chamando o comandante do castelo que estava na ante-sala, mandou-lhe que fosse ver Luís.

“O comandante aproximou-se do quarto; mas, encontrando-o fechado, abriu com um punhal uma fenda na porta, e através dela pôde ver o Santo jovem de joelhos por terra, orando, debilhado em lágrimas e disciplinando as costas, cobertas já de sangue.

“À vista deste espetáculo o comandante ficou assombrado, correndo logo a declarar ao marquês com as lágrimas nos olhos, que certamente não se oporia à resolução do filho, se soubesse o que se estava passando. E como o marquês, atônito, lhe perguntasse o que era, respondeu que ninguém poderia presenciar sem lágrimas aquela cena, contando-lhe em seguida tudo o que vira.

“**O marquês ficou estupefato. E quando no dia seguinte à mesma hora, o vieram informar de que o Santo se entregava aos mesmos rigores, mandou que o transportassem na cadeira ao ante-quarto do filho, e pela fresta aberta na véspera, viu como ele orava, e se flagelava banhado em pranto.**

...e comovido, acaba dando um primeiro consentimento

“Espantado mandou bater e entrar; e aproximando-se com a esposa encontrou o sítio em que o filho estava de joelhos todo molhado de lágrimas e regado de sangue. **À vista deste espetáculo quebrou-se a dureza do pai, que ouvindo Luís repetir-lhe todos os dias o mesmo pedido, acabou finalmente por lhe dar o consentimento. [...]**

São Luís se dispõe a abdicar de seus direitos hereditários

“Tinham-se passado exatamente dois anos desde o dia em que o Santo teve conhecimento claro da vocação a que o Senhor o chamava, até à data da sua carta para o Pe. Geral.

“Agora tratava-se de proceder à abdicação, que o futuro religioso tinha de fazer relativamente ao principado temporal. Luís estava de antemão por todas as cláusulas que a seu pai aprovesse estipular. [...] Redigida a ata de abdicação neste sentido, foi depois revista por alguns juristas e pelo senado de Milão e finalmente submetida à aprovação do Imperador, visto os domínios em questão serem feudos imperiais. [...]

“A luta fôra rude, mas graças ao auxílio de Deus, saíra dela vitorioso. Conquistou cada palmo de terreno à força de sofrimentos e de combates, e só à custa de muita lágrima e sangue conseguiu que lhe abrissem as portas da liberdade. [...] Se conseguiu a realização dos seus desígnios, foi à custa de muito combater e de muito lutar com os seus adversários. Infelizmente, na primeira linha destes figuram os próprios parentes, a própria carne e o próprio sangue: e quanto mais natural é o laço, tanto mais difícil se torna quebrá-lo; quanto mais se estima o adversário, tanto mais dolorosa é a luta.

“Quando se trata de obter vantagens temporais, consente-se sem dificuldade na separação dos filhos; mas, se é o serviço de Deus que os reclama, julgam-nos perdidos para si e para toda a família; é então que começa a luta.

“A carne e o sangue não procuram a Deus nem o verdadeiro bem daqueles que pretendem amar; procuram-se a si mesmos. É a realização perfeita destas palavras do Senhor:

“ ‘Os piores inimigos do homem, são os que vivem com ele debaixo do mesmo teto’ (Mt. X, 36). [...]

O Imperador aprova o texto da abdicação.

**Mas antes da cerimônia de assinatura,
o pai faz novas tentativas**

“Neste meio tempo fôra ratificada a ata da abdicação, sendo também completamente inesperada para o Santo a vinda do margrave a Milão, onde lhe queria dar o último e mais sério assalto. Tendo sempre confiado em que o tempo e as circunstâncias o fariam mudar de idéias, o pai perguntou-lhe que

pensava agora dos seus antigos projetos. Luís respondeu que o seu parecer era o mesmo. Então **o marquês, depois de grandes queixas e censuras, declarou-lhe**, com grande sossego e tranqüilidade, **que**, não sendo ele, seu pai, mau cristão, não pretendia opor-se à vontade divina; mas, **que estava convencido de que aqui se tratava unicamente de uma resolução tomada pelo espírito irrefletido duma criança**, pois Deus não se contradiz, nem leva a atos tão contrários aos deveres para com os pais e aos interesses da sua própria glória. Fez-lhe também ver como com o seu caráter tão enérgico poderia facilmente sair triunfante dos perigos do mundo e das riquezas, e viver no século uma vida conforme com o espírito religioso; que se caminha com segurança no caminho do Céu, levando os inferiores com a palavra e com o exemplo aos destinos eternos; finalmente, representou-lhe a estima e consideração com que os vassallos o rodeavam, o ardente desejo que tinham de o ter por senhor e a grande autoridade de que dispunha entre todos os príncipes.

Depois dos argumentos, o pai prorrompe em lágrimas

“Em confirmação destas razões, referiu-se a Rodolfo que pela idade era ainda inábil para o governo, e pela violência e impetuosidade de caráter podia atrair sobre a família muitos desgostos. **Por fim, ajuntou, comovido, que devia ter para com o pai alguma consideração**; que se compadecesse dele, pois bem via o estado em que se encontrava, alquebrado pela doença e necessitado dum auxílio, que ninguém mais lhe podia dar; **finalmente, que a sua entrada na religião o havia de levar à sepultura. Depois disto o ancião calou-se, mergulhado numa torrente de lágrimas. Luís**, ouviu-o enternecido; e, agradecendo-lhe o amor e cuidado com que sempre o rodeara, **replicou que já tinha pesado bem todas estas razões; e que, se não fosse a persuasão de que Deus o chamava do mundo para a religião, nada lhe seria mais grato do que ceder aos desejos de seu pai**, a quem, depois de Deus devia tudo; mas, que estando convencido de que só Deus exigia dele este sacrifício, **confiava em que a Providência divina tudo disporia do melhor modo, cuidando da família em seu lugar**: que era isto o que se havia de esperar.

O marquês recorre a novos intermediários

“**O marquês** houve enfim de se convencer de que a resolução do filho era inabalável e de que só ela era a causa de tão tenaz resistência. Mas, **nem por isso abandonou as suas esperanças. Voltando-se então para os seculares e religiosos, pediu-lhes que procurassem persuadir a Luís** que tomar o governo do principado era trabalho de maior glória de Deus. Com efeito, não faltou quem, por diversas vezes e por todos os meios, procurasse inutilmente inspirar-lhe o temor dos sacrifícios e mortificações da vida religiosa; **todos depois, elogiando Luís e admirando a sua virtude, declaravam ao marquês que na verdade parecia ser a voz de Deus que o chamava à vida religiosa.**

**Submetido a rigoroso exame por um
jesuíta com reputação de santidade**

“Apesar de tão unânime parecer, quis ainda o marquês tentar novo recurso. Fazendo-se transportar numa cadeirinha ao colégio da Companhia, pediu para falar ao Pe. Aquiles Gagliardi, tido por toda a cidade numa grande reputação de santidade; logo que o religioso acudiu, declarou-lhe que colocava nas suas mãos o negócio da vocação de Luís, prometendo-lhe que se ajustaria ao seu parecer, contanto que empregasse todo o seu talento e boa vontade em lhe expor todas as razões que havia contra o seu projeto.

“O Padre aceitando, mandou chamar Luís e sujeitou-o na presença de D. Fernando ao mais pormenorizado exame, tendente a ver se procedia ou não por inspiração de Deus. Como Luís escolhera a Companhia de Jesus, o religioso apresentou-lhe uma a uma sucessivamente todas as dificuldades que um dia poderia encontrar nesta vocação, urgindo com ele tão vivamente, que o Santo, atônito, chegou a pensar que o Padre estava realmente convencido do que dizia. Ninguém ainda tinha levado o interrogatório tão longe como ele. Mas o Santo a tudo respondeu com motivos tirados da razão, da Escritura ou da teologia e de um modo tão claro e concludente, que o Padre terminou por lhe declarar que tinha razão, que as suas respostas o tinham satisfeito plenamente, sendo por isso de justiça que agora o deixassem cumprir com a vontade de Deus.

“Luís, respirando de alegria, saiu.

“Então o marquês declarou estar já convencido de que essa era a vontade de Deus, começando a expor o que fôra a vida de Luís desde os primeiros anos, e prometendo conceder-lhe a tão suspirada licença para entrar na religião. Dias depois, partia para Castiglione, acompanhado do filho.

“Deste modo, a permanência em Milão, ao princípio tão tranqüila e sossegada, veio também a acabar com duros e renhidos combates! Serão os últimos?! Venha em todo o caso o que vier, Luís é conseqüente consigo, claro nas suas afirmações, está seguro da voz de Deus, e por isso, resolvido a seguir a todo transe a sua vocação. [...]

**Não confiando na nova promessa do pai, São Luís
pensa em ingressar na Companhia sem licença paterna**

“Luís recebeu assim do pai mais uma garantia; mas, depois de tantas experiências, quem se atreverá a censurá-lo, se não confiava nela e se, prevendo novos combates, procurava confirmar-se na sua resolução? Primeiro que tudo, escreveu ao Padre Geral da Companhia, informando-o do estado em que atualmente estava o negócio da sua vocação; e, pedindo-lhe instruções para o caso em que seu pai levantasse novas dificuldades, perguntava-lhe ao mesmo tempo se podia partir sem licença, sendo já tão evidente que a sua vocação vinha de Deus. O Padre Geral declarou-lhe com sinais de grande sentimento e

compaixão, que, para glória de Deus e paz da Companhia, era melhor esperar o consentimento do pai. [...]

A mãe favorecia quanto podia a vocação

“A mãe, que de tudo tirava argumentos para alegar ao margrave em favor de Luís, dizia-lhe: ‘De que nos serve retê-lo por mais tempo em palácio? Depressa viremos a perdê-lo em consequência das suas mortificações. Se, pelo contrário, o deixarmos partir, os superiores acharão meio de lhe moderar os excessos e de lhe prolongar a vida’. [...]

Novas delongas do marquês exasperam o Santo, que apresenta ao pai um respeitoso mas taxativo ultimato

“Começava Luís a achar que se prolongava demasiado o tempo de espera; e como, por outro lado, via que o marquês não pensava em o deixar partir, aproveitou uma ocasião favorável para lhe lembrar o pedido e a promessa que lhe fizera. O pai respondeu que não tinha idéia de tal consentimento e que o não daria, enquanto ele não pensasse maduramente em tal assunto e não se restabelecesse e fortificasse, de modo que pudesse suportar as obrigações da vida religiosa, coisa que não se podia realizar antes dos 25 anos: que podia partir, se quisesse, mas debaixo da sua responsabilidade, e que nesse caso não mais o consideraria como filho. Ao ouvir resolução tão desleal, sentiu-se como que fulminado: mas, apesar disso, suplicou novamente ao pai que lhe desse o seu consentimento; tudo porém foi inútil: o pai negou-se persistentemente a aceder ao pedido.

“Nesta conjuntura, que faria o Santo, agora, que nem ao menos podia escrever ao Padre Geral? Depois de longa e fervorosa oração, resolveu diferir por mais um ou dois anos a sua entrada na Companhia, com estas condições: primeira, que durante este tempo poderia ir continuar os estudos em Roma, e em segundo lugar, que seu pai escreveria imediatamente ao Padre Geral uma carta, em que se comprometesse a deixá-lo partir no fim do dito tempo. Com estas condições, submeter-se-ia mais uma vez à sua vontade, esperando que o prazo se cumprisse: doutro modo não dilataria a viagem nem mais um dia, com receio de ofender a Deus por causa de seu pai. E que se a Companhia o não admitisse nestas circunstâncias, preferia andar fugitivo pela terra, do que resistir à voz da consciência.

O pai acaba por aceitar as condições

“Custou ao marquês submeter-se às condições; mas, receando exasperar o filho, acabou por aceitá-las. Em vista disto escreveu Luís imediatamente ao Padre Geral, informando-o do ponto a que tinha chegado a questão e das condições que pusera ao marquês, e juntava que lhe partia o coração ver mais uma vez diferidos os seus desejos; mas, que reconhecendo na sua voca-

ção à Companhia a maior graça que Deus lhe concedera, preferia mil vezes morrer do que ser-lhe infiel. Como em virtude da primeira condição, D. Fernando devia deixar partir o filho para Roma, tratava-se já de lhe arranjar casa nesta cidade. [...]

“Opondo-se à minha vocação, resiste à vontade divina”

“Durante todo este tempo redobrava o Santo as mortificações e austeridades para alcançar de Deus a sua libertação. Um dia, depois de quatro ou cinco horas de oração, sentiu de repente desejos de renovar mais uma vez o pedido ao marquês; e, reconhecendo neste pensamento uma inspiração do Espírito Santo, resolveu fazê-lo imediatamente. O pai estava novamente retido no leito pela gota. **Luís entrando no seu aposento, disse-lhe num tom, ao mesmo tempo cheio de respeito e firmeza: ‘Meu pai, nas suas mãos estou; pode dispor de mim como quiser, mas saiba que é Deus quem me chama à Companhia, e que, opondo-se à minha vocação, resiste à vontade divina!’** E sem esperar resposta, saiu.

O pai finalmente se dobra

“Estas breves palavras e a aparição solene do filho produziram efeito. O pai confessou que efetivamente tinha resistido demasiado aos seus desejos, e instigado outros à resistência: e, reconhecendo ao mesmo tempo no seu interior, que procedendo assim, não tinha obedecido ao impulso do ideal mais puro, caiu num grande temor e perturbação de consciência. Por outro lado, a perda de um tal filho amargurava-lhe o coração. Dominado pela dor e pela angústia, o esforçado guerreiro voltou-se para a parede, rompendo em lágrimas e soluços. Toda a família foi testemunha deste sentimento, cuja causa ignorava.

“Ao cabo dum instante, o marquês mandando chamar Luís, disse-lhe: ‘Meu filho, foi cruel a ferida que me fizeste. Amava-te e amo-te, porque o mereces e por ter posto em ti toda a minha esperança! Mas, **já que Deus te chama por outro caminho, não te quero reter por mais tempo.** Vai, pois, e sê feliz; assim o peço a Deus!’ E acabando de pronunciar estas palavras, rompeu em novo pranto de copiosas lágrimas, que ninguém podia consolar.

Foi uma vitória completa e gloriosa

“Luís, depois de lhe agradecer brevemente e num tom repassado de sentimento a licença que acabava de lhe dar, retirou-se imediatamente ao quarto, para não lhe aumentar a dor com a sua presença. Ali, prostrado de joelhos, dirigiu ao Senhor uma interminável ação de graças por lhe ter inspirado esta idéia, que via coroada de tão bons resultados, oferecendo-se depois a Ele sem reserva.

“Era o último combate. Finalmente ficou triunfante. Foi uma vitória completa e gloriosa, alcançada pelo Espírito de Deus, com as armas imaculadas da paciência e da oração, da generosidade no sacrifício e da energia da vontade” (Pe. M. MESCHLER SJ, *S. Luís Gonzaga*, Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 1953, pp. 62 a 64, 99 a 131 / *Pode imprimir-se*: Mons. Pereira Lopes, vig. ger., Porto, 11-5-1953).

297. Duras e terríveis foram as provas e investidas que sofreu

Relata o Pe. Nadal, da Companhia de Jesus, em sua obra *El Paraíso en la tierra*:

“O Padre Júlio César Recupito era filho único de mãe viúva, e tão afeiçoado a ele, que não pôde conseguir que esta lhe desse o consentimento para se tornar religioso, pelo que, por fim, um dia se escapou ocultamente e foi para Nápoles, onde ingressou no noviciado da Companhia de Jesus. A mãe estava a ponto de enlouquecer, ao ver que lhe faltava em casa o filho, e valendo-se de um criado, que se apoderou violentamente do noviço quando este se achava descuidado, conseguiu por fim vê-lo outra vez em sua presença e sob suas ordens.

“Ao ter notícia disso, o Núncio do Sumo Pontífice fez o jovem ir a seu palácio, e o confiou a um dos seus familiares, para que provasse sua vocação, posto que, segundo dizia sua mãe, seu filho tinha sido seduzido pelos Padres.

“Duras e terríveis foram as provas e investidas que sofreu o jovem no espaço de um mês, mas por fim lhe disse seu impugnador: ‘Tua vocação, meu filho, é de Deus; conserva-a, pois, constante. E se eu não me encontrasse numa idade avançada, também te seguiria’.

“ ‘Pois também a vossa, senhor, replicou o jovem, é uma vocação verdadeira; porque a uns o Senhor chama em meninos, e a outros na idade madura’. Aquele bom senhor seguiu este conselho; e quando um e outro saíam do palácio para o noviciado, dizia o Núncio ao noviço vitorioso: ‘Meu filho, vai-te logo para a casa de Deus, pois se aqui ficares muito tempo, levarás um por um a todos os de minha corte’ (Nadal, *El Paraíso en la tierra*, p. 119)” (Pe. RAMÓN J. DE MUÑANA SJ, *Verdad y Vida*, Editorial El Mensajero del Corazón de Jesús, Bilbao, 1951, 2.^a ed., t. V, pp. 77-78 / *Imprimatur*: Daniel, Episcopus Segoviensis, 30-6-1951).

298. “Os dois mais poderosos amores que possam existir — o amor de Deus e o amor de mãe — porfiavam em conquistar o coração da santa virgem”

De uma vida de Santa Margarida Maria Alacoque (1647-1690), escrita pelo Servo de Deus Padre André Beltrami († 1897):

Os parentes e a mãe insistiam com ela para que se casasse

“Outra luta, porém, bem mais terrível, teve que enfrentar. **Muitos jovens senhores ambicionavam a sua mão e os parentes insistiam para que ela se casasse. Sua mãe instava ainda mais**, porque esperava, assim, ir morar com ela e melhorar de sorte, pois ainda sofria muitas tribulações. E como Margarida, recordando o seu voto, se opusesse, sua mãe suplicava-lhe com lágrimas nos olhos que não a abandonasse, pois ainda carecia dos seus serviços e nela, unicamente, concentrava todas as suas esperanças e consolações.

“Assim é que **os dois mais poderosos amores que possam existir — o amor de Deus e o amor de mãe — porfiavam em conquistar o coração da santa virgem.**

“O demônio valia-se da ternura que eu dedicava à minha mãe”

“ ‘Meu Deus, exclama, só Vós fostes testemunha da longa duração e crueza da luta que experimentei. Sem um auxílio extraordinário da vossa misericórdia, teria certamente desfalecido. **O demônio valia-se da ternura e do amor que eu dedicava à minha mãe** e fazia-me ver constantemente as lágrimas que ela derramava, mostrando-me que, se eu me fizesse religiosa, ela morreria de aflição.

“Isto me causava um tormento insuportável, porque **ambas nos amávamos tão ternamente que não podíamos viver separadas uma da outra.** Por outro lado, o desejo de ser religiosa, unido ao horror com que eu detestava toda a sorte de impureza, não me davam tréguas.

Passaram-se três ou quatro anos nestas dúvidas atroz

“Era um martírio. Eu não podia descansar: desfazia-me em lágrimas e, não tendo pessoa alguma a quem revelar o meu estado, não sabia que resolução tomar’.

“Por fim, já a ternura materna começava a avvantajar-se. **Margarida pôs-se a examinar o voto que fizera. Era ainda muito pequenina, não lhe conhecia o valor e o alcance.** Pensava depois nas dificuldades da vida religiosa: **não poderia ela com facilidade conseguir a dispensa do seu voto, unir-se em matrimônio e satisfazer o desejo de sua mãe?**

“Entretanto a só palavra de casamento causava-lhe horror. **Passaram-se três ou quatro anos nestas dúvidas atroz**es e, aos vinte, renasceu-lhe o desejo de se fazer religiosa. Jesus e o mundo disputavam-lhe o coração. Ainda algumas lutas e depois o amor de Deus triunfará e reinará, soberano, na sua alma, tornando-a um serafim de amor. [...]

Nas vidas dos Santos, conforto e alento

“Lendo as vidas dos santos, Margarida sentia-se transportada pelo desejo de imitá-los e derramava copiosas lágrimas, ao recordar-se das vaidades que seguira.

“A beleza da humildade, da castidade e da obediência a arrebatavam de entusiasmo e a atraíam para o estado religioso, onde as poderia praticar sem dificuldade.

A mãe redobrava as lágrimas para comover a filha

“Entretanto aproximava-se a hora em que se ia travar a luta suprema entre o mundo e Deus, a mais terrível de quantas experimentara a Santa.

“Entrara-lhe a morte em casa e lhe arrebatara os dois irmãos mais velhos, ainda na flor da idade, quando davam de si as mais belas esperanças. Para Margarida foi esta uma admoestação a mostrar-lhe quão transitórias são as coisas da terra e como murcham depressa as flores do mundo. A família reduziu-se-lhe à mãe e dois irmãos: Crisóstomo que já conhecemos e Tiago, que se encaminhava para a vida religiosa. Crisóstomo, a convite de sua mãe, assumira em janeiro de 1666 a administração do patrimônio da família e casara-se com uma boa senhora. A nossa Santa era a única que ficava sem colocação.

“Deveria ela abraçar o estado religioso, ou, segundo o desejo da família, unir-se em matrimônio?

“A mãe redobrava as lágrimas para comover a filha; Crisóstomo, como chefe da família e tutor de Margarida, declarava que já era tempo de tomar uma decisão e Tiago lhe oferecia metade do patrimônio, para aumentar-lhe o dote e abrir-lhe o caminho a uma posição honrosa.

**“Eu já não podia resistir às perseguições
que me faziam os meus parentes”**

“O assalto foi tão violento que a Santa virgem esteve a pique de sucumbir e abandonar o Esposo Divino, preferindo-Lhe um terreno.

“Eu já não podia resistir, diz ela, às perseguições que me faziam os meus parentes, nem às lágrimas de uma mãe que ternamente me amava”.

“O demônio, por seu lado, me dizia constantemente: ‘Pobre desgraçada, que pensas tu fazer, tornando-te religiosa? Serás o ridículo de toda a vila, porque não perseverarás e qual não será a tua confusão, se abandonares depois o hábito de monja e saíres do convento?’

“Abalada por estas sugestões do espírito da mentira, Margarida começava a ir ao encontro do desejo de sua mãe; mas só a idéia do matrimônio fazia-a prorromper em pranto e causava-lhe indizível horror.

Veio Jesus em seu auxílio: “Se deres a preferência a outro, Eu te abandonarei”

“Enquanto se sentia assim atormentada por aquela dúvida angustiosa, **veio Jesus em seu auxílio**. Um dia depois da Santa Comunhão lhe demonstrou que, sendo Ele o Esposo das almas virgens, ser-lhe-ia o mais belo, rico, poderoso e perfeito de todos os esposos e que, dada a promessa que lhe fizera, não poderia escolher nenhum outro.

“**‘Previno-te, disse-lhe, que se deres a preferência a outro, Eu te abandonarei; mas, se fores fiel, Eu estarei sempre ao teu lado e te farei triunfar de todos os teus inimigos. Perdôo-te a ignorância, porque ainda não Me conheces, mas se Me fores fiel esposa, Eu te patentearei os tesouros inefáveis do meu amor’.**

Renovou naquele mesmo instante o voto de castidade e prometeu ser fiel até à morte

“Estas palavras que revelam a majestade, a ternura, e, ao mesmo tempo, a indignação do amor desprezado, abalaram profundamente o coração de Margarida e o conquistaram todo inteiro. **Renovou naquele mesmo instante o voto de castidade e, entre lágrimas e soluços, prometeu ser fiel até à morte e superar qualquer obstáculo que se lhe deparasse.**

“Apenas voltou à casa paterna, notificou a todos os seus, em tom resolutivo que não admitia réplica, o voto que outrora fizera e pouco antes renovara. Pediu-lhes que rejeitassem todas as propostas, por mais vantajosas e honrosas que fossem.

“O divino Amor, triunfou sobre o amor humano, depois de uma encarniçada luta de muitos anos. Entoai, Anjos e Santos o hino da vitória! [...]

Ainda por três anos, firme como um rochedo, teve que repelir os assaltos da família

“Depois daquela manhã memorável, em que renovou a promessa de desposar-se com o Rei do Céu, Margarida **teve que ficar ainda três anos no mundo**, porque o dote ainda não estava preparado e **a família, hesitante, queria temporizar. A santa jovem, porém, manteve-se no seu propósito, firme como um rochedo, e repeliu corajosamente todos os assaltos.**

“É inconcebível que uma família tão inclinada à piedade, tão fervorosa na prática da religião, opusesse tantos obstáculos à vocação da filha, que parecia pertencer mais ao Céu do que à terra e era ornada das mais belas flores de santidade. Mas, **em assuntos de vocação, os parentes, ainda os mais piedosos, convertem-se em inimigos e, por interesses temporais e mesquinhos, sacrificam os bens eternos do Céu e desviam os seus filhos do serviço de Deus.**

“Julgando que as distrações de uma alegre cidade pudessem mudar as

idéias da jovem, mandaram-na a Mâcon, para a casa de um tio, que exercia o cargo de notário da Corte. A filha deste, dotada de costumes angélicos, dera adeus ao mundo e fizera-se Ursulina, edificando a todo o mosteiro com a sua eminente piedade.

“Apenas esta conversou com a prima Margarida, fez todo o possível para induzi-la a vestir o hábito das Ursulinas e o tio também insistiu muito nesse sentido. Mas a nossa Santa queria fazer-se religiosa unicamente por amor de Deus e não por considerações humanas; queria escolher um convento onde não tivesse parentes, nem conhecidos, a fim de ficar assim livre, para mais livremente concentrar ao Céu todos os seus pensamentos e afetos.

**Muitas pessoas autorizadas
repetiam-lhe os mesmos argumentos**

“Enquanto assim lutava contra seu tio e sua prima, chegou Crisóstomo, chamando-a à casa, onde a mãe caíra gravemente enferma. **O irmão aproveitou a ocasião para renovar o assalto, tocando-lhe a fibra mais delicada — a da ternura filial — e procurando convencê-la de que a mãe não podia viver sem ela e que deveria dar contas a Deus pela sua morte.**

“Muitas pessoas autorizadas repetiam-lhe aqueles mesmos argumentos, que deixavam a pobre Margarida cheia de angústias. **Consagrava imenso amor à sua progenitora e por ela sacrificaria mil vezes a sua própria vida.**

**Voltou a paz ao seu espírito, uma
força nova reanimou-lhe o coração**

“Abalada tão fortemente pela voz da consciência e do amor filial, prostrou-se aos pés do crucifixo, chorou amargamente e suplicou-lhe viesse em seu auxílio e lhe concedesse a graça de cumprir a promessa que fizera de entrar em religião.

“Voltou a paz ao seu espírito; uma força nova reanimou-lhe o coração e no mesmo instante sentiu nascer em si a atração para o claustro. Lá satisfaria o seu insaciável desejo de penitência e da Santa Comunhão, que a família poucas vezes lhe permitia receber” (Pe. ANDRÉ BELTRAMI, *Santa Margarida Maria Alacoque*, Escolas profissionais do Liceu Coração de Jesus, São Paulo, 1932, 2.^a ed., pp. 37 a 39, 41 a 43, 45 a 47 / *Imprima-se*: S. Paulo, 14-10-1923, Mons. Dr. Emilio Teixeira, Vigário Geral).

**299. Diziam que suas faculdades
mentais se tinham ressentido...**

De uma biografia de São João Batista de la Salle (1651-1719), fundador do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs:

“O propósito de abraçar o estado de pobreza evangélica, em que meditava São João Batista de la Salle, tornou-se prontamente do domínio público, e não houve censura de que não fosse alvo por parte de seus parentes e chegados.

“Julgavam uns que suas faculdades mentais se tinham ressentido em consequência de suas exaltações místicas; outros diziam que aquilo era um capricho proveniente do desejo de sobressair, e os que mais pareciam interessar-se por ele não cessavam de mostrar-lhe que sua renúncia à dignidade de Cônego seria um desdouro para a família e ofenderia ao Cabido.

“Acrecentava que qualquer acidente imprevisto podia levá-lo à miséria, pois suas fundações de escolas não eram mais do que uma quimera, que o menor sopro desvaneceria, e que, sem bens nem benefícios, logo perderia o crédito necessário para sustentá-las.

“Essas considerações, longe de dobrar seus propósitos, pareciam afirmá-los mais. Certo dia em que um de seus amigos o pressionava mais sobre este ponto, respondeu com a sua costumeira mansidão, mas com o tom da mais inquebrantável resolução:

“— O pior que me pode suceder é que tenha que pedir esmola; pedi-la-ei, então, se Deus dispuser assim” (Pe. FRANCISCO GARZÓN SJ, *San Juan Bautista de la Salle*, Apostolado de la Prensa, Madrid, 1947, 4.^a ed., pp. 42-43 / *Imprímase*: Casimiro, Obispo Aux. y Vic. Gen., 6-3-1947).

300. “Morra um de nós dois... Não quero ver-te mais!”

De uma biografia do Doutor da Igreja, Santo Afonso Maria de Ligório (1696-1787):

“A 28 de agosto de 1723, a corte estava de gala. Duques e príncipes ostentavam seus mais ricos e reluzentes adornos. Celebrava-se a festa da imperatriz Isabel, esposa de Carlos VI. Dom José (pai de Santo Afonso) convidou seu filho para a cerimônia do beija-mão.

“— Meu pai — respondeu Afonso — que quer que eu faça neste mundo, onde tudo é vaidade?

“— Pois bem — gritou colérico dom José — faze o que quiseses, e vai aonde te aprouver.

“— Acalme-se, meu pai; eu irei com o senhor.

“— Vai aonde quiseses, já te disse... e, com um gesto de desdém retirou-se.

“Abandona o mundo, entrega-te a Mim...”

“Tomando o seu carro, dirigiu-se, não à corte, mas a Marianela, sua casa de campo. Afonso, entretanto, perplexo, dizia consigo: Se resisto ao pai, causo-lhe desgosto; se a ele atendo, temo ofender a Deus. Que fazer?...

“Acabrunhado pela inquietação e incerteza, dirigiu seus passos para o hospital dos incuráveis. Todo ocupado em lavar feridas e curar misérias, sentiu-se

de repente envolvido por uma luz vivíssima. Todo o edifício parecia estremecer. E ouviu uma voz muito distinta:

“— Abandona o mundo... Entrega-te a Mim...

“Aquilo impressionou-o. Não seria a resposta às suas dúvidas? Prosseguiu, todavia, zelando dos doentes, como se nada acontecera. Terminada a sua caridosa visita, desceu a escadaria do hospital, de volta para casa, quando de novo o deslumbrou o misterioso esplendor acompanhado daquela mesma exortação:

“— Abandona o mundo... Entrega-te a Mim...

“Não pôde caminhar. As lágrimas brotaram-lhe abundantes dos olhos.

“— Senhor — exclamou — demasiado Vos resisti. Eis-me aqui... Fazei de mim o que Vos aprouver...

“Com o coração a transbordar de emoção, dirigiu-se à igreja de Nossa Senhora das Mercês. Prostrou-se diante da imagem de Maria, e ali, pela terceira vez, ouviu a voz do Céu:

“— Abandona o mundo... Entrega-te a Mim...

Ao sair da igreja, era como se tivesse renascido

“Nesse instante renovou Afonso o propósito de deixar tudo para consagrar-se a Deus e, como penhor de fidelidade, ergueu-se, descingiu sua espada de cavaleiro e colocou-a sobre o altar de sua Mãe, a Senhora das Mercês. Ao sair da igreja, era como se tivesse renascido. Encaminhou-se para casa de seu diretor espiritual, o Padre Pagano, contou-lhe o sucedido e manifestou-lhe a resolução irrevogável de abandonar logo o mundo.

“— Filho — aconselhou o Padre — isto não é negócio que se resolva num dia. É preciso refletir. Dentro de um ano, veremos o que convém fazer. **Apenas entrou Afonso em seu aposento, apresentou-se-lhe dom José. Falou demoradamente. As palavras ‘abandono, fortuna, carreira, glória, renome de família, casamento brilhante’, saíram-lhe atropeladamente dos lábios. Afonso, com o coração apertado pela dor quase desesperada do pai, respondeu:**

“— pai, não posso ir contra Deus... Contra Deus... não posso.

“Dom José enfureceu-se, e batendo violentamente a porta, saiu gritando:

“— Morra um de nós dois... Não quero ver-te mais.

“Afonso compreendeu que era inútil ocultar por mais tempo a verdade. A continuar assim, o único que conseguia era prolongar as torturas do idolatrado pai. Seguiu-o, pois, e, entrando resolutamente em seu aposento, começou dizendo:

“— Meu pai, vejo-vos triste por minha causa; mas devo declarar-vos que não pertenço mais ao mundo. Deus quer que me retire dele... Não me leveis a mal... pai, dai-me a vossa bênção.

Até um célebre religioso tentou demover o Santo de sua vocação, mas não o conseguiu

“Num instante viu dom José desmoronarem-se todos os cálculos e ilusões de sua vida. Não agüentava mais. Escureceram-se-lhe os olhos e, sem articular uma palavra, retirou-se; mas não se deu por vencido. [...]

“Tomou o carro e foi visitar poderosos seculares e distintos Sacerdotes, amigos de Afonso. Alguns prometeram-lhe que tentariam dissuadir o advogado de sua apressada resolução.

“Até um célebre religioso pôs a serviço de dom José sua influência e seu renome. O Comandante voltou para casa cheio de esperanças. Curto, porém, muito curto foi o seu gozo. A todos os argumentos, fossem lá de quem fossem, Afonso respondia:

“— Deus me chama... Não posso resistir-lhe...

Embora houvesse consentido, durante um ano não quis ver o filho

“Aquele que triunfara do filho, acabava de triunfar também do pai. Dom José cedia, mas com uma condição: Afonso não iria para nenhum convento; continuaria vivendo com sua família. Afonso, por sua vez, dirigido pelo padre Pagano, cedeu.

“A 27 de outubro de 1723, o herdeiro dos Ligórios trocava suas luxuosas vestes de nobre cavaleiro pela humilde veste clerical. O pai, embora houvesse consentido, durante um ano inteiro, não quis ver o filho. Se, às vezes, o encontrava em seu caminho, soltava gemidos de dor e afastava-se.

“Anos mais tarde, ao passar diante de uma igreja, ouviu a voz do pregador. Crendo ser a voz do filho, entrou, e, oculto no meio da multidão, sentiu-se pouco a pouco comovido por aquela palavra insinuante e impregnada de sobrenatural unção. Ali mesmo inclinou sua fronte altiva e chorou. Quando Afonso, naquela tarde, voltou para casa, encontrou-se na porta com dom José que o esperava.

“— Filho... meu filho — disse-lhe o ancião abraçando-o com ternura — meu filho, ensinaste-me a conhecer a Deus... Graças pela vocação que te deu. Deus te abençõe! [...]

Mais tarde, quando o Santo quis afastar-se da família para fundar uma nova Congregação, a maior provação de sua vida

“Conformado com a vocação do filho, consentia que este no começo morasse em casa. Quando Afonso resolveu ir morar com o Padre Ripa, dom José resignou-se. Ainda ficava perto, podia vê-lo amiúde, ouvir-lhe as prédicas e confessar-se com ele. Os êxitos apostólicos do filho eram um bálsamo

para o coração do pai. Dava até graças a Deus, que escolhera o primogênito para instrumento de sua glória. **Um dia, porém, chegou-lhe aos ouvidos um rumor**, que, aos poucos, se confirmou... e de que maneira! **O filho, o bendito filho, enlouquecera... é agora um orgulhoso, que não aceita conselhos e está tratando nada menos que meter-se a fundador**. Tudo isso por causa de visões de uma religiosa aluada. **A punhalada no peito paterno foi terrível, mas a verdade acabou por vencer** e dissipar aquelas nuvens. Pessoas respeitabilíssimas mostraram ao ancião, ponto por ponto, a maldade e a falsidade das acusações. Dom José não sabia como dar graças a Deus.

“Não obstante tudo isso, um fato ficara de pé. Afonso afastava-se da família, retirava-se de Nápoles para fundar uma Congregação. À angústia, à incerteza anterior, sucedia agora, no coração apaixonado do pai, uma tormenta terrível. Não tornaria a ver Afonso. [...] **Dom José chorava na solidão de seu escritório. Embora conformado, chorava.**

“**É certo que vais abandonar teu velho pai?**”

“Naquela tarde, ao ver entrar o missionário, que vinha descansar, dom José o seguiu. Penetrou no dormitório e, abraçando-o com extrema ternura, disse:

“— Afonso, meu filho, é certo que vais abandonar teu velho pai? É certo, meu filho?

“Afonso compreendeu que chegara a hora da luta suprema. Confessou mais tarde que esta fora a maior provação da vida. Aquelas sentidas palavras: filho!... meu filho!... eram punhaladas no meu coração.

“— Sim, meu pai, — ocultando o rosto e as lágrimas entre os braços do pai — sim, Deus o quer.

“Este ‘sim’ foi um golpe para o coração paterno. Não repreendeu o filho como anteriormente o fizera. Afonso era um santo, que ele venerava; mas seu coração parecia esmagado, porque ia perder seu filho mais querido, o filho de todas as suas esperanças. Abraçou-o com loucura e no meio dos mais apaixonados soluços repetia:

“— Afonso, meu filho, por que abandonas teu velho pai? Filho... não me causes esse tormento... Afonso... Afonso...

“Três horas durou esse abraço... essa agonia mortal. Aos prantos e queixas do pai, respondia o filho a soluçar:

“— Meu pai... Deus o quer... não posso resistir a Deus...

**Temendo que se repetisse aquela luta de morte,
deixou a casa paterna sem se despedir**

“Dom José abatido, vencido, deixou o filho. Afonso, haurindo forças de sua fraqueza, deixou a casa paterna sem se despedir, sem olhar para trás, temendo que se repetisse aquela luta de morte.

“Encerrada a missão, afastou-se de Nápoles secretamente. Contava então 36 anos de idade e 6 de sacerdócio” (Pe. JOSÉ MONTES CSSR, *Afonso Maria de Ligório, o Cavaleiro de Deus*, Vozes, Petrópolis, 1962, pp. 24 a 26, 28, 37-38 / *Imprimi potest*: Pe. José Ribolla CSSR, Superior Provincial, São Paulo, 2-8-1961).

**301. Um pai piedoso e até fervoroso,
que entretanto não se mostrou à altura
do sacrifício que Deus lhe pedia**

De uma vida de São Pedro Julião Eymard (1811-1868), escrita por um Sacramentino:

**O pai, embora cristão fervoroso, recusa-se a
consentir na vocação sacerdotal do filho**

“Conhecedor dos sentimentos cristãos de seus pais e não duvidando de seu consentimento, **Pedro Julião não hesitou em revelar-lhes seu santo desejo, mas infelizmente — ó cruel decepção! — as primeiras confidências não surtiram o efeito esperado.**

“Embora fosse bom cristão, tanto na crença quanto na prática, **embora membro fervoroso da Confraria dos Penitentes do SS. Sacramento**, e como tal jamais descursasse seus deveres de piedade, o sr. Eymard não soube elevar-se — é forçoso dizê-lo — **à altura do sacrifício que Deus lhe pedia.**

“ ‘Depois de ter perdido tantos filhos, — dizia consigo — hei de sacrificar ainda este último rebento?’ Não, era demais. E não quis escutar coisa alguma, quando o filho lhe suplicava licença para começar os estudos de latim.

“Contava então o menino doze anos completos. Frequentando, desde pequenino, com o catecismo, a escola pública local, aprendera leitura, ortografia, aritmética, um pouco de história e geografia. Isso constituía aos olhos do pai, suficiente bagagem de conhecimento para um futuro pequeno comerciante. Acaba pois de retirá-lo da escola e o ocupava o dia inteiro junto a si. [...]

Cada dia que passava, tornava mais grave o seu estado

“Sim, infelizmente se tornava grande: dezesseis anos dentro em pouco, sem ter ainda começado os estudos regulares para a carreira eclesiástica. Cada dia que se passava, tornava mais grave o seu estado: era já o tempo de tomar uma decisão enérgica, para defender a vocação. Munindo-se de toda a sua coragem, após fervorosas orações especialmente à sua boa Mãe do Laus, **declarou ao pai, com respeitosa firmeza, que a todo custo queria ser Padre** e que já estudava latim havia três anos. Vinha pedir-lhe agora a licença para entrar no colégio de La Mure. Seu pai fez ouvido de mercador, como se

costuma dizer, e alegou o pretexto de sua impossibilidade em sustentar as despesas com os estudos.

“Fui desprezado, e muitíssimas vezes humilhado”

“Diante desta nova repulsa, o jovem não hesitou em recorrer a um meio verdadeiramente heróico. Soubera que aquele colégio, por um contrato firmado com o governo municipal, devia dar instrução gratuita a três moços pobres. Logo tomou providências para ser admitido como um deles e, graças ao interesse de pessoas caridosas, obteve o lugar. Por seu lado, o sr. Eymard, embora ferido em seu amor próprio, pois não pertencia à classe dos pobres, achou prudente dar o seu consentimento, para não desgostar os protetores do filho. E decerto as súplicas de sua esposa e de sua filha, também não foram estranhas a esta sua determinação. Pedro Julião entrou assim no colégio. Pôs-se ao trabalho com novo ardor e, embora estivesse atrasado quanto ao programa dos cursos regulares, um ano lhe bastou para alcançar os condiscípulos. Mas... a preço de quantos sofrimentos!

“ ‘Eu sei quanto me custou — dizia já no fim da vida. — Fui desprezado e muitíssimas vezes humilhado. O Reitor fez pagar cem vezes mais os meses de estudo. Em lugar de deixar-me participar do recreio, obrigava-me a acender o fogo, varrer seu quarto e o escritório, e fazer mil outras coisas, que muito bem me lembravam ser eu um dos três pobres. Ah! Posso assegurar-vos que, na verdade, não sei o que sejam prêmios e atestados de louvor!’ [...]”

“O afeto para com seu pai não podia fazer-lhe esquecer a palavra do Divino Mestre”

“No fim do ano letivo, o sr. Eymard soube desforrar-se, manobrando tão bem que negaram a seu filho o lugar gratuito no Colégio.

“E eis, de novo, o pobre Julião na luta: luta bem dolorosa para o seu terno coração. Entretanto o afeto para com seu pai não podia fazer-lhe esquecer a palavra do Divino Mestre: ‘Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim’.

“Permaneceu firme, apesar das rudes censuras do vice-pároco de La Mure, que o pai de Julião ganhara para sua causa. Disse-lhe um dia o vice-pároco: ‘Julião, tu és um orgulhoso. Queres ser padre, contra a vontade de teu pai e sem saberes se tens vocação. És um orgulhoso, compreendes?’ — ‘Padre — respondeu cândidamente o jovem — todos os outros Padres não têm também pai e mãe? Será então pecado ser Padre?’ O vice-pároco calou-se e desistiu de suas objurgatórias.

“Assim Julião defendia sua própria causa, jamais faltando porém ao respeito e à modéstia que todos admiravam. Sabia que estava cumprindo a vontade de Deus, por isto estava certo de que Deus o não abandonaria. [...]”

Um auxílio inesperado que se revela uma rude provação

“Não tardou em aparecer o novo auxílio esperado. O Capelão de um piedoso abrigo de Grenoble desejava encontrar um estudante que lhe servisse de sacristão e um pouco também de empregado. Em troca, conservando-o consigo, dar-lhe-ia algumas lições.

“Apenas o soube, correu Julião a oferecer-se ao sacerdote, e este, contente por haver encontrado o rapaz que desejava, tanto fez e tanto arrazoou, que o sr. Eymard, a fim de se ver livre daquela insistência, deu ao filho licença de aceitar. O jovem contava nesta época dezessete anos.

“Uma rude prova, porém, o esperava. **O piedoso lugar nada mais era do que o manicômio de São Roberto. Eram ali recolhidos, além dos doentes mentais, os desgraçados de um e de outro sexo, vítimas das mais vergonhosas doenças.** O pavilhão das mulheres — circunstância ainda mais grave — estava anexo à casa do Capelão. A tal desilusão juntou-se outra ainda mais amarga para o nosso estudante: **o Capelão não tinha para com ele consideração alguma. Exigia todos os serviços do mais humilde empregado e só, de raro em raro, lhe dava alguma lição de latim.**

“Compreendeu Pedro Julião ter sido indignamente ludibriado em sua boa fé e, se não voltou logo à terra natal, foi tão só pelo receio de expor-se a novas insistências e vexames da parte de seu pai. [...]

“Quatro ou cinco meses depois, Deus libertou-o daquela tortura”

“Sofria ele, não só por causa do isolamento tão penoso a seu coração, mas também pelo abandono completo em que o deixava o Capelão, ocupado em outros misteres, fora do recolhimento. Este nem pensava sequer no grande perigo a que Julião se achava exposto: com efeito, a escada de seu apartamento descia diretamente ao pavilhão das mulheres.

“O espetáculo destas criaturas degradadas, suas atitudes, e o que de suas conversas lhe chegava aos ouvidos, ofendiam profundamente a dignidade e a modéstia do casto rapaz. [...]

“**Deus velava carinhosamente pelo seu Servo, e quatro ou cinco meses depois, libertou-o daquela tortura, embora a preço de uma grande dor e de uma cruel provação.**

Na morte da mãe, uma nova arma para o pai fazer guerra à sua vocação

“Certo dia, ao atravessar ele o pátio com um cesto ao braço, o diretor o fez parar e, julgando que já soubesse da notícia, disse-lhe sem mais preâmbulos: ‘Então, meu pobre filho, faleceu tua mãe!’ Que golpe lancinante para o coração de Julião! Largando ali mesmo o cesto, correu como fora de si, até a capela, onde se prostrou diante da imagem de Maria. ‘De hoje em

diante sede minha mãe de modo especial — exclamou chorando. Uma graça, porém, eu vos peço: a de ser um dia Sacerdote!’

“Partiu imediatamente para sua terra natal, mas não teve a triste satisfação de dar a sua mãe nem sequer o último beijo: já repousava no cemitério (agosto de 1828).

“A morte repentina de sua carinhosa mãe foi para Julião motivo de lutas ainda mais sensíveis e dolorosas. Contou certa vez a um confidente: **‘Meu pai encontrou neste acontecimento nova arma de guerra contra minha vocação. Nada, porém, pôde abalar a resolução que eu havia jurado manter quando pela primeira vez, estreitei contra meu peito o Deus da Eucaristia.**

“Em La Mure pregavam-se naquela ocasião os Exercícios Espirituais e meu pai, tendo procurado o Superior, conseguiu predispor-lo a seu favor contra mim. Chegando, assim, a minha vez de confessar-me, o missionário me disse que, sendo eu ainda moço, minha vocação não estava bem definida e devia, portanto, antes de mais nada, obedecer a meu pai etc. Eu, porém, tinha percebido tudo. Meu pai confessara-se pouco antes de mim. — Foi meu pai que vos sugeriu fazer-me essas oposições — disse eu ao missionário. Ele riu-se e não me tocou mais no assunto.

O Santo consegue afinal encontrar um protetor seguro

“A provação, entretanto, estava para terminar. A Boa mãe de Laus, que Julião, naquele ano, visitara novamente, estava para atender às orações e aos ardentes desejos de seu filho predileto.

“Em maio de 1829, os **Padres Oblatos de Maria Imaculada**, fundação feita em Marselha pelo Pe. de Mazenod, estiveram em La Mure pregando um retiro. O santo jovem seguiu fervorosamente todos os exercícios e no último dia resolveu abrir sua alma ao Superior, Pe. Guibert, o mesmo que seria, mais tarde, Cardeal-Arcebispo de Paris. Contou-lhe a dolorosa história de sua vocação e pediu-lhe amparo. O Pe. Guibert era um espírito muito elevado para não aceder a semelhante desejo. Propondo-lhe entrar para os Oblatos, garantiu que lhe obteria ele mesmo a permissão do pai e dos Superiores.

“A causa estava ganha!”

“Terminadas as pregações, apresentou-se, de fato, ao sr. Eymard, que o recebeu com toda a afabilidade. Falaram do retiro e o cuteleiro, que como bom cristão, também o seguira, externou suas impressões. A palestra desenvolvia-se tranqüila e cordial. Apenas, porém, se tocou na tremenda questão, mudou completamente o tom da conversa. O pai de Julião debateu-se com ardor, e apresentou as mil razões de sua recusa. O bom missionário, todavia, encontrava sempre uma resposta a cada argumento, e de outra parte, também a voz da consciência começava a fazer-se sentir. Percebendo enfim que, apesar de seus esforços, o filho estava por lhe fugir, o pobre homem desatou a chorar. **A causa estava ganha!**

“Toda a família imergiu-se em profunda tristeza. O próprio Julião, profundamente comovido com aquelas lágrimas, tinha o coração apertado. Mas o desejo de responder ao apelo divino era grande demais para que pudesse ser sufocado. Partiu imediatamente. Passou alguns dias no Santuário de Nossa Senhora de Laus, onde os Oblatos possuíam uma Casa, e quinze dias depois, entrava no noviciado de Marselha. [...]

“Muitos anos mais tarde, relatava ao Pe. Tesnières: ‘Eu trabalhava por quatro. Não só não perdia um minuto sequer do tempo dos estudos e das aulas, mas copiava os trechos mais difíceis dos autores, especialmente de Tácito, e, durante os recreios, afastando-me dos companheiros, quebrava a cabeça para decifrá-los. Hoje reconheço quanto foi imprudente, este excesso’. [...]

Esgotamento, doença, agonia

“**Ao cabo de cinco meses, esta intensa aplicação intelectual, unida a uma extrema assiduidade a todos os exercícios do noviciado, a uma excessiva tensão no recolhimento e a numerosas mortificações, comprometeu gravemente a saúde do Irmão Luiz Gonzaga** (nome religioso que adotara ao entrar no noviciado).

“Começou por sentir dores de cabeça, depois de estômago, e **após algumas semanas, estava reduzido a um estado de extremo esgotamento**. Neste estado, afrontou o inverno de Marselha, caracterizado pelas repentinas mudanças de temperatura. O peito ressentiu-se e **um médico, acreditando curá-lo, completou o trabalho iniciado pela doença, sangrando-o por duas vezes. Fez depois pressão junto aos Superiores para que o reenviassem quanto antes para morrer junto da família**.

“‘Em uma linda manhã, — narrou o Beato — puseram-me em uma diligência, deixando a meu pai a obrigação de pagar a viagem, e atraindo deste modo sobre mim novas tempestades’. [...]

“**A viagem em diligência, durante a estação invernosa, agravou a enfermidade**. Chegado a La Mure, Pedro Julião teve de ir para a cama e, **alguns dias depois, seu estado era simplesmente desesperador**. [...]

“**Uma Missa somente, e depois morrer!**”

“Uma crise violenta... a agonia! Rápida como um raio, a notícia circulou pela cidade: os sinos convidaram os fiéis à bênção pelos agonizantes, aquela bênção do S.S. Sacramento à qual tantas vezes a falecida mãe levava Julião ainda pequenino. Estava tudo acabado! **Ele morria, sem ter atingido seu fim desejado: a santa unção do Sacerdócio**. Os circunstantes, movidos de compaixão, o comentavam entre si, em torno do leito do moribundo, que julgavam já sem sentidos. Ele, ao contrário, escutava tudo e do fundo do coração, como escreveu mais tarde à irmã, suplicava ao Senhor: ‘**Oh! concedei-me a alegria de celebrar ao menos uma Missa, uma Missa somente e depois morrer!**’

“Deus escutou aquela oração: **cedeu a crise e o doente salvou-se**. [...]

Restabelecido o Santo, morre-lhe santamente o pai, mas foi pagar num duro purgatório a oposição que fizera à vocação do filho

“O jovem clérigo apenas sarara, e seu pai caiu gravemente enfermo. Apesar de todos os cuidados do filho e das filhas, entregava sua alma nas mãos do Senhor, a 3 de março de 1831, com a idade de 65 anos.

“**‘Durante a doença — recordava o Beato — meu pai não falou jamais contra a minha vocação, e morreu santamente em meus braços’.** A graça triunfara por fim de sua resistência, mas o Pe. Eymard revelou a alguns íntimos que um duro purgatório pagou a oposição feita à vocação do filho.

“Pedro Julião estava agora completamente livre para atender ao chamado de Deus. [...]

“A modesta herança deixada pelo pai era suficiente para satisfazer sua pensão nos três anos que ali deveria passar e para garantir a subsistência de Mariana e da irmã adotiva” (*O Bem-aventurado Pedro Julião Eymard*, Livraria Eucarística, Rio de Janeiro, 1953, vol. I, pp. 35, 38 a 44 e 46 a 49 / *Impri-matur*: Mons. Caruso, pro Vigário Geral, Rio, 25-2-1953).

302. A obstinação paterna e a vontade do Santo ainda adolescente se enfrentam por longo tempo

De uma vida de São Miguel Febres Cordero (1854-1910):

“São necessárias grandes lutas para alcançar grandes vitórias e para que o resultado delas se revista também de grandeza. Surge (para Francisco — nome do Santo no século) um obstáculo que parece irremediável: a oposição familiar. [...]

A família aceitava-o Sacerdote, mas não o queria religioso Lassalista

“Roga, suplica, insta com palavras e com lágrimas. Entretanto, o pai exige dele obediência, enquanto a avó se desagrada por não comprazê-lo no que lhe pede e a mãe vacila sem querer contrariar nem o esposo nem o filho.

“Tão repetidas instâncias obrigam Francisco a começar a andar por um caminho distinto do de sua predileção: ingressa no Seminário Conciliar, estuda e se afervora como de costume, mas não se acha no lugar que lhe é próprio. Algo lhe falta, seu espírito não encontra a quietude desejada, uma rara enfermidade — mistura de tédio e preocupação — se apodera dele e só recobra o bem-estar quando se afasta dali e volta ao Instituto (dos Irmãos das Escolas Cristãs) no qual, cheio de júbilo, veste a honrosa libré do Servo do Senhor na forma a que o leva sua tenaz inclinação.

Aos 14 anos, sem licença paterna, resolve ingressar no Instituto para o qual Deus o chamava

“Esse dia — 24 de março de 1868 — Francisco Febres Cordero Muñoz muda de nome, joga seus pomposos sobrenomes na lixeira das coisas inúteis e desde então é apenas o Irmão Miguel, o Irmão que renuncia a tudo quanto o mundo lhe pode oferecer de atraente e esplêndido, para dedicar-se exclusivamente ao apostolado do ensino nas escolas em que o supremo Reitor e Mestre é Cristo.

“Sem embargo, não venceu todas as dificuldades. Desde as floridas colinas da conveniência humana, a tentação se insinua outra vez, já não de forma tímida e como que vacilante, mas decidida a conseguir o que se propõe; **seu pai, não conforme com o que fez o filho, insiste em que este se separe do Instituto lassalista e volte ao lar. A obstinação paterna e a vontade indeclinável do noviço se enfrentam por longo tempo.**

Sua vontade inflexível acaba prevalecendo

“Esta pugna de pareceres contraditórios não pode prolongar-se indefinidamente. **Os dirigentes do Instituto** na capital da República, para onde se translada o Irmão Miguel, **submetem o caso em discussão à douta assessoria de altos dignitários** — o Delegado Apostólico no Equador, o Arcebispo de Quito, o Bispo de Riobamba e um Cônego de Cuenca — **os quais sentenciam que, não sendo justo despedir da Comunidade a quem com tanta veemência reclama permanecer nela, deve-se respeitar a resolução que o noviço adote de acordo com sua própria consciência e com seu próprio modo de pensar. [...]**

“Então, o Irmão Visitador dirige uma carta ao Irmão Miguel pedindo-lhe que ‘livre e espontaneamente, depois de ter meditado como convém em tão grave assunto, lhe diga, dentro de três dias, se deseja ou não continuar pertencendo ao Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs’.

“Ao vencer o prazo concedido, com uma integridade sem par e sem nenhuma consulta a não ser a feita a seu critério e a seu coração, **o Irmão Miguel declara por escrito que o seu único lugar na terra é o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs: ‘Não me acharia em meu posto em nenhum outro lugar’,** diz com frase cortante na resposta em que comunica sua imutável resolução (9 de junho de 1869), e confirma decididamente tal augúrio com a sua conduta posterior.

“Assim termina o episódio singular em que o ardente religioso, tão débil de corpo quanto forte de espírito, consegue impor sua inflexível vontade.

“**Quem assume tal atitude ainda não tem quinze anos de idade.** Se isso denota a persistência de sua vocação, com igual lucidez indica a força de caráter e os atributos magníficos da sua personalidade” (VICTOR MANUEL ALBORNOZ, *El Hermano Miguel*, Casa de la Cultura Ecuatoriana — Núcleo del Azuay, Cuenca, 1955, pp. 48 a 51).

303. **“Vai embora, já não és meu filho!”**

Do prefácio escrito por Dom Geraldo Fernandes, Bispo de Londrina, para a conhecida obra *A Alma de Todo Apostolado*, de Dom João Batista Chautard (1858-1935), Abade trapista de Sept-Fons:

“Como em Briançon, também em Marselha cada fim de ano escolar assinala novos triunfos para Gustavo (Dom Chautard) que, afinal, termina brilhantemente seus estudos, passando logo da teoria à prática, junto a um armador de Marselha.

“Durante algum tempo, ele continua dividido entre dois senhores. Por um lado, recepções mundanas em que é admirado como flautista; por outro lado, grande compaixão pelas misérias humanas, que o leva a ensinar o catecismo às crianças abandonadas e a visitar os doentes dos hospitais.

Onde o quererá Deus?

“Na capela da *Oeuvre de la Jeunesse*, orava, uma manhã, junto ao sepulcro do Pe. Allemand. Uma luz o cerca, uma grande doçura inunda sua alma. Deus se revela. Vê tudo claro. Ambições de grandeza, riquezas, tudo aparece como pó e como fumaça. Durante quinze dias, essa luz o persegue. Afinal ele diz a Deus a palavra mais bela que se pode dizer: SIM! Será todo de Deus e todo das almas, para alcançar o supremo Bem! Mas, onde o quererá Deus?

“Um dos alunos da Escola de Comércio preparava-se para entrar na Cartuxa. Gustavo ridiculariza o amigo, mas agora também ele ouve a voz de Deus.

“Também hesita, durante algum tempo, entre a Companhia de Jesus, a Ordem beneditina e a Cartuxa. Mas, um dia, cai-lhe nas mãos um livro sobre a Trapa. Fez-se luz. Será filho de São Bernardo.

O pai respondeu unicamente com um “não” seco e categórico

“Será, porém, necessário comunicar a resolução aos pais. A mãe recebeu, radiante, a notícia, mas o pai respondeu unicamente um ‘não’ seco e categórico.

“Nesse momento difícil, Deus também quis provar seu servo. A luz que brilhara tão radiante, oculta-se. Surgem-lhe à mente todas as objeções contra a Fé, que lera nos muitos livros ou que ouvira em conversas.

Para resistir às tentações contra a Fé, um recurso heróico

“Aos seus mais íntimos, contará, sessenta anos mais tarde: ‘Quando era jovem, o demônio queria impedir-me de corresponder ao apelo divino e eu tinha violentas tentações contra a Fé, tão violentas que quase considerava pecados. Então tomei uma pena nova e a aqueci ao rubro e a apliquei sobre o braço: eu creio, meu Deus, eu creio, eis a prova’. E Dom Chautard mostrava, no antebraço esquerdo, as cicatrizes ainda visíveis. ‘E fiz ainda uma



DOM CHAUTARD (séc. XX) a seu pai: "Já que não me quereis receber, ir-me-ei, mas amanhã toda a cidade saberá que um pai não quis abrir a porta ao seu filho". (ficha 303)

outra coisa', acrescentava. 'À noite, com um canivete, eu abri a ferida, molhei a pena e escrevi com meu sangue: **Creio**'. [...]

"Na primavera de 1877, volta à terra natal, para ver se consegue vencer a resistência do pai, indisposto contra a vida religiosa, pelas calúnias da má imprensa. Augusto Chautard resiste obstinadamente.

"Gustavo também não cede. Lembrando-se das romarias feitas, em outros tempos, ao santuário de Nossa Senhora de Laus, resolve fazer, desta vez, uma peregrinação a pé e com os pés descalços. No meio do caminho, sente faltarem-lhe as forças, mas diz decididamente: 'É necessário!' e, extenuado, chega ao Santuário. Reza, chora, e levanta-se consolado e com grande paz no espírito.

"Os que conhecem seus projetos de ser trapista, dizem: 'Gustavo, à Trapa? Ele é candidato à tuberculose!' O médico da família, examinando-o, diz ao pai: se ele for contrariado, por mais tempo, terminará morrendo tuberculoso.

"Podes partir, mas sabe que acabou tudo entre nós"

"O pobre pai termina cedendo: 'Para que não se possa dizer que eu sou o culpado da tua morte, acrescenta, **podes partir, mas sabe que acabou tudo entre nós**'.

"E dessa maneira quase trágica, venceu a graça de Deus.

"A 14 de abril de 1877, Gustavo Chautard chega à Trapa de Aiguebelle, um velho mosteiro construído em lugar ermo e agreste, onde tudo é silêncio, solidão e paz. [...]

Cinco anos depois, consegue afinal dobrar a vontade do pai

"Aproxima-se a época da profissão solene. Tem o coração a sangrar. **O pai, por cinco anos, não o perdoou.** Parece nem sequer ler as cartas do filho.

"Dom Gabriel não será Abade conforme São Bento, se não for 'pai'. Exige que João Batista faça uma suprema tentativa junto ao pai. Humilde e obediente, Irmão João parte para Briançon.

"Chega. Bate à porta. Ninguém responde. Torna a bater uma e outra vez. Tudo em vão. Vai então ajoelhar-se naquela igreja do seu batismo, aos pés de Maria.

"Volta. Bate... Afinal o pai aparece à sacada somente para dizer: '**Vai embora, não te reconheço mais. Acabaste com minha vida. Já não és meu filho**'.

"O filho suplica, mas é tudo inútil.

"Amanhã toda a cidade saberá que um pai não quis abrir a porta ao seu filho"

"Então ele, pálido, lança um grito onde aparece todo o seu amor ferido e toda a sua ternura: '**Já que não me quereis receber, eu vou, mas amanhã toda a cidade saberá que um pai não quis abrir a porta ao seu filho**'.

“O pai ficou vencido: abriu a porta, os braços e o coração. Poucos dias depois, ia ver o filho, na Trapa; e, ao contemplar a alegria que inundava o coração de João Batista, disse: ‘Realmente, eu estava enganado’ ” (Dom GERALDO FERNANDES, Bispo de Londrina, in Dom J. B. Chautard, *A Alma de Todo Apostolado*, Editora Coleção FTD, pp. 14-17 / *Reimprimatur*: Vicente Zioni, B. aux. e vig. ger., São Paulo, 22-8-1962).

CAPÍTULO IV

Casos houve de pais e parentes de Santos que demonstraram espantosa dureza de coração, não hesitando por vezes ante as piores crueldades para desviá-los da Fé ou da vocação

304. *Após tê-lo maltratado, o pai idólatra o expulsou de casa, impelindo-o assim ao martírio*

O martírio de São Cirilo, narrado na *História da Igreja*, do Abbé Victor Postel, Sacerdote francês do século passado:

“O Senhor, que sabe tornar, quando lhe apraz, eloqüentes até as crianças, para daí tirar sua glória, quis também que elas servissem para o triunfo da Fé confessando-a generosamente.

“Em Cesaréia, na Capadócia, um menino chamado Cirilo mostrou uma coragem extraordinária, que encheu os fiéis de alegria e de admiração. Esse santo menino tinha sem cessar, nos lábios, o sagrado Nome de Jesus Cristo, e sentia, pronunciando-O, uma força que o tornava insensível às ameaças e às promessas que lhe faziam.

“Tinha um pai idólatra que, não podendo levá-lo a invocar os falsos deuses, expulsou-o de casa após tê-lo maltratado.

“O juiz da cidade, que fora informado disto, enviou soldados para tomar o jovem Cirilo e trazê-lo. ‘Meu filho, disse-lhe com doçura, de boa vontade quero perdoar tuas faltas em consideração à tua idade; não depende senão de ti voltar às boas graças de teu pai e ao gozo de seus bens; sê sensato e renuncia à tua superstição’.

“O santo menino respondeu: ‘Eu estou muito satisfeito em ser censurado pelo que faço. Deus me receberá, e estarei bem melhor com Ele que com meu

pai; eu me alegro de ser expulso da casa paterna; habitarei uma que é maior e mais bela; renuncio de bom grado aos bens temporais, para ser rico no Céu; de forma alguma temo a morte, porque ela é seguida de uma vida melhor'. Ele pronunciou estas palavras com uma coragem que mostrava bem que Deus falava nele.

"Então o juiz, tomando um tom próprio a intimidar o santo menino, ameaçou-o de morte: fê-lo atar, como para levá-lo ao suplício; ordenou que se preparasse uma fogueira e que se lhe ateasse fogo. Mas a admirável criança, longe de ficar abalada com isso, parecia ainda mais firme e mais segura de si: deixou-se conduzir sem verter uma só lágrima. Aproximaram-no do fogo, ameaçaram jogá-lo nele; entretanto nada perdeu de sua firmeza. O juiz dera ordem, em segredo, de que se contentassem com aterrorizá-lo.

"Quando perceberam que a visão do suplício não tinha causado nenhuma impressão sobre ele, reconduziram-no ao juiz, que lhe disse: 'Bem, tu viste o fogo, viste o gládio: serás agora sensato, e, por tua submissão à minha vontade e à de teu pai, merecerás que ele te restitua sua afeição e que te receba em sua casa?'

"O jovem Cirilo respondeu: 'Vós me contrariastes, tornando a me chamar; eu não temo nem o fogo nem a espada; eu me apresso em ir para uma casa muito mais desejável, e anseio por riquezas muito mais sólidas que essas de meu pai. É Deus que me deve receber e recompensar; apressai-vos em me fazer morrer, para que eu vá a Ele mais prontamente'.

"Os assistentes choravam ao ouvi-lo falar assim; mas ele lhes dizia: 'Vós vos deveríeis alegrar ao invés de chorar; em lugar de procurar enfraquecer-me com vossas lágrimas, vós deveríeis encorajar-me e animar-me a tudo sofrer. Vós não sabeis qual é a glória que me aguarda, qual é minha esperança: deixai-me acabar minha vida temporal'.

"Foi com estes sentimentos que ele se dirigiu ao suplício, como relatam as atas de seu martírio, que não referem o tipo de morte que sofreu. Foi assim que a força da ajuda divina [...] se manifestava numa idade em que ainda a timidez e a inconstância são tão naturais" (Abbé V. POSTEL, *Histoire de L'Église*, Librairie D'Adrien le Clere et Cie., Paris, 1864, 3.^a ed., pp. 92-93 / *Com carta de aprovação* do Bispo de Luçon, Jacques-Marie-Joseph, 7-10-1855).

305. Entregou o filho ao governador para que lhe aplicasse os rigores da lei

O martírio dos Santos Vito, Modesto e Crescência (séc. III):

"Vito nasceu na Sicília nos fins do século terceiro. Seu pai, Hillaz, o confiou aos cuidados de Modesto e Crescência, casal cristão. Às escondidas, foi batizado, já com doze anos.

"Tomando conhecimento deste fato, o pai quis obrigar o filho a abjurar a Fé. Vito opunha à ira paterna a mansidão de sua alma: 'Meu pai, por que

o senhor não quer conhecer e adorar Jesus Cristo, o Filho de Deus vivo? Ele é o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo. Para nos salvar e fazer-nos felizes eternamente, morreu numa cruz; não há nada no mundo que possa tirar do meu coração o amor que Lhe tenho’.

“Em vez de abrandar a cólera do pai, a atitude do filho teve efeito contrário. Hillaz castigou severamente o menino: como nada conseguisse, entregou-o ao governador Valesiano para que aplicasse os rigores da lei. Mas os tormentos não abalaram de leve sequer a firmeza do jovem. Modesto e Crescência conseguiram arrancar Vito das mãos de seus algozes e embarcaram com ele para o reino de Nápoles. Pouco tempo depois são reconhecidos como cristãos e, presos em Lucênia, sofrem o martírio na perseguição de Diocleciano, no ano 300” (Pe. CAMPOS GÓES, *Os Santos do Ano*, Edições O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1953, pp. 186-187 / *Pode imprimir-se*: Mons. Caruso, Vigário Geral, Rio, 10-7-1951).

306. O pai herético mandou soldados matarem Santo Hermenegildo, os quais lhe abriram a cabeça a golpes de machado

Relato do martírio de Santo Hermenegildo (fins do séc. VI):

“Hermenegildo era o filho mais velho de Leovigildo, ariano e rei dos visigodos, na Espanha. O pai recorreu a todos os meios para o levar ao arianismo: ofertas primorosas, ameaças e até a própria prisão. Tudo inútil. Nada pôde quebrar a constância deste atleta da Fé. Leovigildo foi vê-lo entre as grades da cadeia; recriminou-o fortemente, chamando-o de ingrato, de paricida, de celerado. ‘Meu pai, lhe diz Hermenegildo, meu crime é um só, é a minha Fé; pois bem, eu confesso mais uma vez: sou católico romano; que- reria morrer cem vezes para a glória de um tão belo nome. É pena que só tenha uma boca para louvar a Deus. Que abram o meu corpo em feridas, mas as chagas que eu receber serão outros tantos lábios com que eu bendirei ao meu Salvador’.

“O pai, exasperado e praguejando, o deixa; mas um Anjo vem do Céu consolar Hermenegildo e prediz seu martírio. Por ocasião da Páscoa, recusou a comunhão das mãos de um bispo ariano, que seu pai tinha mandado à prisão para esse fim. Irritado com a recusa, Leovigildo mandou os soldados para o matar. Estes abriram-lhe a cabeça com golpes de machado.

“O principal dos milagres operados depois de sua morte foi a conversão de Leovigildo a que se seguiu a de toda a Espanha. O martírio de Santo Hermenegildo foi num Sábado Santo, no dia 13 de abril de 586” (Pe. CAMPOS GÓES, *Os Santos do Ano*, Edições O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1953, p. 117 / *Pode imprimir-se*: Mons. Caruso, Vigário Geral, Rio, 10-7-1951).

**307. Só o pai permanecia impassível;
lívido de cólera, toma as vestes e
o dinheiro e sai sem proferir palavra**

Da biografia de São Francisco de Assis (1181-1226), do conhecido hagiógrafo Johannes Joergensen, elogiada, em nome de São Pio X, pelo Cardeal Merry del Val:

“Num dia de abril do ano de 1207, Pedro de Bernardone estava sentado ao balcão do seu negócio, quando ouviu vir da rua um grande alarido; alarido de vozes, gritos grosseiros e gargalhadas. [...]

“Era seu filho que voltava, mas vestido miseravelmente, todo pálido e emaciado, com os cabelos em desalinho, com machucados debaixo dos olhos, ensangüentado pelas pedradas recebidas e emporcalhado pelas sordícies atiradas sobre ele pelos moleques! [...] Eis aonde o haviam levado todas aquelas malditas idéias que ele se encasquetara no cérebro!

Preso a pão e água pelo pai, para desistir da “loucura”

“No excesso da dor, da vergonha e da cólera, [...] **Pedro agarra o filho e levanta-o nos braços.** Com força de gigante que a cólera lhe emprestava, todo arfante e rangendo os dentes, carrega Francisco através dos aposentos de sua casa, **atira-o finalmente num vão de escada escura, fechando-lhe a porta a chave.** [...]

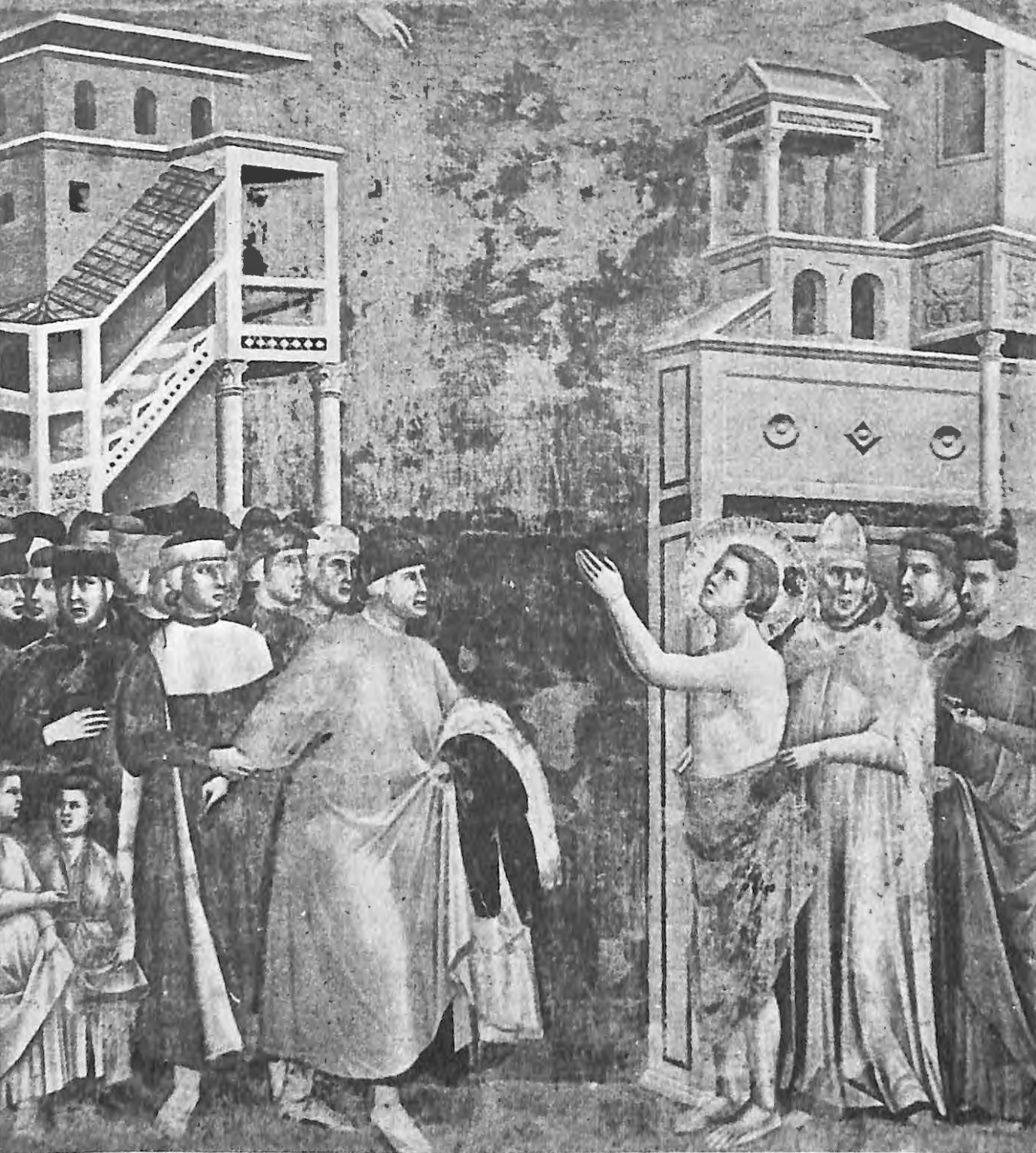
“Bernardone esperava que uma boa dose de escura prisão faria passar aquela nova loucura em seu filho. **Piorou ainda a prisão do vão de escada com uma dieta rigorosa a pão e água, imaginando poder assim vencer mais depressa a obstinação do moço,** cuja gulodice outrora muitas vezes conhecera. [...]

**As lágrimas não obtêm aquilo que a
prisão e a fome não haviam conseguido**

“Quando, **alguns dias depois,** o senhor Pedro teve de partir para uma nova viagem, dona Pica (a mãe) **abriu a portinha do vão de escada, para obter com as lágrimas e com os rogos aquilo que não tinham podido obter nem a prisão nem a fome; mas achou o filho, como antes, firmíssimo na sua resolução** e contentíssimo de ter podido sofrer um pouco pela sua Fé. E, como Francisco lhe declarava que a nenhum preço renunciaria à sua maneira de viver, a excelente mãe aproveitou a ausência do marido para libertar o prisioneiro. Assim como a ave posta em liberdade voa para o seu ninho, assim também Francisco logo fugiu para o seu retiro de São Damião.

**O pai recorre aos magistrados para que
deserdem e expulsem seu filho da cidade**

“Quando **Pedro de Bernardone** voltou da sua viagem, achou o cárcere vazio. Desta vez, em vez de ir procurar o filho em São Damião, achou melhor recorrer aos magistrados. **Pediu aos cônsules da cidade que o filho pródigo fosse**



SÃO FRANCISCO DE ASSIS (séc. XIII): "Ouvi e entendei todos! Até o presente chamei a Pedro de Bernardone meu pai, mas agora restituo-lhe o seu dinheiro e todas as vestes que dele tenho; de modo que, daqui em diante, não mais direi: Meu pai Pedro de Bernardone, mas sim: Pai nosso que estás nos Céus!" (ficha 307)

(São Francisco de Assis e seu pai Bernardone. Afresco de Giotto -- Assis)

deserdado, banido da cidade e do condado, e ao mesmo tempo **reclamou a devolução de todo o dinheiro ainda possuído por Francisco**; porque é provável que a mãe não tivesse deixado o filho partir sem lhe abastecer os bolsos. [...]

São Francisco recusa-se a comparecer ao tribunal civil

“De feito, o arauto da cidade foi enviado a São Damião para intimar Francisco a comparecer perante o tribunal. Mas o moço recusou obedecer à intimação dizendo: ‘Por graça de Deus sou agora homem livre, e já não me julgo obrigado a comparecer perante os cônsules, visto não ter outro senhor senão Deus’. Resposta que, como observou Sabatier, não poderia ser compreendida se não se admitisse que agora Francisco recebera as ordens menores, e entrara formalmente na vida religiosa, o que o tornava julgável só pela autoridade eclesiástica. [...]

O Bispo avoca a si a causa

“Pedro de Bernardone, absolutamente não pretendia abandonar as práticas legais iniciadas; e, por isto, sem demora foi ter com o chefe espiritual da cidade, no seu palácio da praça do Bispado, para lograr o seu intento. Ouvidas as queixas e as acusações do pai contra o filho, o Bispo avocou a causa a si; e, em dia estabelecido, pai e filho encontraram-se na sua presença. Logo claramente apareceu para que lado pendia o Prelado. Este aconselhou Francisco a restituir tudo o que podia ter do dinheiro de seu pai; mas o modo com que lhe deu este conselho não agradou nada ao negociante. O Bispo disse ao jovem: ‘Se a tua intenção é verdadeiramente te consagrarestes ao serviço de Deus, deves logo restituir a teu pai o dinheiro dele, que talvez haja sido mal adquirido, e que, por consequência, não poderia ser empregado em favor da Igreja’. [...]

A histórica cena de São Francisco com o pai

“Ocorreu então um fato notável, um fato que até então nunca se verificara na história do mundo, e que nunca mais se reproduzirá, fato que, no curso dos séculos, os pintores representariam, os poetas cantariam, e os Sacerdotes celebrariam nos seus sermões. Perfeitamente calmo, em aparência, mas com os olhos cintilantes, o filho disse, voltando-se para o Bispo: ‘Senhor, com muito gosto restituirei a meu pai não somente o dinheiro que dele tenho, mais ainda a minha veste, que lhe pertence’. E, antes que alguém pudesse adivinhar o que ele queria fazer, **desapareceu num aposento vizinho, de onde o viram voltar, após um instante, completamente nu, vestido somente do seu cilício, e segurando no braço todas as suas outras vestes.** Com movimento instintivo, os assistentes se levantaram, enquanto Pedro de Bernardone e seu filho Francisco estavam de pé, um em face do outro. E o jovem, com voz

trêmula pela emoção interior, de cabeça erguida e de olhos fixos, como se contemplasse alguma coisa ou alguém ao longe, exclama: **‘Ouvi e entendei todos! Até o presente chamei a Pedro de Bernardone meu pai, mas agora restituo-lhe o seu dinheiro e todas as vestes que dele tenho; de modo que, daqui em diante, não mais direi: Meu pai Pedro de Bernardone, mas sim: Pai nosso que estás nos Céus!’**

Só o pai permanecia impassível

“Dito isto, o jovem se abaixa e deposita suas roupas, e também a camisa, aos pés de seu pai, e lhes põe em cima o dinheiro que lhe restava. Todos os assistentes estavam profundamente comovidos; muitíssimos choravam, e o próprio Bispo tinha lágrimas nos olhos. **Só Pedro de Bernardone permanecia impassível. Com semblante frio como a pedra, abaixa-se, toma as vestes e o dinheiro, e, lívido de cólera, sai sem proferir palavra.** Então o Bispo adianta-se para Francisco, estende sobre ele o próprio manto, e, nas largas dobras deste esconde o jovem nu, estreitando-o fortemente ao coração. Desde esse instante, Francisco, como desde tanto tempo desejara, tornara-se inteiramente homem da Igreja e servo de Deus” (JOHANNES JOERGENSEN, *São Francisco de Assis*, Vozes, Petrópolis, 1957, pp. 102-105 / *Imprimatur*: Por comissão especial de D. Manuel Pedro da Cunha Cintra, Frei Desidério Kalverkamp OFM, Petrópolis, 19-11-1956).

308. Tão desapiedados tratos lhe infligiram, que pelo chão ficaram pedaços de roupa e punhados de cabelos

Episódio da vida de Santa Inês de Assis (séc. XIII), irmã de Santa Clara:

Com apenas 14 anos, foge da casa paterna para o claustro

“Eram decorridos apenas dezesseis dias que (Santa Clara) fugira da casa paterna, quando também Inês, dela saindo secretamente, voou aos braços de Clara. ‘Doce irmã, eu dou graças a Deus de ter Ele ouvido a minha súplica por ti’, disse Clara, apertando ao peito Inês. Esta querida menina não tinha mais do que catorze anos.

“Borrasca mais violenta do que a sofrida por Clara, desencadeou-se, agora, sobre Inês. Uma escolta de doze furiosos cavaleiros, tendo à frente Monaldo, tio das duas irmãs, prometeram ao conde Favorino que, viva ou morta, lhe trariam sua filha.

Por entre as brutalidades, um milagre notável

“Para isso investiram sobre o claustro, e lá penetraram sacrilegamente, rompendo em terríveis ameaças, para que Inês voltasse; e não querendo esta

apartar-se nem da irmã nem do claustro, eles a arrastaram fora pelos braços, pelas vestes, pela cabeça, e tão desapiedados tratos lhe infligiram, que pelo chão ficaram pedaços da roupa e punhados de cabelos.

“Clara, entretanto, orava pela perseguida cordeirinha, e a sua oração foi novamente ouvida. **Repentinamente Inês caiu estendida no caminho, e tornou-se de um peso tal, que os doze homens, nem mesmo com o auxílio de alguns lavradores acorridos, conseguiram arrastá-la mais além.**

Ainda assim continuaram as crueldades

“Viu-se que Deus protegia a inocente virgem, conheceu-se a intervenção miraculosa da mão onipotente, e **ainda assim continuaram as crueldades. O tio Monaldo alçou a destra para descarregar sobre Inês um golpe, que bastaria para dar-lhe a morte, se a houvesse alcançado. No ato de Monaldo erguer a mão, esta se lhe contraíu, e contraída ficou por bastante tempo. Não foi isto em vão: deixaram a vítima na estrada, e fugiram.**

“Clara correu, então, em socorro da irmã, e a trouxe de novo para o claustro. Desde este momento as duas irmãs tiveram paz, e sua alegria foi completa, quando, também, Inês recebeu das mãos de Francisco o hábito da penitência” (Pe. BERNARDO CHRISTEN DE ANDERMATT, *Vida de S. Francisco de Assís*, Typ. de S. Francisco, 1921, 2.^a ed., pp. 121-122 / *Imprima-se*: Mons. Castro, Vig. Geral, Bahia, 23-1-1921).

309. Seduções capciosas, censuras, humilhações, privações de todo gênero

Sobre as perseguições domésticas que sofreu Santa Catarina de Siena (1347-1380), comenta São Pedro Julião Eymard:

“O mundo quer colhê-la (a Santa Catarina de Siena) em suas redes; invejoso de sua virgindade, jurou tirar-lhe essa coroa. Ela resiste, quer conservá-la a todo preço, mas isso lhe vai custar caro.

“O mundo censura o seu proceder, a ridiculariza; seus pais, cristãos embora, tornam-se-lhe os perseguidores: **perseguições domésticas mais penosas que uma perseguição pública. Mas, seduções capciosas, censuras, humilhações, privações de todo gênero, até da liberdade: tudo é inútil.**

“Catarina torna-se cada vez mais forte, e a toda proposta, responde apenas com essas palavras: **Jamais terei outro esposo senão meu Senhor Jesus Cristo; a Ele me consagrei desde a infância**” (São PEDRO JULIÃO EYMARD, *A Santíssima Eucaristia / Festas e mistérios no ano litúrgico*, Vozes, Petrópolis, 1955, vol. V, p. 89 / *Imprimatur*: Por comissão especial do Exmo e Revmo. Sr. Dom Manuel Pedro da Cunha Cintra, Bispo de Petrópolis, Frei Lauro Ostermann OFM, Petrópolis, 5-4-1955).

310. Os parentes de Santa Catarina de Sena não a julgavam de acordo com as normas de Deus, mas segundo seus próprios critérios

De uma vida da mesma Santa Catarina de Sena (1347-1380), escrita pelo Bem-aventurado Raimundo de Cápuia:

“Catarina sofria muito por causa de seus parentes e relações. Todos os que a rodeavam mediam suas palavras e seus atos não de acordo com as normas de Deus, mas julgando-os com o seu próprio critério; estavam no fundo do vale e não vacilavam em julgar a quem se encontrava nas alturas das montanhas; ignoravam as causas e se punham a discutir os efeitos; o brilho da luz os cegava impedindo-os de discernir as cores; turbavam-se de forma irracional e fechavam os olhos ante a luz irradiada de uma brilhante estrela; tinham a pretensão de se colocar como mestres daquela cujas lições eram incapazes de compreender... Eram a noite que censurava o dia por seu esplendor. Acusavam-na secretamente, caluniavam-na sob a aparência de zelo e punham em jogo toda a sua influência para obrigar o confessor da Santa a desviá-la de seu caminho” (Bem-aventurado RAIMUNDO DE CÁPUA, *Vida de Santa Catarina de Siena*, Espasa-Calpe Argentina S.A., Buenos Aires, 1947, p. 80).

311. “Teus cabelos não de crescer e terás um marido, ainda que isto te custe a vida!”

Da biografia de Santa Catarina de Siena (1347-1380), de Johannes Joergensen:

“Catarina, com seis anos apenas, viu Jesus. E a partir desse dia, começou a lenta transformação de sua alma. [...]

“E a voz que outrora, às margens do lago de Genesaré, reunira os discípulos, ecoava agora em sua alma. [...]

“ ‘Vem, segue-Me para longe de teu pai e de tua mãe, de tuas irmãs e dos teus irmãos, de tua casa, do teu lar, da tua cidade e da tua pátria! Segue-Me ao deserto até os quarenta dias de jejum e até a tentação do demônio. Segue-Me quando Eu for a Jerusalém, até a coluna do suplício, à flagelação, à coroação de espinhos. Segue-Me até a cruz! Segue-Me, não como Pedro, mas como João, mantém-te como Maria aos pés da minha cruz e vê meu sangue manar sobre ti em gotas ardentes!... Segue-Me como os santos mártires Me seguiram. Segue-Me como São Pedro Mártir, até o testemunho do sangue! Segue-Me como Madalena na sua gruta de pedras e como Santo Antonio no deserto!’

“ ‘Aquela visão e aquela bênção foram tão poderosas’, afirma Caffarini (discípulo da Santa), ‘que ela não podia mais pensar senão nos santos eremitas e em seguir os seus exemplos’. [...]

Os pais queriam, a todo custo, que ela se casasse

“Animada de novo ardor, Catarina retomou a vida de penitência e oração, procurando a solidão, comendo pouco e dormindo menos ainda. Isso em nada convinha a seus pais que [...] estavam desejosos de casar a filha.

“Naquele tempo, quanto mais numerosa fosse a família, mais poderosa era considerada! Haviam eles justamente encontrado um rapaz de excelente família que seria o marido ideal para a menina. A fim de convencer a filha que não queria reconhecer seu próprio bem, dirigiram-se a Tommaso della Fonte, já então Padre e confessor de Catarina.

“Acedeu ao pedido o Dominicano. Catarina, então, abrindo sua alma ao amigo de infância, revelou-lhe que fizera voto de castidade e declarou, terminantemente, que não consentiria jamais em uma aliança terrena, pois que, pertencendo seu coração todo a Deus, não podia nele abrigar nenhum amor humano.

Corta os cabelos, como sinal de sua consagração ao Senhor

“Tommaso, comovido, mudou de opinião e, em vez de persuadi-la a se casar, aconselhou-a, ao contrário, que cortasse os cabelos dourados, pois que era por esse ato que a mulher indicava ter-se consagrado ao Senhor. Catarina seguiu-lhe o conselho, e colocou um véu branco, como o das religiosas, sobre a cabeça loura e raspada. Lapa (a mãe da Santa) não tardou a notar o cuidado com que a filha conservava aquele véu sobre a cabeça. E afinal, um dia, levantando-o, ficou tomada de espanto...

“Momentos penosos seguiram-se à descoberta. A família Benincasa encheu-se de indignação, cumulando Catarina de censuras e assegurando-lhe, com toda a força da linguagem e dos pulmões italianos, que ela havia de fazer a vontade deles: ‘Teus cabelos hão de crescer e terás um marido, ainda que isto te custe a vida!’

Transformaram-na em serviçal, na esperança de dobrar sua vontade

“O conselho de família decretou em seguida que, daí por diante, Catarina não teria mais quarto reservado para ela, onde se pudesse entregar às loucuras da sua piedade. A empregada foi despedida a fim de que Catarina se encarregasse dos trabalhos da casa. Transformaram-na em serviçal, tratando-a com toda a aspereza, na esperança de que preferisse mudar de condição e aceitasse o casamento.

“Mas, para suportar tal provação, Catarina recorreu a um piedoso artifício: imaginou que vivia na santa casa de Nazaré: seu pai, religioso e bom, representava para ela a pessoa de Jesus Cristo, sua mãe, bem ou mal, tomava o lugar da Santa Virgem, e os irmãos substituíam os apóstolos e os discipu-

los do Mestre. E assim se desvelava ela continuamente no serviço do seu celeste Esposo. Era sua voz que a chamava, e para Ele subia e descia, infatigavelmente, as escadas a correr. Para Ele, preparava as refeições na cozinha e a Ele, a Sua Mãe e seus amigos se afigurava servir à mesa!

Fiel a sua vocação, Catarina continuava inflexível

“Algum tempo assim decorreu, mas **Catarina continuava inflexível**. Revestia-se de suavidade mas persistia em seu intento. ‘Devemos desistir’, diziam entre si os irmãos. Como lhe fôra proibido fechar-se em qualquer quarto, surpreendeu-a o pai, certo dia, ajoelhada no quarto de Stefano, orando com fervor... Sobre sua cabeça pairava uma pomba branca que desapareceu com a entrada de Giacomo. O pai retirou-se pensativo — uma pomba branca sobre a cabeça da filha... seria possível? E não devia ele pensar que essa pomba era o próprio Espírito Santo? [...]

“Os Dominicanos continuavam a ser para ela, aos quinze anos, o ideal que trazia dos seus dias de criança. Certa noite, em sonho, ela vira todos os Santos fundadores de Ordens: São Bento, São Romualdo, São Bernardo Tolomei, São Francisco e outros mais. Seu olhar, porém, não procurava senão um: São Domingos! Também ele tinha os olhos fixos em Catarina e, dela se aproximando, estendeu-lhe um hábito preto e branco dizendo: ‘Tem confiança, minha filha, nada temas e um dia vestirás esse hábito’. Tal alegria sentiu Catarina que despertou. O hábito que ela acabara de ver era o que usavam, em Siena, as irmãs Mantellate. [...]

“Neste ponto não me é possível fazer a vossa vontade, pois devo obedecer antes a Deus do que aos homens”

“Quem não conhece aquele momento em que um grande ideal, surgindo-nos ao espírito, nos impele a agir, custe o que custar?... Todas as dúvidas, todas as hesitações se calam, e uma sensação nos invade de nunca podermos realizar cedo demais o novo plano! Foi sob o impulso de semelhante resolução que, na manhã seguinte, **Catarina, reunindo os membros da família, declarou-lhes ‘que mais fácil lhes seria fundir uma pedra que abalar seu projeto’**. ‘Eu vos aconselho pois’, prosseguiu ela, ‘a interromper vossas combinações acerca do meu casamento, pois que, neste ponto, não me é possível fazer a vossa vontade, devendo obedecer antes a Deus do que aos homens. Se vos apraz conservar-me aqui como vossa criada, de boa vontade permaneceréi a vosso serviço... e se, ao contrário, quiserdes expulsar-me de casa, sabei que, apesar disso, não renunciarei ao meu intento. Tenho um Esposo tão rico e poderoso que nunca me deixará faltar o necessário e proverá minha indigência!’

Afinal, cede o pai: “Deus nos preserve, minha filha, de nos opormos à Sua vontade”

“Século e meio antes, São Francisco dirigira as mesmas palavras à sua família (rompendo os laços que a ela o prendiam). Mas Giacomo Benincasa não era um Pietro di Bernardone (pai de São Francisco de Assis). E o espírito que animava o filho do comerciante de Assis, através de cinco gerações, espalhara-se pelo mundo inteiro. ‘O anjo que trazia o sinete do Deus vivo’ (foi assim que São Boaventura designou São Francisco), marcara milhares e milhares de homens, e Giacomo pertencia a esse número.

“Ao calar-se Catarina, reinou profundo silêncio. Afinal, fazendo apelo a toda a sua coragem, exclamou Giacomo com a sinceridade que lhe brotava do coração: **‘Deus nos preserve, minha filha, de nos opormos, de qualquer maneira que seja, à Sua vontade.** Há muito havíamos compreendido que não existia capricho da tua parte; vemos agora que é o Senhor que te guia. Cumpre, pois, livremente, teu voto e vive segundo o que o Espírito Santo te inspira. Nós te pedimos, apenas, que peças por nós, continuamente, a fim de que sejamos dignos das promessas de teu Esposo’.

“Voltando-se para Lapa e seus filhos, Giacomo acrescentou: ‘Que ninguém mais se atreva a atormentar minha filha muito amada, e que ela sirva a seu Esposo em paz e liberdade, a fim de interceder, incessantemente, por nós. Poderíamos jamais encontrar-lhe Esposo tão eminente?’ ” (JOHANNES JOERGENSEN, *Santa Catarina de Siena*, Editora Vozes, Petrópolis, 1944, pp. 25-26 e 30 a 33 / *Imprima-se*: Por comissão especial do Exmo. Revmo. Sr. Bispo de Niterói, D. José Pereira Alves, Frei Ático Eyng OFM, Petrópolis, 3-7-1944).

312. Princesa da Casa Real da França, desprezada e perseguida pelo Rei, seu pai

Sobre Santa Joana de Valois (1464-1505), filha de Luís XI, Rei da França:

“Em sua solidão de Linières, a auréola de Santa já se definia, neste apagamento em que desaparecia a auréola real. Aquela princesa enferma, vestida de chamalote remendado, aprendia a desdenhar as vaidades deste mundo.

“Aprendia a refletir, a calar-se. Tomava posse da força secreta que estava nela, tanto mais poderosa quanto não se fundava senão em Deus. **Lamenta-se que, nesse momento, a porta do claustro não se tenha aberto diante dela, e fechado atrás dela. Somente lá teria encontrado seu clima. Mas Luís XI, por mais devoto que fosse, ou julgasse ser, fazia ouvidos de mercador. Mandou chamar a filha e, em presença do Barão e da Baronesa de Linières, repreendeu-a, declarando-lhe com tom duro e ar encolerizado que ela era excessivamente dada à devoção, que isso abaixava o vôo da sua coragem e lhe im-**

pediria, quando fosse necessário, de ter a altaneria à qual a obrigava a condição de seu nascimento: ‘Quero que tenhais outra conduta, disse ele. **Que eu não ouça mais falar de todas estas devoções que vos desgastam! De outra maneira, sereis punida**. [...]’

“Outra vez, vendo a sua filha mais assídua do que nunca às devoções, enfureceu-se violentamente: ‘Ide! vós sois indigna do nome que tendes!’ E voltando-se para Ana de Beaujeu: ‘**Tratem-na como a última pessoa do reino!**’

“Ela não merece viver! Matem-na!”

“Por esta época, a guerra das Duas Rosas — York contra Lancaster — dividia a Inglaterra. Durante algum tempo, a rosa branca levou a pior. Estando o Rei Henrique VI prisioneiro na Torre de Londres, a Rainha, a heróica Margarida de Anjou, veio com seu filho, o Príncipe de Gales, pedir proteção à França. Luís XI correu ao seu encontro, avançou até Rouen com as Princesas suas filhas, cumulou a fugitiva de honras, mas não interveio em seu favor e se contentou em lhe dar asilo.

“A Rainha se tomou de afeto por Joana de França e um dia lhe perguntou: ‘Querida princesinha, não quereríeis ser minha filha? — Oh! sim, Senhora, eu vos ajudaria e vos consolaria! Mas é impossível...’

“Aqui os autores divergem. Segundo uns, Joana teria acrescentado: ‘Porque eu estou prometida ao Duque de Orléans’, segundo outros: ‘Eu estou prometida ao Rei do Céu’. **A propósito do que, Luís XI, tomado de uma cólera violenta, teria exclamado com furor: ‘Ela não merece viver! Matem-na!’**

Ameaçou-a com sua espada

“Quando, por uma justa reviravolta da fortuna, o usurpador Eduardo se viu obrigado a fugir, e Henrique VI, libertado do cárcere onde definhava há vários anos, foi restabelecido sobre o trono da Inglaterra, Luís XI se apressou a assinar com ele um tratado de aliança e preparou para esta Rainha, que tinha secretamente traído nos dias do seu infortúnio, uma entrada solene e magnífica em Paris.

“Conta-se que Joana passou o tempo das festas reclusa num mosteiro, dando graças a Deus. E que Luís XI, furioso desta devoção que julgava intempestiva, **a ameaçou com sua espada**” (MARGUERITE D’ESCOLA, *Jeanne de France fille de Louis XI*, in “Ferveur”, Éditions du Vieux Colombier, Paris, n.º 7, agosto de 1949, pp. 26-27).

313. “Hei de vos tirar pela força e vos meter em uma prisão em que não vejais nem sol nem lua em vossa vida”

Carta do pai de Santo Estanislau Kostka (1550-1568), após a fuga deste para entrar na Companhia de Jesus:

“Eu me sinto afrontado de que vos considereis meu filho”

“Com leviandade de jovem obscureceste o grande brilho da nobilíssima casa de Kostka, que ímpia e desumanamente haveis deixado, manchando vossa nobreza: vós sois o primeiro e o pior de seu sangue que pôs nela mácula, vestindo-vos vilmente, caminhando a pé pela Áustria, Alemanha, Itália e França e outros reinos, como um vil e infame mendigo.

“Eu me sinto afrontado de que vos considereis meu filho. Se não deixais essa loucura, não vos convém vir a estas terras porque, **em qualquer parte que vos encontre, hei de vos tirar pela força e vos meter em uma prisão, em que não vejais nem sol nem lua em vossa vida:** e em lugar das correntes de ouro e jóias de diamantes que vos pensava dar, e darei se voltais a minha obediência, **colocar-vos-ei grilhões e cadeias de ferro como a um escravo fugitivo,** e que desonra vosso sangue e parentes etc.’

“Até aqui a carta do pai de Estanislau, a qual mostra quanto encantam aos homens do século as honras mundanas; pois levados pelo louco apreço delas, esquecem os foros da piedade, como se estivessem isentos das obrigações cristãs; e se conhece claramente a guerra que fazem as Ordens Religiosas ao demônio. Este procura engendrar nos leigos tanta aversão a elas, que um pai chega a atropelar assim o amor natural de seu filho, somente porque o deixa para servir a Deus, a quem principalmente deve seu ser.

“Esta carta chegou às mãos dos Superiores antes que às de Estanislau, conforme a Regra da Companhia, que ordena que as cartas dos inferiores passem primeiro pelo Superior. E vista pelo Superior esta carta, pareceu-lhe terrível, própria a fazer sofrer o mais mortificado, e a abalar em sua vocação o mais constante. Era porém tal o crédito que a virtude de Estanislau tinha junto ao Superior, que este julgou faria agravo a sua paciência e sofrimento, se o privasse de tão grande ocasião de padecer; e assim, depois de tê-lo encomendado a Deus, julgou que lha devia dar e mandar que a ela respondesse, como fez.

O Santo se doeu mais do mal alheio que do agravo próprio

“Apenas recebeu o Santo das mãos do Superior a carta de seu pai e passou os olhos por ela, que estes se encheram de lágrimas; não por ver-se nela tão injustamente afrontado, pois por isto não caberia em si de gozo, mas por considerar a cegueira de seu pai em não conhecer o enorme dom que é a vocação religiosa, que ele apreciava tanto. E assim pediu as orações de todos para que por elas desse Deus a seu pai verdadeiro conhecimento da vaidade do mundo, e ânimo para desprezá-lo, e com esta finalidade fez muitas penitências, com licença dos Superiores, doendo-se mais do mal alheio que do agravo próprio. E depois de haver consultado a Deus na oração sobre o modo como devia responder a seu pai, escreveu-lhe o seguinte:



Palavras do Pai de SANTO ESTANISLAU KOSTKA (séc. XVI), após a fuga deste da casa paterna para entrar na Companhia de Jesus: "Hei de vos tirar pela força e vos meter em uma prisão em que não vejais nem sol nem lua em vossa vida". (ficha 313)

(Santo Estanislau Kostka; retrato por Scip. Delfini, anterior ao ano de 1568 – La Croix, Oulchy-le-Château, Aisne)

**Respondeu a seu pai com respeito,
mas também com determinação**

“Falando, senhor, com toda a obediência e respeito que devo a V. Sa., o qual tive e terei sempre, como a meu pai e senhor, a quem depois de Deus reconheço dever o ser que tenho, não consigo, senhor, entender por que seja matéria de tanto sentimento a graça que fez Deus em trazer-me para sua Casa, dando-me nela lugar e ofício em que empregar-me em seu serviço, sendo, como é, o príncipe do Céu e da terra. Porque se os mais nobres do mundo não poupam o custo nem o trabalho para conseguir para seus filhos lugar de criados nos palácios dos reis e monarcas da terra, que felicidade maior podia V. Sa. imaginar, que haver um filho seu conseguido, sem gasto, nem fadiga, nem diligência própria, lugar de criado na corte do Imperador do Céu?

**“Estou disposto a sofrer os desprezos, as afrontas
e os maus tratos que V. Sa. me oferece”**

“Isto é matéria de tanta estima, que devia V. Sa. tê-la pelo maior lustre de sua casa, e gloriar-se de ver um filho seu com a libré de criado do Rei do Céu, a qual eu prezo a ponto de considerar grande felicidade ter conseguido vestir-me com o pobre traje de Jesus Cristo.

“Se, para conservá-lo, for necessário padecer os desprezos, as afrontas, os maus tratos que V. Sa. me oferece em sua carta, estou disposto a sofrê-los com a graça de Deus, a Quem suplico faça conhecer a V. Sa. o muito que nisto tenho interesse, para que com conhecimento me ajude a dar graças a Ele pela mercê recebida, e me alcance, com suas orações, perseverança nela até a morte; o qual deve V. Sa. fazer pela obrigação de pai, e eu devo esperar pelo afeto de filho etc.” (Pe. GABRIEL DE ARANDA, *Vida y Milagros de San Estanislao de Kostka*, Administración del Apostolado de la Prensa, Madrid, 1899, pp. 111 a 113 / *Imprimatur*: Jacobus Vigo SJ, Praepositus Provinciae Toletanae, Madrid, 24-5-1899).

**314. “Se o demônio há de levar um de nós,
leve antes a Vossa Mercê do que a mim”**

Conta o Pe. Manuel Bernardes em sua célebre obra *Nova Floresta*:

“Entrou em uma casa da nossa Congregação (do Oratório de Jesus Cristo) certo sujeito contra a vontade de seu pai, o qual veio a desafogar a cólera que tinha concebido contra os Padres; e foi conveniente que estes, para mostrar seu desinteresse, o metessem em desafio com o mesmo filho, para que pelejassem de peito a peito, porque, ou vencesse a graça ou a natureza sempre estava bem à Congregação ou a prova ou o desengano.

“Alegou o pai quantas razões pôde, e entre elas disse, por remate: que,

no caso que ele lhe não obedecesse, se sentia eficazmente impelido a fazer de si um desatino tal que levasse o diabo a sua alma.

“Respondeu o filho, mui pacato: ‘Senhor, eu sei que me importa não viver no século, e a Vossa Mercê desejo também a salvação; mas se o demônio há de levar um de nós, leve antes a Vossa Mercê do que a mim’. O pai se foi sem o que intentava, e depois conheceu o seu erro e louvou a eleição do filho” (Pe. MANUEL BERNARDES, *Nova Floresta*, Livraria Lello e Irmão — Editores, Porto, 1949, t. IV, p. 341).

**315. Rixas, desprezos, pancadas e maus tratos
choviavam a cada passo sobre a inocente
virgem, à qual nem as lágrimas defendiam
dos furiosos ataques de sua iracunda mãe**

Comenta um biógrafo de Santa Rosa de Lima (1586-1617):

“Chama realmente a atenção como Rosa, sendo tão santa e favorecida pelo Céu, pôde ser tão perseguida e maltratada por pessoas que eram sinceramente cristãs e que estavam muito longe de ser inimigas, como sua própria mãe.

“A explicação é a que já indicamos. Rosa não estava então canonizada, nem havia sido proclamada Patrona do Novo Mundo. Era uma pobre e humilde donzela, que se esforçava por seguir as pegadas do Divino Cordeiro, fugindo da vaidade e do mundo, e levando uma vida oculta e escondida com Deus, em Jesus Cristo.

A mãe a julgava maníaca, iludida, fanática

“Sua mãe nada compreendia dessas coisas, e estava muito longe de vislumbrar o futuro que estava reservado a sua filha. Por isto, **tudo o que via de estranho e singular em sua vida, o atribuía a manias, ilusão ou fanatismo devoto**; e se porventura alguma vez, diante da realidade e da evidência dos fatos, caía em si e reconhecia seu procedimento injusto, rapidamente a paixão e o mau humor que a dominavam voltavam a cegar-lhe, e faziam ruir seus bons propósitos. [...]

“**Rixas, desprezos, pancadas e maus tratos choviam a cada passo sobre a tímida e inocente virgem, a quem nem sua delicadeza nem suas lágrimas podiam defender dos furiosos ataques de sua iracunda mãe.** Quem ouvisse Maria de Oliva durante esses acessos, a consideraria a mulher mais infeliz do mundo por ter uma filha como Rosa. Esta era, **segundo a mãe, uma hipócrita, farsante**, que procurava enganar todo o mundo com embustes e encantamentos, **uma beata perversa e dissimulada, que queria fazer-se passar por santa**, quando não era mais do que **um monstro de orgulho que se obstinava em prosseguir com seus caprichos**, mofando-se de sua mãe e de todo o mundo. [...]

“**Nem faltaram diretores desavisados e imprudentes, pouco versados nos caminhos interiores da perfeição, que sem experiência dos princípios e da**

sólida virtude de Rosa, censuravam sem maior exame sua conduta, atribuindo-a a causas muito distantes da verdade e da justiça. Levando adiante suas opiniões, arrojadamente, tentavam persuadir a Santa virgem que seu modo de viver estava fora das regras, que caminhava sem segurança, seguindo unicamente o seu arbítrio e seus caprichos, nascidos do destempero de seus humores e da debilidade de seu cérebro, em virtude de muitos jejuns e austeridades. Estas e outras opiniões expostas em público fomentavam sem dúvida os caprichos de Maria de Oliva, tornando seu natural mais insuportável, e seriam suficientes para desanimar a quem não tivesse o espírito de Rosa. [...]

Perseguição rancorosa da família, e até de maus Padres

“Santa Rosa sofreu a oposição e a perseguição mais rancorosa durante oito ou dez anos, da parte do mundo, de sua família, e, o que é pior, de alguns maus ministros do santuário, que é o último e mais poderoso recurso de que o demônio lança mão para fazer vacilar as almas e torná-las infiéis a Deus e à sua vocação” (Pe. Fr. VICTORINO OSENDE, *Santa Rosa de Lima*, Pluma Fuente, Lima, 4.^a ed., pp. 30, 31, 34, 38, 39 e 52 / *Con las debidas licencias*).

316. Quando a perseguição de que a tornavam objeto seus familiares impossibilitou sua permanência na casa paterna, se acolheu à hospitalidade de uma família amiga

Conta o conhecido livro *A verdadeira fisionomia dos Santos*, sobre Santa Maria Francisca das Cinco Chagas (1715-1791):

“Santa Maria Francisca das Cinco Chagas nasceu em Nápoles no dia 25 de março de 1715; com a idade de dezesseis anos tomou o hábito da Ordem Terceira de Alcantarinas, variante rigorosa da Ordem de São Francisco, que deriva de uma reforma devida a São Pedro de Alcântara. Aos quatro anos estava já tão imbuída do espírito de oração, que roubava algumas horas do sono noturno para unir seu coração a Deus.

“Seu pai, Francisco Gallo, era um homem de caráter violento que quase a matou a pancadas quando, pela primeira vez em sua vida, a Santa se recusou a lhe obedecer, negando-se a um casamento que ele julgava vantajoso. Manteve-a como prisioneira em casa, até que seu confessor lhe fez ver sua injustiça, e obteve que permitisse a sua filha tornar-se terceira franciscana.

“Na loja de seu pai, Maria Francisca trabalhava mais do que suas forças lhe permitiam. Sofreu muitos padecimentos, não só por causa de seus familiares, mas também por parte de pessoas devotas que a perseguiam por causa de seus estados místicos, seus êxtases angustiosos e seus estigmas. Um Sacerdote descreveu assim, sob juramento, estas chagas: ‘Não só vi suas chagas e as toquei, como também coloquei nelas meus dedos. Transpassavam com-



O pai de SANTA MARIA FRANCISCA DAS CINCO CHAGAS (séc. XVIII),
"era um homem de caráter violento que quase a matou a pancadas quando;
pela primeira vez em sua vida, a Santa se recusou a lhe obedecer, negando-se
a um casamento que ele julgava vantajoso". (ficha 316)

(Santa Maria Francisca das Cinco Chagas; máscara mortuária, Nápoles,
Vico Tre Re)

pletamente suas mãos, de tal modo que meu indicador e meu polegar podiam unir-se através delas'. Posteriormente se recobriram de uma leve película, e apenas se tornavam visíveis contra a luz.

“Quando a perseguição de que a tornavam objeto seus familiares impossibilitou sua permanência na casa paterna, recorreu à hospitalidade de uma família amiga, e logo depois passou os trinta e oito anos de sua vida na casa de um Sacerdote, na qualidade de ama.

“Quando seu pai esteve à morte, pediu a Deus que ela pudesse sofrer, em substituição dele, os sofrimentos da agonia, e imediatamente lhe foi concedida esta graça. Tais casos de substituição mística se registraram repetidamente no decorrer de sua vida. Pediu a Deus que pudesse sofrer no lugar de seu pai as penas do purgatório. [...]

“Faleceu em 1791, no dia 6 de outubro. Este é também o dia da celebração de sua festa” (WILHELM SCHAMONI, *El verdadero rostro de los santos*, Ediciones Ariel, Barcelona, 1952, p. 284 / *Imprima-se*: Gregorio, Obispo de Barcelona, por mandato de Su Excia. Rvma., Alejandro Pech, Pbro. Canciller Secretario).

317. “Nas perseguições à inocente Religiosa não teve pouca parte sua própria mãe, cujo ódio diabólico e desnaturado só terminaria com a morte”

De uma vida de Madre Dolores do Patrocínio (1811-1891):

“Constitui a menina Dolores um dos raros casos na história da humanidade, de ter sido filha odiada e perseguida pela própria mãe. Aversão tão cruel que levou a desnaturada progenitora, mais de uma vez, a tentar aniquilar aquela vida que ela mesma dera ao mundo.

Recém-nascida, a mãe a abandonou em plena estrada

“Fatos extraordinários enchem a existência de Dolores (Madre Dolores do Patrocínio). Justamente na ocasião em que a invasão francesa expulsava a sua família de Madrid, aos 27 de abril de 1811, nasceu durante a fuga, em plena e desabitada estrada. Ali mesmo a mãe abandonou a recém-nascida sobre a neve. — Ficou a pequenina, por três dias, exposta à intempérie quando, casualmente, o seu próprio pai passou pelo mesmo caminho. Com voz débil o chamou pelo nome de pai. Tendo este ouvido aquele chamado procurou saber donde partia, encontrando então a pequenina. [...]

Sendo ainda bem pequena, tentou a mãe envenená-la

“Parte de suas refeições Dolorzita guarda para os pobres, e desde a idade de três anos procura a solidão para melhor se entreter com Deus.

“Certa vez, movida por este desejo, deixa a casa paterna em procura de

um lugar solitário; entra numa cova onde estava deitado um leão. Este, qual cordeirinho, sai da cova e põe-se à sua entrada para defendê-la. [...]

“Fora desta ocasião, jamais foi visto leão algum por aquelas terras. [...]

“**Sendo ainda bem pequena, tentou a mãe envenená-la.** Preparou uma empa-dinha com droga mortífera, mas foi percebida por um criado que disso avi-sou o pai. À mesa, quando o manjar envenenado foi apresentado à menina, D. Diogo o tomou rapidamente atirando-o a um gato. O animal, dentro em pouco, caiu morto entre convulsões.

“Enquanto Dolores se tornava o pequeno ídolo do pai, **a mãe**, pelo con-trário, **dava todos os carinhos a uma outra filha** de nome Ramona. **Esta, con-tagiada pelo exemplo materno, compartilhava de sua aversão pela irmãzinha,** e ao modo infantil, **também a mortificava quanto podia.**

“Desde mui pequena, sentia Dolores pendor para a vida religiosa, e toda sua recreação era brincar com bonequinhas que vestia com hábito branco e azul, ao modo de freirinhas. [...]

Rejeitando pedidos de casamento, ingressou, aos 16 anos, na Ordem Concepcionista, mas nem por isso se livrou do ódio materno

“Quando moça, distinta pela nobreza, formosura e virtudes, **é pretendida em matrimônio pelos mais fidalgos cavalheiros**, dentre os quais se encontrou um que lhe prometia o mais lisonjeiro e sedutor futuro. **A mãe insistia, mas Dolores rejeitou-o terminantemente, declarando ser sua vocação para a vida religiosa.**

“Vencidas todas as dificuldades, aos dezesseis anos entrou para o novi-ciado das Concepcionistas do Convento de Caballero de Gracia em Madrid, no dia 19 de janeiro de 1829.

“Na vida religiosa, as graças místicas tornaram-se-lhe mais abundantes ainda, constituindo-a vítima do Amor Crucificado e expiadora pelos pecadores.

“Aos 20 de janeiro de 1830, fez os votos, consagrando-se para sempre ao Senhor. Antes, porém, aos 30 de julho 1829 recebeu a impressão das sagra-das Chagas nas mãos, pés e lado. [...]

Num clima de violenta perseguição religiosa, Soror Dolores foi acusada de fanática que se imiscuía na política...

“Em 1835 a perseguição estala na Espanha, a religião e a política são calu-niadas atrozmente, o sectarismo é violento.

“**Soror Maria Dolores foi acusada ao Governo liberal como uma fanática que se imiscuía na política**, uma impostora que se dizia estigmatizada.

“Nestas acusações, e nas contínuas perseguições que se seguiram à **inocente Religiosa**, não teve pouca parte sua própria mãe, cujo ódio diabólico e des-naturado só terminaria com a morte. [...]

Seu convento é invadido pela polícia, por médicos e pela mãe desnaturada, que a arrastam para fora com toda a violência

“O primeiro atentado se deu em 7 de novembro de 1835.

“A polícia urbana, juntamente com a mãe de Soror Dolores, sua irmã Ramona, médicos etc., invadiram o mosteiro, e malgrado os protestos da Abadessa e clamores do povo, a jovem Religiosa foi dali arrastada, permanecendo vigiada durante três dias, no fim dos quais foi conduzida à prisão entre dupla ala de baionetas.

“Nesta prisão foi brutalmente maltratada, insidiosamente interrogada, pois queriam encontrar pretexto para condenar a inocente Religiosa que então contava vinte e quatro anos de idade. Recebeu bofetadas, golpes de espada no peito, tão terríveis que bastavam para lhe dar a morte. De um destes golpes resultou-lhe o deslocamento de uma costela, do que nunca mais se restabeleceu. [...]

Presa injustamente e maltratada, vem o próprio São Boaventura trazer-lhe a Comunhão

“Durante todo o tempo em que estive na prisão, não lhe era possível assistir à santa Missa nem receber a Santa Eucaristia. Nosso Senhor, porém, a confortou largamente com novos favores espirituais. O Doutor Seráfico, São Boaventura, várias vezes lhe apareceu não só para a consolar como também para lhe dar a Sagrada Comunhão, motivo pelo qual Sor Dolores costumava chamá-lo, com muita graça, ‘meu Capelão’ e com fervor celebrava, anualmente, a sua festa” (MARISTELA, *Da Corte ao Claustro, Mosteiro da Imaculada Conceição da Luz*, São Paulo, 1962, 2.^a ed., pp. 231 a 234, 236-237 / *Imprima-se*: Paulo Rolim Loureiro, Bispo Aux., Vig. Geral, São Paulo, 6-4-1962).

CAPÍTULO V

Alguns Santos, inclusive extremamente jovens, tiveram que fugir da casa paterna para realizar sua vocação; e por vezes demonstrou Deus, através de milagres, quanto Lhe eram gratos esses heróicos e excepcionais sacrifícios

318. Três fugas milagrosas

Conta Santo Afonso Maria de Ligório:

“Vemos também que Santos, desde que foram chamados a deixar o mundo, partiram na ignorância completa de suas famílias.

“Assim agiram um São Tomás de Aquino, um São Francisco Xavier, um São Filipe Néri, um São Luís Bertrand. E sabemos até que o Senhor testemunhou por milagres, que Ele aprova estas fugas.

“Quando São Pedro de Alcântara se dirigia ao mosteiro onde ia tornar-se Religioso, fugindo da casa de sua mãe, sob a autoridade da qual ficara após a morte de seu pai, ficou retido por um grande rio que lhe barrava o caminho; recomendou-se a Deus e viu-se, de repente, transportado para a margem oposta.

“Assim, também Santo Estanislau Kostka fugiu sem a permissão do pai. Imediatamente seu irmão se colocou à sua procura, numa carruagem lançada a toda brida. Porém, quando estava perto de alcançá-lo, os cavalos pararam e, por mais violência que lhes quisesse fazer, recusavam-se a avançar, até que, voltando para trás, retomaram sua marcha em grande galope rumo à cidade.

“Temos ainda o exemplo da Bem-aventurada Oringa de Valdarno, na Toscana. Prometida em casamento a um moço, ela deixou furtivamente o teto paterno, para se ir consagrar a Deus. Chegada às margens do rio Arno, que lhe cortava o caminho, fez uma curta oração, e viu, ato contínuo, o rio abrir

suas águas, que se elevaram de cada lado como dois muros de cristal, e lhe ofereceram passagem a pé enxuto” (Santo AFONSO MARIA DE LIGÓRIO, *Oeuvres Complètes — Oeuvres Ascétiques*, Casterman, Tournai, 1881, 5.^a ed., t. III, p. 419 / *Imprimatur*: Tornaci, 15-9-1858, A.P.V. Descamps, Vic. Gen.).

**319. “Se os pais de Clara houvessem tido
qualquer indício do seu desígnio,
teriam certamente procurado frustrá-lo”**

Numa vida de São Francisco de Assis, lemos esta narração sobre sua discípula, Santa Clara (1193-1253):

“Clara, virgenzinha inexperiente, mas virtuosa e pia, precisava de um diretor, e o encontrou em Francisco. Durante a quaresma de 1212 pregava o Santo em Assis, como já notamos, e pessoas de ambos os sexos e de todas as idades e condições corriam em multidão a ouvi-lo e se confiavam à sua direção. Também Clara foi assídua às prédicas do Santo; até empenhou-se vivamente em que ele a aconselhasse sobre as coisas espirituais, e o obteve. **Francisco reconheceu nela uma alma ornada por Deus de especiais graças, e pensou em subtraí-la ao mundo** para consagrá-la toda ao Senhor. Para efetuar tal desígnio, foi marcado o Domingo de Ramos.

**São Francisco impôs à jovem que na noite
seguinte abandonasse a casa paterna**

“Na presença de uma próxima parenta, de nome Bona Guelfucci, a qual havia assistido a todos os colóquios, **Francisco impôs à jovem que comparecesse naquele dia, pela última vez, à igreja com suas vestes de fidalga, e na seguinte noite abandonasse a casa paterna**, indo à Porciúncula para receber aí das mãos dele o hábito da penitência. Clara obedeceu. Em traje luxuoso, compareceu na catedral para solenemente despedir-se do mundo. [...]

“Se os pais de Clara houvessem tido qualquer indício do seu desígnio, teriam certamente procurado frustrá-lo; por isso Clara saiu da casa paterna por uma portazinha secreta, que foi preciso forçar, e acompanhada de algumas amigas cientes do segredo, chegou à Porciúncula.

Por sinal de completa renúncia, cortou-lhe os cabelos

“Era o dia 19 de março; Clara tinha dezoito anos. Francisco estava já à sua espera: com círios acesos saíram os religiosos ao encontro da virgem, luxuosamente adornada, até à porta da igreja; conduziram-na ao altar da Bem-aventurada Virgem Mãe de Deus e Rainha do Céu, e a uniram para sempre ao seu Esposo Jesus Cristo, por ela amado, procurado e finalmente encontrado.

“Diante do altar, em presença de suas amigas e dos Religiosos, nas mãos de Francisco votou ela eterno amor e fé ao Filho de Maria Santíssima e re-



"SÃO FRANCISCO DE ASSIS (séc. XIII) impôs à jovem (SANTA CLARA) que comparecesse naquele dia, pela última vez, à igreja com suas vestes de fidalga, e na seguinte noite abandonasse a casa paterna. (...) Por sinal dessa completa renúncia, Francisco lhe cortou os cabelos". (ficha 319)

(São Francisco corta os cabelos de Santa Clara, Escola de Cimabue, Assis, Basílica de Santa Clara)

nunciou para sempre ao mundo e a suas vaidades. **Por sinal dessa completa renúncia, Francisco lhe cortou os cabelos**, privando-a — como se usa ainda agora na vestição das religiosas — desse ornamento, de que a mulher tanto se orgulha; e **a veste pomposa, ela trocou-a pelo hábito sem cor e pobre da penitência**. [...]

A inútil tentativa dos pais de Santa Clara

“Apenas os pais de Clara descobriram a fuga e o abrigo da filha, correram a São Paulo, e, primeiro com promessas e carícias, depois, não valendo estas, com ameaças tentaram demovê-la do seu propósito. Disseram-lhe que este seu passo, e o modo pelo qual o tinha dado, fôra uma loucura; que na história não se encontrava nenhum exemplo de tão humilhante pobreza, e **que ela com o persistir na intenção desonrava a si própria e à família**...; tudo isso foi baldado. Clara levantou um pouco o véu e mostrou os cabelos cortados: isto devia dizer-lhes que para sempre havia renunciado ao mundo.

“Após mais alguns dias de inúteis tentativas, deixaram-na, por fim, em paz. Desde que foi aplacada a borrasca, Francisco transferiu sua discípula para o mosteiro das Beneditinas de Santo Ângelo de Panzo intra muros, onde podia crê-la muito mais ao seguro de que num claustro em campo aberto” (P. BERNARDO CHRISTEN DE ANDERMATT, *Vida de S. Francisco de Assis*, Typ. de S. Francisco, Bahia; 1921, 2.^a ed., pp. 119 a 121 / *Imprima-se*: Mons. Castro, Vig. Geral, Bahia, 23-1-1921).

320. “Arrastado para Deus por um primeiro movimento de vocação, João deixou a casa paterna, sem conhecimento dos pais”, aos 8 anos de idade

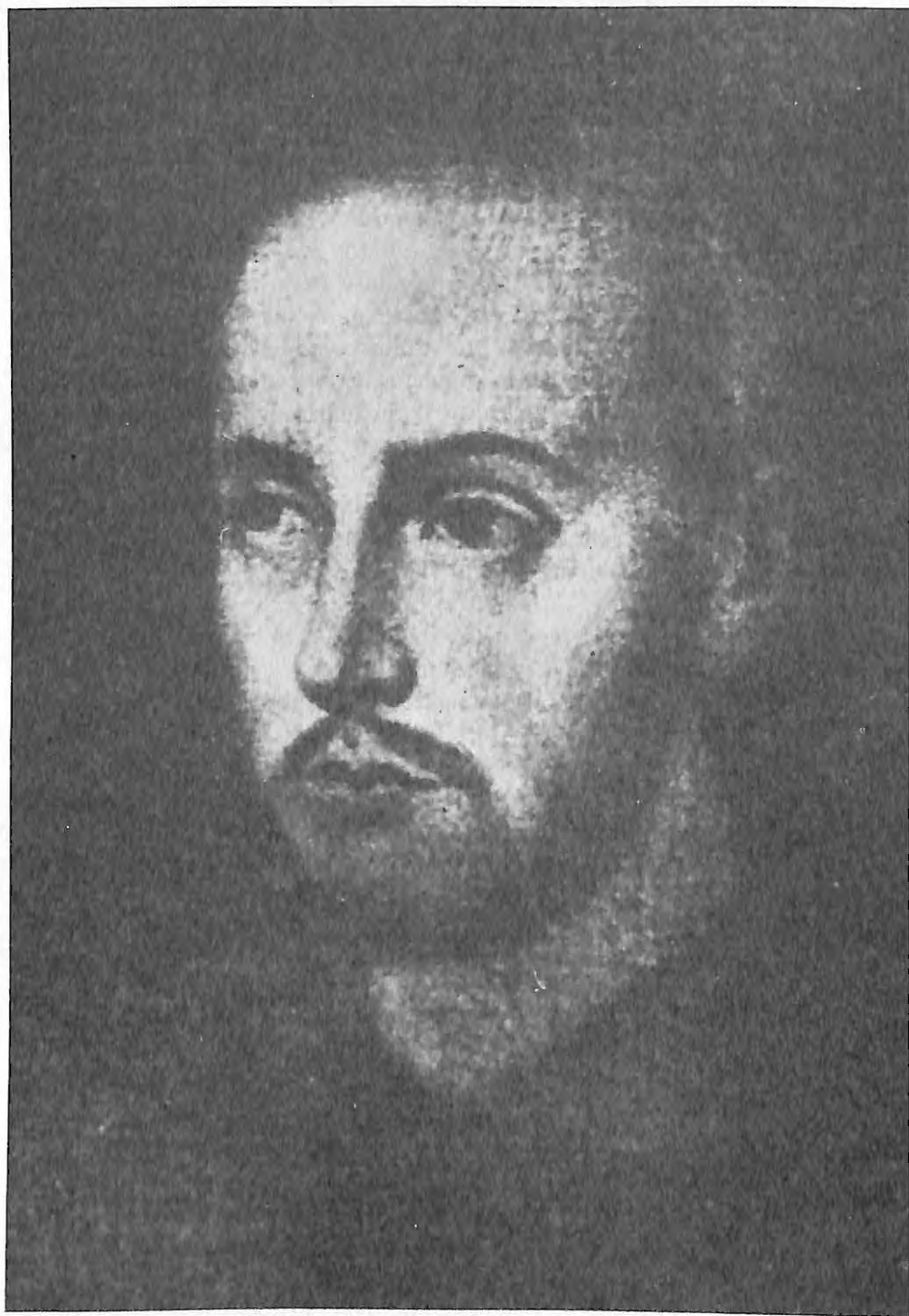
De uma biografia de São João de Deus, fundador da Ordem dos Irmãos Hospitaleiros e padroeiro dos hospitais, doentes, enfermeiros e suas associações católicas:

“O Santo, cuja vida vamos descrever, nasceu no dia 8 de março de 1495, em Montemor-o-Novo, vila do distrito e arquidiocese de Évora, no Alentejo. Por secreto desígnio de Deus, recebeu no batismo o nome de João. [...]

“Quis o Céu saudar com prodígios a felicidade que ele trazia à terra por meio do seu nascimento. No mesmo instante em que veio ao mundo, uma grande coluna de fogo resplandeceu sobre a casa paterna, e ao mesmo tempo todos os sinos da igreja paroquial tangeram alegremente por si mesmos. [...]

Os pais do Santo cooperaram poderosamente em lhe gravar no coração os primeiros fundamentos do edifício da santidade

“Os pais de João não tinham a fortuna nem a nobreza que servem em geral para atrair a admiração das pessoas do século, mas **possuíam**, o que



"Tinha oito anos, quando arrastado para Deus por um primeiro movimento da vocação, João (SÃO JOÃO DE DEUS – séc. XVI) deixou a casa paterna, sem conhecimento dos pais". (ficha 320)

(São João de Deus; Retrato que se encontra no Hospital de São João de Deus, em Madrid)

vale incomparavelmente muito mais, **o tesouro duma fé viva e piedade fervorosíssima.**

“Seu pai, André Cidade, e sua mãe, Teresa, ainda que simples camponeses, eram unânimemente estimados por todos os que os conheciam, e gozavam a felicidade e a paz que acompanham sempre uma vida verdadeiramente cristã, simples e laboriosa. Deram graças ao Senhor por lhes haver abençoado a união e glorificado o filho desde o nascimento. Os prodígios de que tinham sido testemunhas fizeram-lhes conceber um amor mais intenso por João, e comunicaram-lhes um zelo ardente pela sua educação cristã. Compreendendo que Deus tinha desígnios de predileção sobre ele, trabalharam por secundar esses desígnios, imprimindo-lhe na alma infantil o amor e o temor de Deus, e formando-o desde o princípio nos exercícios de piedade. Deste modo **cooperaram poderosamente em lhe gravar no coração os primeiros fundamentos do edifício da santidade.** [...]”

A Providência conduz muitas vezes por caminhos extraordinários os que destina particularmente para servirem de instrumentos aos seus desígnios

“Num meio tão favorável à piedade e virtude, João crescia ao mesmo tempo em idade e graça perante Deus e os homens. É certo que, desde então, os seus pensamentos e todas as suas ações pareciam concentrar-se no desejo único de servir a Deus e de renunciar a tudo para se ligar a Ele.

“Tinha oito anos, quando um dia os pais deram hospitalidade a um peregrino que se dirigia para Madrid. A fogosa imaginação de João inflamou-se duma maneira extraordinária, quando este descreveu o fervor que reinava na capital de Espanha. Tantas igrejas, tantos mosteiros, tantas obras de beneficência excitaram-lhe a tal ponto a admiração, que não pôde resistir ao desejo de ir respirar esta atmosfera de piedade e edificação, tão conforme com a pureza religiosa da sua alma. **Arrastado para Deus** por um primeiro movimento de vocação, como aquele que impelira [...] Santa Teresa de Jesus, e aos doze anos São João Calibita, **João deixou a casa paterna, sem conhecimento dos pais,** e foi juntar-se ao peregrino na sua viagem para Espanha.

“**Seríamos tentados a censurar tal resolução, se não soubéramos que a Providência conduz muitas vezes por caminhos extraordinários os que destina particularmente para servirem de instrumentos aos seus desígnios.** Deus queria fazer de João o chefe duma veneranda Ordem e o pai de muitos Religiosos, que abandonariam os pais e a pátria para entrarem no caminho da perfeição. Devia o seu escolhido dar o exemplo desta renúncia desde os primeiros anos, para se pôr em condições de inspirar idênticos sentimentos a quantos no futuro se dedicassem ao bem dos infelizes. Finalmente, talvez João fosse educado com demasiada delicadeza no seio da sua família, e fossem necessárias as rudes provas a que ele se sujeitou, em consequência desta viagem, para se tornar capaz um dia de afrontar os obstáculos que se haviam de levantar no cumprimento da sua missão.

“Quanto ao peregrino que recebeu o fugitivo na sua companhia, devia de ser sobrenaturalmente iluminado sobre o caminho a seguir em conjuntura tão difícil, e não pode ser censurado por isso que não foi mais do que instrumento de que o Senhor se serviu para a execução da sua divina vontade.

“Os mancebos impelidos pela vontade divina para tal vocação, devem obedecer às inspirações da graça, para terem parte na coroa prometida aos servos fiéis. ‘Se alguém vem a mim, sem renunciar a tudo quanto possui, não pode ser meu discípulo’, diz Jesus.

A aflição dos pais, o consolo, o prêmio

“A perda dum filho tão ternamente amado causou aos pais aflição profunda. Procuram-no por muito tempo e por toda a parte, mas sem resultado. Esta dor produziu golpe mortal no coração de Teresa, que adoeceu, mas ao mesmo tempo Deus quis consolá-la. Uma noite em que o marido entrava em casa, após um dia inteiro de infrutíferas pesquisas, Teresa chamou-o para junto do leito e disse-lhe: André, não o procures mais, porque não tornaremos a ver o nosso filho neste mundo. Dou-te a certeza de que vi o seu Anjo da Guarda, que me disse: ‘Não percais a esperança; ao contrário, bendizei ao Senhor, porque o filho que vós pranteais, vive; sou eu o encarregado de o guardar, e posso afirmar-vos que está em lugar seguro’. Em vista disto vou abandonar o mundo sem dor; tu, André, logo que eu morra, pensa em garantir a tua salvação, consagrando-te a Deus’. Vinte dias depois da desapareição de João, a mãe morreu resignada, adorando os decretos da **Providência divina, que faz passar por duras provas aqueles a quem ama.**

“André, privado do que possuía de mais querido no mundo, seguiu o conselho da esposa; renunciou ao século e entrou, em Lisboa, num convento de São Francisco, onde, até ao fim da vida, foi dum exemplo cada vez mais frizante de modéstia, humildade e caridade; após alguns anos, adormeceu felizmente no Senhor. [...]

“Quanto ao jovem fugitivo, privado dos afetos e das alegrias da família, será provado nos combates da vida, e só chegará à glória expondo-se à dor. Mas é um Deus que obra e quer formar um santo, que terá por caráter próprio o trabalho, a pobreza e as humilhações” (Pe. INÁCIO MARIA MAGNIN, *Vida Popular de São João de Deus*, Editora Tipografia Fonseca Ltda., Porto, 1948, 4.^a ed., pp. 13-14, 16 a 18 / *Com aprovação da autoridade eclesiástica*).

321. Numa manhã, cedinho, como outrora Francisco e Clara de Assis, deixa a sua casa

De uma vida de São Pedro de Alcântara (1499-1562), Patrono do Brasil:

“Durante o verão as salas de aula se esvaziavam. Pedro volta a Alcântara para descansar. Mas as férias não o interessam. Sonha com imolar-se na vida religiosa. Mas aonde ir?

“Já visitara tantos Mosteiros, já consultara quantidade de santos monges... E ainda, em certas horas, o tentador soprava-lhe ao ouvido a ‘berceuse’ da glória humana. É jovem. Brilhante. Adulado por todos. Uma carreira doutoral o levantaria alto e honraria o orgulho da família. Por acaso não é nobre também a ciência? Não merece também ela ter seus sacerdotes desinteressados e fiéis?

Na indecisão, reza, pede luzes e vê-se atendido

“Enquanto em oração o jovem afasta as tentações e pede que Deus o esclareça, vê entrar na igreja religiosos descalços (era o nome que lhes davam no lugar), vestidos de marrom, cingidos por uma corda de três nós. Andam descalços. A cabeça aureolada por coroa de cabelos.

“Impelido por iluminação interior, Pedro os procura, conta-lhes a angústia, pede orientação. Sente-se plenamente compreendido. O Padre Francisco Fregenal, a quem ele se abriu sem conhecê-lo, é um frade menor da Custódia do Santo Evangelho, fundada há tempos pelo padre João de Guadalupe, num estilo de vida de rigorosa observância, e que, destruída duas vezes pelos ‘mitigantes’, duas vezes se reergueu das cinzas por indulto de Leão X. Frei Francisco [...] percebeu logo as qualidades da vocação e a têmpera de sua alma. Abriu-lhe os braços. Satisfeito, cantando a Deus de alegria, Pedro deixa o convento.

Postas em dia suas obrigações, e sem avisar a ninguém, parte aos 16 anos de idade

“Para evitar emoções na família, o rapaz esconde a decisão. Secretamente, põe em dia as obrigações. Demora-se algum tempo na preparação diante do altar, e numa manhã cedinho, como outrora Francisco e Clara de Assis, deixa a casa materna.

“Estamos em 1515. Pedro está com 16 anos. Parte em jejum, e parte depressa em busca do objetivo cobiçado: o humilde convento de Manjares, anichado como ninho de águia nas montanhas que fazem divisa entre Castela e Portugal. Caminha o dia inteiro sem se alimentar, exceto da Comunhão recebida numa capela à beira do caminho.

Um vento rápido o envolve, e o transporta à outra margem

“Na frente, de noite já, distante duas milhas do convento procurado, um imprevisto: o rio Titar de águas grandes, engrossadas por uma tormenta, precipita-se impetuosamente. Era evidente que o rio estava intransitável. O homem, que guiava de uma margem à outra os viandantes, não se encontrava no lugar. Pedro deveria esperar na margem de cá, enquanto, provavelmente, os familiares lhe viriam ao encalço. Chama a Deus em auxílio ime-

diato. Um vento rápido o envolve e o transporta à outra margem. Esse o primeiro exemplo do milagre que se repetirá muitas vezes em sua vida.

“Logo à frente enxerga, nas alturas, entre grandiosos e ásperos rochedos escarpados, o convento de seus sonhos, pobre entre os mais pobres, tal qual o quisera São Francisco. O jovem saúda o telhado rústico do Mosteiro que sobressai por entre plantas selvagens, debaixo da frescura de portentosas árvores e ao som misterioso de cascatas alegres. **Pedro alcançara a Terra Prometida. Doravante ele é Frade Menor**” (Frei ESTEFÂNIO JOSÉ PIAT OFM, *São Pedro de Alcântara, Patrono do Brasil*, Vozes, Petrópolis, 1962, pp. 15 a 17 / *Imprimatur*: Por comissão especial do Exmo. e Revmo. Sr. Dom Manuel Pedro da Cunha Cintra, Bispo de Petrópolis, Fr. Bernvardo Warnke OFM, Petrópolis, 20-2-1962).

322. Fugir de casa custou-lhe dores de morte, mas obedeceu à voz do Senhor

Da biografia de Santa Teresa de Jesus (1515-1582), por um Carmelita descalço:

“Teresa não mais vivia. Tivera coragem para declarar a seu pai a vocação. Mas, na realidade, ali estava (em sua casa), sem segui-la.

Uma presença imprescindível no lar

“Ao ver partirem seus irmãos sentiu-se, como nunca, fora de seu lugar. Temeu que o coração fraquejasse, e que não bastassem os raciocínios para movê-lo. E eram tantos os raciocínios que poderiam debilitar sua determinação!

“A presença dela no lar era, sem dúvida, imprescindível; o velho pai não tinha no mundo outro raio de luz; seus irmãos pequenos não tinham outro apoio.

Aquelas contemporizações não podiam durar muito

“Mas ninguém era capaz de quebrantar com argumentos a obstinada negativa de (seu pai) D. Alonso. A situação tornava-se violenta: o tempo passava, aquelas contemporizações não podiam durar muito, e **tinha que optar entre sua consciência e as lágrimas de seu pai**. Dias de terrível angústia. ‘Eu já temia, diz ela, que eu e a minha fraqueza me fizessem voltar atrás, e por isso me pareceu que não me convinha mais isto (ficar no lar) e procurei (o ser freira) de outra maneira’.

“Sua determinação estava apoiada, como já dissemos, por seus confesores, pelo Pe. Barrón e pelos Frades do Carmo. Também alguns de seus parentes lhe davam razão. Nunca ninguém a negara!

**Convenceu o irmão menor, de 15 anos,
a também se tornar religioso...**

“Rodrigo (um irmão) tinha sido seu confidente. Agora ocupou o lugar dele, não Lorenzo, mas um outro irmão, Antonio, de quinze anos. Com este falava de suas coisas e ponderava as excelências da vida religiosa. Antonio demorou pouco a se persuadir, se entusiasmar e se decidir, também ele, a entrar para a vida religiosa. Foi uma rápida conquista. Ela escreve: **‘Nestes dias que estava com estas determinações, tinha persuadido a um meu irmão a se tornar frade’**.”

**...e os dois combinaram fugir juntos de casa
e entrar cada qual para um convento**

“O que não sabemos é se Antonio também recebera de D. Alonso uma rotunda negativa. Certamente assim fora. O fato é que **os dois combinaram sair de casa e entrar, sem o conhecimento do pai, cada qual num convento.**”

“Era a segunda vez que Teresa projetava uma fuga, e esta foi tão sem hesitações de consciência como a primeira, porque Deus pairava, em seu entender, acima de todas as coisas. As freiras estavam de sobreaviso. O dia escolhido foi o das Almas, pois já que tomava esta determinação como um Purgatório para ganhar o Céu, queria tê-las por advogadas. A hora, a mais dissimulada para não serem vistos.

**Na hora de fugir, “parecia-me que
cada osso se separava do outro”**

“Eram momentos solenes. Apesar de ser tão valorosa, via em tudo fantasmas que a perseguiam. E quando, por fim, colocou o pé no caminho, sentiu uma derrocada de todo o seu ser, de maneira que **‘se lhe partia o coração’**; parecia morrer de angústia e pensava que se jogava no martírio. ‘Lembro-me, escreve, que quando saí da casa de meu pai o pesar era tal, que não creio que seja maior quando morrer, pois parecia-me que cada osso se separava do outro’; e acrescenta: ‘precisava fazer uma tal força sobre mim, que se o Senhor não me ajudasse, as minhas considerações não seriam suficientes para ir adiante’.

“Mulher de grandes ideais, não podia ter outro guia senão a luz fria da Fé e da própria razão. [...]

“Aquela vitória ganha sobre seu imenso coração foi sempre um dos traços mais admirados da sua vida.

“Dia 2 de novembro do ano de 1535.

“Não era seu estilo fazer nada às escondidas; mas naquele dia sim. **Acompanhada de seu irmão, saiu sigilosamente.** Não se ouvia nem sua respiração. Qualquer barulho lhe fazia estremecer os nervos. Atravessaram na ponta

dos pés o portão, contornaram pela igreja de São Domingos em direção ao norte, subiram pela rua das Três Xícaras, desceram a rampa, chegaram à igreja dos Carmelitas e ultrapassaram a Porta do Carmo. Era uma manhã fria. Os caminhos estavam cobertos de rocío, e um ventinho cortante fazia sentir sua viração. Desde o alto do Carmo divisava-se um esplêndido panorama sob o céu azul brilhante. Os álamos do estreito caminho desprendiam suas folhas amareladas. Os raios do sol nascente envolviam como num halo de glória a colina onde estava o mosteiro. Cortaram o vale do rio Ajates, junto à velha ermida de São Martinho, passaram o riacho das Vacas e, subindo um pouquinho entre blocos pretos de granito, aproximaram-se da porta do convento.

**“As portas benditas do Carmelo abrem-se
para dar entrada a esta pomba de Deus”**

“Um surdo rumor de hábitos de freiras dá a entender que Teresa já era esperada com impaciência, e as portas benditas do Carmelo abrem-se para dar entrada a esta pomba de Deus.

“As emoções eram tão fortes e tão seguidas que Teresa apenas podia ver o que acontecia em torno dela. Volta-se, abraça seu irmão, beija-o, anima-o mais uma vez, e Antonio, movido como por uma mola põe-se a correr, atravessa a cidade e chega ao convento de São Tomás, para pedir o hábito dos Frades Pregadores.

“Gesta teresiana vibrante. Convicção, decisão, têmpera indomável. Guia de heróis, ímã de corações. [...]

O pai se resignou, pois sabia que nada faria a filha voltar atrás

“A impressão que tudo isto certamente causou no espírito de D. Alonso foi desoladora. Entretanto a reação não foi de cólera, mas de resignação. Com tal filha ele não se poderia aborrecer; ele a conhecia bem e sabia que sempre tinha razão e que por nada voltaria atrás. Mas a alma do pobre ancião entrou na noite mais escura; ele via tudo através de sua dor e cria que também ele tinha razões para se obstinar desta maneira.

“E é possível que se nos tivéssemos aproximado para consolá-lo ter-lheíamos dito que o gesto de sua filha fora desapiedado, incompreensivo. Ela era indispensável para o lar, para ele e para seus filhos. Estes, sem a vigilância de Teresa, desmandar-se-iam, enquanto que com ela teriam sido todos bons, e talvez até mesmo frades; a ausência dela causava na família um verdadeiro mal, ela deveria pensar menos em si mesma, e atender aqueles com quem tinha obrigações e deixar para mais tarde o assunto da vocação...

**Não era por falta de carinho que ela fugia,
mas por fidelidade a sua consciência**

“Apesar de serem estas razões tão boas, todavia tinham mais peso as de Teresa. Ela bem sabia que não havia falta de carinho, e aquilo (deixar o lar

para ser freira) custava-lhe dores de morte! Mas tinha que ser assim! porque a voz de Deus é implacável; se não a seguisse, a sua consciência ter-se-ia desfeito, os seus ideais quebrados...; e assim, mal poderia ser útil aos de sua casa. Os sacrifícios que a eles custou ficariam bem recompensados com os louros que todo o mundo lhes tributaria depois; e Deus, que a chamava, também velaria pela salvação dos seus.

“A razão suprema de tudo isto era pois a Fé cristã que nos convida a acatar a Deus, Autor da família, Fonte da caridade, Pai de todos. E Teresa podia repetir as palavras que lera em São Jerônimo: ‘Se meus pais crêem em Jesus Cristo e são verdadeiros vassallos dEle, é uma boa razão para que se animem e favoreçam vendo que eu quero pelejar por seu serviço, e se não crêem, eu digo que os mortos enterrem a seus mortos’ (Epístola a Heliodoro, 1.c., fol. 69)” (Pe. Fr. EFRÉN DE LA MADRE DE DIOS OCD, Biografia de Santa Teresa de Jesús, in *Obras Completas de Santa Teresa de Jesús*, BAC, Madrid, 1951, vol. I, pp. 327 a 332 / *Imprimatur*: José María, ob. aux. y vic. gen., Madrid, 22-8-1951).

323. Em hábito de peregrino, com rosário à cintura, um bordão nas mãos, só e a pé, empreendeu a fuga

Em uma biografia de Santo Estanislau Kostka (1550-1568), se lê como, aos 17 anos de idade, fugiu de seu irmão mais velho para ingressar na Companhia de Jesus:

“Seis meses antes, Estanislau sentira a voz de Deus chamando-o à Ordem dos Jesuítas, mas com receio de que o pai o retirasse do colégio, determinou esperar. Agora o chamado era patente: urgia obedecer.

“O confessor, Pe. Nicolau Doni, a quem Estanislau patenteava toda a sua alma, enviou-o ao Superior Provincial da Áustria, Pe. Lourenço Maggi. Estanislau obedece, e suplica humildemente ser admitido sob o estandarte de Jesus.

Era inútil escrever ao pai

“Não havia dúvida quanto à admissão, pois todos lhe reconheciam a pureza, inteligência e constância. Mas, quanto ao tempo e lugar, concordaram todos em que não se havia de admiti-lo de imediato e na Áustria sem o beneplácito do pai, porque sendo tão poderoso na Polônia, poderia levantar grande ruído, como de próximo acontecera em Viena com alguns moços nobres que, contra a vontade dos pais, tinham entrado na Companhia. [...]”

“Escrever ao pai afigurava-se-lhe tentativa inútil. Os amigos poderosos, como o cardeal Commendone, legado de Pio V e afeiçoado à família Kostka, prometeram-lhe o auxílio, mas recuaram ante os obstáculos. Nestas diligências se passaram sete meses, sem que Estanislau remitisse um ponto no fervor.



"Desejava Canísio (SÃO PEDRO CANÍSIO – séc. XVI) aceitar imediatamente Santo Estanislau Kostka (que fugira da casa paterna) mas, como o santo mancebo se não julgasse ali seguro, com perigo de se ver inquietado pelos seus, assentou-se enviá-lo a Roma". (ficha 323)

(São Pedro Canísio; gravura de Domenicus Custos; detalhe ampliado)

A solução: fugir ocultamente

“Em agosto de 1567, desafogando o seu aflito coração com o Pe. Francisco Antonio, declarou-lhe a intenção de fugir ocultamente e de procurar em outra parte o que em Viena lhe negavam.

“Conhecendo este Padre a firmeza da resolução, aconselhou-o que fosse a Ausburgo falar com o Pe. Canísio (São Pedro Canísio), Provincial da Companhia na Alemanha, ou então passasse a Roma e se entendesse com São Francisco de Borja, Geral da Companhia, que algum deles o havia de aceitar. Daria cartas para ambos.

Apresentou-se em breve a ocasião

“Certo de que Deus o chamava, e de que a vontade de Deus prevalece à dos homens, decidiu o jovem pôr-se ocultamente em caminho para Ausburgo. Apresentou-se em breve a ocasião, porque, havendo-o Paulo (seu irmão) tratado com o desumano rigor de costume, ele exclamou com semblante de justo ressentimento:

“— Se assim continuas a me tratar, virei por fim a me apartar de ti, e terás de dar contas de mim a nosso pai.

“— Vai-te já — replicou o irmão, irado — que não vejo o instante de me livrar de ti!

“Julgou Estanislau o momento azado. Já tinha de antemão preparado vestes grosseiras e um chapéu de pobre viandante. [...] **Em hábito de peregrino, com o rosário à cintura, um bordão nas mãos, só e a pé, toma o caminho** com tal ânimo, que neste primeiro dia percorre em pouco tempo cerca de dez milhas.

“Estanislau mandara dizer a Paulo e ao aio, pelo criado, que fora convidado a jantar fora. Não comparecendo porém à noite, buscaram-no na igreja, entre os amigos, no colégio. Disseram os Padres que não se encontrava ali e que, a seu parecer, se encaminharia para Roma.

“Voltam perturbados à casa, [...] **e na manhã seguinte partem açodadamente numa carruagem em busca do fugitivo.**

“A algumas milhas de Viena, com efeito, passam por ele, mas sem o reconhecerem naquelas vestes rústicas... [...]

“Então é que sucedeu outro caso maravilhoso...”

“Os perseguidores, já de volta, entraram a suspeitar se porventura naquele peregrino haviam deixado atrás a quem buscavam: e desandaram incontinenti para lhe continuar nas pegadas.

“Então é que sucedeu outro caso maravilhoso, porque os cavalos que antes iam correndo à rédea solta, de repente estacaram e nem a voz nem o açoite, nem quanto se fez os arrancou dali; de maneira que o cocheiro, cheio de pasmo, vendo coisa nunca vista, protestou ser acima do natural e não quis prosseguir.

“**Aterrados com tal novidade, desistiram os perseguidores e, tomando a estrada de Viena, logo desferraram os cavalos da terra e numa carreira chegaram dentro de poucas horas à casa.**

“Entretanto, ia seguindo viagem para Ausburgo o santo peregrino. Como não levava provimento algum, dia por dia esmolava o escasso alimento que tomava. [...]

O encontro com São Pedro Canísio

“Chegou finalmente a Ausburgo, percorridas 450 milhas, e, dirigindo-se logo ao Colégio da Companhia, procurou pelo Pe. Canísio. Não estava ali, mas em Dillingen, a uma jornada de distância. Sem um dia sequer de repouso, continuou o jovem a viagem, tal era o seu ardor por servir a Deus entre os Jesuítas. [...]

“Chegando a Dillingen, **apresentou-se logo o viajante a São Pedro Canísio**, e com muita instância lhe pediu satisfizesse enfim os seus desejos. **O santo Provincial**, lendo a carta do Pe. Francisco Antonio e por ela conhecendo a heróica resolução do postulante, **apertou-o carinhosamente ao peito**. E maior estima e afeto lhe cobrou, quando Estanislau lhe descobriu como a um pai, todo o interior de sua alma.

“**Desejava Canísio aceitá-lo imediatamente na sua Província de Alta Alemanha, mas como o santo mancebo se não julgasse ali seguro, por ser lugar ainda muito vizinho da Polónia, com perigo de se ver inquietado pelos seus, assentou-se enviá-lo a Roma** com dois outros Religiosos da Companhia que iam lá cursar teologia. [...]

“Puseram-se a caminho, a pé, com os olhos em Roma, os viajantes” (FERNANDO PEDREIRA DE CASTRO SJ, *Santo Estanislau Kostka*, 1953, pp. 15 a 22 / *Imprimatur*: Paulo, Bispo Auxiliar, São Paulo, 18-5-1953).

324. Fugiu, mas as irmãs correram-lhe atrás, a soluçar e a chamá-lo pelo nome

Em uma biografia de Santo Afonso de Ligório (1696-1787), Fundador da Congregação Redentorista, conta-se como admitiu um noviço que haveria de ser seu sucessor:

“Em 1757 apresentou-se ao noviciado o moço Nicolau Mansioni. Nascido em 1741, **de pais piedosos, Nicolau tinha recebido uma educação santa**. Ele mesmo conta: ‘Moço ainda, ajudava muitas Missas cada dia e jejuava três vezes por semana como era costume em casa’.

Ainda adolescente, aproveita-se da ausência do pai para deixar a família

“Aos dezesseis anos sentiu-se chamado à vida religiosa, mas seu pai, sua mãe e suas três irmãs não queriam absolutamente separar-se dele.

“Nicolau aproveitou-se uma vez da ausência de seu pai, para realizar o seu intento; declarou, um dia, claramente aos seus que iria a Paganí solicitar a admissão no Instituto, o que foi suficiente para prorromperem em gritos e lamentações.

“Sua mãe tomou-o pelo braço, suas irmãs o detiveram pegando as suas vestes, enquanto ele exasperado, e como fora de si, tomou uma faca de sobre a mesa e pôs-se a brandi-la como se quisesse golpear. Arrancando-se assim às suas mãos, fugiu, mas as irmãs correram-lhe atrás, uma boa distância, a soluçar e a chamá-lo pelo nome.

“Nicolau saltou para dentro de uma carruagem, mas o cocheiro, testemunha dessa cena, pediu-lhe também que voltasse por compaixão para com sua mãe e irmãs. ‘Quem não deixar por amor de Mim seu pai, sua mãe e suas irmãs, não é digno de Mim’, pensava Mansionne, e essa palavra do Divino Mestre susteve a sua coragem.

Contra a opinião de outros consultores, Santo Afonso resolve admiti-lo...

“Em Paganí esperava-o uma nova provação. Afonso estava em Nápoles. Depois de examinarem o moço, os consultores declararam que não se atreviam a admiti-lo, por ser ele filho único, estar pouco adiantado nos estudos e em guerra com toda a sua família.

“Aconselharam-lhe porém que esperasse a volta do Reitor-mór. Afonso voltou pouco depois, examinou o postulante e opinou como os seus consultores. No dia seguinte, porém, chamou-o e disse: ‘Eu te aceito: a Madonna quer-te na Congregação’.

**...pois a Virgem o iluminara sobre o futuro
daquele jovem que deveria ser seu sucessor**

“Nicolau Mansionne entrou no noviciado a 29 de junho de 1757, e faleceu em Nocera a 13 de dezembro de 1823 com oitenta e dois anos de idade, e sessenta e seis de Congregação. A Virgem Santíssima iluminara o santo fundador sobre o futuro desse jovem que deveria ser um dos seus sucessores no governo geral da Congregação” (Pe. BERTHE CSSR, *Santo Affonso de Ligorio*, Escolas Profissionais Salesianas do Lyceu Coração de Jesus, São Paulo, 1931, pp. 366-367 / *Imprima-se*: Duarte, Arcebispo Metropolitano, Aparecida, 8-12-1931).

**325. Futuro grande propagador da devoção ao Sagrado
Coração de Jesus e da comunhão diária,
autor de profecias e milagres, teve que abandonar
furtivamente a casa paterna aos 16 anos**

Do já referido livro *A verdadeira fisionomia dos Santos*:



"Aos dezesseis anos (SÃO POMPILIO MARIA PIROTTI – séc. XVIII) à semelhança do que ocorreu com outros Santos, teve que abandonar a casa paterna". (ficha 325)

(O Santo momentos antes de sua morte; pintura no Convento da Ordem dos Esculápios, em Campi)

“São Pompílio Maria Pirotti nasceu em Montecalvo, perto de Benevento, no dia 29 de setembro de 1710. Era filho de um advogado.

**Já que os pais se opunham, abandonou
o lar, ainda adolescente**

“Aos dezesseis anos ingressou na Ordem dos Esculápios (Clérigos Pobres da Madre de Deus das Escolas Pias). À semelhança do que ocorreu com outros Santos, teve que abandonar a casa paterna deixando uma carta na qual explicava a causa de sua saída do lar, já que seus pais se opunham a outorgar seu consentimento.

“Ensinou em diferentes escolas da Ordem; tão logo era notado nas ruas, um tropel de jovens o rodeava, seguindo seus passos.

Caluniado e expulso de sua Ordem

“Foi, posteriormente, Mestre de noviços em Nápoles e, vítima de graves calúnias, teve que abandonar este cargo, e inclusive foi expulso da Ordem.

“Dedicou-se então a pregar a penitência, especialmente pelo Sul da Itália, e no curso de suas campanhas obteve um número incalculável de conversões, algumas delas em massa. Quando se encontrava em Roma, assistiam a seus sermões Prelados e Cardeais. O Santo foi um grande propagador da devoção ao Coração de Jesus e estimulou a comunhão diária. Dirigindo-se aos Bispos e ao Papa, escreveu sugerindo que se devia permitir a comunhão cotidiana àqueles a quem move uma intenção devota, sugestão essa que, naqueles tempos, se tinha quase por inaudita. [...]

Todos o conheciam como o “Padre Santo”

“Era conhecido em todas as partes com o apodo de ‘Padre Santo’, e poder-se-iam contar dele numerosos fatos milagrosos; assim, por exemplo, sua faculdade de ler no coração dos homens, especialmente quando os levava a relembrar pecados que tinham esquecido; foi possível constatar como se cumpriam seus prognósticos, e ficaram célebres as curas milagrosas e as maravilhas que operou em Campi, durante o período de fome. Seu maior milagre foi, entretanto, que pudesse subsistir com o escasso alimento que ingeria. O Santo faleceu em Campi Salentina no dia 15 de julho de 1766” (WILHELM SCHAMONI, *El verdadero rostro de los santos*, Ediciones Ariel, Barcelona, 1952, p. 268 / *Imprimase*: Gregorio, Bispo de Barcelona, por mandato de Su Excia. Rvma., Alejandro Pech, Pbro. Canciller Secretario).

**326. Com o coração transido de dor,
mas com a alma em festa, São
Vicente Strambi abandona a família**

Lê-se, numa obra hagiográfica editada na França, a respeito de São Vicente Strambi (1745-1824):

“Vicente Strambi foi ordenado Padre no dia 19 de dezembro de 1767. O coração lhe transborda de alegria. [...]

“No Natal, volta junto à sua família e celebra uma de suas primeiras Missas em uma capela de Cività-Vecchia ‘tão devotadamente, diz o cronista, que todos ficaram edificadas e se retiraram dizendo: aí está nosso Santarello’.

**Embora já fosse Sacerdote, não podia
fazer-se Religioso porque o pai se opunha**

“De sua vocação religiosa, o pai não queria ouvir nada. A mãe, santa mulher, chora e se resigna. Vicente contemporiza, mantém-se paciente e reza. Depois da Páscoa, parte para Roma onde estuda São Tomás em Santa Sabina. [...]

“Passionista em seu coração, ele tardava em vestir o hábito tão desejado, mas seu pai permanecia inflexível, e não parecia que o tempo haveria de mudar esta obstinada resistência. Ora, Deus não deve ser o ‘primeiro servido’, a Quem, se for preciso, sacrifica-se pai e mãe? A espera durou bastante. Só resta a fuga.

Ilude a vigilância familiar e parte definitivamente

“A vigilância devia ser estrita, pois Dom Vicente (São Vicente Strambi) recorreu a um ardil. Os Servitas de Tolfa, não longe de sua cidade natal, pediram-lhe um sermão para a festa de Nossa Senhora das Sete Dores. Ele aproveitou este pretexto para partir definitivamente: o coração transido de dor, mas a alma em festa” (MARIA WINOWSKA, *C'est l'heure des saints*, Bonne Presse, Paris, 1952, pp. 69-70 / *Imprimatur*: Petrus Brot, v. g., Parisiis, 21-4-1952).

327. É Youssef que vai para onde Deus o chama

De um livro sobre São Charbel Maklouf (1828-1898), monge libanês da Ordem Maronita, prefaciado por Mons. Paul-Pierre Meouchi, Patriarca Maronita de Antioquia:

“Certa manhã de 1851, quando a aurora ainda cinzenta dissipa com dificuldade as sombras da noite, percebe-se uma fina silhueta que desliza da casa



"Posto que o Senhor me quer inteiramente para Ele, eu não posso... vós não podeis Lhe dizer não! ..." afirma SÃO CHARBEL MAKLOUF (séc. XIX), a seus parentes. (ficha 327)

dos Maklouf e se dirige à região onde, todas as noites, o sol se põe. É Youssef (nome do Santo antes de se tornar monge) **que vai para onde Deus o chama.**

Uma luz misteriosa ilumina seus passos

“Ele não avisou ninguém, nem mesmo sua mãe! Não é que não seja cheio de afeição para com ela!... Mas ele teme o tio e tutor, Tanios, **que não quer ouvir falar de vida monástica.**

“Sem dúvida, seu coração está angustiado ao abandonar todo um passado de felicidade simples, vinte e três anos de lembranças preciosas!... **Mas não, ele não se deixa enternecer!... Ele sabe Quem o chama!...** Sabe que é Aquele que não Se deixa vencer em generosidade!...

“Ei-lo só, na estrada, sem provisões, sem mapa, sem guia. Mas uma luz misteriosa ilumina seus passos. [...]

“O atleta de Cristo não desfalece! A graça o sustenta. [...]

Recebe o hábito e muda de nome para romper todos os laços do mundo

“Foi num domingo que Youssef revestiu o hábito de noviço. Era-lhe facultado manter seu nome, pois se tratava do nome de um Santo. Mas ele quis, para romper todos os laços com o mundo, renunciar a ele.

“Escolhe, pois, o nome de Charbel, que havia se tornado ilustre por causa de um mártir da Igreja de Antioquia no ano de 107, sob Trajano. [...]

A luta contra o sangue

“Mas o que se passa em Biqa-Kafra desde a fuga de Youssef? **Os Maklouf estão desconcertados. Procuram em vão o fugitivo.** Interrogam o Pe. Agostinho, o eremita de Qouzhaya, que lhes revela a verdade: Youssef partiu para o convento de Notre-Dame de Mayfouq. [...]

“**O tio Tanios se indigna!** É preciso que este sobrinho tão atraente, cujo futuro promete tanto, o deixe assim para sempre? Ele irá até Mayfouq e trará Youssef de volta.

“No parlatório do mosteiro, o Padre Superior sofre os assaltos do tio Tanios em presença da mãe, Brigita, e de alguns outros parentes, pois Tanios não veio só!

“**Tu pretendes amar a Deus odiando a teus parentes?”**

“ ‘Meu Padre, diz ele ao Superior, é-nos pedir muito exigir de nós, pobres camponeses, o sacrifício deste rapaz!... **Por acaso Deus exige que se deixe os parentes sem avisá-los? Youssef entretanto sabe que sua ajuda é indispensável à velha mãe!**’... ”

“Eis exatamente Youssef — agora Irmão Charbel — que chega. O tio volta-se para ele, ameaçador! ‘Ah! Eis-te aí! **Tu pretendes amar a Deus odiando teus parentes! Teu dever é estar junto a tua mãe e assisti-la!** Nós somos velhos, pobres!... quem, pois, senão tu, nos assegurará com que viver e com que comer?!”

“— E depois, meu filho, acrescenta Brigita, qual é a prova de que tens vocação?”

“— Tranqüilize-se, minha filha, responde o Superior, a vida religiosa não tenta os que não são feitos para ela!...”

“— Com três anos de idade ele perdeu o pai, murmura Brigita. Compreendi, meu Padre, quanto eu sofri para educá-lo!... E agora que ele poderia fazer por meus velhos dias o que eu fiz por ele, ei-lo que vai embora..., sem nem mesmo me abraçar!... Nós lhe havíamos encontrado um bom partido!... E desde que nos deixou, Mariam (jovem com quem a família pretendia que Youssef se casasse) não cessa de chorar!...”

“Posto que o Senhor me quer, eu não posso dizer-Lhe não”

“— Querida mamãe, caro tio, não ignoro nada do que vos devo, nem a dor que, muito involuntariamente, vos causei... mas **posto que o Senhor me quer inteiramente para Ele, eu não posso... vós não podeis... Lhe dizer não!...**

“O tio Tanios não aprecia estas palavras. Youssef monge, pensa ele, não nos será de nenhuma utilidade!... O monge é perdido para a família!...”

“Mas seus raciocínios não conseguiriam desviar o sobrinho de sua vocação! Dominando a dor de mãe, Brigita se aproxima do filho e, colocando as mãos dele dentro das suas, ela lhe diz, como verdadeira mãe cristã: ‘Se não devesse ser um bom religioso, eu te diria: Volta para casa! Mas agora sei que o Senhor te quer em seu serviço! E na minha dor de estar separada de ti, eu digo, resignada: que Ele te abençoe, meu filho, e que faça de ti um santo!...’ ” (Pe. PAUL DAHER, *Charbel, un homme ivre de Dieu*, Monastère S. Maron d’Annaya, Jbail, Líbano, 1965, pp. 53-54, 61 a 63 / *Imprimatur*: N. Sfeir, Vic. Pat. Maronita, Bkerké, 17-8-1965).

328. “É chegada a hora de ir-me embora, logo nos juntaremos no Céu, com minha querida mãe”

De uma biografia do Beato Enrique de Ossó (1840-1896), fundador da Companhia de Santa Teresa de Jesus, escrita pelo Cardeal Marcelo Gonzáles Martín, Arcebispo de Toledo:

Carta do Beato a seu pai, quando, aos 13 anos de idade, deixou a casa paterna sem dizer para onde ia

“ ‘Sr. D. Jaime de Ossó. — Vinebre.

“É chegada a hora de pedir vossa bênção e ir-me embora, conforme man-

dam nossos Padres. **Causar-vos-á grande dor a minha ausência. Porém, pai, a glória e o serviço de Deus a motivaram**, pelo que deveis vos consolar e me encomendar a Deus para que me mantenha fiel em seu santo serviço, segundo é meu desejo.

“Não choreis, nem me procureis, nem vos entristeçais por me ter separado de vosso lado, pois logo nos juntaremos para sempre no Céu com minha querida mãe, para não nos separarmos mais e vivermos em companhia dos Anjos e Santos de Deus, para louvá-Lo e glorificá-Lo por toda a eternidade.

“Vossa dor se transformará em alegria se pensardes que prontamente nos veremos na glória. Deixo a vosso juízo meus bens, mas é minha vontade que pagueis os papéis rubricados de meu próprio punho que vos apresentarão, feitos por mim mesmo e ditados segundo minha consciência; e, depois de haverdes satisfeito o que neles está anotado, distribuireis minha roupa e tudo o que me pertence, como queirais, a todos os pobres mais necessitados, pedindo-lhes que me encomendem a Deus para que siga seus caminhos; e não deixeis de os recolher e de lhes fazer caridade em tudo o que seja possível.

“Nossa vida é curta, e nada se faz das riquezas se não se pratica algum bem. Procurai encomendar e cuidar de meu irmão; considerai que tereis que dar conta de vossos filhos e, se sabeis que agem mal e não os corrigis, o Senhor vos castigará.

“Já vedes quantos males vos afligem nos campos e corpos, e de tudo isto é causa o pecado, porque há poucos que cuidam de sua salvação e do fim para que somos criados; os admiradores do mundo só pensam em amontoar riquezas e realizar seus maus desejos, e não notam que por isso recebem a dor e o castigo de Deus.

“Sentiria, querido pai, com dor indizível, que fôsseis destes carnavais. Segui e praticai os Mandamentos de Deus, e vivereis bem, mortificando-vos em tudo; e por estes curtos trabalhos receberemos para sempre o incomensurável prêmio da glória eterna. Amém. — Enrique de Ossó.

“Despedida. — Vou-me embora; não temais por mim. Deus será meu protetor e meu defensor. A glória e o serviço de meu Eterno Pai motivaram minha ausência. Adeus. Esperai! [...]]

Quando a carta foi recebida, Enrique já havia desaparecido

“Preciosa carta na qual se delineiam com vigoroso relevo os traços que hão de acompanhá-lo por toda a vida: desprendimento, confiança em Deus, zelo por sua glória e pela salvação das almas, coração afetuoso, caráter combativo, sempre pronto às resoluções heróicas.

“Quando esta carta foi recebida em Vinebre, Enrique já não estava em Reus. Havia desaparecido dali sem que ninguém soubesse para onde. [...]

“Enrique saiu de Reus em direção a Montserrat, tão livre de obstáculos, que só levava uns poucos livros por equipagem para oferecer a Nossa Senhora um novo gênero de vida que decidira empreender: o de ermitão.

“Profundamente entrara em sua alma aquela frase de Santa Teresa: ‘Deus

só basta'. Vida eremítica, perdido nas escarpas das montanhas, fazendo penitência e oração pelos pecados do mundo.

“Não se preocupou com nenhuma previsão humana, exceto as que, como vimos, asseguravam seu desprendimento dos bens da terra. Queria renunciar antecipadamente a tudo quanto pudesse possuir, para que em seguida, tendo por companhia apenas uma pobreza absoluta, pudesse se consagrar a Deus, tal como lhe pediam as vozes interiores que ressoavam em sua alma.

“Seu pai se opunha a que fosse Sacerdote. Não lhe daria facilidades para os custosos gastos que exigiria a carreira. Muito bem. Mas havia um procedimento para dar a Deus o que pedia: dar-se a si mesmo. Depois faria o resto.

“Quanto ao lugar, nenhum mais apto que o daquelas montanhas afastadas do bulício dos homens, nas quais, sem embargo, sentiria as contínuas influências de uma companhia ardentemente amada: a da Virgem bendita, que desempenharia para ele os ofícios de Mãe.

“Foi-se a pé. Sem dinheiro. Sem alimentos de nenhum gênero. Pedindo esmola pelo caminho. Foram 110 quilômetros penosos e cheios de fadiga. [...]

O irmão parte em seu encalço, e o encontra no Mosteiro de Montserrat

“Desconhecemos a reação de D. Jaime no momento em que recebeu a carta. Pode-se adivinhar. O que sabemos é que seu irmão mais velho, Jaime, apresentou-se imediatamente em Reus para averiguar o que acontecera. Ninguém sabia de nada. O jovem havia sido prudente e reservado ao extremo, e a ninguém dissera nenhuma palavra sobre suas secretas intenções. Só se podiam fazer conjecturas. Por acaso se teria dirigido a Montserrat? Tendo sido encontrados, no fundo de sua mala, ali abandonada, uns livros e folhetos que faziam referência ao famosíssimo santuário, pensaram que aquela podia ser a rota seguida.

“E, sem hesitação, o irmão se dirigiu também, muito mais rapidamente que Enrique, ao Mosteiro beneditino. À caída da tarde, entrava nervoso e agitado na Basílica, após ter perguntado, sem obter resultado, a alguns monges se viram por ali alguma criança com tais e tais características. Nada. [...]

“Jaime se dirigiu à Basílica. E na esplanada, entre as pessoas que iam e vinham, viu de repente a figura de um jovem. Aquele? Não. Os olhos o enganavam... Era um jovem andrajoso, pálido, macilento... [...] Não podia ser. Mas, por outro lado... parecia que sim. Aproximou-se um pouco mais e constatou que, efetivamente, era Enrique. [...]

Invocou a autoridade do pai, mas em vão... O Beato não quis voltar para casa

“Tratou de convencê-lo, e até invocou sua própria autoridade e a de seu pai, a quem representava, para que Enrique desistisse daquela resolução. Mas em vão. O pequeno penitente dizia que queria obedecer antes a Deus que aos

homens, sem deixar por isso de professar o devido acatamento aos desejos de seu pai.

“Neste caso, entretanto, era Deus quem mandava, e não havia margem a dúvida: ele ficaria ali para ser ermitão, se os Padres o admitissem” (Cardenal MARCELO GONZÁLES MARTÍN, *Enrique de Ossó, La Fuerza del Sacerdocio*, BAC, Madrid, 1983, pp. 29 a 33).

CAPÍTULO VI

Não raras vezes o próprio Deus se incumbiu de afastar, por diversas formas, inclusive mortes repentinas, os obstáculos ao cumprimento de vocações especiais; ou demonstrou, com castigos espantosos, quanto Lhe desagradam os pais que procuram desviar os filhos da vocação

329. *“A desgraçada mulher expiou com uma morte prematura sua tardia penitência”*

De uma obra sobre a virgindade cristã na Igreja primitiva:

“Se [...] os pais prosseguiram obstinados em sua resolução, tanto mais glorioso seria o sacrifício da virgem que vencesse o mundo sem ajuda paterna, e sem outro dote que não fosse a Providência divina.

“Com frequência era a astúcia que, com as mãos enluvadas de elogios, pretendia desviar a inocente virgem de seu caminho. Algo disto nos poderia contar a própria virgem Eustóquia (Santa), submetida na sua juventude a uma dessas tentativas ardilosas. Bastaria que nos recordasse os dias que passou em casa de seu tio Himécio, antigo vigário da cidade de Roma, e procônsul da África, que, juntamente com sua mulher Pretextata, acolheu com mostras de carinho ardente, mas com intenção friamente calculada, a jovem patrícia. Era preciso afogar o propósito das núpcias divinas que nela brilhava. Impôs-se-lhe o vestuário faustoso, o ornato sedutor, o penteado laborioso, a companhia da sociedade elegante: nada faltou em torno da virgem para fazê-la vacilar em seus ideais.

“Mas não contaram com Deus, que à fortaleza da virgem uniu a ajuda milagrosa de sua Providência. ‘Aquele noite — segundo conta o próprio diretor espiritual da jovem, São Jerônimo — Pretextata viu em sonhos um Anjo com face terrível, que a ameaçou de graves castigos com as seguintes palavras: **Como te atreveste a antepor os mandatos de teu marido aos de Cristo? Como ousaste pôr tuas mãos sacrílegas nos cabelos de uma virgem do Senhor? Como castigo disso tuas mãos começarão a secar desde este momento, para que tuas dores te façam sentir teu pecado, e ao fim do quinto mês descerás à sepultura. E se, apesar disso, perseveras em tuas intenções criminosas, ver-te-ás privada ao mesmo tempo de teu marido e de teus filhos.**”

“**Tudo se cumpriu desse modo**, e a desgraçada mulher expiou com uma morte prematura sua tardia penitência’ (Epistola CVII ad Laetam n.º 5)” (Pe. FRANCISCO DE B. VIZMANOS SJ, *Las Vírgenes cristianas de la Iglesia primitiva*, BAC, Madrid, 1949, pp. 209-210 / *Imprimatur*: Casimiro, Obispo aux. y vic. gen., Madrid, 12-1-1949).

330. Cai o ousado interlocutor sem vida aos pés da donzela

Santo Ambrósio (340-397) termina o seu Livro I das Virgens narrando o seguinte caso:

“**Sei de uma jovem**, que até há pouco figurava entre os nobres do século e hoje figura com mais honra entre os de Deus, **a qual, fortemente pressionada por seus pais e parentes para que se casasse**, contra o que havia determinado em seu coração, **fugiu do lar paterno, buscando no templo a defesa de sua virgindade.**”

“**Ali a persegue sua família** e, ante os degraus do altar, **sem respeito ao lugar santo**, a increpa e argúi com as palavras do amor, ora em tons suaves, ora de modo duro; mas ela, intrépida e varonil, decidida a morrer antes do que ser infiel ao Esposo celestial, rechaça os ataques, despreza as riquezas e vaidades, afoga no peito os gritos da carne, e pisando o amor terreno, sobe ao altar até à cátedra do Sacerdote, e ali, prostrada humildemente, pede que a receba por esposa de Cristo, a Quem se consagra.

“O Ministro do Senhor a acolhe, abençoa-a, e, levantando as mãos, roga por ela e convida os demais fiéis a que também rezem, e com esta solenidade divina a recebe e a passa às mãos do Senhor, na presença do povo.

“Então ela, vendo os ardentes anelos de sua vida cumpridos, radiante de formosura e transbordando de alegria em seu rosto, levanta a nobre cabeça coroadada com a açucena da castidade, e fala desta maneira a sua mãe: ‘Podias, minha mãe, ter-me desposado num altar melhor do que este, onde os esposos se santificam, cobrindo-se com o véu rubro do sangue de Cristo, cabeça dos fiéis, sacrificado aqui diariamente pela salvação de todos?’

“E voltando-se para os parentes, acrescenta: ‘Perdeis tempo oferecendo-me um desponsório que recuso. Não vedes que já celebrei minhas bodas? E

mesmo que ainda fosse livre, que esposo me ofereceis? Eu quero o melhor de todos. Se o que preparais é rico, poderoso e de nobre condição, não o será tanto como O que escolhi, que em riquezas, poderio e dignidade, vence a quanto se possa imaginar no mundo criado’.

“Ninguém ousava abrir os lábios, até que um, mais atrevido, replicou: ‘Crês tu que se teu pai ainda estivesse vivo te teria permitido abraçar a virgindade? Não terias professado, ainda que quisesse’. Ao que a heroína, inflamada com o espírito de Deus, responde serenamente: ‘Creio que o Senhor o levou para que não me estorvasse’.

“E como se estas palavras fossem um raio do céu lançado contra o ousado interlocutor, cai este sem vida aos pés da donzela. O fato impressionou a multidão, que acreditou ver nisso a mão de Deus, irada contra os inimigos da virgindade. Com o que imediatamente as injúrias se transformaram em louvores à esposa de Cristo, cessando assim a perseguição, e ficando o ocorrido como testemunho da gloriosa vitória alcançada pela santa virgindade, quando menos se esperava (traducción de F. Medina, pp. 49-51)” (Pe. RAMÓN J. DE MUÑANA SJ, *Verdad y Vida*, Bilbao, 1951, 2.^a ed., t. V, pp. 86-87 / *Impri-matur*: Daniel, Episcopos Segoviensis, 30-6-1951).

331. Logo se tornou a fingida viúva em viúva verdadeira

Da obra clássica do Pe. Manuel Bernardes, *Nova Floresta*:

“É coisa mui desagradável a Deus, e mui perigosa para a salvação dos pais, impedirem o maior bem espiritual dos filhos. Há desta verdade muitos e mui lastimosos exemplos que a comprovam. Não passarei um que se lê na ‘Crônica dos Menores Capuchinhos’ (t. 3, liv. II, c. 10, parágrafo 82).

“Entrara nesta Religiosíssima Família um sujeito cuja mãe, para o dissuadir da perseverança, frustrados já outros meios, fingiu que enviuvara, e veio da sua terra, coberta de luto, a representar-lhe com a retórica de falsas lágrimas o extremo desamparo em que ficava pela morte de seu pai.

“Creu o noviço ao demônio disfarçado, como crocodilo, no pranto de sua mãe. Seguiu-a e, ao entrar em casa, trocou-se o luto em festas, e saiu o pai a celebrar o feliz êxito (como então lhe parecia) da traça inventada.

“Porém, ao descer uma escada resvalando o passo, a mediu de alto a baixo, com tão grave ruína que logo ficou a viúva fingida verdadeira viúva e lhe foi preciso usar do luto, por obrigação, de que usara por máscara.

“E em todo o resto dos seus anos lhe deu tantos pesares aquele filho, que negara a Deus, que desejava a morte por alívio.

“Porque, enfim, não pode faltar o que está escrito: Que por onde um peca, por aí é atormentado: ‘Per quae peccat quis per haec et torquetur’ (Sapient. XI, 17). E que na cova e laço que um armou a outro vem a cair ele mesmo: ‘Qui foveam fudit, incidet in eam... Et qui laqueum alii ponit, peribit in illi’

(Ecles. XXVII, 29)” (Pe. MANUEL BERNARDES, *Nova Floresta*, Livraria Lello e Irmão — Editores, Porto, 1949, t. IV, pp. 342-343).

332. “Crês que sou mais poderosa que tua mãe?”

Ainda da *Nova Floresta*, do Pe. Manuel Bernardes:

“Na Província de Aquitânia, um noviço tornou para o século, rendido por molestas persuasões de sua mãe, não advertindo nos avisos de nosso Salvador: ‘Quem não deixa seu pai e sua mãe, não é digno de Mim; Quem lança mão ao arado e olha para trás, não é apto para o Reino dos Céus’ (Mt. X, 37; Lc. IX, 62).

“Depois arrependido, e reconhecendo o erro, e particularmente saudosos dos bons exemplos de virtudes que lograva entre aqueles santos Religiosos, quis tornar à sua vocação; porém temia como certa a repulsa, que sua inconstância merecia.

“Acudiu à Virgem Santíssima, Senhora nossa, dizendo-lhe com lágrimas estas piedosas palavras: ‘Oh Virgem Santíssima, a quem a Igreja canta o elogio de Virgem poderosa, porventura não será o vosso poder maior que o de minha mãe carnal? Pois, se ela com suas persuasões me tirou do seio da Religião, vós com vossa virtude não me tornareis a ela?

“Eis que a Senhora lhe aparece, alegre e carinhosa, e lhe diz: ‘Crês, por dita tua, que sou mais poderosa que tua mãe?’ — ‘Oh Senhora do mundo (respondeu o moço), como o não creerei, se sois a Mãe de Deus todo poderoso?’ — ‘Pois, filho (continuou a Virgem), torna para teus bons companheiros, e conta-lhes o que acabas de passar comigo, e logo te receberão; e se me fores fiel, eu serei tua Mãe, e tu serás meu filho’.

“Supérfluo será acrescentarmos que o sucesso comprovou a promessa da Senhora. Que austeridade dos mais zelosos prelados havia de fechar os ouvidos a tal recado e os corações à pronta obediência dele? Ou como havia de recusar a Ordem por filho a quem convidava para filho a Mãe do mesmo Deus?” (Pe. MANUEL BERNARDES, *Nova Floresta*, Livraria Lello e Irmão — Editores, Porto, 1949, t. IV, p. 7).

333. E imediatamente abandonando o pai e todas as suas coisas, correu a entrar na Ordem

De uma obra escrita por um contemporâneo de São Domingos de Gusmão (1170-1221):

“Os frades (Dominicanos) exortaram certo estudante de Toscana a que entrasse na Ordem. Seu pai o dissuadiu com muitas razões, por causa da excessiva dor que lhe tinha causado a separação de outro filho que no ano anterior se tinha tornado frade. O angustiado jovem começou a rogar ao Senhor

que Se dignasse manifestar-lhe o seu beneplácito, ou seja, se deveria ceder ante as razões do pai, ou entrar na Ordem.

“E certa noite viu em sonhos uma bela casa que não tinha outro teto a não ser o céu, no meio da qual havia uma escada que se elevava até o céu. Via também que naquela casa se cobiçavam as almas dos que se haviam de salvar, e contemplava, entre outras, a alma de seu irmão que ali estava. E como visse que todas as almas, juntamente com a de seu irmão, subiam pela escada, assaltaram-no veementes desejos de subir também, mas não se podia mover. Pelo qual, gemendo e chorando, dizia:

“Oh, se eu entrasse na Ordem dos Pregadores subiria agora ao Céu em companhia de meu irmão!

“E repetindo isto com lágrimas e orações, acordou e deu-se conta de que o Senhor o chamava. E imediatamente, abandonando o pai e todas as suas coisas, correu a entrar na Ordem” (GERARDO DE FRACHET, *Vidas de los Frailes Predicadores*, in Santo Domingo de Guzmán visto por sus contemporáneos, BAC, Madrid, 1966, 2.^a ed., pp. 581-582 / *Imprimatur*: Marcelino, Arzob. de Valencia, Valencia, 20-12-1965).

334. Tinha a certeza de que o Senhor levaria deste mundo todos os possíveis noivos, ou a levaria a ela

Conta uma vida do rei D. João II de Portugal, a respeito de sua irmã Santa Joana de Aviz (1452-1490):

“Quando chegaram embaixadas de Inglaterra com propostas de casamento para D. Joana, irmã de D. João, insistiram os do Conselho com o rei para a fazer aceitar.

“O amável noivo proposto era Ricardo III, recentemente viúvo pela morte da rainha Ana de Warwick. Considerou-se aquele casamento vantajoso. [...]

**Dom João II quer obrigar sua irmã
a se casar com o rei da Inglaterra**

“Chamada de Aveiro para discutir o assunto com o rei, D. Joana foi acompanhada de várias freiras, todas profundamente veladas, e fazendo reclusão completa.

“O rei e sua tia Filipa abriram as hostilidades. Ambos, cada um por sua vez, demonstraram a D. Joana as muitas razões pelas quais ‘se não devia escusar deste casamento muy convinhavel’ (Memorial da Infanta Santa Joana, pp. 128 a 134). Como de costume, D. João lembrou-lhe que, sendo sua única irmã, devia cooperar mais, porque ele não tinha nenhum irmão, e apenas um filho pequeno. [...]

A Santa, inflexível, recusa-se...

“D. Joana ouviu tudo o que ele tinha a dizer, sempre gentil e sempre inflexível. Era sua irmã e amava-o, mas não podia fazer-lhe a vontade.

“D. João perdeu a cabeça como noutro tempo. Disse-lhe que era tão má como os traidores, mas que havia de obrigá-la a obedecer. Voltou-se furioso para as freiras que tremiam e ordenou-lhes, com voz trovejante, que regresassem imediatamente ao convento, pois eram elas que aconselhavam a irmã a resistir-lhe!

“As boas das senhoras foram mandadas embora e a Infanta ficou sozinha, mas inabalável. **Por mais que D. João insistisse, não conseguia demovê-la da sua resolução.** Neste aspecto ela assemelhava-se bastante ao irmão.

...e anuncia ao irmão que seu pretendente havia morrido

“Não se pode dizer quanto tempo teriam estado neste beco sem saída, mas **uma noite, diz o cronista, D. Joana teve um sonho.** Quando o irmão voltou com os seus argumentos costumados, ela disse com toda a calma:

— ‘Senhor, seede certo que esse **Rey por que tanto trabalhaes por me fazer casar nom he vivo. E he ja do outro mundo e nã deste**’.

“D. João não quis acreditar.

— ‘Faze me tanta mercee — pediu D. Joana — que se nysto me achardes verdadeira Como ja em outros ho vistes certo nã tomeis mais trabalho ne hodeis a my’ (ib.).

“D. João ficou impressionado com a sua convicção e afastou-se em silêncio. [...]

Confirmada a notícia, o irmão prometeu deixá-la em paz no futuro

“**Alguns dias mais tarde chegou a notícia da batalha de Bosworth e da morte de Ricardo III (22 de agosto de 1485).** A clarividência da irmã espantou o rei. Depois dos três dias convencionais de luto pelo seu real colega, D. João voltou a procurar Da. Joana.

“Desta vez o encontro foi afetuoso. Irmão e irmã mais velha, à semelhança de outrora, sentaram-se a conversar como os melhores amigos. **Da. Joana pediu a D. João que lhe não voltasse a falar em casamento, pois tinha a certeza de que o Senhor levaria deste mundo todos os possíveis noivos, ou a levaria a ela.**

“Aquilo parecia bastante duro para os possíveis noivos, **D. João prometeu deixá-la em paz no futuro,** a não ser que ‘por grãde e extrema necessidade nã fosse cõstrangido que entõ ficava a ella fazer ho que por bem tevesse e a Deus ho que mais fosse servido’ ” (ELAINE SANCEAU, *D. João II*, Livraria Civilização — Editora, Porto, 2.^a ed., pp. 220 a 222).

335. A mãe acabou miseravelmente a vida corroída por um câncer que lhe foi consumindo as carnes

Da obra *El Paraíso en la tierra*, do Pe. Nadal:

“Santa Maria Madalena de’Pazzi (1566-1607) predisse grandes castigos à mãe de uma jovem que impugnava duramente a vocação da filha: e também os predisse à filha, se cedesse facilmente às sugestões da mãe.

“Cedeu a infeliz e, ficando no mundo, padeceu gravíssimas tribulações. A mãe, que havia desviado o ânimo de sua filha, acabou miseravelmente a vida, corroída por um câncer, que pouco a pouco lhe foi consumindo as carnes (Antonio Nadal, *El Paraíso en la tierra*, p. 89)” (Pe. RAMÓN J. DE MUÑANA SJ, *Verdad y Vida*, Editorial El Mensajero del Corazón de Jesús, Bilbao, 1951, 2.^a ed., t. V, p. 87 / *Imprimatur*: Daniel, Episcopus Segovien-sis, 30-6-1951).

336. A bondade divina rompeu por fim aqueles laços que o mantinham aprisionado

Da mesma obra do Pe. Nadal, *El Paraíso en la tierra*:

“João Herrera era um jovem excelente e que se sentiu chamado por Deus para a vida religiosa; mas estava tão afeiçoado à mãe, que não se atrevia a deixá-la. A bondade divina rompeu por fim aqueles laços que o mantinham aprisionado, pois estando um dia em oração ante uma imagem de Jesus atado à coluna, premido pelo mesmo chamado, respondeu João: ‘Com muito gosto o faria, mas como poderei estar sem minha mãe?’

“Então ouviu que o Redentor lhe dizia por meio daquela imagem: ‘E como deixei Eu a minha? *Faciam te in amorem magnum*. Isto acabou por vencê-lo, e deixando a casa paterna, abraçou a vida religiosa (Antonio Nadal, *El Paraíso en la tierra*, p. 55)” (Pe. RAMÓN J. DE MUÑANA SJ, *Verdad y Vida*, Editorial El Mensajero del Corazón de Jesús, Bilbao, 1951, 2.^a ed., t. V, pp. 70-71 / *Imprimatur*: Daniel, Episcopus Segoviensis, 30-6-1951).

337. Ouviu finalmente o Senhor a voz de seu servo, e o livrou de toda a dificuldade

De uma biografia de São Paulo da Cruz (1694-1775), fundador dos Passionistas:

“O nosso Santo [...] ao ouvir uma prática, que fazia um dia o seu próprio Vigário com muito zelo e fervor, sentiu-se compungido e comovido a tal ponto, que resolveu entregar-se a uma vida mais santa e perfeita. [...]”

“Os efeitos foram um progresso contínuo e fervoroso nos exercícios de pie-

dade, de penitência e das outras virtudes por nós referidas; um desapego total do mundo; e finalmente um zelo ardente da salvação das almas.

“Como prova do seu desapego basta o fato seguinte. **Desejando um tio dele, Sacerdote, colocá-lo no estado conjugal, tinha-lhe procurado um honroso casamento com uma jovem**, ornada de todas as melhores qualidades, mas sem que Paulo chegasse a ter disso o mínimo conhecimento.

“À primeira proposta que lhe fizeram, não pôde resolver-se a consentir, patenteando idéias totalmente opostas, e designios absolutamente contrários.

Levado à casa daquela que lhe destinavam como esposa, nem a olhou

“Seu tio insistia, e com ele também outros parentes, esperando poder aliviar com um casamento vantajoso a pobreza da sua numerosa e decaída família.

“**Sitiado por todos os lados, Paulo pedia a Deus que o amparasse**, a fim de sair vitorioso da terrível provação. Não pôde entretanto deixar de ir em companhia do seu tio à casa daquela que lhe fora designada como esposa. E aqui viu-se repetido o exemplo de São Francisco de Sales em caso semelhante; porquanto o santo jovem nem sequer levantou os olhos para vê-la.

O tio que queria casá-lo morre inesperadamente

“OuvIU finalmente o Senhor a voz do seu servo, que se não cansava de invocá-lo fervorosamente no meio das angústias do seu espírito, e ultimamente livrou de toda dificuldade a esta alma, que ele queria toda para si.

“**O Padre caiu doente, e veio a falecer, deixando ao sobrinho todos os seus bens a fim de facilitar o casamento projetado. Mas o santo mancebo** patenteando cada vez mais o seu total desapego, **renunciou formalmente a tal herança** perante o Vigário forâneo do lugar; **não tomou para si senão o Breviário** a fim de poder rezar o Ofício divino; e olhando em seguida para o Crucifixo, com o coração todo inflamado de amor, entre copiosas lágrimas exclamou: ‘Senhor meu crucificado, eu declaro que de toda esta herança não quero mais nada fora deste Breviário, porquanto só Vós, ó meu Deus e meu Bem, sois suficiente para mim’ ” (Pe. PIO DO NOME DE MARIA, *Vida de São Paulo da Cruz*, Imprensa Pontifícia do Instituto Pio IX, Roma, 1914, pp. 10-11 / *Imprimatur*: Franciscus Faberi, Vic. Urbis Adessor).

**338. “Tirei um filho a Deus,
e Deus tira um filho a mim!”**

De uma vida de Santo Afonso Maria de Ligório (1696-1787):

“O pai (de um jovem que desejava seguir o Santo fundador dos Redentoristas) **não queria consentir que se fizesse religioso; por isso Miguel, fugindo**

para junto de Afonso, entrou como noviço na Vila dos Escravos. O pai, furioso, enviou gente armada para, à força, trazerem-lhe o filho. Este, avisado a tempo, fugiu para a casa de Scala. O pai moveu o céu e a terra e conseguiu que o Cardeal Pignatelli ordenasse a volta do jovem para a casa paterna. Afonso não opôs nenhuma dificuldade à ordem do Arcebispo, seu superior eclesiástico, mas, ao entregar o jovem ao pai, disse:

“— Pagareis muito caro o que fizestes.

“Chegados à casa, Miguel e o pai encontraram o irmão mais velho em estado gravíssimo. Faleceu poucos dias depois. O pai, louco de dor repetia abraçado ao cadáver do filho:

“— Tirei um filho a Deus, e Deus tira um filho a mim.

“Ao cabo de poucos dias o pai levava Miguel ao noviciado. A este logo vieram ajuntar-se novos e numerosos postulantes” (Pe. JOSÉ MONTES CSSR, *Afonso Maria de Ligório, o Cavaleiro de Deus*, Vozes, Petrópolis, 1962, p. 45 / *Imprimi potest*: Pe. José Ribolla CSSR, Superior Provincial, São Paulo, 2-8-1961).

339. Um dia, durante uma violenta disputa, o filho matou o pai, e foi condenado à força

Conta Santo Afonso Maria de Ligório (1696-1787):

“O que dizer desses pais que não se inquietam com a condenação eterna de seus filhos, desde que os retenham em casa? É preciso chamá-los, responde São Bernardo, não pais, mas assassinos de seus filhos: *‘Non parentes, sed peremptores’* (Epist. 111). Também, Deus os pune, não somente na outra vida, mas ainda nesta: eles encontram seu castigo em seus próprios filhos que, tendo faltado com sua vocação, se entregam aos vícios, e causam a ruína de sua casa.

“Oh! quantos funestos exemplos nós temos de tais desgraças ocorridas nas famílias, em consequência da resistência dos pais à vocação de seus filhos! Escutai ao menos o que vamos narrar.

Trágico exemplo na Companhia de Jesus

“O padre Alexandre Faia, da Companhia de Jesus, conta que em Tudela, na Espanha, em Castela-a-Velha, um homem riquíssimo tinha um filho único, que destinava a perpetuar sua estirpe. Mas este filho, chamado à Companhia, fez tantas instâncias junto aos Superiores, que foi, por fim, admitido.

“Logo que seu pai teve conhecimento disso, veio ao noviciado, onde tais foram seus gritos e seus gemidos, que o jovem noviço, para lhe comprazer, acedeu a seus desejos.

“De volta à sua família, foi novamente chamado por Deus a deixar o mundo; e não ousando regressar aos jesuítas, ingressou na Ordem de São Francisco. Mas seu pai ainda fez tantas, que conseguiu tirá-lo também daí.

“O pai quis, em seguida, casar seu filho segundo seus projetos; porém o

filho fizera outra escolha. O que deu lugar a altercações. Depois surgiu uma aversão recíproca, a ponto que, um dia, durante violenta disputa, o filho matou seu pai. A justiça apoderou-se do infeliz parricida, e condenou-o à força; assim acabou sua vida” (Santo AFONSO MARIA DE LIGÓRIO, *Oeuvres Complètes — Oeuvres Ascétiques*, Casterman, Tournai, 1877, 2.^a ed., t. XV, pp. 471-472 / *Imprimatur*: J.B. Ponceau, Vic. gen., Tornaci, 25-3-1875).

340. “Já conheço, Senhor, que não é tua vontade que eu detenha minha filha”

Da autobiografia de Madre Catalina de Jesús Herrera (1717-1795), religiosa falecida em odor de santidade no convento dominicano de Santa Catarina, de Quito, Equador:

“Volto agora às misericórdias de que usaste comigo em minhas debilidades e fraquezas na batalha para afastar-me de minha mãe; vendo ela que, sem remédio, eu me afastava dela, veio a mim com ternura, e me perguntou que motivo me movia a isso.

“Disse-lhe que tão-somente servir-Te a Ti, meu Deus, desembaraçadamente, sem as atrapalhações que oferece o século lá fora, por mais que uma pobre alma se queira retirar dele.

“Ao que me fez esta proposta: minha filha, disse, se eu te preparar toda comodidade para esse fim, e te levar à cidade, onde em nossa casa eu te dê um lugar retirado, no qual possas viver como religiosa, ainda melhor do que uma freira, com a frequência de Sacramentos que a cidade oferece, ainda assim, com tudo isso, tu te afastarias de mim?

“Ai, meu Deus! Tu sabes o aperto em que me vi, nesse ponto, para não a descontentar, nem descontentar-Te a Ti.

“Confesso-Te, meu Deus, que fraquejei nas palavras contra toda a vontade de meu coração, porque lhe disse: Se assim vossa mercê mo promete, não irei. Alegrou-se de me ouvir dizer isto, e afirmou no mesmo momento que me daria quanta comodidade quisesse para servir-Te.

“Mas eu, na mesma hora, fui colocar-me a teus pés, pedir-Te perdão pelo que o amor natural me fizera dizer para não desconsolar minha mãe, e para que não me tomasse por tão ingrata, e a pedir-Te que Tu recompusesse, Senhor, aquilo que meu amor-próprio havia descomposto. Aflitíssima Te pedia isto, porque já me havias dado a conhecer que era Tua vontade que eu fosse freira neste Convento.

“Mais rapidamente, porém, andaste em favorecer-me, Senhor, que minha mãe em cumprir sua promessa. Porque naquela mesma noite, sem se saber como, pegou fogo na cidade numa casa que estava vazia, sem gente, vizinha à casa de minha mãe, e se queimou a casa de minha mãe e com toda a vizinhança de parentes que por ali havia, onde também se poderia conseguir um refúgio para mim, e de nada sobrou mais que cinzas.

“Quatro dias depois lhe chegou a notícia; e levantando as mãos ao céu, ela Te deu graças dizendo: **já conheço, Senhor, que não é Tua vontade que eu detenha minha filha. Aí a tens. Faze dela o que quiseres.** Pois já estou de acordo com o que fazes.

“Desde então se conformou com Tua vontade, embora não tenha deixado de chorar e de o sentir grandemente, o que me mantinha a mim em contínuo padecer” (Vble. Madre Sor CATALINA DE JESÚS HERRERA, *Autobiografía*, Edit. Santo Domingo, Quito, 1954, p. 68 / *Puede imprimirse*: Víctor M. Carrillo M., vicario general, Angel Humberto Jácome, Secretario).

CAPÍTULO VII

**Defendendo contra as incompreensões,
ardis e pressões de seus familiares aqueles
que se sentem chamados por Deus para
a vida religiosa, os Santos os exortam a
sacrificar corajosamente as afeições
decorrentes dos laços do sangue**

**341. *Em todos os tempos a vida monástica teve
seus detratores, e sempre houve pais que se
opuseram obstinadamente à vocação dos filhos***

Do Pe. Anselme Dimier OCR, numa obra sobre a vida de São Bernardo (1090-1153):

“Em todos os tempos a vida monástica teve seus detratores, sem contar que a separação que ela impõe tem sempre parecido desumana aos que não são animados por um profundo espírito de fé.

“Eis porque em todos os tempos houve pais que se opuseram por todos os meios à vocação de seus filhos, e até após a entrada deles no claustro valeram-se de todos os meios para tentar fazê-los sair” (Pe. ANSELME DIMIER OCR, *Saint Bernard, “Pêcheur de Dieu”*, Letouzey et Ané, Paris, 1953, t. I, p. 92 / *Imprimatur*: Michel Potevin, vic. gen., 23-4-1953).

**342. *O auge da piedade, em certos casos, consiste
em desprezar a mãe por amor de Deus***

De uma biografia de São Bernardo de Claraval (1090-1153):

“São Bernardo supõe que há uma outra razão que retém no mundo a ele (Gautier de Chaumont, jovem e brilhante mestre com quem o Santo estava

fazendo apostolado). ‘É o amor a vossa mãe que vos impede de deixar o que aprendestes a desprezar. O que direi? Deixar vossa mãe? Isto parece desumano. Ficar com ela? Mas isto também não convém, quando ela é a causa da perda de seu filho. Aconselhar-vos-ei servir ao mesmo tempo a Deus e ao mundo? Ninguém pode servir a dois senhores’.

“E o Santo conclui dizendo que é melhor para ele deixar a mãe, temendo que, se abandonar Nosso Senhor para ficar com ela, ela se perca a si mesma por causa dele; acrescentando estas palavras, que realizam no latim um magnífico esforço de consonâncias e de aliterações: *‘Alioquin male meruit de te quae te peperit, si propter te perit. Quomodo enim non perit, quae ipsum quem peperit perimiti?’* (col. 240 B — ‘De outro modo, se aquela que vos deu a luz se condenar por vossa causa, terá sido mal recompensada por vós. Como, com efeito, não se condenaria aquela que causa a condenação daquele que gerou?’).

“Para terminar, o Santo afirma que em tal caso, o auge da piedade é desprezar a mãe pelo amor de Deus, porque Deus disse na Escritura: ‘Quem ama seu pai e sua mãe mais do que a Mim, não é digno de Mim’ (Mt. X, 37. — Epist. CIV, em PL CLXXXII, col. 238-240)” (Pe. ANSELME DIMIER OCR, *Saint Bernard, “Pêcheur de Dieu”*, Letouzey et Ané, Paris, 1953, t. I, pp. 78-79 / *Imprimatur*: Michel Potevin, vic. gen., 23-4-1953).

343. “Não vos considero como meus pais, mas como meus inimigos”

Da mesma biografia de São Bernardo (1090-1153):

“O monge Elias, de Claraval, recebia dos seus cartas após cartas com o fim de fazê-lo deixar o hábito. Farto deste assunto, entregou a causa nas mãos de seu Abade (São Bernardo), que se encarregou da resposta. Ela nos parece excessivamente severa, mas bem podemos supor que o conteúdo e o tom das cartas que a provocaram não mereciam acomodações. Enfim, notemos o que está em jogo: nada menos do que a vocação de um monge de Claraval, o que atingia São Bernardo na pupila dos olhos. A carta começa assim:

“ ‘A única causa que permite não obedecer aos pais, é Deus. Pois está dito: quem ama seu pai e sua mãe mais do que a Mim não é digno de Mim’ (Mt. X, 37).

Uma carta desprovida de doçura...

“Estas palavras — como também a continuação da carta — fazem pensar que os pais de Elias tinham a pretensão de chamar de volta seu filho em nome da obediência que lhes devia. E a carta continua, desprovida de doçura:

“ ‘Se vós me amais realmente como bons e piedosos pais; se vós tendes para com vosso filho uma piedade verdadeira e cheia de Fé, por que me importunais, se eu me dedico a agradar a Deus, o Pai de todos? E por que vos es-

forçais por me arrancar de seu serviço, quando servir a Deus é reinar? Eu me vejo obrigado a reconhecer que os inimigos do homem são as pessoas de sua casa (Mich. VII, 6; Mt. X, 36). Nisto não vos devo obedecer; nisto eu vos considero não como meus pais, mas como meus inimigos. Se vós me amais, vós vos alegrareis de que eu vá a meu Pai, que é também o vosso (alusão às palavras de Jesus aos seus Apóstolos, em Jo. XIV, 28), bem mais: que é o Pai de todos’.

“E o tom torna-se cada vez mais duro. **Pela pena de seu Abade, o jovem monge faz notar a seus pais** — como uma amarga reprimenda — **que deles só recebeu o pecado e a miséria**, um corpo corruptível engendrado no pecado.

A seguir, exclama:

“**Ó pai cruel! ó mãe sem piedade! ó pais cruéis e ímpios! nem mesmo pais, mas assassinos, para quem a salvação de vosso filho é uma dor, e sua morte, uma consolação!** [...]

“**Cessai de me importunar inutilmente chamando-me de volta**”

“E a carta continua assim, aplicando-se a bem fazer compreender que qualquer nova instância daí por diante será inútil.

“**‘Cessai, pois, de vos afligir por um nada, e me importunar inutilmente chamando-me de volta.** À força de me acostrar com vossas cartas, vós me obrigareis a fugir para mais longe ainda. Se renunciáis a isto, então eu ficarei em Claraval para sempre. [...] Aqui eu rezarei a Deus sem cessar por meus pecados e pelos vossos; aqui por minhas instantes orações, **obterei**, se puder — o que também vós desejais — **que nós, que estamos separados provisoriamente por seu amor, vivamos inseparável e felizmente reunidos no outro mundo, por seu amor, pelos séculos dos séculos. Amém!**” (Epist. CXI, na PL CLXXXII, col. 253-255)” (Pe. ANSELME DIMIER OCR, *Saint Bernard, “Pêcheur de Dieu”*, Letouzey et Ané, Paris, 1953, t. I, pp. 92 a 94 / *Impri-matur*: Michel Potevin, vic. gen., 23-4-1953).

344. “Vós que fostes chamado por Deus, como seguis agora o chamado do diabo?”

Ainda da mesma biografia de São Bernardo (1090-1153):

“Acontecia às vezes, infelizmente, que com tais instâncias de seus parentes, noviços se deixassem tentar, e que, em um momento de desânimo, acabassem por deixar Claraval.

“É o caso de Geoffroy de Lisieux. O Santo lhe escreveu para chamá-lo de volta:

“**‘Eu choro por vós, meu filho Geoffroy, choro por vós (são as palavras de David chorando a morte de Jônatas, em II Reg. I, 26). Quem não choraria vendo a flor de vossa juventude, que ofertastes a Deus para a maior alegria dos Anjos, hoje calcada aos pés pelos demônios, maculada pelos vícios**

do mundo? Vós que fostes chamado por Deus, como seguis agora o chamado do diabo? Vós a quem Cristo começava a levar em seu séquito, como recuastes no próprio momento de entrar na glória? Em vós verifico esta palavra do Senhor: **Os inimigos do homem são as pessoas de sua casa** (Mich. VII, 6; Mt. X, 36). Vossos amigos e vossos próximos conservam-se afastados de vossas chagas (alusão às palavras do Salmo XXXVII, 12). Eles vos reconduziram para dentro da boca do leão e vos trouxeram às portas da morte; e **pouco falta para que desçais ao inferno**'. [...]

“ ‘Voltai, vo-lo peço, antes que sejais engolido pelo inferno, antes de serdes levado para o lugar de onde não saireis mais, antes de serdes lançado, pés e punhos atados, nas trevas exteriores, onde não há senão choro e ranger de dentes’ . [...]

“ ‘Talvez tenhais vergonha de voltar, porque fraquejastes por momentos. Enrubescei-vos de ter fugido, mas não de voltar em seguida para o combate, para retomar a luta. A batalha não terminou ainda, os dois exércitos ainda estão em disputa e a vitória aí está, nos aguardando. Se quiserdes, não venceremos sem vós e não desejaremos para nós a parte de glória que vos deverá ser atribuída. Cheios de alegria, correremos ao vosso encontro, e vos receberemos de braços abertos, dizendo: É preciso nos alegrarmos e festejarmos, pois nosso filho estava morto e ressuscitou, estava perdido e foi encontrado’ (Lc. XV, 32 — Epist. CXII, em PL CLXXXII, col. 255-256).

“A história não diz se o Abade de Claraval teve a alegria de ver retornar Geoffroy de Lisieux” (Pe. ANSELME DIMIER OCR, *Saint Bernard, “Pêcheur de Dieu”*, Lctouzey et Ané, Paris, 1953, t. I, pp. 95-96 / *Imprimatur*: Michel Potevin, vic. gen., 23-4-1953).

345. “Se vós me amais, certamente vos alegrareis porque vou ao Pai”

Outro fato da mesma biografia de São Bernardo (1090-1153):

“É ainda a um jovem clérigo da igreja de Lyon, entrado no Mosteiro de Miroir, dependente de Cister, que São Bernardo escreve, por volta de 1138, para o encorajar em sua vocação.

“Este noviço, saído da nobre família delfinesa dos Châteauneuf, sobrinho do Bispo Hugues de Grenoble e trazendo o mesmo nome, entrara no noviciado sem nada dizer à família. Quando o Santo, que tinha relações de amizade com o Bispo Hugues desde sua viagem a Grenoble por volta de 1125, foi avisado da conversão do jovem Hugues, alegrou-se enormemente. [...]

“Em carta que lhe remeteu, São Bernardo pensa nas condições em que Hugues deixara Lyon, sem nada dizer a seus pais. Imagina bem o que estes poderão inventar para tentar arrancar o filho do claustro. E toma a dianteira. ‘Os inimigos do homem são as pessoas de sua casa’, diz ele, citando a palavra de Miquéias (Mich. VII, 6). Estes são os que não vos amam por vós mesmo, mas pela alegria que tiram de vós. Que ouçam a palavra de

nosso filho: se vós me amais, vós vos alegrareis certamente por que eu vou ao Pai' (palavra do Salvador a seus Apóstolos antes da Ascensão; em Jo. XIV, 28).

“Depois o Abade de Claraval cita a passagem da famosa carta de São Jerônimo a Heliodoro: ‘Se vosso pai se deita através da porta, se vossa mãe, descobrindo seu peito, vos mostra com que vos alimentou, se vosso sobrinhozinho se pendura em vosso pescoço: **passai sobre o corpo de vosso pai, passai sobre o corpo de vossa mãe, e, com os olhos secos, voai rumo ao estandarte da cruz. Nessa matéria, o maior grau de piedade é ser cruel por Cristo**’ (São Jerônimo, Epist. XIV, em PL XXII, col. 348). E o Santo exorta o noviço a não se deixar comover pelas lágrimas dos loucos que se lamentam de o ver, ao invés de filho do inferno, tornado filho de Deus. E prossegue:

“ ‘O que é um amor tão cruel? Uma afeição tão falsa? As más conversas corrompem os bons costumes (citação de São Paulo, I Cor. XV, 33; ou de Menandre em Thais). [...] Aprendei a rezar a Deus, aprendei a elevar vosso coração ao mesmo tempo que vossas mãos; aprendei a dirigir ao Céu vossos olhos suplicantes, e a apresentar ao Pai das misericórdias vossa face miserável, em todas as vossas necessidades’.

“O santo Abade recomenda-lhe ainda que escute os conselhos de seus pais espirituais. É assim que obterá a vida. E conclui: ‘Procedei assim e a bênção de Deus descenderá sobre vós, de modo que para cada uma das coisas que vós abandonastes, recebereis o cêntuplo, ainda nesta vida. Não acrediteis no espírito que trata de vos persuadir de que vossa conversão é prematura e de que seria preciso diferi-la para uma idade mais avançada’.

“Para terminar, o Santo exorta o noviço à perseverança, pois somente ela faz merecer a coroa (Epist. CCCXXII, em PL CLXXXII, col. 527-528).

Pendurou a carta do Santo ao pescoço, e obteve incontinenti sua cura

“Quando Hugues recebeu esta carta, encontrava-se atingido pela febre. Por veneração para com seu autor, pendurou o pergaminho ao pescoço com toda a devoção, como remédio salutar, e obteve incontinenti sua cura (Vita Ia, lib. IV, cap. VII, n.º 40, em PL CLXXXV, col. 345 A)” (Pe. ANSELME DIMIER OCR, *Saint Bernard, “Pêcheur de Dieu”*, Letouzey et Ané, Paris, 1953, t. I, pp. 106 a 108 / *Imprimatur*: Michel Potevin, vic. gen., 23-4-1953).

346. “Foge de teus irmãos, se queres encontrar a salvação”

Carta de São Bernardo (1090-1153) a Tomás, Preboste de Beverley, animando-o a entrar para a Ordem Cisterciense, como tinha prometido:

“Ora, caríssimo, se prestas atenção a esta voz de teu Deus, mais doce que o mel e o favo, foge da preocupação exterior; e, tendo diligente e desembara-

çado o sentido interno, diz também com Samuel: 'Fala, Senhor, pois o teu servo escuta' (I Reg. III, 10). [...]

"A Abraão se lhe manda sair da sua terra e da sua parentela para que mereça ver e possuir a terra dos vivos (Gen. XII, 1). Jacó, depois de deixar o irmão e a pátria, passa sobre o Jordão (Gen. XXXII, 10), e o recebem os braços de Raquel (Gen. XXIX, 11). José domina no Egito (Gen. XLI) depois de ter sido arrebatado ao pai e à pátria com uma venda furtiva (Gen. XXXVII). À Igreja se lhe manda que esqueça seu povo e a casa de seu pai, para que o Rei deseje sua formosura (Ps. XLIV, 11-12). O Menino Jesus, procuram-no entre os parentes e os conhecidos, mas não O encontram (Lc. II, 44-45).

"Foge também tu de teus irmãos, se queres encontrar a salvação" (São BERNARDO, *Obras Completas*, BAC, Madrid, 1955, vol. II, pp. 1162-1163 / *Imprimatur*: José María, Obispo Aux. e Vic. gen., Madrid, 20-1-1955).

**347. "Se alcanças a vitória no ataque
do amor paterno, não haverá amor
capaz de fazer-te voltar atrás"**

Diz Santo Ambrósio (340-397), Bispo de Milão e Doutor da Igreja, no Livro I das Virgens:

"Mas tu, ó virgem escolhida, não os temas. E quando no seio do lar o demônio te apresente batalha, mostrando-te os pais suplicantes, com lágrimas nos olhos, anunciadoras da dor que tua partida deixa em seus corações, não te rendas, mas com o olhar posto em Deus resiste valorosamente, porque se alcanças a vitória no ataque do amor paterno, não haverá então amor do mundo capaz de fazer-te voltar atrás' (p. 48)" (Pe. RAMÓN J. DE MUÑANA SJ, *Verdad y Vida*, Editorial El Mensajero del Corazón de Jesús, Bilbao, 1951, 2.^a ed., t. V, pp. 75-76 / *Imprimatur*: Daniel, Episcopus Segoviensis, 30-6-1951).

**348. "Teus pais poderão negar-te o dote; mas
tens um Esposo que te cumulará de riquezas"**

Do mesmo livro de Santo Ambrósio:

"Teus pais poderão negar-te o dote; mas tens um Esposo que te cumulará de riquezas, a tal ponto que desprezes a herança paterna. Quão melhor é uma pobreza casta a uma esplêndida herança!" (Santo AMBRÓSIO, Das Virgens, Livro I, cap. 11 e 12, in Pe. Francisco de B. Vizmanos SJ, *Las Vírgenes Cristianas de la Iglesia primitiva*, BAC, Madrid, 1949, pp. 688-689 / *Imprimatur*: Casimiro, Obispo aux. y Vic. gen., Madrid, 12-1-1949).

349. Libertara-se das imposições da família como lhe aconselhara Santa Catarina

De uma biografia de Santa Catarina de Siena (1347-1380):

“Entre os discípulos presentes naquela ocasião (últimos momentos de Santa Catarina de Siena), Caffarini menciona Stefano Maconi (Beato). **Libertara-se ele das imposições de sua família como tantas vezes lhe aconselhara Catarina**, compreendendo afinal o que ela lhe queria dizer quando lhe escrevia que ‘os pais dum homem podem ser seus piores inimigos’ (Cart. 365)” (JOHANNES JOERGENSEN, *Santa Catarina de Sena*, Vozes, Petrópolis, 1944, p. 392 / *Imprima-se*: Por comissão especial do Bispo de Niterói, D. José Pereira Alves, Frei Ático Eyng OFM, Petrópolis, 3-7-1944).

350. Uma vocação miseravelmente perdida, pela investida da família, com apoio do Cardeal Caraffa

Narra o Padre Espinosa Polit SJ, em sua obra *A obediência perfeita*:

“No começo do ano de 1553, ingressou na Companhia (de Jesus) em Palermo um jovem napolitano de grandes qualidades, chamado Otaviano Cesari.

A vocação de Otaviano foi violentamente combatida pelos parentes

“Longa é a história das vicissitudes pelas quais passou essa vocação até chegar a perder-se miseravelmente, depois de ter feito conceber as mais risonhas esperanças pelo fervor e heróica constância dos primeiros anos. Escolhemos dela o que vem a propósito.

“Desde o começo, a vocação de Otaviano foi violentamente combatida por seus parentes, que se valeram de todos os meios imagináveis para que nossos Superiores permitissem ao jovem noviço voltar a Nápoles para encontrar-se com os seus.

Monitória do Cardeal Caraffa obriga Santo Inácio a ceder

“Santo Inácio tomou muito a peito acalmar essa tempestade, e sem dúvida o teria conseguido, se não intervisse no assunto o próprio Cardeal de Nápoles, João Pedro Caraffa. Este Prelado, favorável aos parentes de Otaviano, levou muito a mal a resistência do Santo, e para quebrá-la fez uma **Monitória** (advertência que o Papa ou os Prelados dirigem aos fiéis para lhes indicar uma norma de procedimento) **na qual mandava que**, num prazo conveniente, fizesse vir a Nápoles o noviço a fim de que falasse com sua mãe.

**O Santo obedece, mas protesta energicamente,
e em devida e boa forma jurídica**

“Nosso Padre (Santo Inácio) avisou imediatamente Otaviano de que tinha licença para ir a Nápoles e que nem ele nem o Reitor de Palermo lho impediriam (Epist. VII, 421), mas ao mesmo tempo quis responder de forma jurídica, e o fez por meio de seu secretário nos seguintes termos:

“ ‘Eu, João de Polanco, Procurador constituído pelo R. Pe. Mestre Inácio, Preposto Geral da Companhia de Jesus, como consta nas atas feitas antes pelo senhor João Batista Galletti, digo em seu nome que, apesar de que algumas coisas que estão na Monitória se passaram de maneira diferente das que foram narradas aos Revmos. (sic) Cardeais, o que teriam sabido se nos tivessem chamado e ouvido antes da Monitória nos intimar; sem embargo, para obedecer à sua ordem, nosso Padre Preposto escreve a Otaviano Cesari, dando-lhe licença para ir a Nápoles para falar com seus parentes e mandando ao Reitor do colégio onde ele está e ao Preposto Provincial da Companhia na Sicília que não impeçam a viagem do jovem, como consta nas cartas originais que deixo nas atas a fim de que possam enviar-se àqueles a quem concernem.

**Licença para ir, mas não
em nome da obediência**

“ ‘Digo além disso, em nome do mesmo Padre Preposto Geral, que persuadir o jovem ou mandar-lhe por obediência que venha a Nápoles, não pode nem deve fazê-lo com boa consciência. Porque, tendo Otaviano assegurado que está muito longe de querer falar com seus parentes, porque teme o perigo disso, não crê que pode agir segundo o beneplácito de Deus se se o persuade ou lhe manda que ponha em perigo sua alma.

**Santo Inácio onera a consciência
dos Cardeais autores da Monitória**

“ ‘Por outro lado, crê que pode satisfazer a Monitória, dando-lhe licença de ir, coisa que não julgaria poder fazer com boa consciência se não acreditasse com razão que ficava exonerado disto pela Monitória dos Revmos. (sic) Cardeais, sobre cujas consciências pesa a licença que dá (Epist. VII, 420-421)’ ” (Pe. MANUEL MARÍA ESPINOSA POLIT SJ, *La obediencia perfecta*, Editorial Jus, México, 1961, 2.^a ed., pp. 129 a 131 / *Puede imprimirse*: Benigno Chiriboga SJ, Obispo aux., Vicario general, 9-12-1960).

351. “Não vos oponhais aos desígnios de Deus sobre vossa filha”

De uma carta de São Luís Maria Grignion de Montfort (1673-1716), exortando um pai a não se opor à vocação de sua filha:

“Sr. Regnier:

“Saúdo-vos em Jesus Cristo e rogo-vos que não vos oponhais aos desígnios de Deus sobre vossa filha, que Ele confiou ao vosso cuidado. Ele vo-la deu para que a guardásseis até hoje na inocência do Batismo, como o fizestes. Mas não é lícito apropriar-vos dela. É um bem de Deus, é um bem de outros, que não podeis roubar impunemente. Se vós a ofereceis a exemplo daqueles pais e mães, que, como relata a história, sacrificaram generosamente seus filhos e filhas únicos a Deus, como Abraão, que bênçãos vejo prontas a descer sobre vossa pessoa e sobre tudo o que vos pertence, que glória e que coroa vos esperarão na eternidade” (São LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT, *Obras*, BAC, Madrid, 1954, p. 115 / *Imprimatur*: José, Obispo de Santander, Santander, 19-6-1953).

352. “Vossa filha já não é vossa, é de Deus”

De uma biografia de São Luís Maria Grignion de Montfort (1673-1716):

“Quando (São Luís Maria) a viu (Maria Luísa Trichet, futura fundadora das Filhas da Sabedoria) totalmente desprendida do mundo, deu-lhe um hábito pobre e rústico, com o qual não só havia de andar pelo hospital, como também sair à rua.

“A mãe dela, senhora distinta, protestou contra o que considerava uma ignomínia para a família. Um dia em que, com lágrimas nos olhos, estava no hospital pedindo à filha que lhe poupasse aquela afronta, de improviso apresentou-se o Pe. Montfort:

“— O que fazeis aí, minha Irmã Trichet? Andai com vossos doentes.

“— Eu estou com minha filha — replicou a mãe — e tenho que lhe falar.

“— Vossa filha, senhora? Não, não. Já não é vossa, é de Deus.

“A dolorida mãe ainda reclamou ante o Bispo; mas, no fim, o hábito não foi trocado” (CAMILO MARÍA ABAD SJ, in *Obras de San Luis María Grignion de Montfort*, BAC, Madrid, 1954, pp. 20-21 / *Imprimatur*: José, Obispo de Santander, Santander, 19-6-1953).

353. Para obrigar seus filhos a abandonar o Convento de Santo Afonso, pais recorriam à autoridade dos Bispos e até do Soberano

De uma vida de Santo Afonso de Ligório (1696-1787):

“Desses numerosos noviços, atraídos uns pela fama das virtudes de Afonso, outros pela graça de uma missão, estes pela influência de uns discípulos, aqueles por um apelo forte do Espírito Santo, muitos tiveram de triunfar dos maiores obstáculos e até de fugir da casa paterna para seguirem sua vocação.

“Neste último caso, os pais recorriam às vezes à autoridade dos Bispos e até à do Soberano para obrigar seus filhos a abandonar o convento.

O Santo os disputava, aos pais e aos poderosos, com firmeza invencível

“Ora uma das primeiras qualidades do governo de Afonso era a invencível firmeza com que disputava aos pais e aos poderosos os jovens que a ele se entregavam ou que pediam sua proteção.

“Ele julgava que ninguém sobre a terra tem o direito de contrariar os desígnios de Deus sobre as almas, nem de forçar as almas a se desviarem do caminho que a Providência lhes traçou para chegarem à salvação eterna.

“Em todas as épocas teve de combater em assunto de vocações, porém de um modo especial no período que descrevemos” (Pe. BERTHE CSSR, *Santo Afonso de Ligório*, Escolas Profissionais Salesianas do Lyceu Coração de Jesus, São Paulo, 1931, p. 336 / *Imprima-se*: Duarte, Arcebispo Metropolitano, Aparecida, 8-12-1931).

354. Com santa tenacidade, Afonso reivindicava os filhos que Deus destinava à sua família religiosa

Da mesma vida de Santo Afonso Maria de Ligório (1696-1787):

“Em 1753 chegou a Paganini um jovem seminarista da diocese de Muro, por nome Francisco de Paula. Primo dos dois Blasucci, ficara conhecendo a Congregação por intermédio deles, e solicitou sua admissão com todo o ardor dos seus dezoito anos.

“Fatos singularíssimos atestaram a sua vocação, de sorte que Afonso aceitou sem hesitação, mas obstáculos aparentemente insuperáveis retardaram sua entrada no noviciado; não somente os pais se opunham a isso, mas também o Bispo de Muro, que, vendo em Francisco de Paula a honra do seminário, fez causa comum com os pais e declarou que, se o moço deixasse a diocese, jamais consentiria em ordená-lo. Daí o grande embaraço para o nosso Santo, porque se aceitasse o postulante teria em casa um Religioso, ao qual permaneceriam para sempre fechadas as portas do Sacerdócio, e, além disso,

incorreria no desafeto do Bispo e fechava para si e seus Missionários a entrada de uma diocese onde as almas reclamavam o seu auxílio. Do outro lado, poderia ele abandonar um moço que lhe pedia tivesse compaixão dele?

“Em 1755 ele escreveu: ‘Francisco de Paula não me dá sossego com suas cartas. Tenho dó dele. Se ele deixasse, por si mesmo, a casa paterna e me viesse procurar, não o despacharia; mas não me atrevo a escrever-lhe nesse sentido, porque minha carta poderia ser mal interpretada’.

“Após dois anos de lutas Francisco fugiu do seminário e refugiou-se em Ciorani. O Bispo ameaçou recorrer ao rei. Afonso preveniu-o, correu a Nápoles e dispôs o Ministério em seu favor, de sorte que o jovem entrou no noviciado professando um ano depois.

“Por esses exemplos vê-se **com que santa tenacidade Afonso reivindicava os filhos que Deus destinava à sua família**. Constituindo essa família espiritual o Santo fundador não tinha outra intenção que santificar os que se lhe entregavam, a fim de trabalhar com eles na santificação do mundo. Queria que seus filhos fossem santos, mas queria-o com aquela perseverante energia, que é o fruto do verdadeiro amor” (Pe. BERTHE CSSR, *Santo Affonso de Ligorio*, Escolas Profissionais Salesianas do Lyceu Coração de Jesus, São Paulo, 1931, pp. 367-368 / *Imprimatur*: Duarte, Arcebispo Metropolitano, Aparecida, 8-12-1931).

355. “O Senhor escolheu vosso filho para dele fazer um grande Santo”

Numa obra hagiográfica se lê, a respeito do ingresso de São Vicente Strambi (1745-1824) na Congregação dos Passionistas, após ter, graças a um ardil, conseguido se afastar de sua família:

“A tomada de hábito teve lugar três dias após sua entrada. **Esta infração da Regra**, a qual exige uma mais longa provação, **não se explica senão pelo desejo dos Superiores de colocar a família do jovem noviço diante de um fato consumado**. Pois o pai segundo a carne não se desarmava e se esperavam dele duros ataques. [...]

“**Entrementes, o velho José Strambi (pai de São Vicente)** se desesperava por perder seu filho único, e **tentava por todos os meios reavê-lo**. Escreveu a São Paulo da Cruz (Fundador e Superior dos Passionistas) uma carta, dura e autoritária. Temos em mãos a admirável resposta do Santo, que não recorreu senão a um único argumento: **‘Pode-se contrariar uma tão bela vocação? O pai carnal tem mais direitos sobre o filho que o Pai do Céu?’** E acrescenta esta frase profética: ‘O Senhor escolheu vosso filho para dele fazer um grande Santo’.

“José Strambi não renunciou, entretanto, ao que cria ser seu direito. Recorreu ao Cardeal Oddi e defendeu tão bem sua causa que este, emocionado, mandou um Padre para ‘experimental’ a vocação de Vicente e para recon-



SÃO PAULO DA CRUZ (séc. XVIII) numa carta ao pai de São Vicente Strambi, que tentava reaver seu filho: "Pode-se contrariar uma tão bela vocação? O pai carnal tem mais direitos sobre o filho do que o Pai do Céu?" (ficha 355)

(São Paulo da Cruz; detalhe do retrato por Domenico della Porta. Roma, Generalato)

duzi-lo à força 'se entretanto, diz o cronista, encontrasse algum motivo de fazê-lo honestamente'.

"Era não conhecer o jovem noviço. Em lugar de se defender, ele passou ao ataque e fez um tal panegírico de sua vocação, que o delegado do Cardeal afastou-se o mais rápido possível 'pois, disse, um pouco mais e até eu ficava lá'.

"O pobre Sr. Strambi, que no total não era um mau cristão, reconheceu-se vencido" (MARIA WINOWSKA, *C'est l'heure des Saints*, Bonne Presse, Paris, 1952, pp. 71-72 / *Imprimatur*: Petrus Brot, vic. gen., Parisiis, 21-4-1952).

CAPÍTULO VIII

Muitos Santos — especialmente Fundadores — foram incompreendidos, e até mesmo perseguidos, acusados de fanatismo, de sectarismo e de heterodoxia; tais oposições procediam, por vezes, dos círculos familiares de seus discípulos

356. *Os próprios parentes do Divino Salvador consideravam que Ele tinha perdido o juízo!*

Do Evangelho de São Marcos:

“E, voltando (Jesus e os Apóstolos) à casa, reuniu-se de novo a multidão, de modo que nem podiam tomar alimento. E os seus parentes, tendo disto conhecimento, vieram apoderar-se dEle, porque diziam que tinha perdido o juízo” (Mc. III, 20-21).

357. *Os parentes de Nosso Senhor se recusaram a crer em sua divindade e O julgaram doido porque ninguém é profeta para os membros de sua família*

D. Duarte Leopoldo e Silva, primeiro Arcebispo da Arquidiocese de São Paulo, em sua famosa *Concordância dos Santos Evangelhos*, assim comenta o referido episódio do Evangelho de São Marcos:

“Não admira que alguns parentes de Jesus se tenham recusado a crer na sua divindade e o julgassem doido. Não tinha Ele dito que ninguém é profeta em seu país, em sua casa, em sua família?” (Dom DUARTE LEOPOLDO E SILVA, *Concordância dos Santos Evangelhos*, Ambrosiana Cia. Gráfica e Editorial, São Paulo, 5.^a ed., 1967, p. 163 / *Imprimatur*: Agnelo Cardeal Rossi, Card. Arcebispo de São Paulo).

358. “Todos os que querem viver piamente em Jesus Cristo, padecerão perseguição”

Da segunda Epístola de São Paulo a Timóteo:

“Tu, porém, tens seguido a minha doutrina, a minha maneira de viver, as intenções, a fé, a longanimidade, a caridade, a paciência, as (minhas) perseguições, sofrimentos, quais me aconteceram em Antioquia, Icônio e em Lистра; perseguições que sofri, e de todas me livrou o Senhor. E **todos os que querem viver piamente em Jesus Cristo, padecerão perseguição**. Mas os homens maus e sedutores irão de mal a pior, errando e induzindo outros a erro” (*II Tim. III, 10-13*).

359. Contra Santo Ambrósio, por causa das campanhas que fazia em prol da pureza, se desencadearam furiosos ataques dos inimigos da virgindade

De um estudo sobre a virgindade nos primeiros séculos da Igreja:

Esmagados muitas vezes, pelo peso do pátrio poder, os desejos de continência

“Muitas vezes os desejos de continência, que brotavam tímidos no peito da filha, **eram esmagados pelo peso do pátrio poder**, assim como uma violeta da ladeira é esmagada pelo penhasco que desprendido do monte seca para sempre seu aroma... Com que indignação clamava em Milão seu zeloso pastor (Santo Ambrósio):

“Que dizer quando tantas jovens de fora, que não ouvem minhas exortações, se consagram à virgindade, e as que aqui me ouvem não a professam? É que conheci **muitas donzelas desejosas de entregar-se à continência e que se vêem impedidas por suas mães**, e o que é mais grave, por mães viúvas às quais me dirijo. Quer dizer, se vossas filhas quisessem amar e se entregar a um homem, as leis lhes permitiriam escolher a quem quisessem; mas **aquelas a quem é concedido escolher como esposo um varão qualquer, não têm a faculdade de escolher a Deus**’ (*De virginibus, Libr. I, cap. X, n.º 58*).

“Ou como se lamentava em outra ocasião, com palavras ainda mais mordazes, recordando o sacrifício da filha de Jefté: ‘Leva-se a cabo o sacrifício cruento de uma vida inocente e não há quem o impeça; **pretende-se oferecer a Deus a pureza e sempre há quem se oponha**’ (*De virginitate, Cap. III, n.º 10*).

Pai, mãe e irmãos: um cerco de aço para sufocar a vocação

“Através dos antigos pergaminhos, vemos repetir-se com freqüência a

cena: a mãe, com o rosto rígido de autoridade, a voz severa, chamejante de indignação e angústia no olhar, increpa inexorável uma jovem lançada a seus pés, com aquele provérbio da Roma clássica: **'Filha, tu nos deves netos'**. Continuando, faz com cores carregadas uma pintura do desprezo que sente a sociedade elegante em relação à jovem solteira fracassada em sua ascensão ao amor do lar. Uma rubrica final, que pretende soar como a descarga de um raio: nem dote nem herança irão parar em suas mãos, ficando por isso a presumida virgem sob a única custódia de sua própria miséria.

"Ao abandonar a presença de sua mãe, a jovem, ansiosa por ambiente mais desanuviado, esbarra na visão de seu pai e de seus irmãos, que tratam de apertar mais e mais aquele cerco de aço em que se sente sufocar. Ao mesmo tempo, chegam do exterior as vozes dos pretendentes recusados, que a maldizem com furor; e como música de fundo dessa melodia diabólica soa, como se fosse o grande sino, o murmúrio da sociedade mundana, que eleva sem cessar sua voz anônima contra uma virtude cuja prática dificulta aos jovens encontrar esposas e põe em perigo o próprio crescimento do gênero humano. A futura virgem se vê na necessidade de lutar sózinha contra aquela tormenta de lama e podridão levantada para obscurecer o arminho de sua pureza.

"Em meio a tal fragor, consegue sem embargo perceber, como num susurro distante, a voz de seu Bispo. Seu ânimo se ergue com perfil de indomável rijeza. Os gritos do exterior não a perturbaram nunca. Tem presentes as palavras com que Santo Ambrósio havia refutado aqueles clamores em uma de suas exortações, viva aguilhoada do espírito da lógica na carne da ironia:

O grande Bispo de Milão refuta os opositores da virgindade

" "Ouvi dizer que com a consagração das virgens se acaba o mundo, decresce o gênero humano e se põe em perigo o matrimônio. Eu pergunto: porventura houve alguém que tenha buscado esposa e não a encontrou por essa causa? Se alguém julga que pelo voto de virgindade decresce o gênero humano, convença-se de que precisamente onde é menor o número das virgens é também menor o número dos nascimentos, e onde é mais freqüente a consagração virginal, é também maior a população. Olhai quantas são as virgens que se consagram cada ano em Alexandria, na África, em todo o Oriente; pois bem, entre nós o número de nascimentos é menor que o número de virgens naquelas regiões. A virgindade não é, pois, prejudicial, se refletimos sobre o que ocorre em todo o orbe da Terra, e muito menos se trazemos à memória que por meio de uma Virgem veio a salvação, que havia de tornar fecundo o Império Romano.

"Mas se alguém ainda persiste em se opor devido a esta causa à pureza, que esse proíba às esposas viver honestamente, já que serão mais fecundas se se entregam à incontinência; que não guardem fidelidade ao marido, se ele se ausenta, para não impedir o nascimento da possível prole, nem deixar passar inutilmente a idade mais hábil para ter sucessão.

“Mas (dizem) deste modo se dificulta aos jovens o caminho do matrimônio! E, se eu vos disser que, pelo contrário, assim lhes ficará mais fácil a escolha?

Duas palavras aos que se opõem ao voto de virgindade

“Vou me permitir duas palavras com aqueles que se opõem ao voto de virgindade. Antes de tudo saibamos quem são. São os já casados ou os solteiros? Se se trata dos que já contraíram matrimônio, não têm porque temer, pois suas esposas já não podem entrar no coro das virgens; se se trata dos que ainda são célibes, não devem tomar como injúria o ter posto os olhos em quem estava decidida a não aceitar proposta alguma de boda.

“Ou talvez são os pais solícitos de colocar suas filhas os que se incomodam em ver consagrarem-se novas virgens? Também estes não têm porque irritar-se pelo fato de que um tão grande número de jovens sigam meus conselhos sobre a virgindade; quanto menos jovens fiquem disponíveis, mais facilmente serão eleitas suas filhas por esposas’ (De Virginitate, Cap. VII, n.ºs 36 a 38).

“Precisamente uma das finalidades dessa obra de Santo Ambrósio (De Virginitate), fruto de seus freqüentes sermões, foi justificar-se contra os ataques que os inimigos da virgindade lhe dirigiam furiosamente por causa de suas campanhas em prol da pureza, intensificadas justamente no ano anterior, ao publicar sua obra *De Virginibus*” (Pe. FRANCISCO DE B. VIZMANOS SJ, *Las Vírgenes cristianas de la Iglesia primitiva*, BAC, Madrid, 1949, pp. 202 a 204 / *Imprimatur*: Casimiro, Obispo aux. y vic. gen., Madrid, 12-1-1949).

360. “Mostraram-se contrários ao projeto de Francisco, visto como inovação e, portanto, inadmissível”

De um livro recentemente editado, sobre fundadores de famílias religiosas:

“Quando Francisco (São Francisco de Assis, 1181-1226) chega a Roma para solicitar a aprovação de sua *norma vitae*, a primeira objeção a encontra no Cardeal Giovanni Colonna, que tenta persuadi-lo a aceitar a Regra de uma ordem monástica ou eremítica. Dificuldades análogas surgem entre os Cardeais, que se mostraram contrários ao projeto de Francisco, visto como inovação e, portanto, inadmissível. A vida que propõe seria inviável, ‘estranha e demasiado árdua para as forças humanas’ (São Boaventura, *Legenda Maior*, Cap. III, n.º 9). Também Inocêncio III, depois de ter despedido rudemente a Francisco, num primeiro momento encontra dificuldades em aceitar um estilo de vida tão severo: ‘demasiado dura e áspera é vossa vida se, querendo formar uma agrupação, vos propondes nada possuir neste mundo’ (Anônimo de Perusa, n.º 36). Para ele é concretamente impossível realizar semelhante propósito.

“Não obstante, Francisco chegou a Roma com inteira confiança, movido pelo desejo de expor ao Sumo Pontífice o que o Senhor havia começado a realizar por seu intermédio, ‘para que de vontade e mandato seu prossigamos o começado’ (Legenda dos três companheiros, n.º 46).

“Sabia que sua Regra lhe devia ser ‘concedida e confirmada’ pelo Papa. Sua fé não foi vã. **A objeção do Cardeal Colonna logo se transformou em adesão entusiástica** ao novo projeto de vida. Logo se dirige ao Papa para dizer-lhe:

“ ‘Encontrei um varão perfeitíssimo que quer viver segundo a forma do Santo Evangelho e guardar em tudo a perfeição evangélica, e creio que o Senhor quer, por seu meio, reformar a fé da Santa Igreja no mundo’ (Legenda dos três companheiros; n.º 48).

“Ainda que não pronunciasse exatamente estas palavras que a Legenda dos três companheiros põe em seus lábios, o Cardeal ficou conquistado por aquele ideal evangélico, como o demonstra toda a sua futura atividade em favor da Ordem, e reconhece nele a pertinência da resposta. [...]

“**Como o Cardeal Colonna, também no Papa e no resto da Cúria o discernimento se vai aprofundando** até reconhecer a inspiração e a obra de Deus: ‘é este quem com suas obras e ensinamentos sustentará a Igreja’, termina exclamando Inocêncio III, vendo em Francisco o homem que lhe havia aparecido em sonhos, em atitude de sustentar a Basílica Lateranense” (FABIO CIARDI, *Los fundadores hombres del Espíritu*, Ediciones Paulinas, Madrid, 1983, pp. 249-250).

361. Amigos e parentes de três discípulos de Santo Inácio acusavam-no de perverter a juventude e exercer sobre ela uma influência que só podia ter origem na magia

A conhecida historiadora Daurignac assim descreve algumas das calúnias e perseguições de que foi vítima Santo Inácio de Loiola (1491-1556):

Santo Inácio converte, em Paris, três jovens espanhóis

“Entre os jovens a quem a palavra de nosso Santo mais profundamente havia impressionado, D. Peralto e D. Amatore, pareceram-lhe reunir as qualidades desejáveis, e por isso convidou-os a fazerem os Exercícios Espirituais. O resultado foi o que sempre era: a vontade determinada de não mais viverem senão para Deus e para a sua glória. D. João de Castro, doutor da Sorbona e que pertencia também a uma das mais nobres famílias de Espanha, fez igualmente os Exercícios Espirituais sob a direção de Inácio e tirou o mesmo fruto.

“Pouco depois, D. Peralto, D. Amatore e D. João de Castro, vendiam tudo o que possuíam, davam o produto aos pobres, **declaravam-se discípulos do**

estudante mendigo que ninguém conhecia, abraçavam a pobreza voluntária, o desprendimento evangélico em todo o seu rigor, cobriam-se de roupas miseráveis e iam partilhar com o seu santo mestre o alojamento dos pobres no hospital dos peregrinos.

Inconformados, os parentes e amigos dos jovens fazem tudo para mudar-lhes as idéias...

“Os seus amigos e parentes que se achavam em Paris empregaram, para os afastar deste caminho, todos os meios sugeridos pela amizade, pela cólera ou pelo orgulho; os jovens convertidos resistiram às suas ameaças, como tinham resistido já às instâncias da sua ternura; nada conseguiu abalar a sua resolução. [...]

“Entretanto, os parentes e amigos dos discípulos do nosso Santo renovavam, sempre sem resultado, as suas tentativas, para os afastarem do caminho em que tinham entrado. A inutilidade dos seus esforços determinou-os a adotarem de combinação o meio mais eficaz.

Chegam a seqüestrá-los, na esperança de, interrogando-os, poderem comprometer o mestre

“Uma manhã, ao romper da aurora, apresenta-se a força armada, leva os três jovens e entrega-os a suas famílias. Submetem-nos a um interrogatório na esperança de que as suas respostas dêem motivo para acusar o seu mestre; mas os jovens falam de Inácio com a mais profunda veneração e a mais viva ternura. Não importa! O inferno, que já treme só ao ouvir pronunciar o nome de Inácio, saberá inspirar aqueles de que se serviu para lhe arrebataram os seus discípulos. [...]

“As pessoas que lhe tinham arrancado os seus três discípulos, fizeram uma queixa em forma ao Inquisidor-mor, Mateus Ori, Prior dos Jacobinos (Dominicanos). Acusavam Inácio de perverter a juventude das escolas e exercer sobre ela uma influência que só podia ter origem na magia.

A exageração, uma coisa sempre muito perigosa...

“Mateus Ori chamou o culpado ao seu tribunal; mas Inácio não se achava em Paris naquele momento, e, daí, uma multidão de suposições, que, por absurdas, não convenciam ninguém.

“— Inácio estava ralado de remorsos, — diziam uns — e fugiu para se subtrair à fogueira.

“— Toda aquela aparência de santidade, — diziam outros — se esvaiu como fumo; vendo-se prestes a ser desmascarado, fugiu para não ser enforcado.

“— Isso prova, — acrescentavam aqueles que se tinham na conta de prudentes e moderados — que se deve sempre desconfiar da exageração e tê-la por muito perigosa.

“Acusavam Inácio (SANTO INACIO DE LOYOLA – séc. XVI) de perverter a juventude das escolas e exercer sobre ela uma influência que só podia ter origem na magia”. (ficha 361)

(Santo Inácio de Loyola por Zurbarán. Castelo de Saint-Landry)

“O amigo a quem o nosso Santo confiara as razões porque partia, escreveu-lhe imediatamente e enviou-lhe um mensageiro. Este encontrou o Santo numa praça pública em Rouen e entregou-lhe a carta.

**Sabendo que fora convocado pelo Inquisidor,
Santo Inácio parte imediatamente rumo a Paris,
mas exige que um tabelião autentique o fato**

“Inácio leu-a, manda dizer a Diogo (um espanhol que havia roubado, anteriormente, Santo Inácio, mas que este, por caridade, fora atender em Rouen) que o não pode abraçar porque tem pressa de voltar a Paris, e entra em casa de um tabelião, acompanhado das pessoas que com ele se achavam. Apresenta ao tabelião a carta que acaba de receber, pedindo-lhe para a ler às suas testemunhas; e declara que, sem voltar à hospedaria onde está o amigo que veio visitar, e sem comunicar com ninguém, vai pôr-se a caminho de Paris. Pede ao tabelião um documento deste fato, insta com ele para que o acompanhe, com as testemunhas, até fora dos muros da cidade e parte.

“Chegando a Paris, não pára em parte alguma; coberto da poeira do caminho, apresenta-se diante de Mateus Ori; diz onde e como recebeu a notícia das acusações que lhe fazem, e acrescenta:

“— **Aqui estou à disposição de Vossa Reverência, pronto a responder a tudo que julgue dever perguntar-me**, pronto a submeter-me a tudo o que quiser. Peço a Vossa Reverência apenas uma coisa; é que me permita seguir o curso de filosofia, que começa no dia de São Remígio.

**É reconhecida a inocência de Santo Inácio.
Mas não consegue reaver os discípulos**

“Foi fácil ao Inquisidor reconhecer a inocência do pretendido culpado e apreciar a sua santidade. Inácio inspirou-lhe a mais completa confiança e uma verdadeira veneração; foi este o resultado da agitação e da perseguição dos seus inimigos. Mas a pureza reconhecida da sua doutrina e a eminente perfeição da sua vida não conseguiram mudar os sentimentos dos seus inimigos, e os discípulos não lhe foram restituídos. Rodearam-nos de vigilância e de perseguições até ao fim dos estudos, depois levaram-nos para a sua pátria, e, mais tarde, João de Castro, sacerdote e grande pregador, entrou na ordem de São Bruno; Peralto quis empreender a viagem à Terra Santa, mas não podendo obter autorização do Papa, voltou à Espanha. Ignora-se o que foi feito de Amatore. [...]

**Após a conversão de São Francisco
Xaviér (1533), novas investidas**

“Durante as férias que seguiram a conversão, (São Francisco) Xavier fez os Exercícios Espirituais. [...]

“O inferno havia disputado por longo tempo esta conquista ao nosso herói para lhe deixar gozar em paz os frutos da vitória.

“Miguel Navarro, estudante espanhol, estimava o jovem senhor Xavier, como o estimavam todos aqueles que o conheciam, e a este sentimento muito real, ajuntava-se um interesse pessoal: Miguel era pobre e D. Francisco pagava todas as suas dívidas e acudia-lhe às necessidades.

“Tendo Miguel conhecido desde alguns meses o ascendente que Inácio tomou sobre o jovem professor, assestou todas as suas baterias para perder o nosso Santo no espírito de Francisco Xavier; mas este, conhecendo-lhe os fins, repeliu com energia as tramas da calúnia e impôs silêncio a Miguel, o qual, vendo aproximar-se o momento em que Xavier terminaria por abraçar a pobreza voluntária, tomou uma resolução violenta e desesperada.

Uma tentativa de assassinio, frustrada por intervenção sobrenatural

“Inácio de Loyola habitava só o quarto dos três amigos durante a ausência de Fabro e o retiro de Xavier. Miguel, julgando favorável o momento, dirigiu-se no meio da noite ao colégio Santa Bárbara; lançou uma escada de corda ao muro, pegado ao aposento onde estava situado o quarto do santo apóstolo, e, subindo pela corda, com uma navalha aberta na mão, ia entrar pela janela, quando ouviu uma voz formidável, terrível como um juízo divino, exclamar no meio do silêncio e da obscuridade da noite:

“— Onde vais, desgraçado? Que queres fazer?

“Trêmulo, espantado, respirando a custo, o culpado precipita-se sobre a janela, empurra-a, abre-a, entra no quarto e vai lançar-se aos pés de Inácio de Loyola, que naquele momento estava em oração, e confessa-lhe o seu crime, para o qual solicita e obtém perdão.

“Miguel, que não tinha cúmplice nem confidente, não duvidou um instante da intervenção divina em favor do apóstolo: o seu arrependimento era, pois, sincero. Veremos se foi duradouro. [...]

Acusações caluniosas contra o Santo: associação secreta, seita em formação, religião nova...

“Dois espanhóis apresentaram-se um dia em casa do Inquisidor-mor, prior dos Dominicanos da rua Saint-Jacques, Mateus Ori; era em fevereiro de 1535.

“— Reverendo Padre, — lhe disse um deles — cumprimos um dever de consciência advertindo Vossa Reverência de que se passam coisas graves entre os estudantes.

“— Fale; de que se trata?

“— Reverendo Padre, **um estudante de teologia, que Vossa Reverência conhece bem, formou uma associação secreta que parece ser uma religião nova.** Não sabemos se são as doutrinas de Calvino as que eles adotaram, ou se é uma seita que começa a formar-se, porque **os filiados guardam segredo abso-**

luto; o que é certo, é que eles têm reuniões, nas quais não admitem toda a gente e aparentam uma santidade com a qual ninguém se deixa iludir.

“— É numerosa essa associação?

“— São sete, entrando no número o chefe, **Ínigo de Loyola, que perverteu as mais belas inteligências, os mais robustos talentos**, aqueles que maior honra faziam à Universidade de Paris. Quase todos são espanhóis, e não podemos ver com indiferença incutir aos nossos compatriotas o veneno da heresia, sem suplicar a Vossa Reverência que dê remédio a isto.

“— Mas D. Ínigo não é herético, — disse o Inquisidor — porque diariamente me traz jovens que os partidários de Lutero e de Calvino haviam seduzido e que ele converteu; a sua doutrina pareceu-me sempre ortodoxa; fiquem os senhores tranqüilos.

Sentiu reviver o seu ódio quando descobriu um laço secreto entre os dois Santos

“Esta resposta não agradou a Miguel Navarro, o mais ardente denunciante de Inácio.

“Miguel, abatido por um momento pelo acontecimento sobrenatural que o tinha impedido de realizar o seu projeto criminoso contra a vida do santo apóstolo, sentiu reviver todo o seu ódio quando descobriu a existência dum laço secreto entre D. Francisco e Inácio de Loyola; e, quando teve conhecimento das freqüentes reuniões, tão recomendadas aos seus discípulos pelo nosso Santo, prometeu a si mesmo empregar todos os esforços para perder aquele a quem o Céu o havia forçado a poupar a vida. Insistiu, pois, com o Inquisidor e acrescentou:

Um livrinho que só é mostrado a iniciados

“— Meu Reverendo Padre, conhece o livrinho de que se serve **Ínigo de Loyola para seduzir a juventude?**

“— Não; que livro é esse?

“— Ah! aí é que está o grande mistério! **Ele não o comunica senão àqueles que querem escutar os seus discursos. Para isso, faz desaparecer o seu homem, encerra-o — Deus sabe onde! — com esse pequeno livro, e ao cabo dum mês, pouco mais ou menos, o recluso reaparece. Mas está tão mudado que ninguém o reconhece, e algum tempo depois vai encerrar-se provavelmente num convento da nova seita.** Meu Padre, Vossa Reverência deve compreender que este livro é para nós motivo de inquietação. Se é ortodoxo, por que o oculta e só dá conhecimento dele aos iniciados? Se o não é, por que o deixa a Inquisição nas mãos daquele que o emprega para seduzir e perder as almas?

“— Repito, — replicou o Inquisidor levantando-se — tenho a doutrina de D. Ínigo por muito conforme à da Igreja. Quanto à associação de que me fala e ao livro cujo perigo o preocupa, tomarei informações.

“Miguel e o seu cúmplice retiraram-se descontentes das disposições de

Mateus Ori. Tinham pouca confiança no resultado das informações e teriam preferido que o Inquisidor procedesse doutra maneira, e ordenasse provisoriamente a captura do nosso Santo. [...]

**Santo Inácio toma a iniciativa
de se apresentar ao Inquisidor...**

“O nosso Santo [...] soube que o Inquisidor mandou tirar informações sobre a sua pessoa, as suas ações e a sua doutrina; dizia-se que novas acusações feitas contra ele motivavam estas medidas.

“Meus amigos, — disse ele logo aos seus discípulos — fui denunciado como herético, sectário, corruptor da juventude em matéria de fé... Se partir, não se deixará de dizer que quero subtrair-me pela fuga ao exame da minha doutrina e dos meus atos: prefiro, pois, antes de me afastar, adotar todas as providências possíveis, não só para vós durante a minha ausência, mas para todos nós no futuro.

“Dirigiu-se em seguida à casa do Inquisidor e disse-lhe com uma santa dignidade:

“— Reverendo Padre, sei que me denunciaram como herético. Aqui estou para responder a todos os pontos de doutrina sobre que apraza a Vossa Reverência interrogar-me, e pronto a fazer uma profissão de fé, como Vossa Reverência a quiser formular. Deixei-me acusar, prender, acorrentar em Alcalá e Salamanca, sem me dar ao cuidado de me justificar, porque era eu o único comprometido e pouco me importava com a minha pessoa. Mas hoje não se trata só de mim; tenho amigos, associados, todos homens de grande valor e de eminente virtude, que se destinam, como eu, às funções apostólicas. Ora, importa que a reputação dos ministros do Evangelho seja pura de toda a mancha de heresia.

**Examinado pelo Inquisidor, recebe plena
aprovação o livro dos Exercícios Espirituais**

“— Não fiz caso algum das acusações que lhe assacaram; — lhe respondeu Mateus Ori — sei o que devo pensar sobre a pureza da sua fé; tomam-se informações com o único fim de confundir os seus caluniadores. Peço-lhe apenas que me deixe ver um livrinho com que eles fazem muito barulho e que dizem que o senhor oculta a todas as pessoas, menos aos seus discípulos.

“— Aqui está, Padre, — disse Inácio, apresentando-lhe o livro dos Exercícios Espirituais. Muito me obsequieia se quiser ter o incômodo de o examinar.

“Alguns dias depois, o Inquisidor pediu ao nosso herói que lhe concedesse licença para copiar o livro:

“— Peço-o, — acrescentou ele — para que me possa servir para meu bem espiritual e para o das almas que dirijo.

“— Consinto nisso da melhor vontade, — lhe respondeu o Santo — satisfeito por poder provar a Vossa Reverência que estou longe de querer fazer segredo dele, como se afirma.

**Mas Santo Inácio queria um documento escrito,
e o Inquisidor, diante de um tabelião,
atestou sua perfeita ortodoxia**

“Mas esta aprovação era insuficiente para Inácio de Loyola; era-lhe necessário um documento formal, duma autenticidade irrecusável, que pudesse apresentar, no caso de necessidade. Depois do Inquisidor ter já o livro copiado, o Santo apresentou-se-lhe de novo, acompanhado dum escrivão e de três doutores da Sorbona:

“— Reverendo Padre, — lhe disse ele — venho pedir-lhe que me dê um documento declarando formalmente que fui caluniado em todas as acusações de que fui objeto; que Vossa Reverência não encontrou nada de repreensível na minha fé e que o livro dos Exercícios Espirituais é perfeitamente ortodoxo. O tabelião que está presente escreverá esse documento, e peço a Vossa Reverência que o assine e que também o assinem os doutores que fizeram o favor de vir comigo.

“O Inquisidor fez o que desejava o santo apóstolo e foi mais longe ainda; porque juntou à sua declaração o mais completo elogio daquele que venerava como Santo. A humildade de Inácio ficou humilhada; mas, apesar das suas instâncias, não pôde obter um testemunho menos favorável acerca da sua santa vida. [...]

Mais tarde, em Veneza, novas investidas da calúnia

“Tais vitórias não podiam deixar de irritar o inimigo de Deus e dos homens. A calúnia tinha começado a sua obra surdamente; mas, vendo-se muito mal acolhida numa cidade onde os principais personagens rodeavam Inácio dos seus respeitos e o olhavam como santo, levantou sobranceiramente a cabeça e acusou-o em alta voz de heresia, de sortilégio e de magia. Espalhou por toda a parte a notícia dos processos jurídicos de que ele foi objeto em Espanha e em França; nada desprezou para o perder na opinião, destruir na influência que a sua santidade lhe tinha conquistado e deter as vitórias sempre crescentes do seu apostolado.

“Quem eram os caluniadores de que o público se tornava eco? Ninguém o sabia. Só Inácio o não ignorava.

“Era sempre o mesmo, diz-nos o Padre Bartoli, mas, ‘quando receava ser descoberto, sabia subtrair-se pela fuga às investigações da Inquisição e aos castigos que merecia. Alcalá, Salamanca e Paris tinham sido o teatro das suas façanhas; nesta última cidade, onde não podiam infligir-lhe outra punição, queimaram publicamente o seu retrato’.

A pedido do Santo, o Núncio Papal examina sua causa, inocenta-o e declara réus de calúnia seus acusadores

“Inácio não se admira desta nova perseguição suscitada pelo inferno, mas tem necessidade para a sua obra duma reputação ao abrigo de qualquer censura, tanto no seu modo de proceder, como na sua fé. Procura o Núncio do Papa, Jerônimo Veralli, e pede-lhe que mande examinar juridicamente a sua causa. O Núncio anui aos seus desejos e dá uma sentença que proclama altamente a inocência de Inácio e declara os seus acusadores réus de calúnia. O nosso Santo vai mais longe: manda pedir um atestado semelhante ao Inquisidor de Paris, que se apressa a enviar-lho” (J. M. S. DAURIGNAC, *Santo Inácio de Loyola*, Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 1958, pp. 111, 112, 114, 116, 117, 135, 136, 145 a 149, 176, 177 / *Pode imprimir-se*: Mons. Pereira Lopes, Vigário Geral, Porto, 20-5-1958).

362. Os Exercícios Espirituais, o estilo de vida e o conteúdo de sua pregação eram objeto de suspeita

De um livro recentemente editado, sobre fundadores de famílias religiosas:

Contra Santo Inácio de Loyola, oito processos

“As novidades que Santo Inácio traz à vida religiosa não são menos evidentes que as de São Francisco, e também não podiam deixar de suscitar oposições. Basta notar os oito processos que sofreu antes da fundação da Ordem (Inácio os enumera claramente a D. João III, Rei de Portugal, em 15 de março de 1545).

“Somente o último processo se refere diretamente a toda a nascente Companhia, mas também os outros têm relação com ela; sem dúvida, não tanto no que diz respeito a sua estrutura quanto, indiretamente, no que toca às idéias e modalidades operativas que haverão de ser sua alma. O modo e o próprio fato de dar os Exercícios, o estilo de vida que leva com os discípulos em Alcalá, Salamanca e Paris, assim como o conteúdo da pregação que faz em Roma, tornam-no muitas vezes suspeito aos olhos da Inquisição, seja de formar parte da seita dos Iluminados, seja de professar o luteranismo. [...]

“Sem embargo, assim como Francisco encontrou um Giovanni Colonna que lhe abriu o caminho, Inácio encontrou o Cardeal Gaspar Contarini, seu discípulo nos Exercícios, que o compreende e aplanar o caminho da aprovação. E, sobretudo, um Pontífice que reconhece a origem carismática da obra. ‘Spiritus Dei es hic’, ou ‘digitus Dei est hic’, teria dito Paulo III com uma frase que permaneceu célebre. [...] Com idêntica força confirmará nos documentos oficiais o reconhecimento da inspiração do Espírito na fundação da

Companhia. Ademais, vê na nova Ordem a resposta para as necessidades de reforma da Igreja. Também posteriormente, em múltiplos atos de estima e nos favores que outorga à Companhia, o Papa mostra que reconhece seu carisma.

Mesmo depois da aprovação papal, a Companhia de Jesus é formalmente condenada pela Sorbonne

“Isso não o impedirá de, por sugestão do Cardeal Guidiccioni — já benévolo em relação à nova Ordem por uma inspiração que, segundo Ribadeneyra, levava a vontade onde não a levavam os argumentos humanos — limitar a aprovação ao número de só setenta membros, a fim de permitir provar o caminho e a contribuição concreta da nova instituição.

“De todas as formas, a aprovação não fará cessar as oposições e contrariedades à Companhia, oposições que culminarão, no fim da vida de Inácio, com o decreto da faculdade de Teologia de Paris, a qual, assim como três séculos antes se havia declarado contra as Ordens mendicantes, agora condenava as novidades que trazia a Companhia, acusando-a de ser perigosa para a Fé, perturbadora da paz da Igreja, destruidora das Ordens religiosas e nascida para destruir mais do que para edificar” (FABIO CIARDI, *Los fundadores hombres del Espíritu*, Ediciones Paulinas, Madrid, 1983, pp. 250 a 253).

363. As ruas fervilhavam de rapazes e moças entregues ao vício, mas era com aquelas pobres freiras que a cidade se preocupava

Sobre as perseguições que sofreu a grande Santa Teresa de Ávila (1515-1582) quando fundou seu primeiro mosteiro, lê-se na conhecida obra do historiador William Thomas Walsh:

“O povo de Ávila não se teria sublevado tanto se se tivesse descoberto um inimigo estrangeiro oculto dentro das muralhas da cidade.

Aquela fundação era algo que ultrapassava as medidas

“Pensar que uma freira quisesse obter sua liberdade por meio de um pretexto inconsistente e utilizá-la para organizar um mosteiro ridículo, que não era outra coisa senão um esconderijo e um insulto para o (mosteiro) da Encarnação e todos os que com ele eram relacionados, sem falar das pessoas da cidade que teriam que sustentar a ela e às que haviam sido bobas para segui-la, era algo que ultrapassava as medidas. **Aquela mulher presunçosa, desleal, desobediente e despeitada fizera cair a desgraça de cheio sobre o convento, sobre suas moradoras e sobre toda a ordem carmelitana. Tais eram as coisas que corriam de boca em boca e que os parentes repetiam a partir do exterior às freiras de dentro, e estas à Superiora. [...]**

**Já havia conventos demais na cidade,
e tudo aquilo parecia muito suspeito...**

“Ávila era uma (cidade) quase mais levítica do que católica, pois toda família de verdadeira importância tinha um ou mais de seus membros em algum dos conventos que ali existiam. Precisamente porque o povo gostava da religião e não a odiava, é que perseguiam Teresa.

“Não era apenas porque o convento teria que ser mantido por suas contribuições, mas antes porque já havia um excessivo número deles pertencentes a todas as grandes ordens; e **para as muitas freiras e seus parentes em quase todas as casas da cidade, o abrir um novo convento se lhes afigurava desnecessário, e até insultante. E aquele segredo com que se levava a cabo (a fundação) fazia tudo parecer muito suspeito. [...] A classe das pessoas mais ilustres e respeitáveis [...] era a que dirigia o ataque. [...]**

“Os regedores e letrados da cidade reuniram-se e designaram a Alonso Yera e Perálvarez Serrano para que visitassem de parte deles o senhor Bispo para pô-lo ao corrente do que pensava a cidade acerca do ultraje que se havia descoberto, e que, se fosse o caso, se apelasse a Felipe II e ao Real Conselho de Castela. Em uma terceira reunião [...] **fizeram os planos necessários para congregar todos os chefes da opinião pública da cidade em uma junta magna no Concelho, no dia seguinte; junta para a qual também foi convidado o Bispo.**

**Por causa daquelas pobres mulheres,
uma assembléia imponente e solene**

“Foi uma imponente e solene assembléia a que se reuniu no Domingo após a Missa, e a cidade não teria podido realizar, caso estivesse ameaçada por uma inundação, ou pela peste, ou por uma invasão, uma demonstração de maior importância do que a promovida por causa daquelas pobres cinco mulheres que só pediam que lhes deixassem rezar e comer o pouco que podiam.

“**Tudo quanto em Ávila havia de antiga nobreza, de religioso estava representado naquela colorida multidão.** Nela tinha assento o licenciado Brizuela, representando e atuando como provisor do Bispo, bem como os oficiais da cidade vestidos com seus brilhantes trajes adornados de ouro. O Cabido da catedral estava representado pelos Cônegos Pérez Soria e o Arquidiácono Sedano. O convento dominicano de São Tomás enviou vários delegados, entre os quais o Prior Padre Pedro Serrano e o jovem teólogo Padre Domingo Báñez. Em nome dos Franciscanos encontravam-se presentes o Padre-guardião, Martín de Aguirre, e o Padre Hernando de Valderrábano; pelos Premonstratenses, o Abade, Francisco Branco, e o pregador; pelos Beneditinos, o Abade dom Pedro de Antoyano e um dos Frades; pelo colégio de São Gil (dos Jesuítas), o Padre Baltasar Álvarez e o Padre Jerônimo Ripalda. Assistiram também o mestre Daza e outros Sacerdotes letrados e cavaleiros leigos das melhores famílias da cidade de Ávila.

“Uma vez sentados e em silêncio, o corregedor abriu a sessão. [...] Assim disse: [...]

É uma inovação, e portanto trata-se de algo sem dúvida perigoso e detestável

“É matéria para todos notória, a inovação surgida nesta cidade outro dia em forma de um convento de Carmelitas Descalças. E o mero fato de **constituir uma inovação basta para fazer ver claramente o perigoso e detestável que é**. A confusão que produz na coisa pública, as inteligências que perturba, as línguas que desata, as murmurações que fomenta, as desordens que engendra [...] tudo isto, quem o ignora? E, assim sendo, considerando o que em geral acontece com toda inovação, torna-se a presente a mais perigosa de todas, já que leva a máscara e o manto de uma piedade maior. **Permitir que se multipliquem os conventos** e as Ordens religiosas **não aumenta o bem comum** [...] já que, afinal de contas, o que é dado a um convento é subtraído ao resto da cidade. [...]

Além do mais essa Freira tem um espírito muito singular...

“E como podemos saber, senhores, se esta fundação não é uma fraude ou um engano do demônio? Dizem que essa religiosa tem revelações e um espírito muito singular. [...] Eu não a acuso de fraude, por ser matéria que não me compete; mas **gostaria de inspirar cautela aos espíritos prudentes, para que não admitam inovações, não multipliquem os conventos**, não lhes permitam se estabelecer sem o conhecimento e a autorização da cidade, e que, por meio de pessoas ponderadas, se averigüe se seu direito é questão do serviço de Deus ou não é. Esta é minha opinião e espero que seja aprovada por todos os sábios e experientes que aqui se encontram congregados’.

“Uma vez terminada a alocução do corregedor, o licenciado Brizuela, na sua qualidade de provisor do Bispo, tomou a palavra para informar a assembléia de que a fundação se tinha feito com a autorização de Sua Senhoria. Leu a seguir o Breve do Papa Pio IV no qual se outorgava o consentimento para isso. E, cumprida tal obrigação, pediu licença para se retirar discretamente.

**Quase todos aprovaram as razões do corregedor, sem sequer tomar o trabalho de examiná-las...
E ninguém se atrevia a defender a verdade**

“O corregedor manteve seus pontos de vista e inquiriu a opinião dos demais. Quase todos aprovaram plenamente suas razões, sem sequer tomar o trabalho de examiná-las, como diz a Crônica Carmelitana.

“Outros, de idéias duvidosas ou contrárias, ficaram silenciosos, sem atrever-se a defender publicamente a verdade; debilidade muito própria das comuni-

dades em que o interesse egoísta é freqüentemente anteposto ao bem público justamente por aqueles que estão mais obrigados a defendê-lo, e que têm sobeja autoridade para fazê-lo.

Foi aumentando a indignação geral contra Santa Teresa, e apareceram outras acusações igualmente sem consistência

“Com um discurso atrás do outro, foi aumentando a indignação geral contra as Carmelitas, e de maneira tão violenta que Teresa se surpreendeu, ao ouvi-lo dizer, de que não tivessem ido todos, numa turba desenfreada, destroçar sua pequena morada.

“Além da acusação geral de que havia prejudicado os outros seis conventos de Ávila e, por meio deles, a toda a comunidade e em especial aos pobres, alegou-se que sua fundação sobre a base da pobreza contradizia o espírito do Breve pontifício, que havia permitido um dote, assim como que tal Breve não tinha sido apresentado à Sua Majestade e ao Real Conselho de Castela para aprovação. Os homens práticos fizeram observar, por seu lado, que a casa estava sujeita a um imposto que a cidade não devia perder. Argüiam outros que se tinha causado um prejuízo material a toda a comunidade por algumas ermidinhas que tinham começado a se erigir em cumprimento de sua ambição infantil, e que um de tais retiros ia privar da luz do sol uma construção em arco debaixo da qual se recolhiam as águas de vários mananciais para o uso público; pelo que a água ia gelar no inverno e, por conseguinte, não seria possível utilizá-la. [...]

Parecia que estava em jogo a segurança de toda a Espanha...

“No conjunto, a reunião [...] foi a mais solene que se podia ter celebrado no mundo, como se nela tivessem estado em jogo a perda ou a segurança da Espanha... **Concordaram todos em que seria um bem que desaparecesse o mosteiro.** [...]

“Teresa escreveu mais tarde a tal respeito: ‘Espantava-me do que o demônio fazia contra umas mulherzinhas, e como lhes parecia a todos que era um grande dano para o lugar apenas doze mulheres e a priora... e de vida tão estreita. [...]

“Tem-se o testemunho dela mesma (Santa Teresa) de que o seu único defensor foi um dominicano; e é coisa inteiramente certa que foi Frei Domingo Báñez, professor de teologia no convento de São Tomás.

Apenas uma voz ousou defender a inocência

“O Padre Báñez, destinado a ser um dos teólogos mais prestigiosos de seu século, e a sustentar a célebre polêmica com os Padres jesuítas Molina e Suárez, sobre o livre-arbítrio — discussão ainda de pé — era naquele tempo homem de trinta e quatro anos de idade. [...]

“No ano de 1561, fora enviado a Ávila, para ensinar teologia. Na sua Ordem gozava da fama de ser um pensador tão profundo como arguto, e ao mesmo tempo humilde, afável e de grande discrição, muito dado à oração e às mortificações. Ao assistir com os outros Dominicanos à tal famosa junta, não conhecia ainda Teresa, mas [...] teve a coragem de levantar-se sozinho para defendê-la, sem considerar que os restantes membros de sua própria Ordem permaneciam discretamente calados. Disse:

“É minha consciência que me obriga a falar”

“Talvez pareça temerário opor-me a tantas e tão graves pessoas e a raciocínios tão bem expressos. Mas, se minha consciência me assegura e me obriga mais do que a de outros a tomar parte numa discussão livre como esta, não posso deixar de declarar o que ela me dita em favor do novo mosteiro das Carmelitas Descalças.

“Meu testemunho estará pelo menos isento de toda a paixão, pois **até o momento presente jamais falei com a fundadora e nunca a vi**, nem tratei de sua fundação em nenhum sentido.

“**Admito que se trata de algo novo** e, como tal, produziu os efeitos que toda inovação costuma produzir nas multidões. Mas isso não é razão para que também os produza nos conselhos graves e prudentes, já que **nem toda inovação é repreensível. Por acaso foram as outras Ordens religiosas fundadas de outra maneira?** Por acaso as reformas que vemos dia a dia e as que viram nossos antepassados não nasceram quando menos se pensava? Por acaso a própria Igreja cristã não foi reformada pelo próprio Cristo? É bem certo que nada dela, por excelente que fosse, poderia ser melhorado se todos nos submetêssemos covardemente ao medo da inovação.

“Quanto louvor mereceria Ávila se seguissemos os passos dessa heróica virgem!”

“O que se implanta para a maior glória de Deus e para a reforma dos costumes não deve ser chamado de inovação ou invenção, mas renovação da virtude, que é sempre velha. [...] A inovação que se opõe à virtude e ao melhor serviço de Deus, senhores, é verdadeiramente repreensível. **O convento das Carmelitas recentemente fundado é uma restauração do que se tinha perdido**, para o melhoramento dessa santa Ordem e a edificação da gente cristã. E, assim sendo, **deveria ser mais bem favorecido**, especialmente pelos chefes das cidades cristãs, a quem incumbe fomentar tais atos dignos de louvor. **Oxalá muitos possam imitá-lo!** Oh! quanto louvor mereceria Ávila, e todos os nossos reinos, e toda a Igreja, se seguissemos os passos dessa heróica virgem! [...]”

“Que é isto, senhores? São quatro pobres freiras a causa de tamanha perturbação em Ávila?”

“Se homens vãos e viciosos não são considerados temerários, por mais que se multipliquem, por que hão de ser tidos e perseguidos como tais aqueles

que seguem a lei da virtude? **Repletas estão as cidades de gente perdida, fervilham as ruas de homens ociosos, insolentes e atrevidos, de rapazes e moças entregues ao vício; e a nenhum deles se lhe considera temerário, nem há quem se dê ao trabalho de remediá-lo; e apenas quatro pequenas freiras metidas em um canto, a encomendar suas almas a Deus, não de ser consideradas como um grave prejuízo e uma carga intolerável para a coisa pública? E é isto o que perturba e conturba a cidade?** E há assembléias que o tomem em consideração? Que é isto, senhores? Por que nos reunimos aqui? **Que exército inimigo assedia esta cidade? Que peste a consome? Que fome a aflige? Que ruína a ameaça?** São quatro pobres freiras descalças, silenciosas, virtuosas, a causa de tamanha perturbação em Ávila?

O que pensar de uma cidade que faz reunião tão solene para assunto de tão pouca monta?

“Seja-me permitido dizer que o prestígio de uma cidade tão importante parece menor quando realiza uma reunião tão solene para assunto de tão pouca monta. [...]

“**Este novo convento foi estabelecido com o conhecimento e o conselho do Bispo e, o que é mais ainda, por um Breve especial da Sé Apostólica. De sorte que está completamente fora da jurisdição secular.** E, por fim, senhores e Padres, eu não posso de nenhum modo concordar com que o mosteiro seja suprimido por ordem da cidade; mas, se houver algo contra ele e se houvesse razão para suprimi-lo, o senhor Bispo, a quem correspondeu estabelecê-lo, deve ser informado e consultado’.

A voz do bom senso fez baixar um tanto os ânimos exaltados; mas não impediu que prosseguissem as maquinações contra a Santa

“Estas francas palavras tinham forçosamente que produzir efeito em uma reunião de católicos sinceros, se bem que exaltados; e o fato foi que triunfou ali a razão contra os preconceitos quase unânimes. A assembléia votou que se fizesse uma proposição pedindo que fosse consumido o Santíssimo Sacramento em São José (o convento de Santa Teresa) e se fechasse o local, consultando o Bispo antes de dar qualquer outro passo.

“O Bispo se manteve do lado de Teresa. O mestre Daza, representando-o, na segunda reunião magna, fez saber à cidade que o convento havia sido estabelecido pela autoridade episcopal em conformidade com uma permissão do Papa, e que ele mesmo, que proferia aquelas palavras, presidira à cerimônia de inauguração e dissera ali a primeira Missa. Isso não satisfez aos chefes da oposição, e o Concelho da cidade enviou a Madrid Alonso de Robledo, com o estipêndio de um ducado por dia, para que apresentasse suas queixas ao Conselho Real. Partiu de Ávila no dia 12 de setembro e esteve de volta dez dias depois. Imediatamente após sua chegada reuniu-se novamente o Con-

sistório e decidiu persistir na luta. Com tal escopo enviaram Diego de Villena a Madrid, onde permaneceu cinquenta dias, presumivelmente estudando as leis e expondo razões para que se fizesse desativar o convento” (WILLIAM THOMAS WALSH, *Santa Teresa de Ávila*, Espasa-Calpe S.A., Madrid, 1960, 3.^a ed., pp. 236 a 246).

**364. Acusaram São Filipe Néri de fomentar
uma seita e de criar conventículos
cuja independência expunha à heresia**

De um livro sobre São Filipe Néri (1515-1595):

“No final do pontificado de Paulo IV, por volta de 1558, Filipe (São Filipe Néri) teve que sofrer perseguição. Alguns acusavam-no de fomentar uma seita à parte, de criar conventículos cuja independência expunha à heresia.

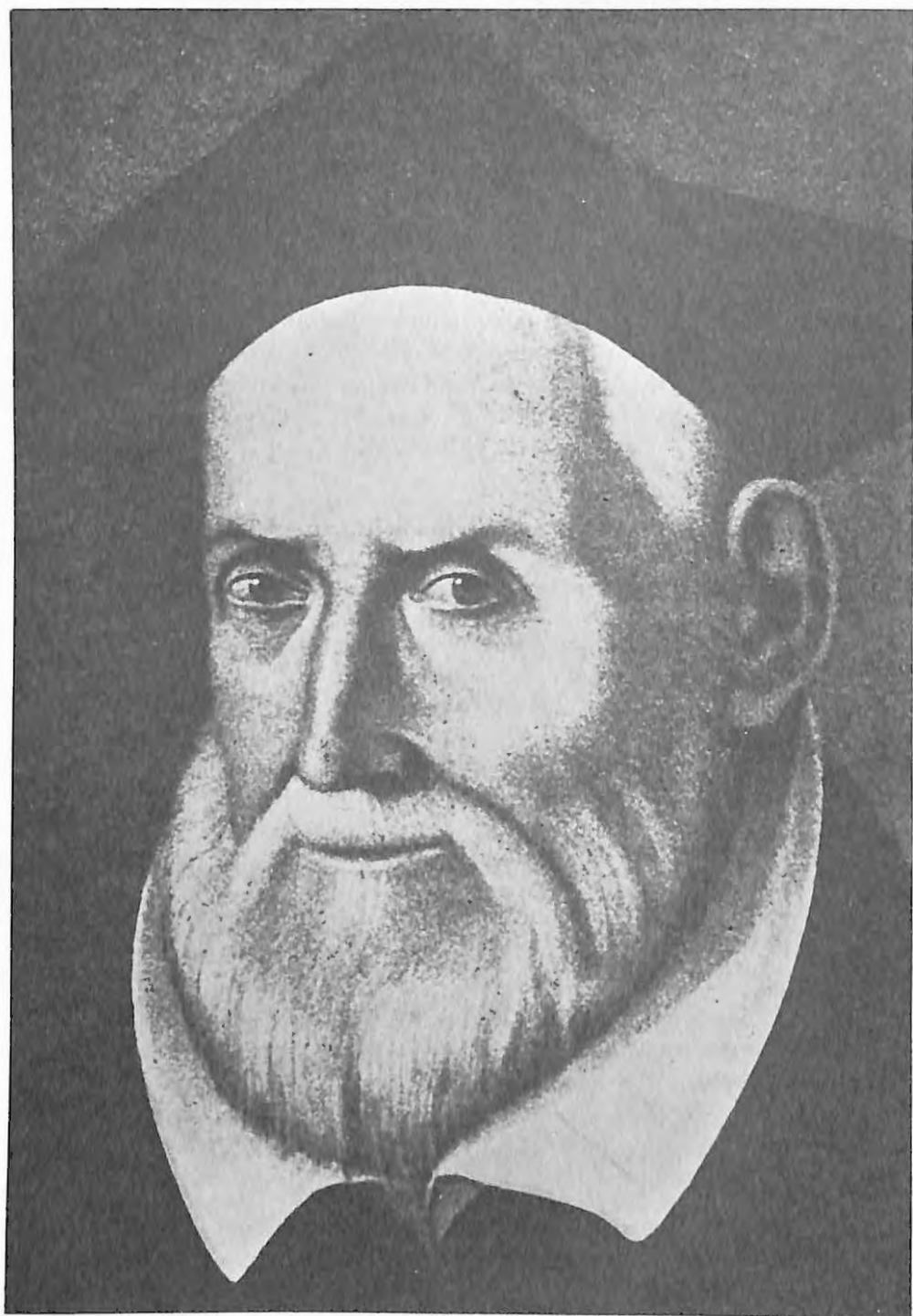
“Na noite de 28 para 29 de agosto de 1558, em que se perseguiam os monges apóstatas, Filipe foi importunado em sua residência.

“Trataram-no de ambicioso, de fator de novidades, durante uma investigação de várias horas. Depois, teve que comparecer perante o tribunal da Inquisição, onde tinham aberto um inquérito sobre seus procedimentos sob o estímulo do cardeal Rosário” (MARCEL JOUHANDEAU, *Saint Philippe Neri*, Plon, Paris, 1957, p. 139).

**365. “É natural que contra ela se levanten
certos progenitores a quem
sua obra transtorna os desejos infames”**

Da vida da Venerável Virgínia Centurione Bracelli, Fundadora das Irmãs de Nossa Senhora do Monte Calvário (1587-1651):

“Apesar do zelo, não faltam as filhas incorrigíveis e inconstantes, e aquelas que depois de haverem tomado parte na sua mesa a abandonam sem piedade, e aquelas que regressam ao mundo, lançando-se novamente nos perigos. É pois natural que contra Virgínia se levanten certos progenitores a cujos olhos a obra dela transtorna seus desejos infames e também muitos outros tipos que vêem subtraído, pelo zelo de Virgínia, o alimento das suas paixões. Então, rebeliões, zombarias, vilipêndios, perseguições. Pois bem, ela opõe a tudo isto uma calma inalterável e também entre os obstáculos de todos os gêneros, se revela tal modelo de mansidão que causa admiração à família inteira e lhe conquista a veneração universal” (MONS. LUIGI TRAVERSO, *Vida e Apostolado da Serva de Deus Virgínia Centurione Bracelli*, Ave Maria, São Paulo, 1961, p. 122 / *Imprimatur*: Stephanus Fulle P. V., Genua, 4-4-1939).



**"Alguns acusavam (SÃO FILIPE NERI – séc. XVI) de fomentar uma seita à parte, de criar conventículos cuja independência expunha à heresia".
(ficha 364)**

(São Filipe Neri; retrato por Vecchiato, Roma, Vallicella)

366. Os ímpios o tomavam como diabólico, chamando-o de Anticristo; os mundanos consideravam-no extravagante, e os bons tinham-no como esquisito e fora do comum

De uma biografia de São Luís Maria Grignon de Montfort (1673-1716), o grande Apóstolo da devoção mariana:

“A conduta de Grignon de Montfort de tal forma pareceu extraordinária aos seus contemporâneos que os ímpios a tomavam como diabólica, chamando-o de malfeitor, de anticristo, de obsesso; os mundanos consideravam-no extravagante, e os bons pelo menos tinham-no como esquisito e fora do comum” (J. M. TEXIER, *São Luís Maria Grignon de Montfort*, Vozes, Petrópolis, 1948, pp. 44-45 / *Com aprovação eclesiástica*).

367. Que Santo não foi acusado de singularidade?

Da mesma biografia de São Luís Maria Grignon de Montfort:

“Acusara-o de singularidade, mas... de igual reprimenda fora porventura excetuado algum santo? Enfim, um santo é singular somente porque se eleva sobre o comum dos homens. Certamente que Montfort era singular, pois fazia uma guerra contínua ao mundo e às suas máximas falsas, porque calcava aos pés todo respeito humano, porque colocava o serviço de Deus acima de qualquer consideração humana.

“Não fora esta, com efeito, a mesma linha de conduta que sublevara o mundo contra Jesus e seus Apóstolos? O santo missionário podia, pois, reputar-se feliz por estar em tão boa companhia” (J. M. TEXIER, *São Luís Maria Grignon de Montfort*, Vozes, Petrópolis, 1948, p. 188 / *Com aprovação eclesiástica*).

368. O Santo desconcerta e às vezes escandaliza o homem comum

Comentário de outro biógrafo do mesmo São Luís Maria Grignon de Montfort:

“Por definição, um santo não pode ser um homem em tudo semelhante aos outros homens. Ele não fica no plano da natureza, mas tende à perfeição do Pai celeste. Seu incessante progresso em direção a Deus aumenta, dia após dia, a distância existente entre ele e as almas tornadas pesadas, imobilizadas pela carne. O santo espanta a humanidade média. Ele a escandaliza, enquanto não a eleva acima dos baixos horizontes.

“O santo é um original; e ele o é tanto mais quanto sua época, seu ambiente, seus auditórios estiverem mais longe do Céu. Ele o é porque tem mais futuro

no espírito, porque negligencia os hábitos, os preconceitos, as contingências para preceder seu século no tempo, para levar seus irmãos a esse fim misterioso que seu olhar de profeta descobriu. Mesmo quando se encontra entre verdadeiros cristãos, ele os surpreende ainda; ele se apóia, por assim dizer, sobre eles, para se projetar para o alto com mais audácia. Tendo partido de muito alto, ele avista logo os cumes; sem orgulho, mas sem medo, ele se interroga diante de Deus: *Quod non ascendam?* (Até onde não me elevarei?). E ele provoca vertigens em seus contemporâneos” (GEORGES RIGAULT, *Saint Louis-Marie Grignon de Montfort*, Les Traditions Françaises, Tourcoing, 1947, pp. 9-10 / *Imprimatur*: Joannes Baptista Megnin, Episcopus Engolismensis, 28-4-1947).

**369. “Não sei se se conhecem,
na história de outras fundações,
perseguições e dificuldades semelhantes”**

De uma obra recentemente publicada, sobre os fundadores de famílias religiosas:

“Objeções muito mais graves encontrou a Congregação da Paixão. ‘Não sei se se conhecem, na história de outras fundações, perseguições e dificuldades semelhantes’, escrevia (São) Paulo da Cruz (1694-1775) ao Padre Fulgêncio da Cruz quando sua obra se encontrava num momento crítico. **A grande lide, que durante muitos anos coligou várias Ordens mendicantes contra a aparição da nova família religiosa, é célebre.** Frades Menores, Observantes e Reformados, Agostinianos e Capuchinhos ‘estão todos em armas contra a pobre e pequena grei’.

Para que mais uma Congregação religiosa se já há tantas?

“Na raiz dos conflitos, de ordem jurídica, não faltam, como de costume, um certo ‘ciúme de rito’, uma ‘inveja de devoções dos povos’ e as críticas habituais a respeito da inoportunidade de um novo Instituto, quando os existentes já são demasiados. Num memorial dirigido ao Papa, afirmava Frei Ambrósio de Ferentino que, ante a multiplicidade e a diversidade das ordens e institutos que ‘fortemente sustentam, diversamente adornam e nobremente santificam’ a Igreja, ‘nada parece já faltar para fazê-la mais formosa, bela e pomposa’; ainda mais, o surgimento de novos Institutos no futuro, só produziria ‘defeitos e obscurecimento nela’.

“Perguntava-se, ademais, como uma família religiosa podia arrogar-se o privilégio de difundir o culto da Paixão, quando, entre outros, os Franciscanos o tinham propagado e o continuavam propagando por todas as partes, sobretudo por meio de zelosíssimos missionários, entre eles, na Itália, o conhecido (São) Leonardo de Porto Maurício (1676-1751).

50 anos de insistência, até obter a aprovação final

“Outras dificuldades que acompanharam toda a vida de Paulo da Cruz se devem ao relacionamento com a Cúria Romana. **Movido pelo desejo de conseguir ‘a licença da Santa Madre Igreja’ para fundar a Congregação** e sentindo-se ‘cada vez mais inspirado a ir a Roma’, em 1721 chega ao centro da Cristandade para submeter seu projeto ao Papa. Desde então até o final de sua vida, **não desanimará jamais** ante o brusco afastamento do Quirinal em sua primeira visita, nem ante a ulterior lentidão burocrática da Cúria, nem ante as reiteradas oposições ao seu projeto de votos solenes. Também terá de ‘lutar... para superar tantos e tantos combates e dificuldades’, sem desistir jamais (no final da vida poderá escrever: ‘as coisas de Roma, já é sabido que para apressá-las são precisos mil quilates de paciência, 280 de prudência e 2000 de paciente espera’, carta a Giuseppe M. de São Lourenço, de 27-9-1769). [...]

“O que chama a atenção no longo itinerário — 50 anos — de contactos de Paulo da Cruz com a Hierarquia para a aprovação, é sua absoluta confiança em Deus, até a indiferença, e ao mesmo tempo a certeza de que sua obra haveria de ser plenamente reconhecida pela Igreja. Está profundamente convicto de que é inspirado por Deus, e crê firmemente que o próprio Deus, que o inspirou, guia e inspira a Hierarquia.

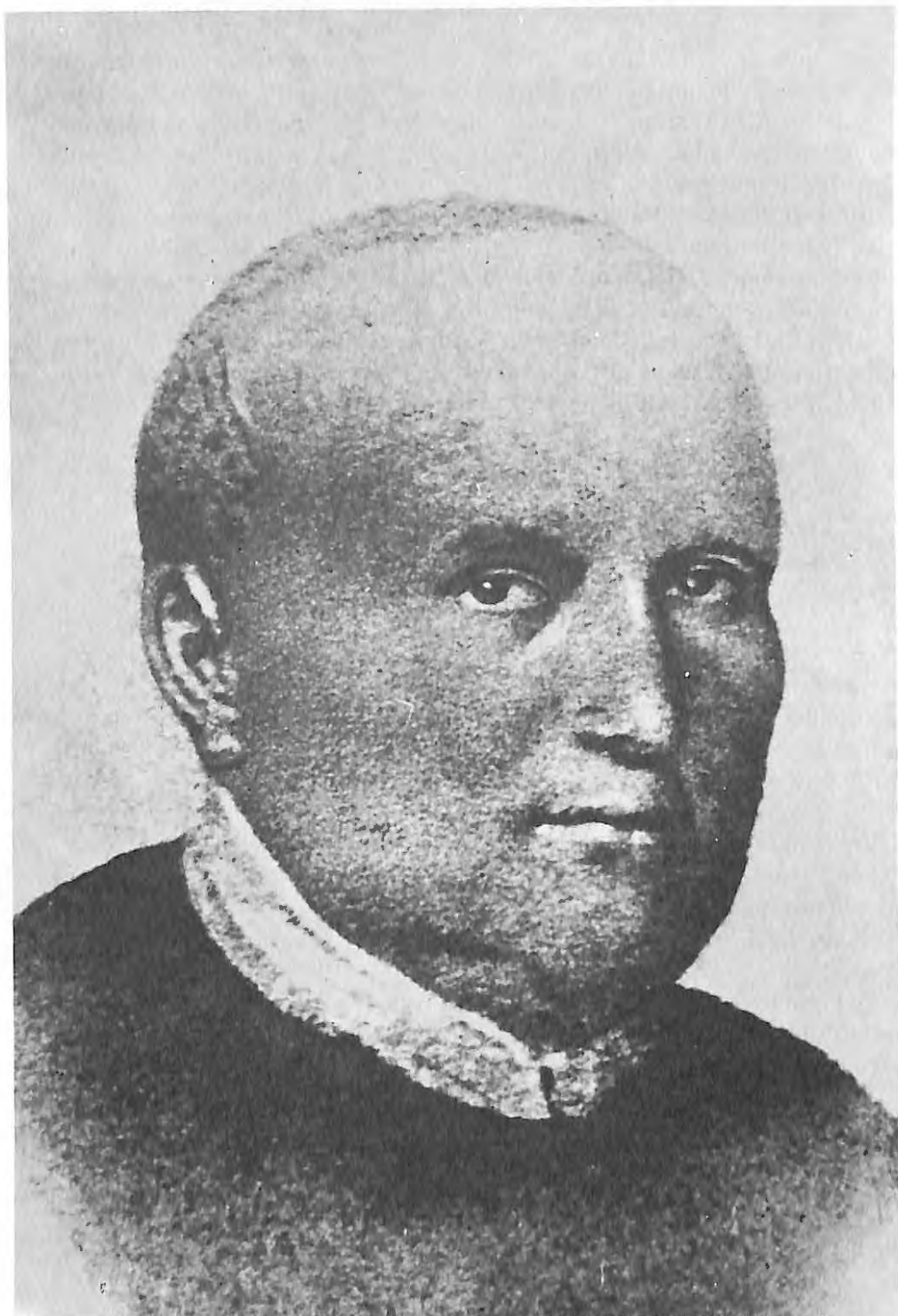
“Por isso, Paulo encontra na aprovação uma ulterior confirmação, se é que dela necessitava, da origem divina de sua obra. **No fim da vida, pode morrer em paz porque**, graças à aprovação e aceitação pela Igreja de sua congregação, **deixa sua obra ‘bem fundada e estabelecida perpetuamente na Santa Igreja de Deus’**” (FABIO CIARDI, *Los fundadores hombres del Espíritu*, Ediciones Paulinas, Madrid, 1983, pp. 256 a 258).

370. Homem perigoso, cujo banimento era exigido pela tranquilidade pública

De São Pio X, na Bula de Canonização de São Clemente Maria Hofbauer (1751-1820):

“Entretanto, quanto mais São Clemente Hofbauer se extenuava nessas salutar atividades, mais **os inimigos do nome católico**, que detinham quase toda a autoridade, tomavam isso como razão para o odiar e para tentar perdê-lo por todos os meios. Assim é que eles o denunciaram à Cúria arquiépiscopal. Saindo são e salvo dessa cilada, **apresentaram-no junto ao Imperador Francisco I como um homem perigoso, cujo banimento era exigido pela tranquilidade pública**. Pareceu, contudo, exorbitante ao Imperador que se quisesse punir com o exílio um cidadão austríaco inocente.

“Descobriu-se, entretantes, que Clemente pertencia à Congregação do Santíssimo Redentor, a qual não era reconhecida na Áustria. Desde então, seus



“Os inimigos do nome católico apresentaram (a SÃO CLEMENTE MARIA HOFBAUER – séc. XIX) junto ao Imperador Francisco I como homem perigoso, cujo banimento era exigido pela tranquilidade pública”, afirma São Pio X na Bula de Canonização do Santo. (ficha 370)

(São Clemente Maria Hofbauer; desenho pelo Pe. Rinn, SJ)

inimigos julgaram que não havia para ele mais nenhuma garantia. Fizeram-lhe saber que tinha que escolher entre deixar a Congregação ou deixar o Império. E Clemente declarou sem rodeios que preferia renunciar a sua pátria a renunciar a sua Família espiritual. Esses homens, aos quais tal confissão alegrava, relataram então ao Imperador que o Padre Hofbauer solicitava dele autorização para partir para regiões longínquas.

“O Bem-aventurado deplorava, sem dúvida, a iminente desgraça, mas punha tudo nas mãos de Deus, sem maior inquietação. Não assim o Arcebispo de Viena, que considerou desleal e iníquo tal ataque, e protestou contra o mal que o exílio daquele homem causaria à cidade confiada a seus cuidados pastorais” (São Pio X, *Bula de canonização do Beato Clemente Maria Hofbauer* de 20-5-1909, in *Actes de Pie X*, Bonne Presse, Paris, pp. 210-211).

371. Livro cheio de fanatismo, que transtorna o cérebro

Trecho de uma conversa de São João Bosco (1815-1888) com um sr. Selmi, ferrenho anti-clerical que fora nomeado Diretor-Geral do Ensino, e, neste cargo, colocava obstáculos à obra educadora de Dom Bosco (é o próprio Santo que relata a conversa, na qual conseguiu dobrar a extrema hostilidade inicial de seu opositor):

“Sr. Selmi — [...] devo dizer-lhe que detesto seus livros.

“São João Bosco — Lamento por meus pobres livros. Mas, se o sr. se dignar apontar-me suas falhas, corrigirei nas outras edições.

“— Não é o sr. o autor da Vida de Domingos Sávio?

“— Para servi-lo, sr. comendador.

“— **É um livro cheio de fanatismo. Meu filho o leu e de tal maneira enlouqueceu, que a todo momento me está pedindo que o leve a conhecer Dom Bosco; e temo que isso lhe transtorne o cérebro.**

“— Isso significa apenas que os fatos estão bem narrados e que os meninos os compreendem. E essa era precisamente minha intenção. Mas, quanto ao linguajar, o estilo, o sentido geral..., notou o sr. alguma coisa?

“— Quanto a isso, não; pelo contrário, notei facilidade e popularidade no estilo. Quanto a sua História da Itália, aconselharia que a revisasse antes de a reimprimir.

“— Com muito gosto; se o sr. me fizer notar as modificações e correções, ficarei muito grato.

“— Ainda bem que o sr. não é obstinado [...]” (*Biografía y escritos de San Juan Bosco*, BAC, Madrid, 1955, p. 273 / *Imprimatur*: José María, Obispo Auxiliar e Vicario General, Madrid, 13-5-1955).

372. Oposições ao Santo Fundador até na própria Hierarquia católica

Do prefácio a uma vida de São João Bosco (1815-1888), vertida para o português por D. João Rezende Costa, atual Arcebispo de Belo Horizonte:

“Não podemos omitir nesta vida as páginas dolorosas em que se narram as **oposições obstinadas que o espírito precursor do Santo suscitou, mesmo nas fileiras do clero, e até na própria Jerarquia católica**. Os historiadores da vida de São Felipe Néri, de Santo Afonso de Ligório, de São João Batista de la Salle, de Santa Antida Thouret, nos servem de exemplo neste ponto. Todavia julgamos ter conseguido aliar o respeito à fidelidade histórica com o respeito às pessoas, cujas intenções eram provavelmente retas e cujos desígnios eram honestos, embora, na expressão de São Paulo, se tivessem convencido erroneamente de que davam glória a Deus obstaculando o apóstolo” (A. AUFFRAY SDB, *Dom Bosco*, Livraria Editora Salesiana, São Paulo, 1955, Prefácio à 3.^a ed. francesa, p. 6 / *Imprimatur*: Mons. M. Meirelles Freire, Vigário-Geral, São Paulo, 9-10-1946).

373. “Eminência, passei tempos difíceis, tempos difíceis...”

De um artigo publicado no *Boletim Salesiano*, sobre algumas das adversidades pelas quais teve que passar São João Bosco (1815-1888) no cumprimento de sua missão:

“No dia 23 de dezembro de 1887, um mês antes da sua morte, Dom Bosco recebe a visita do arcebispo de Turim, seu grande amigo, cardeal Caetano Alimonda. Na conversa, Dom Bosco desabafa: ‘Eminência, passei tempos difíceis, tempos difíceis...’

“Certamente naquele momento, na visão panorâmica de moribundo, desfilaram pela sua mente certas dificuldades que somente a têmpera de um Santo poderia suportar.

Dificuldades com o Vaticano

“Um dos grandes amores de Dom Bosco foi sempre o Papa. Tocar em Dom Bosco no seu amor pelo Vigário de Cristo era atingi-lo nas pupilas dos olhos. Ora, Deus permitiu que este amor sofresse dúvidas da parte de alguns prelados romanos. Para comemorar o 18.^o centenário da vinda de São Pedro a Roma, as *Leituras Católicas* publicaram um seu trabalho sobre o Príncipe dos Apóstolos. O opúsculo foi bem recebido pela crítica. Na página 192, Dom Bosco afirma a respeito da presença de Pedro em Roma:

‘Creio oportuno, entre parênteses, dar a todos aqueles que falam ou escrevem deste assunto, o conselho de não considerá-lo como verdade de fé’.

“Dom Bosco mexeu em um vespeiro. Os tais prelados acharam que Dom Bosco negava o primado do Sumo Pontífice. O opúsculo ia ser colocado no ‘Índice dos livros proibidos’. Dom Bosco sofreu agonias devido a isso. Felizmente interveio o seu grande amigo o Papa Pio IX, que impediu essa odiosa e injusta medida. Foi pedido a Dom Bosco que nas novas edições se tirasse aquela afirmação.

“Toda a vida do santo transcorreu nos dois pontificados de Pio IX e Leão XIII.

“Vimos como Pio IX amava Dom Bosco. Quisera levá-lo para Roma; fazê-lo membro da corte pontifícia como monsenhor. Naturalmente, Dom Bosco não aceitou, pois seria a morte da sua obra. **O Papa aprovou sua congregação contra mil e uma objeções.** Quando no fim de sua vida, fevereiro de 1878, quer ver Dom Bosco mais uma vez, negam-lhe. Reclama: ‘Que é que eu fiz a Dom Bosco? Escrevi-lhe três cartas e ele nem sequer respondeu’. Dom Bosco, por sua vez, também queria saber por que suas cartas ao Papa não obtinham resposta. A explicação é simples. A correspondência de ambos era vigiada e censurada. **As pessoas que em Turim perseguiram Dom Bosco tinham conseguido cúmplices dentro dos muros do Vaticano.** E assim Dom Bosco não pôde ver pela última vez seu grande protetor e amigo, que ele considerava co-fundador da sua congregação.

Ao subir ao trono pontifício, Leão XIII tinha algum preconceito contra São João Bosco; posteriormente o tratará com um carinho maternal

“O novo Papa, Leão XIII, subiu ao trono de São Pedro com algum preconceito contra o nosso Santo. Tanto que por várias semanas Dom Bosco só pôde ver o Papa em audiências públicas. Seus pedidos para uma audiência particular foram desconhecidos. Duro para Dom Bosco, que, quando encarregado pelo Vaticano de resolver com o governo italiano a questão da nomeação dos bispos, tivera entrada franca nos palácios apostólicos, a qualquer hora do dia e da noite. A pouco e pouco o novo Papa vai conhecendo o Santo e cada vez mais se convence de que se trata de um homem de Deus.

“Avançando os anos, cresce a veneração do Vigário de Cristo pelo humilde padre de Turim. Tanto que na última visita que Dom Bosco faz a Roma, no dia 13 de maio de 1887, **o Papa o trata com um carinho maternal...** Era o reconhecimento da santidade daquele que exigirá que os seus sucessores, entre outras qualidades, tenham ‘uma indiscutível adesão à Santa Sé e a tudo o que a ela se referir’.

Dificuldades com os arcebispos de Turim

“Dom Bosco fora ordenado sacerdote por D. Luiz Fransoni, arcebispo de Turim. Este prelado dedicava muita afeição ao jovem sacerdote. Aprovou sua missão entre os jovens; constituiu o Oratório como Paróquia pessoal dos

meninos que o freqüentavam. Visitava-o na sua humilde capela; aceitava convites para as festinhas que os meninos organizavam; incumbia Dom Bosco de estudar certas teorias pedagógicas dadas na Universidade. Mas, infelizmente, por questões políticas, o seu grande amigo foi exilado para a França, onde faleceu.

“Sucedeu-lhe um outro grande seu amigo, D. Alexandre Ricardi di Netro. Tudo parecia sorrir para o nosso Santo, que iniciara a fundação da congregação salesiana. Mas que desilusão. **O prelado não o aceita como fundador da congregação; o quer submisso a si com todos os seus. Dom Bosco sabe que isto é o fim da congregação.** Não ordena nenhum seminarista do Santo a não ser que seja aluno do Seminário diocesano. Dom Bosco é obrigado a aceitar. No fim do curso de teologia, os dez que mandara, deixam as fileiras da congregação. Dom Bosco reclama, é o fim da congregação; o arcebispo não cede.

“Confiou demais nos homens mesmo com libré sagrada e se desenganou amargamente”

“Nesse ínterim o prelado falece. Dom Bosco trabalha para que um grande amigo seu e benfeitor seja o novo arcebispo e consegue. O Papa nomeia D. Lourenço Gastaldi. Dom Bosco sorri e com ele a nascente congregação. Confiou demais nos homens mesmo com libré sagrada e se desenganou amargamente. O Arcebispo era santo, culto, apostólico; mas de um temperamento colérico. Precipitado em seus atos. Por dá cá aquela palha toma... atitudes desnecessárias. Não admite o que julga ser diminuição de sua autoridade. Disso surgem as maiores provações para o nosso Santo.

O Arcebispo chega a suspender São João Bosco das confissões

Na cúria turinense, alguns sopram aos ouvidos do arcebispo que Dom Bosco se opunha à sua autoridade; que os seus seminaristas não estudavam o suficiente e tinham pouco espírito religioso. Essas insinuações eram mandadas a Roma, enquanto Dom Bosco procurava dar os retoques finais na sua congregação. Nesse comenos, saíram no prelo quatro opúsculos contra o arcebispo (após a morte de Dom Bosco foram conhecidos três dos autores). **O Arcebispo pensa que foram impressos no Oratório. Chega a suspender Dom Bosco das confissões (a pena mais grave para um sacerdote).**

“Dom Bosco é um Santo”

“**O conflito dura dez anos. Cada dia se torna mais grave,** com grande alegria dos anticlericais que sopram na fogueira. O Papa Leão XIII toma a questão em suas mãos. Dita um acordo entre Dom Bosco e o arcebispo. Parece inculpar Dom Bosco. Há protestos dentro e fora da congregação. Mas o Papa diz a um dos cardeais que protestava: ‘Sei o que estou fazendo. Con-

to com a virtude desse homem de Deus. Dom Bosco, nós o conhecemos, é um santo'. [...]

“Porque eras aceito de Deus, foi necessário que a provação te atingisse”

“Quando da controvérsia entre Dom Bosco e o arcebispo Gastaldi, um ilustre prelado romano escrevia a Dom Bosco: ‘Porque eras aceito de Deus, foi necessário que a provação te atingisse’. Naqueles últimos momentos, Dom Bosco, recordando esses tempos difíceis, podia dizer, como São Paulo, com toda a tranqüilidade de consciência: ‘Terminei a carreira, batalhei o bom combate, guardei a fé; no mais está-me reservada a coroa de glória que o justo Juiz haverá de me dar’ ” (J. MODESTI, “*Os tempos difíceis de Dom Bosco*” in “Boletim Salesiano”, ano 46, n.º 5, set/out., Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo, 1985, pp. 24 a 26).

374. Tudo o que é grande pelo gênio ou pela santidade, começa por escandalizar os que vivem na mediocridade

De um livro de Henri Joly, membro do Instituto de França:

“Qual foi o apóstolo, o fundador de Ordem, o revelador ou iniciador de alguma devoção destinada a se tornar universal, o reformador da Igreja, que não tenha tido que sofrer, já não digo pela mão de seus inimigos, mas pela de seus amigos, de seus irmãos e de suas irmãs na Fé?

“Tudo o que é grande pelo gênio ou pela santidade, começa por espantar, por atemorizar, por escandalizar todos aqueles que vivem na mediocridade e na rotina. Erguem-se inevitavelmente as objeções, dúvidas, desconfianças e acusações — de boa ou má fé — contra quem pede esforços e sacrifícios para os quais não se está preparado.

“Uma vez passada a provação, porém, as almas auferem força nova, os olhos que buscavam uma luz mais pura são atraídos pela que brilha diante deles; e os corações que antes sentiam uma inexplicável antipatia, passam a vibrar com o novo apelo. Torna-se então, para os mais débeis, senão fácil, pelo menos possível trilhar a senda já aberta” (HENRI JOLY, *La Psychologie des Saints*, “Les Saints”, Librairie Victor Lecoffre, 1897, pp. 36-37).

375. Os fundadores de ordens religiosas serão uma série de fanáticos? O que é fanatismo?

Da conhecida obra do Pe. Jaime Balmes (1810-1848), *O Protestantismo comparado com o Catolicismo*:

“Entende-se por fanatismo, tomado em sua acepção mais lata, uma viva

exaltação do ânimo fortemente assenhoreado por alguma opinião, ou falsa, ou exagerada. [...]

É preciso não confundir entusiasmo e heroísmo com fanatismo

“Se a opinião for verdadeira, os meios de defendê-la legítimos e a ocasião oportuna, então não há fanatismo, por grande que seja a exaltação do ânimo, por viva que seja sua efervescência, por vigorosos que sejam os esforços que se façam, por custosos que sejam os sacrifícios que se arrostem; então ter-se-á entusiasmo na alma e heroísmo na ação, mas não fanatismo: do contrário os heróis de todos os tempos e países ficariam depreciados com a nódoa de fanáticos. [...]

“Nas coisas da religião a alma do homem adquire uma nova força, uma energia terrível, uma expansão sem limites; para ele não há dificuldades, não há obstáculos, não há embaraços de nenhuma espécie: os interesses materiais desaparecem inteiramente, os maiores padecimentos tornam-se lisonjeiros, os tormentos são nada, a própria morte é uma ilusão agradável. [...]

Os Fundadores de Ordem não têm as características do fanatismo

“Por certo, os protestantes não deixarão de lançar em face dos católicos a multidão de videntes que a Igreja tem tido, recordando as revelações e visões dos muitos Santos que veneramos sobre os altares; lançarão também contra nós (a pecha de) fanatismo. [...] ‘Só os fundadores das Ordens religiosas, dirão eles, não oferecem porventura o espetáculo de uma série de fanáticos que, alucinados eles próprios, exerciam sobre os demais com sua palavra e exemplo o mais forte fascínio que jamais se tenha visto?’ [...]

“Neles (nos fundadores de Ordens religiosas) nada encontramos de frenesi nem de violência; são homens que desconfiam de si mesmos; que, apesar de se acreditarem chamados pelo Céu para alguma grande meta, não se atrevem a pôr mãos à obra sem se terem prostrado aos pés do Sumo Pontífice, submetendo a seu juízo as regras em que pensavam alicerçar a nova Ordem, pedindo-lhe suas luzes, sujeitando-se docilmente a sua decisão e não realizando nada sem ter obtido sua licença.

“Que semelhança há, pois, entre os fundadores das Ordens religiosas e esses fanáticos que arrastam atrás de si uma multidão de furibundos, que matam, destróem por toda parte, deixando um rastro de sangue e de cinzas? Nos fundadores das Ordens religiosas vemos um homem que, dominado fortemente por uma idéia, se empenha em levá-la a cabo, ainda que à custa dos maiores sacrifícios. Entretanto vemos sempre uma idéia determinada, desenvolvida segundo um plano ordenado, tendo em vista alguma finalidade altamente religiosa e social, e sobretudo vemos este plano submetido ao juízo de uma autoridade, examinado com madura discussão e emendado ou retocado, segundo pareça mais conforme à prudência.

“Para um filósofo imparcial, sejam quais forem suas opiniões religiosas, poderá haver em tudo isto mais ilusão ou menos, mais preocupação ou menos, mais prudência e acerto ou menos; mas fanatismo, não, de nenhuma maneira, porque nada há aqui que apresente semelhante caráter” (Pe. JAIME BALMES, Obras Completas, *El protestantismo comparado con el Catolicismo*, BAC, Madrid, 1967, 2.^a ed., t. IV, pp. 77, 78, 80 e 81 / *Imprimatur*: Casimiro, Obispo aux. y vic. gen., Madrid, 9-4-1949).

CAPÍTULO IX

**Santos e religiosos de grande virtude
levaram o amor de Deus e o desapego de
seus parentes a ponto de se desinteressarem
completamente dos assuntos temporais
em que estavam envolvidas suas famílias**

376. *Jesus Cristo viveu separado dos negócios e absolutamente livre das exigências da família*

De uma obra de Mons. Charles Gay, Auxiliar do Cardeal Pie, recomendada por vários Bispos e elogiada num Breve de Pio IX:

“(Nosso Senhor Jesus Cristo) vive, além do mais, separado dos negócios e absolutamente livre das exigências da família. Mal saído da infância, Ele afirma, neste ponto, sua inviolável liberdade, que não é senão o direito absoluto de Deus sobre Ele e o dever sagrado que daí decorre.

“E mais tarde, em sua vida pública, quando sua Mãe e seus irmãos, ou seja seus parentes, O solicitam, diz: ‘Quem é minha Mãe, e quem são meus irmãos? Aquele que faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, e minha irmã, e minha Mãe’ (Mt. XII, 48). Pedem-Lhe que intervenha numa disputa humana, Ele recusa (Lc. XII, 14)” (Mgr. CHARLES GAY, *De la Vie et des Vertus Chrétiennes*, H. Oudin, Paris, 1883, 10.^a ed., t. I, p. 110 / Com um breve de S. S. Pio IX).

377. *Uma carta que tenha passado diante dos olhos pode pegar-nos fogo para muitos anos...*

Da célebre obra *Nova Floresta*, do Pe. Manuel Bernardes:

“Conta João Cassiano (Lib. 5 Caenob. Instit., c. 32) que, sendo levado a um eremita um maço de cartas da sua pátria e parentes, o arremessou no fogo, dizendo: ‘Fora, cuidados da terra, ardei com esses papéis, para que me não tenteis’.

“Reflexão. — Uma carta, lançada nas chamas, apenas durará poucos momentos; e uma carta, passada pelos olhos, pode pegar-nos o fogo para muitos anos. Nas armas de fogo atrás do papel envolto vai o chumbo, e atrás do chumbo a morte; o demônio também tem semelhantes armas, em que com o papel da carta entra no peito o chumbo dos cuidados graves, e com estes a morte do espírito da devoção. Concedo que os solitários leiam as cartas de sua terra. Mas qual é a sua terra? A dos vivos, como lhe chamou David. E que cartas nos vieram de lá? As Escrituras Sagradas, diz Santo Agostinho (Sup. Salm. XC, Conc. 2, post initium): ‘Litterae quae de Caelesti civitate nobis venerunt, ipsae sunt Scripturae’. [...]

Não leu a carta do irmão, e usou-a três anos como tampa de tinteiro

“A este virtuoso Padre (Antonio de Pina, da Companhia de Jesus) deu outro Religioso recados da parte de seu irmão; disse, sorrindo-se: **Ainda tenho um irmão? Três anos faz agora que eu recebi uma carta sua, e ainda não a abri, e me serve de tampa do tinteiro.**

“Reflexão. — Maior virtude parece que demanda esta omissão do que a ação do outro Religioso que lançou as cartas no fogo. Porque aquela vitória foi uma avançada, e pereceu ali o inimigo; estouta foi continuada por três anos” (Pe. MANUEL BERNARDES, *Nova Floresta*, Livraria Lello e Irmão — Editores, Porto, 1949, t. IV, pp. 334 e 340).

378. Tomou as cartas vindas de sua terra natal, deitou-as ao fogo sem as abrir e voltou à sua oração

Conta o famoso jesuíta do século XVI, Pe. Ribadeneira, discípulo e biógrafo de Santo Inácio de Loyola (1491-1556):

“Estando (Santo Inácio) num dia de inverno fechado no seu aposento em oração, veio o porteiro e bateu uma e duas vezes, mas não lhe respondeu; à terceira vez levantou-se da sua oração, abriu a porta, e perguntou-lhe o que queria; disse o porteiro: ‘Dar estas cartas a V. R., que, como disse quem as trouxe, são de sua terra’; e deu o maço de cartas ao Padre.

“Tomou-as ele e, fechada a porta, deitou-as ao fogo sem as abrir, e voltou em seguida à sua oração” (Pe. PEDRO DE RIBADENEYRA SJ, *Vida del Bienaventurado Padre San Ignacio de Loyola* in *Historias de la Contrarreforma*, BAC, Madrid, 1945, p. 325 / *Imprimatur*: Casimiro, Obispo Aux. y Vic. Gen.).

379. Não se preocupava em nada com os negócios de seus parentes

Ainda sobre Santo Inácio de Loyola (1491-1556), conta o Pe. Ribadeneyra:

“(Santo Inácio) teve o afeto da carne e do sangue e o amor natural aos parentes muito mortificados, e como se fosse homem nascido sem pai e sem mãe, e sem linhagem (como São Paulo diz de Melquisedec) ou inteiramente morto para o mundo e para todas as suas coisas, não se preocupava em nada com os negócios dos seus parentes, aos quais procurava fazer bem com suas orações, para que fossem servos do Senhor e fossem adiante no seu serviço.

“De maneira que o que havia de fazer por eles não o media com o afeto natural da carne, mas com a regra do espírito religioso e com a verdadeira caridade. Pelo que, estando sua sobrinha, senhora e herdeira da casa de Loyola, para se casar, e pedindo-a por mulher alguns ilustres fidalgos, escreveram ao Padre a Roma os Duques de Nájera e de Albuquerque, cada um por seu lado, rogando-lhe encarecidamente que escrevesse à sua terra, e procurasse que a sua sobrinha tomasse por marido a certo fidalgo rico e ilustre de que lhe faziam menção nas suas cartas.

Não ficava bem voltar a tomar o que há tanto tempo havia deixado

“Respondeu o Padre a estes senhores que aquele casamento, se bem que fosse de sua sobrinha, não era coisa da sua alçada, nem lhe dizia respeito, por ter, já há muitos anos, renunciado a estes cuidados, e estar morto para o mundo; e que não ficava bem voltar a tomar o que há tanto tempo havia deixado, e tratar de coisas alheias à sua vocação, e vestir-se outra vez com a roupa de que já se havia despojado, e sujar os pés, que com a graça divina, com tanto custo para si, desde que partiu de sua casa, havia lavado.

“E para que se entenda melhor isto, como coisa tão importante que é, quero colocar aqui com as próprias palavras do nosso Bem-aventurado Padre a cópia da carta que escreveu ao Duque de Nájera em resposta à sua, e que diz o seguinte:

“A suma graça e amor eterno de Cristo Nosso Senhor saúde e visite a V. Sa. com os seus sumos dons e graças espirituais.

“O senhor D. João de Guevara deu-me ontem uma carta de V. Sa. de 21 de fevereiro, e não me deterei em desculpar o descuido da minha parte em escrever, pois segundo o meu modo de proceder, e de todos os que deixam o mundo por Cristo Nosso Senhor, devemos esquecer o quanto podemos das coisas da terra, para nos lembrarmos mais das do Céu; e ter tanto menos em conta os deveres humanos, quanto mais devemos ter em conta o que toca ao serviço divino. [...]

“Há onze anos eu não escrevo a ninguém da casa de Loyola”

“Quanto ao assunto do casamento sobre o qual V. Sa. me escreve, é ele de tal qualidade, e tão alheio à minha ínfima profissão, que eu teria como coisa muito afastada dela ocupar-me disso; e é certo, que **já há onze anos eu não escrevo a ninguém da casa de Loyola, tendo em conta que eu a deixei uma vez, junto com o mundo todo, por Cristo, e que não devo tornar a tomá-la como própria de maneira alguma**” (Pe. PEDRO DE RIBADENEYRA SJ, *Vida del Bienaventurado Padre San Ignacio de Loyola* in *Historias de la Contrarreforma*, BAC, Madrid, 1945, pp. 345-346 / *Imprimatur*: Casimiro, Obispo Aux. y Vic. Gen.).

380. Desinteresse pelo pleito de um filho

Conta o Pe. Manuel Bernardes sobre São Francisco de Borja (1510-1572):

“Falando o imperador Carlos V com São Francisco de Borja, lhe disse: O Almirante de Aragão traz um pleito com vosso filho D. Carlos, e se funda nesta e nestoutra razão; desejava eu o vosso parecer neste caso. ‘Senhor (respondeu o Santo), digo que, se o Almirante tem justiça, Vossa Majestade não somente lha guarde, senão que lhe faça toda a mercê que possa caber’. E, pois (replicou o César), não será melhor essa graça para D. Carlos? ‘Não, Senhor (tornou o Santo), que porventura terá o Almirante mais necessidade que Carlos’ ” (Pe. MANUEL BERNARDES, *Nova Floresta*, Livraria Lello e Irmão — Editores, Porto, 1949, t. IV, p. 350).

381. “Não vos conheço, porque os Papas não têm filhos”

Da mesma obra clássica do Pe. Manuel Bernardes:

“Este Pontífice (Clemente IV — séc. XIII) primeiro foi casado, depois Arcebispo de Narbona e Cardeal Sabinense, e daqui foi assunto ao Trono Apostólico.

“Neste tempo vieram duas filhas suas do antigo matrimônio, a pedir-lhe dotes competentes ao presente estado das coisas. Respondeu-lhes, resolutamente: ‘Não vos conheço, porque os Papas não têm filhos, nem podem dar aos seus o que não é seu. O que eu tinha de antes, já vos deixei tudo’.

“Elas, como não achassem maridos daquela esfera que desejavam, entraram em Religião com os seus dotes moderados” (Pe. MANUEL BERNARDES, *Nova Floresta*, Livraria Lello e Irmão — Editores, Porto, 1949, t. IV, pp. 351-352).

382. Era intransigente para com as pretensões ambiciosas de seus parentes

De uma biografia de São Roberto Belarmino, Doutor da Igreja (1542-1621):

“A influência de Belarmino em todos os negócios de importância, e as defêrências que com ele usava o Pontífice ameaçavam-no com um chapéu cardinalício. Era já esta a voz do povo. Para prevenir qualquer surpresa [...] o humilde Belarmino não hesitou em escrever um memorial sobre a sua indignidade e incompetência para tal honra. O Pontífice parecia dissuadido; mas no primeiro consistório nomeou-o inesperadamente. [...]

Continuou a ser, sob a púrpura, um fervorosíssimo religioso

“Não havia mais remédio senão ser cardeal; resignou-se, mas resolvido a continuar Jesuíta debaixo da púrpura. Depois de maduramente meditadas aos pés do Crucifixo, determinou três normas de proceder, que havia de seguir à risca: Não mudar em nada o modo de vida que levava na Companhia com respeito a exercícios de piedade, alimentação, sono e outros costumes. Não se servir da dignidade para enriquecer a família. Não pedir nem aceitar rendimentos dos Príncipes. [...]

“Belarmino não ficou [...] deslumbrado com a púrpura, mas continuou a ser dentro dela um fervorosíssimo religioso.

Socorria os parentes na medida da necessidade e da caridade, mas não se servia de sua dignidade cardinalícia para enriquecê-los

“Quanto ao segundo propósito, de não usar a dignidade para enriquecer os parentes, não foi menos exato em cumpri-lo. **Com repetidas instâncias a ele recorriam seus irmãos; mas o que sempre estava pronto a socorrê-los na medida da necessidade e da caridade, era intransigente para com as pretensões ambiciosas dalguma honra ou benefício.**

“Certo parente seu desejava ser armado Cavaleiro de Santo Estêvão, e para isso recorreu ao cardeal por intermédio do seu irmão Tomás.

“Respondeu o Santo: ‘Alegro-me em que seja só pobreza o que prive meu parente da Cruz de Santo Estêvão. **Que leve em compensação a Cruz de Nosso Senhor, muito mais esplêndida ainda que menos conhecida e apreciada.**’

“Já não vos amo segundo a carne”

“A ambição de seus consangüíneos que viam nele um apoio para subir, foi ao ponto de fazer chegar-lhe às mãos uma consulta teológica sobre o dever de os ajudar; mas tudo foi baldado. **‘Já vos não amo segundo a carne,** respondia-lhes ele, **mas segundo a caridade.’** Tudo isto é altamente significa-



"Já vos não amo segundo a carne, mas segundo a caridade", dizia SÃO ROBERTO BELARMINO (séc. XVII) aos seus parentes, que viam nele um apoio para subir. (ficha 382)

(São Roberto Belarmino; obra anônima, séc. XVII, Paris)

tivo, por se passar num tempo em que o nepotismo no clero causava tantos males à Igreja” (Pe. JOÃO RODRIGUES MENDES SJ, *O Santo Cardinal Roberto Belarmino*, Biblioteca do Apostolado da Imprensa, Porto, 1930, pp. 34, 35, 37, 38 / *Imprimatur*: A. A., Bispo do Porto, 30-4-1930).

383. “Não quero fazer-me de Sacerdote mercante”

Da *Nova Floresta*, do Pe. Manuel Bernardes:

“**Instava com este Padre** (Pe. Flaminio Ricci, da Congregação do Oratório de Roma) **uma sua irmã a que se empenhasse na causa de um seu sobrinho**, falando aos ministros e dirigindo a pretensão de modo que surtisse o desejado êxito; **respondeu**: ‘Estou resoluto, com a graça de Deus, a que a fazenda e os parentes estejam comigo na Congregação, e não eu com eles; e **não quero fazer-me de Sacerdote mercante e de Congregado requerente!**’

“**Explicação, doutrina e notícia.**

“[...] Neste desapego de cuidados seculares e de amor de parentes tinha exemplo em Cristo nosso Caminho, Verdade e Vida, o qual, pedindo-lhe um que mandasse a seu irmão fazer partilhas com ele da herança, respondeu: Homem, quem me constituiu juiz ou repartidor entre vós outros (Lc. XII, 14)? E outra vez, sendo-lhe levado recado que sua Mãe e irmão estavam fora e lhe queriam falar, respondeu: Minha mãe e irmãos são os que ouvem a palavra de Deus e a cumprem: ‘Mater mea, et fratres mei, hi sunt qui verbum Dei audiunt, et faciunt’ (Lc. VIII, 21). Não porque o Senhor, que era forma viva de todas as virtudes, não tivesse a da piedade, que se deve aos pais, e a da observância que se deve aos parentes; nem porque eles faltassem no ouvir e cumprir a Divina palavra, senão porque **importava que preferisse publicamente o título do espírito ao da carne e sangue, para magistério claro e perpétuo de toda a sua Igreja.** [...]”

“**Não o disse o mesmo Cristo** (Lc. IX, 60): **Deixai aos mortos sepultar os seus mortos?** Logo, para que queremos mentir a nós mesmos? Sirva cada um a Deus na vocação em que o chamou (I Cor. VII, 20): ‘Unusquisque in qua vocatione vocatus est in ea permaneat’. **Antes se queixem de nós os parentes do que Cristo**” (Pe. MANUEL BERNARDES, *Nova Floresta*, Livraria Lello e Irmão — Editores, Porto, 1949, t. IV, pp. 347 e 349).

384. Gastava milhões para sustentar províncias inteiras, e não empregava um escudo sequer em favor de seus parentes necessitados

De uma biografia de São Vicente de Paulo (1581-1660), proclamado por Leão XIII patrono de todas as associações de caridade:

“João de Paulo (pai de São Vicente) pensou, talvez, que as despesas com a educação do filho seriam fartamente compensadas, se este, um dia, fosse promovido a um benefício eclesiástico. Contudo, se tal foi o cálculo do benquisto camponês, ele se enganou por completo, porque o filho, **por virtude, se mostrou sempre desinteressado da família, julgando que os seus eram felizes ganhando a vida na cultura da terra.** [...]”

Porventura com os braços não poderão trabalhar o suficiente para viver?

“O contacto com a pobreza produziu no seu espírito uma grande luz sobre a graça e benefício de uma vida pobre, de modo que sempre **desejou que a sua família conservasse a condição humilde em que nascera.**

“Quando, anos depois, alguns Padres de Dax lhe escreviam dizendo que os seus irmãos passavam vida dura e pobre, Vicente respondia: **‘Porventura estarão mais pobres do que outrora, e com os braços não poderão trabalhar o suficiente para viver?’** [...]”

“Contudo, não era por dureza de coração que Vicente de Paulo deixava de socorrer a família, mas por submissão ao movimento da graça. ‘Pensais vós, dizia a um amigo, que eu não amo os meus? **Tenho por eles sentimentos de ternura, como qualquer outro tem pelos seus, e este amor excita-me a ajudá-los; mas devo agir de conformidade com a vontade de Deus, e não pelo movimento da minha natureza, e pensar nos pobres mais abandonados, sem me prender nos laços da amizade, nem do parentesco**’ (Maynard I, 12).

“Minha família pode viver como viveu até agora”

“Em certa ocasião, o padre Dufresne, sabendo que os parentes de Vicente estavam reduzidos à miséria, forçou o amigo a receber mil francos para socorrê-los. Vicente aceitou, mas propôs este acordo: **‘Minha família pode viver como viveu até agora, e este acréscimo de recurso não a tornará mais virtuosa. Além disto, só ela gozaria desta esmola. Não será melhor, diante de Deus e dos homens, pregar uma missão na paróquia de Pouy?’** (onde morava sua família) — O Padre Dufresne conveio; e o dinheiro foi guardado para este fim.

“Como a missão não pôde ser feita, devido às guerras civis, Vicente mandou entregar a dita quantia ao Cônego Saint-Martin, senhor de Pouy, para ser distribuída entre os seus irmãos, que estavam reduzidos à mendicidade. Esta foi a única vez que auxiliou os parentes; ato heróico, pois, como veremos, **as suas mãos receberão milhões e não excetuarão ninguém na distribuição dessas fortunas.** [...]”

“A alguém que lhe anunciou que, em razão das guerras, os seus parentes estavam a pedir esmola, o grande Santo respondeu:

“**‘Pedindo esmola, pedindo esmola! Eu mesmo, se Deus não me tivesse dado a graça de ser Padre e de estar aqui, eu também estaria pedindo es-**



"Todos admiraram o espetáculo de ver durante cinqüenta anos, esse Padre (SÃO VICENTE DE PAULO – séc. XVII), por cujas mãos passavam quantias avultadas, que gastava milhões para sustentar províncias inteiras, nunca desviar um escudo sequer em favor dos seus pobres parentes, reduzidos por vezes à extrema penúria". (ficha 384)

(São Vicente de Paulo; retrato por Simon François, 1660. Encontra-se na Casa-mãe dos Lazaristas em Paris)

mola. Mas que fazer? O que é da Comunidade não me pertence, e seria dar mau exemplo dispor disto para este fim’.

“Todos os seus contemporâneos muito admiraram o espetáculo de ver **durante cinquenta anos, esse Padre, honrado com a confiança do rei e da rainha, dos príncipes da Igreja, dos mais nobres senhores, e por cujas mãos passavam quantias avultadas, que gastava milhões para sustentar províncias inteiras, nunca desviar um escudo sequer em favor dos seus pobres parentes, reduzidos por vezes à extrema penúria**” (Pe. JERÔNIMO PEDREIRA DE CASTRO, *S. Vicente de Paulo*, Vozes, Petrópolis, 1942, pp. 19, 22-23, 91-92 / *Impri-matur*: por comissão especial do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo de Niterói, D. José Pereira Alves, Frei Ático Eyng OFM, Petrópolis, 20-8-1942).

385. Nunca quis ocupar-se dos bens da família

De uma vida de São José Benedito Cottolengo (1786-1842):

“José estava com dezessete anos e havia completado o curso de retórica. Devia decidir o seu estado e escolher uma carreira. Todos os seus pensamentos, aspirações e hábitos o levavam à vida eclesiástica. Nem outro era o propósito que lhe havia amadurecido na oração e segundo o conselho do diretor.

“Seus pais não faziam oposição a tal idéia; todavia fizeram-lhe ver que ele era o primogênito e podia constituir família, escolhendo outro estado; deixaram-no, porém, livre para resolver-se segundo a voz de Deus.

Uma família bem maior que as comuns

“Cottolengo falou ao diretor, e este, quase inspirado, lhe respondeu que ‘o Senhor queria que ele fosse pai de uma família bem maior que as comuns’ e ajuntou as palavras do Evangelho: ‘Quem deixar a casa, ou o pai ou a mãe, ou mulher, ou irmãos, ou as irmãs, receberá o cêntuplo e possuirá a vida eterna’.

“Assim firmado na sua resolução, o nosso Santo não pensou senão em dar-lhe execução, e, apoiado nas recomendações do diretor, resolveu pedir ao sr. Arcebispo de Turim, D. Carlos Luís Buronzo del Signore, o seu ingresso na carreira eclesiástica. [...]

Mostrava desinteresse pelos negócios temporais da família

“Quanto aos bens de família não quis nunca ocupar-se deles; costumava dizer que não servia para essas coisas, não as compreendia e nem queria compreendê-las. [...]

“Ainda jovem, jamais se preocupara com os bens de sua família ou de seus parentes, nem jamais firmara o pensamento nas riquezas. [...]

“Igual desinteresse mostrava pelos negócios temporais de sua família. Instado pelo pai para cuidar de um certo interesse familiar, respondeu que não

podia ocupar-se disso, porque seus desejos eram somente do paraíso” (Mons. AQUILES GORRINO, *São José Benedito Cottolengo*, Vozes, 1952, 2.^a ed., pp. 20, 22 e 329 / *Imprimatur*: Por comissão especial do Exmo. e Revmo. Sr. Dom Manuel Pedro da Cunha Cintra, Bispo de Petrópolis, Frei Lauro Ostermann OFM, Petrópolis, 30-6-1952).

**386. “Eu morri desde o instante
em que deixei Biqa Kafra”**

De uma vida de São Charbel Maklouf (1828-1898):

“Um dia, Wardah, uma de suas sobrinhas, vem pedir conselho a seu tio (São Charbel) por uma questão de herança.

“ ‘Eu não tenho mais nada a ver com o mundo’, declarou-lhe. ‘Assim como meu irmão morreu este ano, eu morri desde o instante em que deixei Biqa Kafra (sua aldeia natal). Quem morre não pode se preocupar com questões de herança’ ” (Prof. Dr. ERNEST JOSEPH GÖRLICH, *L’ermite du Liban, Vie et prodiges du bienheureux Charbel Makhlouf*, Éditions Christiana, Stein am Rhein, Suíça, 1975, p. 43 / *Com autorização eclesiástica* para imprimir, Soleure, Suíça, 5-11-1971).

CAPÍTULO X

Discernindo no amor desordenado aos parentes um obstáculo ao fervor e à perfeição espiritual, Santos houve que temeram especialmente o relacionamento próprio ou de seus discípulos, com as respectivas famílias

387. *Deixou o mosteiro porque as freqüentes visitas de parentes e amigos o perturbavam*

De uma vida de Santo Antonio de Lisboa, Doutor da Igreja (1195-1231):

“É fora de dúvida que no tempo de Santo Antonio, como hoje, havia gente que tachasse de estultícia o recolher-se à vida claustral, pensando que é somente para pessoas menos aproveitáveis no mundo ou para os que no convento procuram esquecer-se de profundos desgostos. Puro engano.

“O célebre conde de Montalembert escreve: ‘[...] Longe de serem os conventos refúgio dos fracos foram, pelo contrário, uma verdadeira arena para os fortes’.

“Não tinha Fernando de Bulhões (nome de Santo Antonio no século) necessidade de escutar a apologia da vida religiosa. Sabia muito bem que não é nobreza de nascimento nem posições de destaque no mundo que dão felicidade, mas sim a entrega sem reservas a Deus e a conseqüente paz da alma.

Entrou na Ordem Agostiniana, e professou solenemente

“Convencido, pois, de que Deus o chamava e querendo obedecer à voz da consciência, o jovem resolveu entrar no Convento de São Vicente, para onde o atraía a vida edificante na observância da Regra dos Religiosos. **Comunicou a sua resolução aos pais que assentiram**, porque reinava na família o amor de Deus. [...]



"A permanência do jovem Religioso (SANTO ANTONIO DE PADUA – séc. XIII) no Mosteiro de São Vicente de Fora durou apenas dois anos e (alguns) meses. Não achou nele a paz que desejava porque as freqüentes visitas dos parentes e amigos perturbavam ou até impediam a vida contemplativa que escolhera". (ficha 387)

(Santo Antonio de Pádua, Assis)

“Fernando fez o tirocínio a contento de todos; primava por sua obediência e humildade e pelo cumprimento exato das Regras da Ordem. **Depois de um ano, acharam-no por isto digno de fazer a profissão solene**, em virtude da qual se consagrava a Deus no estado religioso, **para todo o sempre**.”

Mas não encontrou a paz que desejava

“A permanência do jovem Religioso no Mosteiro de São Vicente de Fora durou apenas dois anos e meses. Não achou nele a paz que desejava porque as freqüentes visitas dos parentes e amigos perturbavam ou até impediam a vida contemplativa que escolhera.

“Se isto, de um lado, é um atestado da sincera vontade de somente viver para Deus, de outro parece que foi disposição divina, querendo que Antonio se aproximasse da Ordem franciscana para a qual o destinara” (Frei BASÍLIO RÖWER OFM, *Santo Antonio, Vida, Milagres, Culto*, Vozes, Petrópolis, 1968, pp. 16-17 / *Imprimatur*: Por comissão especial do Exmo. e Revmo. Sr. Dom Manuel Pedro da Cunha Cintra, Bispo de Petrópolis, Frei Bruno Fuchs OFM, Petrópolis, 10-5-1968).

388. Ter gasto rendas eclesiásticas para enobrecer sua família: uma das causas do Purgatório de Inocência III

Narra o Pe. Manuel Bernardes o seguinte fato:

“Um dos mais temerosos casos que nesta matéria tenho lido é o que sucedeu ao Sumo Pontífice Inocência III (séc. XIII), que celebrou o Concílio Lateranense IV, em que se congregou o maior número de Bispos que em outro algum, pois teve 1283, e nele, pelo grande valor e zelo deste Pontífice, se determinaram muitas coisas importantíssimas para o bom governo, tranqüilidade e reforma da Cristandade, e finalmente todos o veneravam por varão de vida inculpável e de excelentes prendas, para assistir ao leme da naveta da Igreja Católica.

Um grande Papa condenado ao Purgatório até o fim do mundo

“No mesmo dia, pois em que faleceu, estando Santa Lutgarda em oração, lhe apareceu a sua alma cercada de horríveis labaredas de fogo, que, como portátil cárcere, a encerravam; e, com voz lastimosa e triste pranto, lhe disse:

“ ‘Eu sou o Papa Inocência, terceiro deste nome, a quem Deus sublimou à dignidade do Sumo Pontificado; porém, como ingrato, ofendi a sua Divina Majestade, e por três pecados, que cometi, merecia estar no inferno, e estive quase em efeito o dar-se contra mim sentença de condenação eterna. Mas valeu-me neste rigoroso transe a intercessão da Virgem Maria, refúgio de pecadores, alcançando-me de seu precioso Filho um ato de verdadeira contrição no

ponto da minha morte, com que escapei do abismo do inferno, e me foi comutado em Purgatório até o dia de Juízo. Este é, filha Lutgarda, o triste e lamentável estado em que me acho, e estas as chamas e tormentos que padeço. Portanto, te rogo encarecidamente que, pois com todos és piedosa e compassiva, me socorras com tuas orações nesta extrema necessidade. Confesso que não mereciam refrigério meus tormentos; mas a Rainha do Céu, acrescentando favores a favores, me alcançou também que pudesse fazer esta visita e pedir-te de esmola tuas lágrimas, para mitigar o ardor destas labaredas. Assim to rogo, pelos merecimentos da mesma Mãe de Deus, e que te não esqueças, piedosa virgem, deste teu afligido pai, que, ainda que indigno, pouco há que o fui de toda a Igreja’.

Varão verdadeiramente inocente e santo, teve um pouco de ambição de perpetuar sua família

“Desapareceu a visão, e a Santa (Sur., 16 Junii) dando parte às mais Religiosas do seu mosteiro, ajuntaram todas o maior socorro que puderam de orações, penitências e outros sufrágios. Porém não consta quanto fosse o efeito que tiveram na moderação daquele formidável prazo que a sentença do Supremo Juiz determinara; nem que pecados foram aqueles três que fizeram ser esta alma achada dos perigos do inferno (como fala o Salmista), porque a Santa só os revelou em segredo ao seu Padre espiritual o Padre Frei Tomás de Cantimprato. Mas este, suposto que os calou ao escrever a vida da mesma Santa, contudo em outra parte descobriu um: e foi (aqui está o ponto que me levou a contar a história, pelos proveitos que disso pode resultar) haver gastado parte das rendas eclesiásticas em edificar uma suntuosa torre, que hoje se chama de Conti, para enobrecer sua família e o antigo apelido dela. E concorda com isto o que **Ilhescas** (Hist. Pontifical, t. I, lib. 5, c. 32) escreve, tratando deste Pontífice, onde, confessando **que foi varão verdadeiramente inocente e santo, e que em todo o tempo que durou o seu Pontificado nenhuma coisa fez que não fosse louvável, excetua logo um pouco de ambição que teve em desejar perpetuar sua família**”(Pe. MANUEL BERNARDES, *Nova Floresta*, Livraria Lello e Irmão — Editores, Porto, 1949, t. IV, pp. 352 a 354).

389. Os demônios trazem à memória os amigos e parentes

Do Castelo interior ou Moradas, de Santa Teresa de Jesus (1515-1582):

“Terrível é a guerra que aqui fazem, de mil maneiras, os demônios. [...] Os demônios põem-se a representar os prazeres mundanos — que são as coisas — como sendo quase eternos. **Relembra os amigos e parentes, a estima em que é tida a pessoa por toda a parte.** Sugerem mil outras dificuldades, inclusive a saúde, comprometida pela penitência” (Santa TERESA DE JESUS, *Moradas del Castillo Interior* in *Obras Completas*, BAC, Madrid, 1967,

2.^a ed., pp. 372-373 / *Imprimatur*: José María, Ob. Aux. y Vic. Gen., Madrid, 12-4-1962).

**390. “Ah! se soubésseis os trabalhos
que tenho com todos estes parentes”...**

De uma carta de Santa Teresa de Jesus (1515-1582), escrita de Ávila à Madre Maria de São José, Priora das Carmelitas Descalças de São José, em Sevilha, e datada de 8 de novembro de 1581:

“Ah! se soubésseis os trabalhos [...] que tenho com todos estes parentes! E assim, fujo de encontrá-los em qualquer ocasião que seja. [...]

Sobre o testamento de um irmão

“Creia bem que se fossem meus (os dinheiros), ou se estivessem nas minhas mãos, eu preferiria não precisar tratar disto. Se visse a decadência em que estão seus bens! É uma pena, pois este rapaz não tinha nascido senão para Deus. E se bem que me quero afastar de tudo isto, dizem-me que estou obrigada em consciência, e assim, perder este irmão tão bom não foi nada em comparação com os trabalhos que estão me dando os que ficaram vivos. Não sei no que acabará isto” (Santa TERESA DE JESUS, *Epistolario* in Obras Completas, BAC, Madrid, 1967, 2.^a ed., pp. 1068-1069 / *Imprimatur*: José María, Ob. Aux. y vic. gen., Madrid, 12-4-1962).

**391. Desapegado dos parentes
e pouco solícito por eles**

Numa biografia do Apóstolo do Brasil, Bem-aventurado José de Anchieta (1534-1591), escreve o Pe. Pedro Roiz, sétimo Provincial da Companhia de Jesus no Brasil:

“À mortificação também pertence ser um Religioso isento e desapegado com parentes, e pouco solícito por eles. Nenhuma comunicação tinha o Padre (José de Anchieta) com os seus, que eram ainda vivos na Ilha de Tenerife, uma das Canárias; e dando-lhe uma carta de uma irmã sua, leu o sobrescrito e antes de abrir disse a quem lha dera o que nela se continha, e com muita alegria disse que sua irmã estava conforme com a vontade divina, em uma enfermidade que padecia” (Pe. PEDRO ROIZ SJ, *Anchieta*, Livraria Progresso Editora, Salvador, 1955, p. 97).

**392. Não se teria hospedado em casa da mãe
se os Superiores não lho tivessem ordenado**

De uma vida de São Luiz Gonzaga (1568-1591), escrita por um seu contemporâneo:

“Passou São Luiz com a mãe todo aquele dia, e enquanto discorria com ela sobre os negócios que ali o trouxeram, quis que estivesse presente o companheiro. Este, porém, vendo que com sua presença constrangia a Marquesa, que não ousava conferenciar livremente com o filho, saiu a rezar o Rosário, e voltando depois de muito tempo, achou a ambos em oração.

“À noite, depois de se retirarem aos seus aposentos, perguntou Luiz ao companheiro, por que razão tinha saído; ao que ele respondeu que ‘tendo a Senhora Marquesa alcançado do Padre Geral, que lhe mandasse o filho de tão longe, agora, que estavam juntos, não julgava conveniente impedi-la de abrir o coração com toda a liberdade; e que se falasse com outras senhoras, afora sua mãe, de bom grado lhe obedeceria, conservando-se presente’. Estas palavras tranqüilizaram São Luís. [...]

**Só recebeu uma peça de roupa que lhe mandava a mãe,
porque o companheiro lhe ordenou que a aceitasse como esmola**

“Não se teria hospedado em casa da mãe ou do irmão, mas na do Arcipreste, se os Superiores, a quem submeteu seu desígnio, não lhe tivessem ordenado o contrário. [...] Sobrevindo o inverno, e tendo necessidade de agasalhar-se, não quis que os seus lhe fizessem a roupa necessária; comunicou sua necessidade e a do companheiro ao Padre Reitor de Bréscia, de quem recebeu sobretudo e outras roupas necessárias, usadas porém, porque novas não queria.

“Instou a Marquesa com ele para que aceitasse duas camisolas de Mântua, uma para si, e outra para o companheiro; mas não o podendo conseguir do filho, que dizia nada querer do que com tanto gosto havia deixado, pediu ao companheiro que lhe fizesse tomar.

“Este, chegando uma manhã a seu leito no momento em que ia levantar-se, levou-lhe uma, e mostrando São Luiz repugnância de aceitá-la: ‘Tomai-a, disse, que vossa mãe vos dá esta esmola pelo amor de Deus, e, como tendes necessidade, quero que a tomeis’. Ele, a este título de esmola, e pela vontade expressa do companheiro, a quem obedecia em matéria de saúde, tomou-a sem dizer mais nada” (Pe. VIRGILIO CEPARI, *Vida de S. Luiz de Gonzaga*, Oficina Poligrafia Editrice, Roma, 1910, pp. 275 a 277 / *Imprimatur*: Fr. Albertus Lepidi OP, S.P.A. Magister).

393. “Afinal Deus teve piedade de mim e tirou-me essa ternura excessiva pelos meus parentes”

De uma vida de São Vicente de Paulo (1581-1660):

Aconselhado por dois amigos, foi visitar a mãe e os irmãos, que não via há 22 anos

“Depois desta missão, que durou cerca de um mês, Vicente de Paulo foi à terra natal visitar sua velha mãe e seus irmãos, que não via desde 1600, fazia vinte e dois anos. Não foi sem hesitação que ele empreendeu tal viagem.

“ ‘Antes de sair de Paris, contava ele mais tarde (St. Vincent de Paul, t. XII, p. 219), eu me abri a dois amigos, aos quais disse: meus senhores, vou trabalhar perto do lugar onde nasci, não sei se farei bem em ir visitar os meus parentes. Ambos me aconselharam: ide, a vossa presença consolará os vossos parentes, falareis de Deus a cada um deles etc.

A razão que me fazia vacilar era ter visto muito bons eclesiásticos visitarem a família e voltarem mudados

“ ‘A razão, que me fazia vacilar, era ter eu visto **muito bons eclesiásticos, operando maravilhas enquanto afastados de casa, e que, depois de visitar os parentes, voltaram mudados e se tornaram inúteis** ao público; dedicavam-se somente aos negócios da família, quando antes se ocupavam das obras, desapegados da natureza e do sangue. **Eu tenho medo, dizia, de me apegar aos meus**. [...]

“Depois da Missa, a uma mesa modesta, reuniu todos os parentes para o almoço. Ele presidiu a mesa; em seguida levantou-se para abraçar todos e despedir-se. Instintivamente, caíram todos de joelhos, pedindo-lhe a bênção.

“Peço a Nosso Senhor para vós a graça de uma santa pobreza”

“ ‘Oh! sim, disse-lhes, comovido, ajoelhando-se também, eu vos abençoo; mas vos abençoo humildes e pobres, e peço a Nosso Senhor para vós a graça de uma santa pobreza. Nunca deveis sair do estado no qual ele vos fez nascer: este é o mais insistente conselho que peço transmitir como uma herança aos vossos filhos. Adeus! para sempre...’.

“Ditas estas palavras, **partiu para nunca mais voltar** (BOUGAUD, Histoire de St. Vincent de Paul, t. I, p. 115). [...]

“Mesmo que eu possuísse cofres de ouro e de prata, não vos daria coisa alguma”

“Tendo passado oito ou dez dias com os meus parentes, contou ele anos depois (St. Vincent de Paul, t. XII, p. 219), para instruí-los sobre as vias da

salvação e para dissuadi-los do desejo de possuírem bens, chegando a dizer-lhes que nada esperassem de mim, e que, mesmo que eu possuísse cofres de ouro e de prata, não lhes daria coisa alguma, porque um Padre, que tem qualquer bem, deve dar tudo a Deus e aos pobres, **no dia em que parti, senti tanta dor ao abandonar os meus parentes, que não fiz outra coisa em todo o percurso do caminho senão chorar e chorar sem cessar**'.

"Passei três meses nesta tentação importuna de querer ajudar meus irmãos"

"Entre lágrimas, sentia a tentação de revogar a sua resolução, e dizia a si mesmo: **'Em lugar de abandonar os meus à extrema pobreza, ser-me-á tão fácil socorrê-los! Por que não o farei? A essas lágrimas sucedeu o pensamento de ajudá-los e de colocá-los em melhor condição, dando a este isto, e àquele aquilo. O meu espírito enternecido dava assim tudo que possuía e o que não possuía. Digo isto para confusão minha; digo porque Deus permitiu que isto acontecesse, para me fazer conhecer melhor o conselho evangélico. Passei três meses nesta tentação importuna de auxiliar os meus irmãos e irmãs: era o peso contínuo do meu espírito. Apesar disto, quando me achava mais calmo, pedia a Deus que me livrasse da tentação, e rezei tanto, que, por fim, Deus teve piedade de mim e tirou-me essa ternura excessiva pelos meus; e ainda que eles estivessem na necessidade de pedir esmola, como estão até hoje, Deus concedeu-me a graça de confiá-los à sua Providência e de julgá-los mais felizes assim do que se estivessem em melhor condição. Eis em todo o esplendor a grande virtude sacerdotal, que exige que o Padre seja sem pai, sem mãe, sem irmãos e irmãs, como Melquisedec, em completo desapego de tudo'**" (Pe. JERÔNIMO PEDREIRA DE CASTRO, *S. Vicente de Paulo*, Vozes, Petrópolis, 1942, pp. 89 a 91 / *Imprimatur*: Por comissão especial do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo de Niterói, D. José Pereira Alves, Frei Ático Eyng OFM, Petrópolis, 20-8-1942).

394. Viu seu confessor padecer no Purgatório devido ao excesso de solicitude pelos parentes

Lê-se na biografia de Santa Verônica Giuliani (1660-1727), escrita pela condessa M. de Villermont, a revelação que teve dos sofrimentos do Pe. Cappelletti, seu confessor:

"No dia da Purificação, foi revelado a Verônica que **o manto de chumbo que fazia sucumbir o Padre** indicava as faltas durante os seis anos de seu superiorato e no seu ministério de confessor, quando ele deixara passar algumas pequenas coisas por negligência ou fraqueza. **Significava também uma solicitude excessiva para com seus parentes**" (Ctesse M. DE VILLERMONT, *Sainte Véronique Giuliani*, Librairie Générale Catholique, Paris, Maison Saint-Roch, Couvin, 1910, p. 380 / *Imprimatur*: J. M. Miest, vic. gen. Namurci, 1-3-1910).

395. Durante quarenta anos não quis ver seus parentes

Narra Santo Afonso Maria de Ligório (1696-1787):

“Conta-se, no fim da Vida do Padre Torres, que uma Religiosa chamada **Jerônima Sanfelice, no começo de sua vida religiosa, permanecia tão apegada a seus parentes, que pensava neles continuamente, queria que viessem vê-la freqüentemente e todos os dias mandava pedir notícias de seu pai.**

“Ora, no mesmo convento vivia com ela sua própria irmã, chamada Maria Antonieta, a qual era tão fervorosa que pediu a Deus que a fizesse sofrer muito; oração que o Senhor ouviu, enviando-lhe uma úlcera que lhe roía as carnes e lhe causava convulsões mortais. Porém, no meio das convulsões, ela exclamava: ‘Ainda mais, meu Esposo! ainda mais’.

“Estando prestes a morrer, disse a Jerônima que se fosse ao paraíso, como esperava, ela lhe obteria a graça de se tornar santa.

“Com efeito, após sua morte, **Jerônima mudou de vida, e tomou, entre outras resoluções, a de não mais ver seus parentes. Foi por isto que durante quarenta anos não quis mais se apresentar no locutório.**

“Um dia, tendo vindo visitá-la dois de seus sobrinhos, mandou-os de volta, e se dirigiu à grade da igreja diante do Santíssimo Sacramento. Então, seus sobrinhos entraram na igreja, para ao menos vê-la daí. Mas ela logo se retirou para trás da cortina. Entretanto, para isto ela teve que fazer sobre si mesma tal violência, que desmaiou. Sem fazer violência sobre si, jamais se chegará à santidade. **Desde então, Jerônima fez tais progressos no amor divino, que viveu e morreu como uma santa.**

“Após sua morte, tomou-se seu retrato; e seu corpo tendo sido aberto, encontrou-se sobre seu coração uma cruz de carne, sinal do grande amor que ela tinha a Jesus crucificado” (Santo AFONSO MARIA DE LIGÓRIO, *Oeuvres Complètes — Oeuvres Ascétiques*, Casterman, Tournai, 1882, 6.^a ed., t. X, p. 296 / *Imprimatur*: J. B. Ponceau, vic. gen., Tournai, 22-7-1867).

396. Um mês de férias na família basta para fazer perder tudo o que foi ganho num ano de formação

De uma biografia do fundador dos Redentoristas, Santo Afonso Maria de Ligório (1696-1787):

“Às reformas materiais (do Seminário diocesano) seguiram-se as morais. O Bispo (Santo Afonso) queria seminaristas sãos de corpo e de alma.

“A primeira medida nesse sentido foi suprimir as férias em família, o que acarretou protestos e ameaças de retirar os alunos.

“— Retire-os, senhor — replicava o Bispo imperturbável. — Mas não permitirei que os alunos vão para casa. Um mês dessas férias basta para fazê-los perder tudo o que ganharam num ano de formação.

Forçado pelas circunstâncias a restabelecer as férias em família, Santo Afonso toma sérias precauções

“Substituiu, pois, as férias em família por férias no próprio Seminário. Ao cabo de dois anos, os administradores do estabelecimento declararam que não podiam continuar custeando as férias. Afonso abriu-lhes sua bolsa; mas, com a vinda da famosa fome, o erário diocesano ficou limpo. O Bispo achou-se na alternativa de fechar o Seminário por falta de recursos ou consentir nas férias em casa. Que fazer? Não houve outro meio senão restabelecer as férias em família.

“Mas o Bispo tomou suas precauções. Antes de partirem, os seminaristas receberam instruções e conselhos do senhor Bispo sobre seus deveres, sobre os perigos que os cercariam e os meios de afastá-los. Traçou-lhes um regulamento de vida, que deveriam observar estritamente, a saber: meia hora de meditação antes da Missa, visitas ao Santíssimo Sacramento à tarde, Confissão e Comunhão freqüentes, ao menos cada oito dias. Proibição severíssima de assistir a certas festas, em que os bons costumes sofrem grandemente: vindimas, caçadas, relações sociais impróprias e proibição especialíssima de saírem de casa em vestes seculares. Advertiu os alunos que os senhores párocos estavam obrigados em consciência a vigiar a observância dessas regras e que, em caso de falta, o castigo seria regularmente a expulsão.

Aos seminaristas que não cumpriam em suas casas as instruções e conselhos do Santo, severa punição

“O Bispo sabia cumprir sua palavra e logo os seminaristas sentiram que as ameaças do Prelado se cumpriam ao pé da letra.

“Um jovem, que recebera ordens menores, assistiu a uma festa em que, aliás, nada houve de reprovável. Soube-o Afonso, e o seminarista teve sua ordenação sacerdotal retardada por alguns anos. Outro fez uma visita a pessoa de reputação censurável. Foi expulso imediatamente. A mãe foi chorar aos pés do Bispo. Movimentaram-se poderosas influências e choveram recomendações, mas foi tudo inútil: Monsenhor parecia um rochedo. Somente alguns anos mais tarde, o seminarista expulso deu entrada no Seminário, mas a pedido do Bispo de Bórgia” (Pe. JOSÉ MONTES CSSR, *Santo Afonso Maria de Ligório, O Cavaleiro de Deus*, Vozes, Petrópolis, 1962, pp. 112-113 / *Imprimatur*: P. José Ribolla CSSR, Superior Provincial, São Paulo).

397. Para que suas palavras fossem mais eficazes, ele mesmo dava o exemplo

De uma vida de São José Benedito Cottolengo (1786-1842), fundador da Pequena Casa da Divina Providência:



SÃO JOSE BENEDITO COTTOLENGO (séc. XIX) "queria que as visitas (aos parentes) fossem raras e breves, pela única razão de que os parentes, ainda sem o quererem, perturbam o recolhimento interno que é necessário aos religiosos". (ficha 397)

(São José Benedito Cottolengo; desenho feito por um irmão do Santo; Corpus Domini, Turim)

“Depois de Padre da Pequena Casa, procurava inspirar este desapego das coisas terrenas às famílias dos asilados e especialmente às Irmãs e, para o fazer pôr em prática, costumava de quando em quando mudá-las de repente de ofício, de casa, de lugar.

“Querida certamente que amassem os parentes, mas que fossem desapegadas de espírito; queria que as visitas fossem raras e breves, pela única razão de que os parentes, ainda sem o quererem, perturbam o recolhimento interno que é necessário aos religiosos.

“E para que suas palavras fossem mais eficazes, dava o exemplo. Muitas vezes, passando por Bra, para acompanhar as Irmãs às diversas Casas, não quis parar a visitar a família e o velho pai, ainda que soubesse que isto seria grande desgosto para os seus e, como as mesmas Irmãs desejavam ver seus parentes, ele lhes respondia: ‘Façamos todos uma boa mortificação; meus parentes, que são bons cristãos, a fazem; façamo-la também nós’. E acrescentava: ‘Não pensem que isto venha de falta de amor aos meus parentes; oh! não! mas também vós o vedes, seria inútil que eu vos recomendasse o desapego aos vossos, se não vos desse o exemplo’” (Mons. AQUILES GORRINO, *São José Benedito Cottolengo*, Vozes, Petrópolis, 1952, 2.^a ed., p. 331, tradução autorizada da edição oficial aprovada pela Sagrada Congregação dos Ritos / *Imprimatur*: Por comissão especial do Exmo. e Revmo. Sr. Dom Manuel Pedro da Cunha Cintra, Bispo de Petrópolis, Frei Lauro Ostermann OFM, Petrópolis, 30-6-1952).

398. São Domingos Sávio temia passar as férias em casa de seus pais

Da vida do jovem São Domingos Sávio (1842-1857), escrita por São João Bosco:

“Ao terminar o ano escolar e passados os exames, deu-se permissão aos alunos da casa para que fossem passar as férias com seus pais ou com alguma outra pessoa da família.

“Alguns, estimulados pelo desejo de adiantar nos estudos e atender aos exercícios de piedade, preferiram ficar no Oratório, e entre estes, Sávio e Masaglia. Sabendo eu com que ânsia os esperavam seus pais e quanta necessidade tinham de restabelecer suas forças, disse-lhes:

“— Por que não ides passar alguns dias de férias com vossos pais?

“Eles, então, em vez de me responderem, se puseram a rir:

“— E quê me quereis dizer com esses risos?

“— Bem sabemos — respondeu Domingos — que nossos pais nos aguardam com gosto; nós também os amamos, e com muito prazer iríamos; mas sabemos que o passarinho, enquanto está na gaiola, não goza de liberdade, é certo. Entretanto, por outro lado, vive seguro das garras do falcão. Pelo contrário, se está fora da gaiola, voa para onde quer, mas pode de um instante para outro cair em poder do falcão infernal.

“Contudo, julguei conveniente mandá-los passar alguns dias em suas casas. Acederam, mas só por obediência, permanecendo somente o tempo que lhes havia sido fixado” (*Biografía y Escritos de San Juan Bosco*, BAC, Madrid, 1955, pp. 827-828 / *Imprimatur*: José María, Obispo Aux. y vic. gral., Madrid, 13-5-1955).

399. “Em casa existem os perigos do tempo passado”

Da vida do virtuoso jovem Miguel Magone (1845-1859), aluno de Dom Bosco, escrita pelo próprio santo fundador dos Salesianos:

“No tempo em que estive conosco, só uma vez foi (Miguel Magone) passar férias em casa. Depois não quis ir mais, apesar de sua mãe e outros parentes o desejarem. Quando lhe perguntavam o motivo, sempre esquivava a resposta, sorrindo. Por fim, um dia revelou o segredo a um amigo seu.

“— Fui uma vez — disse-lhe — para minha casa passar alguns dias de férias; mas de agora em diante, como não me obrigam, não irei mais.

“— Por quê? interrogou o amigo.

“— Porque em casa existem os perigos do tempo passado. Os lugares, as distrações e os companheiros me obrigam a viver como outrora, e eu não quero voltar atrás.

“— É que é necessário ir com boa vontade e pôr em prática os avisos que nos dão nossos superiores antes de partir.

“— A boa vontade é uma névoa que se evanece entre minhas mãos quando vivo longe do Oratório, e os avisos servem para alguns dias; depois as companhias me fazem esquecê-los.

“— De modo que, segundo tua opinião, ninguém durante as férias deveria ir para casa para ver seus pais?

“— Segundo minha opinião, vá passar as férias (em casa) quem se sinta com forças para vencer os perigos; eu não me considero suficientemente forte. O que me parece certo é que, se se pudesse ver o interior dos companheiros, descobriríamos muitos que saem de casa (do Oratório) com asas de Anjos e voltam com dois chifres na frente como diabinhos” (*Biografía y Escritos de San Juan Bosco*, BAC, Madrid, 1955, pp. 885-886 / *Imprimatur*: José María, Obispo aux. y vic. gen., Madrid, 13-5-1955).

400. O afeto à mãe induziu-o a demorar-se em casa alguns dias além do prazo, o que lhe acarretou ser repreendido por São João Bosco

De uma vida de Dom Orione (1872-1940), fundador da Pequena Obra da Divina Providência e aluno de São João Bosco:

“Uma única vez Dom Bosco mostrou-se severo para com Luiz Orione. Du-

rante as férias do verão o diabo trabalha com afinco para atrair os jovens. Por isso, Dom Bosco aconselhava reduzi-las ao mínimo.

“Certamente, ao partir para as férias, Luizinho não corria perigo; ao contrário, seu coração ficava sempre em Turim com Dom Bosco. Contudo, **o afeto à mamãe induziu-o a demorar-se em casa alguns dias além do prazo normalmente concedido.** De volta ao colégio em Valdocco, aguardava o momento de apresentar-se a Dom Bosco.

“Este apareceu no fundo do grande pátio e foi uma correria e um ajuntamento de meninos a seu redor. Enquanto ele se adiantava, olhava-os um por um e abençoava-os com seu sorriso encantador. Os mais espertos seguravam-lhe a batina e não cediam o lugar privilegiado, procurando regular seus passos com os de Dom Bosco, e erguendo de quando em vez os olhos para contemplar-lhe o rosto sempre sereno, sempre expressivo, sempre manifestando novos sentimentos a brotarem de seu coração ardente de caridade para com os jovens.

“Mais que outro qualquer, Luiz Orione procurava encontrar o olhar do mestre e avizinhou-se resolutamente do grupo dos meninos. Entretanto, fato insólito, não conseguia estabelecer a desejada comunicação. **Parecia-lhe ter Dom Bosco olhos para todos, menos para ele.** Então mudava de lugar, postava-se um pouco para trás. Nada: Dom Bosco levantava a cabeça e descobria mais além um pequenito a quem dirigir pergunta interessante. Orione rompia o grupo para colocar-se junto do último interrogado, e justamente nesse momento Dom Bosco voltava o olhar e o sorriso para outro menino, do lado oposto. **Eram vão os seus maiores esforços para atrair-lhe a atenção; Dom Bosco ‘não o via’.** O pobre Orione, sem ousar levantar a voz, estava prestes a romper em soluços.

“Compreendeu, por fim, e ficou impressionado: com aquele silêncio, Dom Bosco censurava-lhe o prolongamento das férias” (Pe. D. DOMINGOS SPARPAGLIONE, *Dom Orione*, Tipografia Cupolo, São Paulo, 1943, pp. 46 a 48 / *Imprimatur*: Laurentius Zeller OSB, São Paulo, 23-2-1943).

CAPÍTULO XI

A exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo e de sua Santíssima Mãe, alguns Santos chegaram, por amor de Deus, a extremos heróicos e até desconcertantes, de desapego dos parentes

401. À sua Santíssima Mãe, o Senhor cumulou cumulou de padecimentos, porque A queria exemplo de perfeição para nós

Comentando a dor de Nossa Senhora ao perder o Menino Jesus no templo, diz Santo Afonso Maria de Ligório (1696-1787), na sua obra *Glórias de Maria Santíssima*:

**A perda de Jesus no templo, uma das
maiores dores da vida de Nossa Senhora**

“Que nossa perfeição consiste na paciência, é aviso que nos dá o apóstolo São Tiago. ‘A paciência efetua uma obra perfeita, para que perfeitos e íntegros sejais, em nada deficientes’ (I, 4). **Deu-nos o Senhor como um exemplo de perfeição a Virgem Maria. Por conseguinte, a cumulou de padecimentos**, para que assim nós pudéssemos nela admirar e imitar a heróica paciência. **Uma das maiores dores de sua vida foi esta que hoje vamos meditar: a perda de seu Filho no templo. [...]**

“Estava acostumada à contínua alegria da dulcíssima presença de seu Jesus, e eis que agora o perde em Jerusalém e dele se vê longe, durante três dias.

“Conforme São Lucas, costumava a Bem-aventurada Virgem ir com José, seu esposo, e com Jesus visitar todos os anos o templo, por ocasião da festa

da Páscoa. Foi então que Jesus, já na idade de doze anos, ficou-se em Jerusalém sem que Maria o percebesse. Julgava-O na companhia de outras pessoas, mas, não O encontrando à tarde do primeiro dia de jornada, depois de haver perguntado por Ele, voltou imediatamente à cidade para procurá-Lo. Finalmente, depois de três dias de ansiedade, O encontrou no templo. **Meditemos qual deve ter sido a aflição dessa atribulada Mãe durante esses três dias.**

Três noites passadas em pranto e na aflição

“Em toda parte perguntava por Ele, com as palavras dos Cânticos: ‘Vós porventura não vistes aquele a quem ama a minha alma?’ (III, 3). Mas perguntava em vão. Rubem lastimava-se por causa de seu irmão José: ‘O menino não está mais aqui e para onde irei agora?’ (Gen. XXXVII, 30). Exausta de fadiga, sem encontrar seu amado Filho, com quanto maior ternura Maria tinha de se lastimar: Meu Jesus não aparece, e eu não sei mais o que fazer para O encontrar; aonde irei sem o meu tesouro? Das lágrimas que derramou durante esses três dias, podia então dizer o mesmo que David dizia das suas: ‘Minhas lágrimas foram para mim o pão, dia e noite; enquanto se me diz todos os dias: Onde está o teu Deus?’ (Ps. XLI, 4).

“Mui judiciosamente Pelbarto faz observar que **a aflita Mãe não dormiu naquelas noites, passando-as em pranto e rogos para que Deus a fizesse achar o Filho.** Frequentemente dirigia-se ao Filho, diz Vulgato Bernardo, e gemia com as palavras dos Cânticos: ‘Dize-me onde descansas pelo meio-dia, para que eu não ande como uma desnorreada’ (I, 6). Meu Filho, dize-me, onde estás, a fim de que eu cesse de errar à tua procura, em vão. [...]

Sofreu mais na perda de seu Jesus que qualquer mártir no padecimento da morte

“Há quem diga que essa dor não só foi uma das maiores, senão que foi a maior e mais acerba de todas as dores na vida de Nossa Senhora. E não falha razão a esse parecer. Em primeiro lugar, **Maria nas outras dores tinha Jesus consigo.** Padeceu amargamente pela profecia de Simeão no templo. Padeceu na fuga para o Egito, mas sempre com Jesus.

“**Na presente dor, porém, sofreu longe de Jesus e sem saber onde Ele estaria.** Desfeita em lágrimas, suspirava por isso com o salmista: ‘Até a luz dos meus olhos não a tenho’ (Ps. XXXVII, 11). Ai de mim! a luz dos meus olhos, o meu caro Jesus, não está comigo, vive longe de mim, e nem sei onde. Pelo amor que tinha a seu Filho, diz Vulgato Orígenes, essa Mãe SS. **sofreu mais na perda de seu Jesus, que qualquer mártir no padecimento da morte.** Que longos foram esses três dias para Maria, a quem eles pareciam três séculos. Dias cheios de amarguras, em que nada A podia consolar! Quem me poderá consolar? suspirava com Jeremias. ‘Por isso eu choro e os meus olhos derramam rios de lágrimas, porque se alongou de mim o consolador’

(Jer. I, 16). Queixava-se sempre com Tobias: 'Que alegria poderei eu ter, eu que sempre estou em trevas, e que não vejo a luz do céu?' (V, 12).

Somente nesta dor é que ouvimos Maria queixar-se:
"Filho, por que fizeste assim conosco?"

"Razão e finalidade das outras dores compreendia-as a Virgem Maria, sabendo que eram a redenção do mundo e a vontade de Deus. Nesta, porém, ignorava a causa da ausência de seu Filho. Sofria a Mãe dolorosa vendo-se privada de Jesus, diz Landspérgio, porque em sua humildade se julgava indigna de estar ao lado dele e tomar conta de um tão grande tesouro. **Pensava talvez: Quem sabe se não O servi como devia? se cometi alguma negligência que tenha motivado a sua partida?** Orígenes escreve: **Maria e José receavam que Jesus os tivesse abandonado. Não há, certamente, pena mais cruciante para uma alma amante de Deus, do que o receio de O haver desgostado.** Por isso, **somente nesta dor é que ouvimos Maria queixar-se.** Tendo achado Jesus, amorosamente lhe perguntou: **'Filho, por que fizeste assim conosco? Olha que teu pai e eu Te buscamos aflitos!'** (Lc. II, 48). Essas palavras não encerram censura, como pretendem blasfemamente os hereges. Revelam apenas a intensa dor que a Mãe experimentou na ausência do amado Filho. Dionísio Cartuxo também as considera como amorosa queixa e não como censura" (Santo AFONSO MARIA DE LIGUORI, *Glórias de Maria Santíssima*, Vozes, Petrópolis, 1964, 6.^a ed., pp. 310 a 313 / *Imprimatur*: Por comissão especial do Exmo. e Revmo. Sr. Dom Manuel Pedro da Cunha Cintra, Bispo de Petrópolis, Frei Bernvardo Warnke OFM, Petrópolis, 6-4-1964).

**402. Para impedir a morte de seu amado Filho,
 nada fez a Santíssima Virgem, e Ela mesma
 tê-Lo-ia crucificado, se faltassem algozes**

Da mesma obra de Santo Afonso Maria de Ligório (1696-1787), *Glórias de Maria Santíssima*:

"Do Eterno Pai diz o Evangelho que amou os homens a ponto de por eles entregar à morte seu Filho Unigênito (Jo. III, 16). O mesmo também, diz São Boaventura, se pode dizer de Maria: Tanto amou os homens, que por eles entregou seu Filho Unigênito.

"E quando foi que a nós o entregou? Deu-o, diz o Padre Nieremberg, quando lhe concedeu licença para entregar-se à morte. Deu-o, quando não defendeu a vida de seu Filho perante os juizes, deixando os outros de a defender ou por ódio ou por temor. Pois **com certeza as palavras de tão sábia e desvelada Mãe teriam causado grande impressão, pelo menos sobre o espírito de Pilatos.** E ele não ousaria condenar à morte um homem, do qual ele próprio reconhecera e declarara a inocência. **Mas, não; Maria não quis dizer nem uma só palavra a favor do Filho, por não impedir a sua morte, da qual dependia**

a nossa salvação. Deu-o, finalmente, milhares de vezes, naquelas três horas, em que ao pé da Cruz lhe assistiu à morte. Então com suma dor e com intenso amor para conosco, estava sacrificando por nós a vida de seu Filho. E **era-lhe tanta a constância, que, se então faltassem algozes, ela mesma O crucificaria para obedecer à vontade do Eterno Pai**, que decretara aquela morte para nossa salvação. Assim discorrem Santo Anselmo e Santo Antonino.

“Já em Abraão vemos um semelhante ato de fortaleza, querendo sacrificar o filho com as próprias mãos. Ora, devemos crer certamente que com maior constância o teria executado Maria, mais santa e mais obediente que Abraão” (Santo AFONSO MARIA DE LIGUORI, *Glórias de Maria Santíssima*, Vozes, Petrópolis, 1964, 6.^a ed., pp. 40-41 / *Imprimatur*: Por comissão especial do Exmo. e Revmo. Sr. Dom Manuel Pedro da Cunha Cintra, Bispo de Petrópolis, Frei Bernvardo Warnke OFM, Petrópolis, 6-4-1964).

403. Três casos de desapego em relação à família

Narra o Pe. Manuel Bernardes:

Morto para o século há vinte anos...

“Foi um secular buscar um irmão seu, monge, rogando-lhe com grande ânsia **que o ajudasse a desatolar uma carroça**, em que levava para outra terra grandes cabedais de mercadorias preciosas. **O monge**, que estimava estas coisas tanto como o lodo em que caíram, **disse-lhe que se valesse de outro irmão também secular**. ‘Esse (disse ele) já morreu há um ano. Pois eu (replicou o monge), já morri há vinte’.

**O demônio tenta por partes:
primeiro, sair; depois, não voltar**

“Não pareça este lance procedido de falta de caridade, que se deve ainda a qualquer próximo, ou da observância, que se devem entre si os parentes, porque, se a fazenda do irmão atolou no caminho, muito mais podia o monge atolar no amor do irmão e da fazenda: e então quem havia de puxar por ele para a sua estância e vocação antiga?

“**O demônio parte a tentação em bocadinhos, quando sente que a não trágaremos inteira**. Aqui não aparecia mais que metade dela, que era o sair do ermo; pode ser que ao depois aparecesse a outra metade, que era o não tornar para o ermo.

“**Muito mais apertada obrigação alegava o outro, dizendo a Cristo que o deixasse ir enterrar a seu pai defunto; e contudo o Senhor lha não aprovou, dizendo: ‘Que deixasse os mortos enterrar aos seus mortos’** (Lc. IX, 60). [...]

**Como procedeu o monge que Santo
Antão ordenou ir à casa de sua irmã**

“Mandou Santo Antão Abade ao monge Pior que fosse à casa de sua irmã, porque o desejava ver e sobre isso lhe tinha feito importunas instâncias. Obedeceu o monge, chegou lá com o seu companheiro; saiu a irmã, mui alvoroçada; e ele lhe disse, com os olhos fechados: ‘Eu sou teu irmão; olha-me bem quanto quiseses; olhaste já?’ E, dito isto, se tornou. [...]

Pomba e serpente ao mesmo tempo

“Mandara-lhe o Superior que fosse à casa da sua irmã, porque o desejava ver; porém não lhe mandou que a visse. Não ir, seria contrariar o preceito; mas ver, seria violar a mortificação. Pois vamos (diz Pior) e não vejamos; passos ao caminho, mas olhos no chão; se o desejo não é meu, mas de minha irmã, seja a vista sua, e não minha. Eis aqui como os santos com a simplicidade sabem concordar a prudência, que é doutrina de Cristo, que sejamos serpentes e pombas juntamente, explicada pelo Apóstolo, quando disse (I Cor. XIV, 20): ‘Nolite pueri effici sensibus, sed malitia parvuli estote’: Não vos façais meninos no juízo, mas na malícia. [...]

Saudou a mãe com os olhos fechados

“Marcos (aquele discípulo do Abade Silvano que por obediência pronta deixava a letra começada, ficando o O formado em C (Ruffin., lib. VII “vir. Patr.”, n.º 6), mandado que falasse a sua mãe, saiu da cozinha, onde servia, metido em um saco desprezível e tismado do lume, e a saudou com os olhos fechados, e logo se tornou para a sua ocupação” (Pe. MANUEL BERNARDES, *Nova Floresta*, Livraria Lello e Irmão — Editores, Porto, 1949, t. IV, pp. 333 a 336 e 338).

**404. Tapou os ouvidos com estopa para não ouvir
as conversas de parentes e conhecidos**

De uma vida de São Bernardo de Claraval (1090-1153):

“Assim como guardava o sentido da vista, quis guardar o do ouvido.

“Um dia, depois de uma visita de alguns de seus parentes e conhecidos, julgou notar que Deus não lhe concedia na oração as mesmas graças que de costume.

“Persuadido de que isso era para ele a punição por ter dado atenção a vãs conversações, sua resolução foi rapidamente tomada: e na próxima visita, com o capuz posto, os ouvidos tapados com estopa, permaneceu durante uma hora com seus visitantes, sem nada ouvir do que lhe pudessem contar (Vita

IV.^a, lib. II, n.º I, na P.L., CLXXXV, col. 540)’’ (Pe. ANSELME DIMIER OCR, *Saint Bernard, “Pêcheur de Dieu”*, Letouzey et Ané, Paris, 1953, t. I, p. 21 / *Imprimatur*: Michel Potevin, Vic. gen., 23-4-1953).

405. “Ainda que lá viesse meu pai, eu seria contra ele”

Numa antiga crônica do Beato Nun’Álvares Pereira (1360-1431) lê-se o seguinte episódio, ocorrido pouco antes de o Santo Condestável de Portugal travar e vencer a importante batalha de Atoleiros (1384), na qual não hesitou em lutar — por fidelidade a Roma e pela independência do Reino — contra seus próprios irmãos que se haviam bandeado para as tropas castelhanas partidárias do anti-Papa de Avinhão:

“Tanto que Nun’Álvares acabou estas palavras, todos à uma disseram que a coisa era pesada e muito de cuidar, pedindo-lhe desse espaço para nisso pensarem; e após responderiam. Não foi Nun’Álvares mui satisfeito, mas sofreu-se, porque não podia fazer mais. Ao dia seguinte, feito seu acordo, responderam por esta forma:

“ — Nun’Álvares senhor, bem entendido temos o que ontem nos disses-tes: e achamos **que é coisa muito duvidosa irmos em vossa companhia pele- jar com aquela gente** pelas razões que vamos dar. A primeira por serem grandes senhores e com muita gente; a segunda **porque vêm com eles o Prior, vosso irmão**, que é um dos principais, **e outros vossos irmãos, e é dura coisa pele- jardes vós com eles**; a terceira porque tendes muito pouca gente, comparada com a deles. Concluindo: **não temos intenção de irmos convosco a tal peleja**’.

“Quando Nun’Álvares tal resposta ouviu teve ainda maior pena que da primeira vez; e, com a grande dor e aflição em que ficou, lembrou-se de lhes falar assim [...]:

“ — Amigos, de mim não sei que vos diga mais do que já disse; mas enfim vou responder às razões que me destes, uma por uma. A primeira, dos Castelhanos serem grandes senhores, tanto maior honra e louvor vos será de os vencerdes. **Quanto à dúvida que tendes por ali virem meus irmãos, eu vos digo e prometo de verdade que ainda que lá viesse meu pai, eu seria contra ele, por servir o Mestre (D. João, Mestre de Aviz, futuro Rei D. João I), meu senhor, e defender a terra que nos criou.** E para verdes que assim é, se qui-serdes ser comigo nesta obra, **eu vos juro que serei o primeiro que a comece**, para verdes a vontade que tenho neste feito contra eles. E enfim, pela parte de sermos poucos e eles muitos, não duvideis por isso de irdes a tal obra, pois muitas vezes aconteceu os poucos vencerem os muitos, **que o vencimento está em Deus e não nos homens**” (*Crónica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira*, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1972, 7.^a ed., pp. 97 a 99).



BEM-AVENTURADO NUN'ALVARES PEREIRA (séc. XV) aos que hesitaram, acompanhá-lo à batalha: "Quanto à dúvida que tendes por ali virem meus irmãos, eu vos digo e prometo de verdade que ainda que lá viesse meu pai, eu seria contra ele, por servir o Mestre (futuro D. João I), meu senhor, e defender a terra que nos criou". (ficha 405)

(Bem-aventurado Nun'Alvares Pereira; retrato da autoria do pintor Félix da Costa)

406. “Entrar na casa de meus pais seria entrar de novo num mundo que eu abandonei para sempre”

Do conhecido livro sobre Santo Inácio de Loyola (1491-1556), de Daurignac:

“Entretanto, as dores de estômago voltaram a apoquentar Inácio, o que não o impedia de se entregar a austeridades espantosas, a longas orações, aos cuidados dos doentes nos hospitais, ao apostolado e aos seus estudos teológicos. [...]

Para evitar a seus discípulos um perigoso contato com as próprias famílias, Santo Inácio vai pessoalmente regular os negócios deles

“Inácio cedeu às instâncias dos seus amados discípulos e consultou médicos, que lhe ordenaram como único remédio eficaz fosse tomar os ares pátrios. O nosso Santo hesitou em separar-se daqueles que acabava de dar a Deus e à sua Igreja havia tão pouco tempo; mas, depois de ter implorado as luzes do céu, decidiu empreender a viagem. Xavier, Laynez e Salmeron deviam fazer uma renúncia legal dos bens que possuíam em Espanha. Enviá-los pessoalmente a regular estes negócios, seria expô-los a todas as seduções de suas famílias, que não se poupariam a esforços para os afastar da sua vocação.

“Inácio de Loyola encarregou-se, pois, da sua procuração, e ficou resolvido que, depois de ter regulado os seus próprios negócios, se dirigiria às famílias dos seus amigos para regular os deles. [...]

Tendo necessidade de retornar à terra natal após 13 anos de ausência, o Santo não quer se hospedar no castelo em que nascera

“O humilde apóstolo devia atravessar Azpeitia. Ao aproximar-se daquela pequena cidade, vê avançar processionalmente o Clero, os Religiosos, os magistrados e os principais habitantes que vinham cumprimentá-lo e testemunhar-lhe a consolação e alegria que com o seu regresso, todos experimentavam. No número das pessoas que mais pressa tiveram em rodeá-lo, viam-se seus irmãos e irmãs, que instaram com ele para ir a Loyola, não cessando de lhe repetir que o castelo era dele e que o devia olhar como propriedade sua:

“— Desde que abandonei a casa de meus pais, — lhes respondeu o Santo — não tenho outra habitação senão a dos pobres. Vou para o hospital da Madalena.

“E, resistindo a todas as instâncias, dirigiu-se com efeito a esse asilo da miséria e do sofrimento, deixando sua família profundamente humilhada por vê-lo confundido com os doentes pobres da cidade e dos arredores. [...]

**Mesmo caindo doente, prefere ser tratado
entre os pobres, no hospital**

“O nosso Santo estava restabelecido; falava da sua partida para a Itália e **não tinha ainda posto os pés no castelo de seus pais**. Os seus irmãos não ousavam renovar as suas instâncias, mas era vivo e profundo o seu pesar:

“— Pois bem, — disse a castelã — irei eu ao encontro de meu cunhado Ínigo, lançar-me-ei a seus pés e ficarei diante dele de joelhos até que me conceda a graça de vir comigo.

“— Deus queira que sejas mais feliz do que nós o temos sido até agora, — disse tristemente D. Garcia.

“No dia seguinte, a cunhada de Inácio foi procurá-lo e pediu-lhe simplesmente que não partisse sem ter dado a sua família a consolação de vir ver o castelo onde nascera, onde tinham decorrido os primeiros anos da sua infância, e onde haviam morrido seu pai e sua mãe que tanto o amaram:

“— **Entrar na casa de meus pais, querida irmã, — respondeu Inácio — seria entrar de novo num mundo que eu abandonei para sempre; não o farei.**

**Só quando foi instado pela Paixão de Jesus Cristo a ir ao
castelo, lá foi passar uma noite, mas não quis deitar-se**

“Então a nobre senhora caiu de joelhos diante de seu cunhado e banhada em lágrimas:

“— Meu irmão, meu querido irmão, — disse-lhe ela — **não é por motivos humanos que eu lhe suplico** que nos conceda este favor, **mas pela caridade de Jesus Cristo**, que enche o seu coração! Peço-lhe **pelo seu santo amor, pela sagrada Paixão!...**

“— Sim, querida irmã, **pela paixão de Nosso Senhor consinto**; irei esta noite.

“À noite, com efeito, foi a Loyola, viu toda a sua família reunida, deu-lhe conselhos espirituais. [...]

“**Passou a noite em Loyola, mas não se deitou**: estaria demasiado bem, teria encontrado o que havia abandonado para sempre. **No dia seguinte, antes de romper o dia, estava no hospital.**

“Deus chama-me a outra parte, em caso algum ficaria em Azpeitia”

“O momento da sua partida aproximava-se. Espalhou-se esta notícia, e o clero, os magistrados, o povo da cidade e dos arredores suplicaram em vão ao santo apóstolo que ficasse no seu próprio país, onde tinha feito um grande bem. Inácio não se deixou vencer nem pelas lágrimas nem pelas petições.

“— Deus chama-me a outra parte, — respondeu a todas as súplicas, — e em caso algum ficaria em Azpeitia. **Rodeado da minha família, estaria, de certo modo no meio do mundo e eu abandonei o mundo e tudo o que é do mundo, renunciando para sempre a ele**” (J. M. S. DAURIGNAC, *Santo Iná-*

cio de Loiola, Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 1958, pp. 147, 152, 154, 155, 164 a 166 / *Pode imprimir-se*: Mons. Pereira Lopes, Vig. Ger., Porto, 20-5-1958).

407. “Não é para Xavier que Deus me chama, é para as Índias”

Da biografia de São Francisco Xavier (1506-1552), por Daurignac:

“Um extraordinário movimento animava o solar senhorial de Xavier. Toda a família de Jasso de Azpilcueta se achava reunida em torno da nobre castelã, D. Maria, cuja avançada idade não havia envelhecido o coração e lhe fortificara a fé. Seus filhos tinham sabido na corte que o rei de Portugal pedira ao Papa alguns Padres da Sociedade de D. Ínigo de Loyola para evangelizar as Índias, e D. Maria que conservara no coração a predição de sua filha, estava convencida que o seu amado Francisco estaria incluído no número daqueles que Deus escolheria para um tão perigoso e glorioso apostolado.

“Bem depressa se espalhou também a notícia de que D. Pedro de Mascarenhas atravessaria a Espanha, que estava já em caminho, e que o Padre Francisco Xavier o acompanhava. **Cada pessoa da nobre família esperava ver, na sua passagem, aquele último descendente**, cuja infância recebera as carícias de todos, cuja mocidade encantara os primeiros velhos dias do pai, que não existia já, e cuja ausência era uma contínua dor para a mãe veneranda que vivia ainda.

A mãe esperava ansiosa a visita

“Quase todos os dias um dos criados de D. Maria montava a cavalo, ia a Pamplona, informava-se e voltava no dia seguinte para assegurar que o correio do embaixador não chegara ainda:

“ ‘Será amanhã, dizia suspirando a mãe do nosso Santo; esperemos’.

“E ela esperava, os dias corriam uns após outros, e o seu filho não aparecia! **Desde aquele em que começara a esperar a felicidade de o tornar a ver. D. Maria quase que se estabeleceu numa janela** donde descobria o caminho que conduzia a Sanguesa e **donde a sua vista alcançava a grande distância** por ser um dos pontos mais elevados do castelo.

Há 17 anos não o via

“— Há dezessete anos que não vejo o meu belo Francisco, dizia ela algumas vezes; mas se ele vem agora, hei de reconhecê-lo, por certo!

“— Querida Mãe! respondiam-lhe seus filhos, bem depressa o tornareis a ver.

“— Pedro Ortiz tem-nos mandado dizer sempre que ele é o mesmo belo Francisco. Somente acrescenta que está magro porque este meu querido filho



SÃO FRANCISCO XAVIER (séc. XVI) ao embaixador do Rei de Portugal que lhe propunha visitar a sua família antes de ir para as Índias: "Não é para (o castelo de) Xavier que Deus me chama, é para as Índias". (ficha 407)

(São Francisco Xavier; retrato, 1583. Gesù, Capela de Santo Inácio. Roma)

se tornou um Santo, e pratica austeridades que alteram a sua saúde...

“Então procurava-se mudar a conversação, porque a pobre mãe não podia ocultar as lágrimas que lhe corriam em abundância, quando se lembrava que a santidade do seu filho o levava a martirizar o corpo, a ponto de enfraquecer a sua robusta constituição. Depois elevava os olhos para o céu com expressão resignada e ajuntava:

“— É verdade que ele é de Deus! inteiramente dEle!... já me não pertence!

“E recaía no seu lânguido e habitual silêncio.

“Os dias corriam; o embaixador de Portugal avançava na sua jornada e entrava em Navarra.

“— Padre Francisco, disse ele ao nosso Santo, nós não estamos longe de Pamplona, onde devo descansar. Ali vos esperarei.

“— Esperar-me, senhor?

São Francisco Xavier é exortado a visitar a mãe

“— Pois vós não ides ao castelo de Xavier visitar vossa família?

“— Não, senhor; agradeço a vossa bondade, mas não posso aceitar.

“— Como! acaso esqueceis, meu caro Padre, que ides deixar a Europa talvez para sempre?!

“— É provável, senhor.

“— Pois muito bem! vós não vêdes a vossa família há já muito tempo, e a senhora vossa boa mãe está hoje velha.

“— Conheço tudo isso, senhor, mas não é para Xavier que Deus me chama, é para as Índias.

“— Meu Padre, é esta uma abnegação que eu admiro verdadeiramente, mas permiti-me fazer-vos observar que a senhora de Jasso deve esperar-vos, e que é impor um sacrifício muito grande ao coração duma mãe. É por ela, é por D. Maria, que vos peço, que vos rogo, meu Padre. Ide a Xavier! Dai esta consolação à vossa família!

“— A esta consolação, senhor, se ajuntarão a amargura da separação e dos adeuses dilacerantes. **Por minha mãe, que eu amo terna e estremosamente, por toda a minha família, que me é tão cara, e por mim mesmo, é melhor que eu evite estes desgostos, e que nos não tornemos a ver senão no Céu.** Ali, senhor, **a união será sem separação, a consolação sem amarguras e a felicidade sem estorvo.**

“O embaixador ia insistir. Francisco conhece e replica:

“— Eu dei tudo a Deus, senhor, não me é permitido, portanto, dispor de mim para os outros; não me julgo com esse direito.

“O carácter cavalheiresco que o jovem Francisco manifestara em Santa Bárbara torna a patentear-se aqui com toda a generosidade do Santo formado na escola de Inácio, e que não vivia senão do contínuo sacrifício de si próprio.

“Cheio de admiração, D. Pedro de Mascarenhas, sem o dizer a Francisco, modificou as disposições do seu itinerário, por delicadeza para com a família do nosso Santo. Atravessou a cidade de Pamplona, retendo-se ali só por

momentos, a fim de renovar as suas provisões e despachar um correio ao rei de Portugal, a quem escreveu para lhe dar antecipadamente conhecimento da elevada santidade do missionário que lhe levava.

“Poucas horas depois de os viajantes deixarem Pamplona, apresentou-se ali o enviado do castelo de Xavier... Era já, porém, muito tarde! [...]

“Era necessário comunicar-se esta pungente notícia a D. Maria: seus filhos procuraram todos os rodeios possíveis, porém quaisquer que fossem a prudência e a doçura dos meios, um semelhante golpe dirigido ao coração duma mãe causa sempre profunda ferida!

A mãe renova o sacrifício de seu filho e agradece a Deus

“D. Maria agradeceu a seus filhos as meigas carícias que deles recebeu; depois **pediu para ser conduzida à capela e ali renovou os votos do seu sacrifício e de ações de graças, oferecendo em holocausto toda a sua dor maternal aos pés do crucifixo** de madeira, de tamanho natural, que ornava o fundo da capela.

“Este crucifixo fora muito venerado por Francisco na sua infância... e D. Maria comprazia-se em falar-lhe do seu querido ausente; parecia-lhe então que as forças e a generosidade se lhe aumentavam, e que recebia tesouros de bênçãos para si e para o filho tão amado, que nunca mais tornaria a ver” (J. M. S. DAURIGNAC, *São Francisco Xavier, Apóstolo das Índias*, Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 1959, 5.^a ed., pp. 101 a 104 / *Imprimatur*: Mons. Pereira Lopes, Vigário Geral, Porto, 20-5-1958).

408. Recebeu a notícia da morte do pai como se não lhe dissesse respeito

Narra o Padre Cepari, contemporâneo de São Luiz Gonzaga (1568-1591), no livro sobre a vida do Santo:

“Claramente demonstrou São Luiz este domínio de si mesmo em todos os acontecimentos humanos, **ao receber**, dois meses e meio depois de ter entrado na Companhia, **a notícia do falecimento de seu pai**, a qual **não o abalou mais do que se não lhe dissesse respeito**.

“No mesmo dia, aconselhando-lhe os superiores que escrevesse à Marquesa (sua mãe) consolando-a, **obedeceu**, mas começou a carta **dizendo que dava graças a Deus porque daí em diante O poderia mais livremente chamar: Padre nosso, que estais no Céu**.

“Isto causou grande espanto a todos, especialmente aos que conheciam Luiz mais intimamente, e sabiam que o grande amor que consagrava a seu pai era tamanho, que tirando o que devia ao Céu, costumava dizer que nada na terra lhe era mais caro que o pai. **O próprio Luiz confessou a alguém que, se considerasse isoladamente a morte de seu pai, teria, sem dúvida, experimentado grandíssima dor, mas, quando pensava que viera da mão de Deus, não podia**

receber desgosto de uma coisa que sabia ter sido do agrado de sua divina Majestade. É que ele era superior a todo humano acontecimento, porque tudo subordinava ao divino beneplácito. [...]

Pensava nos parentes apenas quando rezava por eles

“Costumava dizer, São Luiz, que aprendera do Marquês seu pai, que quando uma pessoa elege um estado de vida, ou se encarrega de fazer alguma coisa, deve esforçar-se por tudo levar a termo com a maior perfeição possível; e que tendo seu pai esta opinião acerca das coisas do mundo, muito justo era que ele a aplicasse às de Deus. Em toda a sua vida mostrou Luiz quão profundamente compenetrado estava deste princípio; pois com grandíssimo fervor trabalhou sempre por mortificar-se e adquirir todas as virtudes e perfeição. [...]

“De tal modo pôs de parte toda a lembrança de seus parentes, que parecia tê-los esquecido inteiramente. Tendo-lhe alguém perguntado uma vez, quantos irmãos tinha no século, não soube logo responder, precisando primeiro contá-los, de cabeça. Inquirindo, outro dia, um Padre, se não o molestavam lembranças dos parentes, respondeu que não, porque não pensava neles senão quando, em comum, os queria encomendar a Deus, e que pela graça divina, era tão senhor de seus pensamentos, que os não detinha senão no que julgava conveniente” (Pe. VIRGILIO CEPARI, *Vida de S. Luiz de Gonzaga*, Officina Poligrafia Editrice, Roma, 1910, pp. 167 e 171 / *Imprimatur*: Fr. Albertus Lepidi OP, S.P.A. Magister).

409. E com os olhos voltados para o céu, passou sobre o corpo de seu filho

Da vida de Santa Joana de Chantal (1572-1641), escrita pelo famoso hagiógrafo Mons. Bougaud, precedida de uma carta de elogio do Bispo de Orléans, Mons. Félix:

“Algum tempo depois, o caso teve novo lance. Tendo (Santa Joana de Chantal) sabido que seu irmão, Arcebispo de Bourges, viera passar suas férias em casa do pai, no castelo de Thotes, em Auxois, foi se encontrar com ele a fim de dar um último golpe. Seu título de Bispo, sua alta piedade, lhe conferiam muita autoridade na família. Ela esperava, depois de tê-lo posto de seu lado, não mais encontrar obstáculos.

“Porém, mal D. André viu sua irmã, declara-lhe, ‘sem preâmbulos, que nunca, absolutamente nunca, ela devia pensar em deixá-los’, e censurando vivamente seu desejo, tentou fazê-la compreender que a vontade de Deus era de que permanecesse junto a sua família.

“Tem-se menos constrangimento com um irmão do que com um pai. A Sra. de Chantal replicou que não podia trair sua alma, que só procurava a Deus, que obedeceria em tudo ao Bispo de Genebra (São Francisco de Sales),



SANTA JOANA DE CHANTAL (séc. XVII), "os olhos voltados para o céu, como novo Abraão, passou sobre o corpo de seu filho". (ficha 409)

seu prudentíssimo diretor, devesse ele lhe ordenar que ficasse plantada, como São Simeão Estilita, sobre uma coluna, durante o resto de seus dias.

O pai insiste em dissuadi-la, apoiando-se nas Sagradas Escrituras

“O presidente (Frémyot, pai da santa), de seu lado, cada vez que a Sra. de Chantal o via, insistia para que renunciasse a seus projetos de se retirar do mundo. E como ele lia todos os dias as Sagradas Escrituras, e a sabia quase inteira de cor, delas citou para a filha textos tão bem entrelaçados e tão concludentes contra sua partida, que ela ficava às vezes totalmente confusa.

“Esses assaltos quebravam a Sra. de Chantal. A imagem do pai em lágrimas, dos filhos abandonados, não a deixava. Por alguns momentos, parecia-lhe que cometeria um crime submergindo numa tal dor os que a tinham cumulado com tanto amor. Algumas passagens das Sagradas Escrituras, citadas pelo presidente em suas conversas, ressoavam sem cessar em seus ouvidos. Perplexa até o mais íntimo de seu ser, dilacerada em suas mais vivas afeições, a Sra. de Chantal pediu a Deus com ardor que lhe enviasse a luz e a força, de que ela tinha tão grande necessidade.

Em todas essas ternuras, o demônio desempenhava um grande papel

“Um dia que expandia sua alma numa oração ardente como sua dor, uma luz divina lhe penetrou, de repente, a inteligência. Ela viu, com essa inefável clareza que conhecem as almas honradas por tais maravilhas, que em todas essas ternuras, muito legítimas é verdade, o demônio, não obstante, desempenhava um grande papel, e ouviu ressoar no fundo de seu coração a enérgica palavra do grande Apóstolo: ‘Se eu agradasse aos homens, não seria o servidor de Jesus Cristo’. Era uma arma que Deus lhe enviava contra os sentimentos de seu coração.

“A partir desse dia, ela se preparou com mais coragem para as últimas e supremas dilacerações da separação.

“Nada podia ser concluído sem a chegada de São Francisco de Sales. Ele chegou, por fim, no dia 13 de outubro de 1609. [...]

“No dia seguinte ao casamento (de sua filha Marie-Aimée), o presidente Frémyot, São Francisco de Sales e Dom André se retiraram sós, e começaram em presença de Deus a deliberar sobre a grave questão da partida da Sra. de Chantal.

“Enquanto isso, esta, prosternada na capela do castelo, rezava com fervor, conjurando Deus a iluminar São Francisco de Sales e a tocar o coração do presidente.

A Santa é submetida a um severo interrogatório

“Após uma longa conferência, ela foi chamada. Nós não temos idéia do

que era um pai na antiga sociedade. Por mais que se fosse esposa, mãe, dona- de-casa, diante de seu pai era-se sempre filha.

“O Sr. Frémyot multiplicou as perguntas e fez passar a Sra. de Chantal por um interrogatório detalhado, sério, parecido com os que tinha hábito de fazer no parlamento.

“Ela respondeu com aquela precisão que era um de seus admiráveis dons. Desdobrando diante de seus juízes toda a sua vida, ela lhes explicou, de início, como se formara e nela se desenvolvera o atrativo que a chamava para a vida religiosa, e lhes fez sentir todas as características divinas desse atrativo.

“Explicou em seguida o estado no qual colocara o bem de seus filhos: as dívidas pagas, os processos encerrados, as desavenças apaziguadas, nada podendo ser nocivo para o desenvolvimento necessário de suas fortunas. Depois tratou do futuro dos filhos. [...] Concluiu dizendo ao pai e ao irmão que, ‘se eles considerassem apenas a Deus, encontrariam abismos de razões para aprovar seu desejo’.

“Enquanto falava assim, o presidente Frémyot estava estupefato diante de tanta prudência. ‘Realmente, dizia ele, citando a Escritura conforme seu hábito, esta mulher considerou todas as trilhas, e não comeu seu pão ociosa’.

“Dom André estava igualmente deslumbrado de admiração. Quanto a São Francisco de Sales, inteiramente recolhido em Deus, considerava sorrindo e sem dizer palavra alguma o feliz desenlace de uma questão que apresentara tantas dificuldades. [...]

A pungente despedida

“No dia 19 de março de 1610, dia marcado para as despedidas, os parentes e amigos da santa se reuniram em casa do Sr. Frémyot. A reunião era numerosa. Todos choravam. Apenas a Sra. de Chantal conserva uma calma aparente, mas seus olhos nadavam em lágrimas, e testemunhavam a violência que era obrigada a empregar para se conter. Dirigia-se a um e outro, abraçava os parentes, pedindo-lhes perdão, conjurando-os a que rezassem por ela, tentando não chorar, e chorando mais forte.

“Quando chegou junto aos filhos, não pôde se conter. Seu filho Celso-Benigno se dependurou no pescoço dela, e tentou por mil carinhos desviá-la de seu projeto. A Sra. de Chantal, inclinada sobre ele, o cumulava de beijos e respondia a todas as suas razões com uma força admirável. Nenhum coração, por mais insensível que fosse, seria capaz de reter suas lágrimas ouvindo ‘esta conversa filial e materna tão dolorosamente amorosa’.

Cena dramática em que o filho tenta retê-la

“Depois que os corações estavam esgotados de ternura, a Sra. de Chantal, para pôr fim a uma cena que a oprimia, desengajou-se vivamente dos braços do filho e quis passar adiante. Foi então que Celso-Benigno, desesperado por não poder reter sua mãe, se deitou de través na porta dizendo: ‘Pois bem,

minha mãe, se eu não posso vos reter, ao menos vós passareis sobre o corpo de vosso filho'. A estas palavras a Sra. de Chantal sentiu seu coração se desfazer e, não podendo sustentar o peso da dor, ela parou e deixou correr livremente suas lágrimas.

"O bom Sr. Roberto, que assistia esta pungente cena, temendo que a Sra. de Chantal fraquejasse no momento supremo, disse: 'O quê! Senhora, as lágrimas de uma criança poderão vos abalar?' — 'Não! redargüiu a Santa, sorrindo em meio a suas lágrimas; mas o que o Sr. quer, eu sou mãe!' E, os olhos voltados para o céu, como novo Abraão, passou sobre o corpo de seu filho" (Mgr BOUGAUD, *Histoire de Sainte Chantal et des origines de la Visitation*, Librairie Ch. Poussielgue, Paris, 1892, 12.^a ed., t. I, pp. 399 a 403, 411 a 413).

410. Doente, não permitiu que sua venerável avó entrasse em sua cela, atendendo-a no locutório

De uma vida de São João Batista de la Salle (1651-1719):

"(São João Batista de la Salle) poderia ter-se hospedado na casa de algum dos membros de sua opulenta família que, se bem que indispostos com ele, não teriam vacilado em recebê-lo para honrar o próprio nome; preferiu, entretanto, ir para a humilde residência da sua comunidade, e lá recebeu a visita de sua venerável avó, Petra Lespagnol. Mas não consentiu que entrasse em sua cela, e ele próprio, apesar de quase não poder manter-se em pé, desceu para vê-la no locutório. E diante do assombro que a avó manifestou ante sua negativa de recebê-la em seu dormitório, respondeu o servo de Deus:

"— Inconveniente em que me venhais ver doente em meu leito, não há nenhum, mas trata-se de dar um bom exemplo, não permitindo a vós nem tampouco a mim, esta liberdade. Pois assim a nenhum Irmão parecerá mal que a porta de sua cela esteja selada para qualquer mulher e fechada para seus próprios parentes, quando saiba que minha avó não teve o privilégio de verme doente a não ser no locutório" (Pe. FRANCISCO GARZÓN SJ, *San Juan Bautista de la Salle*, Apostolado de la Prensa, Madrid, 1947, 4.^a ed., p. 76 / *Imprimase*: Casimiro, Obispo Aux. y Vic. Gen., 6-3-1947).

**411. "Considerai-me como morto;
repito: considerai-me como morto"**

De uma carta de São Luís Maria Grignon de Montfort (1673-1716) a sua piedosa mãe:

"Preparai-vos para a morte, que vos acossa com tantas tribulações, e suportai-as cristãmente como tendes feito. É mister sofrer e levar a própria cruz todos os dias; é necessário e vos é de incalculável proveito o ver-se empobrecida ao ponto de ter que ir a um asilo, se tal é a vontade de nosso grande



SÃO JOÃO BATISTA DE LA SALLE (séc. XVIII): "A nenhum Irmão parecerá mal que a porta de sua cela esteja fechada para seus próprios parentes, quando saiba que minha avó não teve o privilégio de ver-me doente a não ser no locutório". (ficha 410)

(Retrato por Pierre Léger. Generalato, Roma)

Deus; o ser menosprezada até ser abandonada de todos e viver como se já tivesse morrido.

“Embora eu não vos escreva, nem por isto vos esqueço em minhas orações e sacrifícios; antes vos amo e venero tanto mais perfeitamente quanto em meu amor não intervêm nem a carne nem o sangue.

“Não me embaraceis com o cuidado de meus irmãos e irmãs: tenho feito por eles quanto Deus me pediu por caridade; neste momento, não posso lhes proporcionar bem temporal algum, pois sou mais pobre que todos eles; confio-os com toda a família às mãos dAquele que a criou.

“Considerai-me como morto; eu o repito para que graveis melhor: considerai-me como morto; não pretendo herdar nada da família na qual me fez nascer Jesus Cristo. Renuncio a tudo, menos a meu patrimônio canônico, porque mo proíbe a Igreja; meus bens, minha pátria, meu Pai e minha Mãe estão no alto; já não reconheço a ninguém segundo a carne.

“É certo que muito devo a vós e a meu pai por me terdes criado e educado no santo temor de Deus e me terdes prestado uma infinidade de serviços, pelo que vos dou mil e mil graças e cada dia rogo por vossa eterna salvação, coisa que continuarei fazendo enquanto viverdes e ainda depois que tenhais morrido. Quanto a fazer outra coisa por vós, eu e nada é a mesma coisa, no que se refere a minha antiga família.

“Na nova família a que pertenço estou desposado com a Sabedoria e a Cruz, nas quais coloquei todos os meus tesouros temporais e eternos, da terra e do Céu; bens tão grandes, que se fossem conhecidos, Montfort seria invejado pelos maiores ricos e potentados da terra.

“Ninguém conhece os segredos de que falo, ou no máximo, poucas pessoas; na eternidade vós os conhecereis, se tiverdes a felicidade de vos salvar, pois pode acontecer que não a tenhais; tremei e amei mais intensamente.

“Rogo a meu pai, da parte de meu Pai celestial, que não toque o piche, pois com ele se manchará; que não coma terra, pois se sufocará; que não trague fumo, pois este o asfixiará.

“Fugi do mundo e desprezai-o, e tende devoção a Maria Santíssima, com a qual sou todo vosso e de meu pai.

“Saúdo ao vosso Anjo da guarda e sou, todo em Jesus e em Maria,

Montfort

“sacerdote e escravo indigno de Jesus vivendo em Maria” (*Obras de San Luis María Grignon de Montfort*, BAC, Madrid, 1954, pp. 102-103 / *Impri-matur*: José, Obispo de Santander, 19-6-1953).

**412. No dia de sua profissão religiosa, falou
com a mãe através de uma janela alta
de três metros, sem vê-la e sem ser visto**

De uma biografia de São Charbel Maklouf (1828-1898), monge maronita:

“É na espiritualidade da profissão (religiosa) que precisamos nos colocar para compreendermos a seguinte cena.

“Neste dia 1.º de outubro de 1853, **dona Brigita vem fazer uma visita ao filho. Este, do próprio interior da igreja, através da janela alta de três metros, sem vê-la e sem ser visto, dirige-lhe algumas palavras de boas-vindas.** Mas a mãe, com o coração desfeito, deixa escapar esta lamentação: ‘É assim, meu filho, que me privas de te ver!...’

“— Mãe, responde ele, se Deus quiser, **nós nos reencontraremos juntos no Céu, e para toda a eternidade!**’

“Esta conduta pode parecer-nos estranha, até desumana! Seria um capricho? Por certo não, mas a exata conformidade com a Regra que diz:

“ ‘O monge se absterá da conversa e de encontros com pessoas do outro sexo, mesmo que sejam seus parentes próximos...’ [...]

O Religioso que deixa seu mosteiro para voltar junto aos seus deve recomeçar o noviciado

“Uma surpresa o espera em Annaya. Todas as pessoas de sua cidade vieram, em companhia de sua querida e velha mãe, acolher o novo Padre. Muito idosa, a pobre Brigita não pode ir até Bkerké assistir a ordenação do filho. Entretanto ela não pode morrer sem ter abraçado o filho Padre e ter recebido sua bênção!...

“Reconhece-se no grupo Mariam que acaba, por fim, de se casar, o tio Tanios e dois irmãos de Charbel. Todos osculam respeitosamente a mão do novo Padre. Depois **um amigo de juventude de Bika-Kafra lhe diz, em nome de todos:**

“ ‘**Padre, nós viemos especialmente vos convidar a irdes cantar a Missa na cidade. Todos nós ficaremos muito contentes se aceitardes! Aliás, vós não podeis recusar este favor à vossa idosa mãe!...**’

“Todos estavam certos de obter a aquiescência de seu compatriota. Oh! desaponto! **O Pe. Charbel faz um sinal de negação. Não, qualquer que seja a dor que sua resolução vá causar, ele não voltará,** mesmo para uma de suas primeiras Missas na pequena igreja de Bika-Kafra!... Ele sabe muito bem que **‘o religioso que deixa seu mosteiro para voltar junto aos seus deve recomeçar o noviciado!’** ” (Pe. PAUL DAHER, *Charbel, un homme ivre de Dieu*, Monastère S. Maron d’Annaya, Jbail, Líbano, 1965, pp. 71, 77-78 / *Imprimatur*: N. Sfeir, Vic. Pat. Maronite, Bkerké, 17-8-1965).

CAPÍTULO XII

Inspirando-se no exemplo de Nosso Senhor, os Santos utilizaram, em certas circunstâncias, uma linguagem veemente, e por vezes até mesmo contundente, para indicar que o amor de Deus tem precedência absoluta sobre o amor dos pais e parentes

NOTA

“E, tendo saído para se pôr a caminho, veio um homem correndo, e, ajoelhando-se diante dele, suplicou-lhe: Bom Mestre, que devo eu fazer para alcançar a vida eterna? E Jesus disse-lhe: Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão só Deus. Tu sabes os mandamentos: Não cometas adultério, não mates, não furtas, não digas falso testemunho, não cometas fraudes, honra teu pai e tua mãe. E ele, respondendo, disse-lhe: Mestre, todas estas coisas tenho observado desde a minha mocidade. ‘E Jesus, pondo nele os olhos, mostrou-lhe afeto, e disse-lhe: Uma coisa te falta; vai, vende quanto tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem depois, e segue-me.’” (Mc. X, 17-21)

Nosso Senhor o olhou e o amou, porque esse homem levava até então uma vida reta, servindo a Deus em meio aos seus, a suas riquezas, a seu conforto, às prerrogativas de sua situação social: ‘Mestre, disse, todas estas coisas tenho observado desde a minha mocidade. E Jesus, pondo nele os olhos, mostrou-lhe afeto [...]’. Ou seja, Nosso Senhor o amou como ele era naquele momento. O que importa em dizer que nas suas conotações de vida nada havia de censurável.

E, precisamente porque o amou, Nosso Senhor o galardoou com uma vocação mais alta. E assim lhe disse: ‘Vai, vende quanto tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem depois, e segue-me’.

Chama-o assim a se aproximar mais dEle, a imitá-Lo de modo ainda mais perfeito, e a consagrar a isto toda a sua vida.

Em outros termos, até o momento a alma daquele jovem era inocente, já que desde a mocidade tinha seguido os Mandamentos, mas Nosso Senhor lhe pediu mais. Pediu-lhe que seguisse os Conselhos Evangélicos.

A partir de então, todas condições de vida das quais ele se servira na observância dos Mandamentos, passaram a ser algo que ele era chamado pelo Mestre a imolar para segui-Lo.

E seu legítimo comprazimento por essas coisas passava a ser nocivo para sua alma na medida que constituía um obstáculo a que ele as imolasse.

A partir deste chamado, o amor tão santo à família e ao lar pode constituir um obstáculo ao ato de renúncia supremo, ao qual o Divino Salvador convida a alma que honrou com sua predileção.

E esse obstáculo pode induzir muitas almas — e de fato as tem induzido — a que sigam o mísero e perigoso exemplo do moço bom em relação ao Divino Mestre, dizendo 'não' a seu convite. O que tanto pode acontecer quando a alma chamada recebe tal convite, quanto mais tarde. Isto é, quando uma vez aceito o convite, a alma chamada começa em dado momento — no decurso dos anos — a se lastimar com saudades, pela ruptura generosa que efetuará.

E enquanto funcionando assim como obstáculo à entrega resoluto e íntegra ao Divino Mestre — e só como tal — que o amor à família pode merecer as qualificações muito severas que com muita justiça lhes são feitas nos textos que seguem.

E precisamente o que se dá com a vida de família.

Esta é legítima e, levada retamente, ajuda de modo admirável para a prática da virtude.

Assim, constitui ela o ambiente em que deve viver e santificar-se a grande maioria dos homens.

Mas almas há que, sendo objeto de um particular amor de Deus, são chamadas para servi-Lo renunciando à vida de família para se consagrarem de modo todo especial à oração, à contemplação, ou ainda às boas obras em favor da Igreja ou da civilização cristã. O que deverão fazer — conforme o chamado de cada qual — ingressando em alguma milícia religiosa, ou praticando a título privado, e na vida secular, os conselhos evangélicos de obediência, pobreza, e castidade.

E portanto na perspectiva das afirmações contidas nestas fichas, que devem ser qualificados os pais que, não tomando em consideração o caso concreto do moço bom do Evangelho e o que a Igreja ensina a esse respeito, procuram interferir — tornando-o mais duro ainda — no combate já de si tão duro que o filho deve travar contra si mesmo a fim de renunciar a tantas coisas para atender ao apelo de Deus.

Os moralistas discorrem se a recusa ao apelo de Deus, esse 'não' ao apelo de Deus, constitui pecado mortal ou não (*).

(*) Vide Volume I, Secção II, Capítulo I.

De qualquer maneira se sabe — e nesse ponto são todos unânimes — que essa recusa expõe a alma a graves riscos. E os pais que, sabendo disso persistem obstinadamente na sua atitude, passam de um modo patente a agir segundo os designios de alguém. De quem? De Deus que chama a alma, ou do demônio que quer impedir que ela siga esse chamado?

A pergunta não permite hesitações.

413. “Vim separar o filho do seu pai, e a filha de sua mãe”

Palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo, no Evangelho segundo São Mateus:

“Não julgueis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer a paz, mas a espada. Porque **vim separar o filho do seu pai, e a filha de sua mãe**, e a nora da sua sogra. **E os inimigos do homem (serão) os seus próprios domésticos. O que ama o pai ou a mãe mais do que a mim, não é digno de mim; e o que ama o filho ou a filha mais do que a mim, não é digno de mim.** E o que não toma a sua cruz e (não) me segue, não é digno de mim. O que se prende à sua vida, perdê-la-á; e o que perder a sua vida por meu amor, achá-la-á” (Mt. X, 34 a 39).

414. “Todo o que deixar a casa, ou os irmãos, ou o pai, ou a mãe, por causa do meu nome, receberá o cêntuplo e terá a vida eterna”

Ainda do Evangelho segundo São Mateus:

“Então Pedro, tomando a palavra, disse-lhe: Eis que abandonamos tudo e te seguimos; que haverá então para nós? E Jesus disse-lhes: Em verdade vos digo que, no dia da regeneração, quando o Filho do homem estiver sentado no trono da sua majestade, vós, que me seguistes, também estareis sentados sobre doze tronos, e julgareis as doze tribos de Israel. **E todo o que deixar a casa, ou os irmãos, ou as irmãs, ou o pai, ou a mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou os campos, por causa do meu nome, receberá o cêntuplo, e possuirá a vida eterna**” (Mt. XIX, 27 a 29).

415. “Deixa que os mortos sepulquem os seus mortos”

Do Evangelho de São Lucas:

“E aconteceu que, indo eles pelo caminho, veio um homem que lhe disse: Seguir-te-ei para onde quer que fores. Jesus disse-lhe: As raposas têm (suas) covas, e as aves do céu têm (seus) ninhos, porém o Filho do homem não tem



Do Evangelho segundo SÃO MATEUS: “Vim separar o filho de seu pai, e a filha de sua mãe, e a nora da sua sogra, e os inimigos do homem (serão) os seus próprios domésticos”. (ficha 413)

(São Mateus; arte Bizantina, séc. XII)

onde reclinar a cabeça. E a um outro disse: Segue-me. Mas ele disse: Senhor, permite-me que eu vá primeiro sepultar meu pai. Mas Jesus respondeu: Deixa que os mortos sepultem os seus mortos; e tu vai, e anuncia o reino de Deus. E um outro disse-lhe: Eu, Senhor, seguir-te-ei, mas permite que vá primeiro dizer adeus aos de minha casa. Jesus respondeu-lhe: Ninguém que, depois de ter metido a sua mão ao arado, olha para trás, é apto para o reino de Deus” (Lc. IX, 57 a 62).

416. “Eu vim trazer fogo à terra, e que quero eu senão que ele se acenda?”

Palavras do Divino Mestre, no Evangelho de São Lucas:

“Eu vim trazer fogo (do amor divino) à terra; e que quero eu, senão que ele se acenda? Eu tenho de ser batizado num batismo (de sangue); e quão grande é a minha ansiedade, até que ele se conclua!

“Julgais que vim trazer paz à terra? Não, vos digo eu, mas separação; porque, de hoje em diante, haverá numa casa cinco pessoas, divididas três contra duas, e duas contra três. **Estarão divididos: o pai contra o filho, e o filho contra seu pai; a mãe contra a filha, e a filha contra a mãe; a sogra contra sua nora, e a nora contra a sua sogra**” (Lc. XII, 49 a 53).

417. “Não vim trazer a paz, mas a guerra”

O Pe. Manuel Bernardes assim comenta essas palavras candentes de Nosso Senhor:

“Sobre todos os exemplos resplandece o de Cristo Senhor nosso, que não só nos ensina mas nos executa: ‘Non veni (disse o Senhor) pacem mittere, sed gladium; veni enim separare hominem adversus patrem suum, et filiam adversus matrem suam’: **Não vim a meter paz, senão guerra, porque vim a apartar o homem contra seu pai, e a filha contra sua mãe.**

“Buscado uma vez entre seus parentes, não quis ser achado. Ao outro que lhe pediu licença para enterrar a seu pai antes que o seguisse, respondeu (quem tal crera, a não ser Evangelho!): **Deixa os mortos sepultar os seus mortos** (Lc. IX, 60). Até desde a cruz não nomeou a Senhora por mãe, mas por mulher: ‘Mulier, ecce filius tuus’ (Jo. XIX, 26), temperando o amor de filho com o desvio de crucificado, para a doutrina de todos os que com ele professam, crucificar-se, servindo-lhe os três, ou quatro, votos, de três ou quatro cravos” (Pe. MANUEL BERNARDES, *Nova Floresta*, Livraria Lello e Irmão — Editores, Porto, 1949, t. IV, p. 337).

418. “Que tens tu coMigo, mulher?”

São Bernardo comenta de modo percuciente as palavras de Nosso Senhor durante as bodas de Caná:

“Mas a quem não constrange o que naquelas bodas respondeu o Senhor a sua santíssima e benigníssima Mãe, dizendo-lhe: **‘Que tens tu coMigo, mulher?’** O que tens Tu com Ela, Senhor! Acaso não o mesmo que um filho com sua mãe? Que relação tens com Ela, perguntas, sendo o fruto bendito de seu seio imaculado? O quê? Não é Ela a mesma que, sendo preservada sua virgindade, Te concebeu e Te deu à luz sem corrupção? Não é a mesma em cujo seio virginal habitaste nove meses, de cujos peitos virginais Te amamentaste, com quem tendo doze anos voltaste de Jerusalém, e a quem estavas submetido? Então agora, Senhor, por que a incomodas dizendo-lhe: **‘Que tens tu coMigo?’** Muito tem Ela a ver conTigo, e de muitos modos. Mas vejo claramente que não foi indignado ou querendo confundir a terna sensibilidade da Virgem Mãe, que lhe disseste: **‘Que tens tu coMigo?’**; porque vindo a Vós os criados, segundo o preceito da Mãe, sem duvidar um momento fizeste o que Ela Te havia sugerido.

“Por que, pois, meus irmãos, **por que razão responderia Ele assim?** Por nossa causa, **certamente. Para que, depois de convertidos a Deus não nos tome a preocupação com nossos pais carnis.** Para que o trato e o relacionamento com eles não impeçam nossos exercícios espirituais. Porque, enquanto somos do mundo, é certo que devemos a nossos pais cuidado e assistência; mas depois que renunciemos a nós mesmos, com mais razão estamos livres de toda solicitude para com eles. [...]

“Oportunamente, pois, nos ensinou o Senhor que não andemos solícitos junto a nossos parentes carnis mais do que a religião permite, quando a sua própria Mãe, e a uma tal Mãe, respondeu: **‘Que tens tu coMigo?’** Assim também noutra ocasião, dizendo-lhe alguém que estava fora sua Mãe com seus irmãos e que queria falar com Ele, respondeu o Senhor: **‘Quem é minha Mãe e quem são meus irmãos?’** (Mt. XII, 48).

“Que dirão à vista disto aqueles que tão carnal e inutilmente andam solícitos em relação a seus parentes como se ainda vivessem com eles?” (São BERNARDO, *Obras Completas*, BAC, Madrid, 1953, vol. I, pp. 333-334 / *Imprimatur*: José María, Ob. Aux. y Vic. gral., Madrid, 23-12-1953).

419. “Calca aos pés teu pai, e, com os olhos secos, voa para o estandarte da cruz”

Escreve São Jerônimo (342-420) em sua célebre carta a Heliodoro, discípulo e amigo do Santo:

“Que fazes tu na casa paterna, soldado efeminado? Onde está a muralha, onde a trincheira, onde o inverno passado sob a tenda? Escuta: a partir do

céu a trombeta ressoa, sobre as nuvens o general em armas avança para fazer guerra ao mundo! Olha: o gládio de dois gumes que sai da boca do rei se prepara para ceifar tudo a sua passagem! Vamos, tu também, troca o leito pela frente de batalha, a sombra pelo sol!

“Teu corpo acostumado à túnica não suporta mais o peso da couraça, tua cabeça coberta de um pano de linho fino recusa o capacete, tua mão amolecida pela preguiça, se fere empunhando a guarda excessivamente rude da espada.

“Escuta a ordem do dia de teu rei: ‘Quem não está comigo está contra mim, quem não acumula comigo, desperdiça’. Lembra-te, jovem recruta, do dia em que, submergido com Cristo no batismo, tu lhe juraste pelas palavras sacramentais: pelo seu nome tu não pouparias nem tua mãe nem teu pai. Ora, o Inimigo tenta matar a Cristo em teu coração. O prêmio que tinhas recebido para combater, o campo adversário aspira a ele! Mesmo se teu sobrinho pequeno se suspende a teu pescoço, **mesmo se, cabelos desgrehados e veste rasgada, tua mãe te mostra os seios que te amamentaram, mesmo se teu pai se atravessa na soleira da porta, calca aos pés teu pai e vai!** Os olhos secos, voa para o estandarte da Cruz! Ser cruel neste caso é uma forma de afeto. [...]

“Por certo, não ignoro os empecilhos pelos quais tu te podes dizer estar embaraçado, no momento. Nós não temos nem um coração de ferro, nem somos sem entranhas. [...] Nós também passamos por isso! Ora é a irmã viúva que te abraça com seus braços carinhosos; ora são os pequenos escravos com quem tu crescestes: ‘Como, dizem eles, a quem serviremos nós se tu nos deixas?’ Ou ainda é tua ama-seca de outrora, agora já velha, é o marido da ama de leite que te estima quase tanto como teu verdadeiro pai, que bradam: ‘Nós vamos morrer, espera ainda um pouco para nos enterrar’. Talvez mesmo, uma ama de leite, com o seio seco e a fronte enrugada, repetirá a antiga canção que outrora te embalava [...]. Esses liames, é fácil rompê-los pelo amor de Cristo e o temor do inferno.

“ ‘Entretanto, dirás tu, a Escritura ordena obedecer aos pais’. Mas quem ama os pais mais do que a Cristo perde sua alma. **O inimigo brandiu seu gládio e vai me matar, e eu pensarei nas lágrimas de minha mãe? Por cuidado de meu pai, eu desertaria do exército? E entretanto eu não lhe devo, por causa de Cristo, a sepultura, que no entanto eu devo a todo o mundo por causa dEle?** [...]

“**É preciso quebrar o ímpeto desse ariete do afeto, que derruba a fé, com o muro do Evangelho:** ‘Minha Mãe e meus irmãos são aqueles que fazem a vontade de meu Pai que está no Céu’.

“**Se eles crêem em Cristo, que me sejam favoráveis, já que eu quero combater por seu nome; se eles não crêem, ‘que esses mortos enterrem os seus mortos!’**” (São JERÔNIMO, *Lettres*, Collection des Universités de France, Société d’édition “Les belles lettres”, Paris, 1949, t. I, pp. 34 a 37).

**420. “Pais cruéis e ímpios que procuram
arrastar-me outra vez ao século como um cão
ao seu vômito e um porco ao seu atoleiro”**

A propósito dos pais que fazem oposição a que seus filhos se consagrem ao serviço de Deus, assim se exprime São Bernardo:

“Oh pai duro! Oh mãe bárbara! Pais cruéis e ímpios! Mas que digo, meus pais? Meus assassinos, que se doem da conservação do seu sangue, e se consolam com a morte de seu filho; que mais querem ver-me perecer com eles, do que reinar sem eles; que ainda me querem expor a um naufrágio, de que me livreí todo nu; a um fogo de que apenas me salvei meio queimado; aos ladrões, que me deixaram meio morto; mas graças ao socorro do Samaritano, que estou um pouco curado. Eles querem arrancar da porta da glória um soldado de Jesus Cristo, que está a ponto de triunfar, depois de ter arrebatado o Céu. (Eu não me atribuo esta glória, mas ao Senhor, que venceu o mundo). Eles procuram arrastar-me outra vez ao século, como um cão ao seu vômito, e um porco ao seu atoleiro. Abuso espantoso! A casa arde, a chama me persegue, eu fujo, impedem-me que saia, aconselham-me que volte, e os que me aconselham são os mesmos que se acham envolvidos neste incêndio, e que por uma loucura sem igual, por uma obstinação incompreensível, não querem sair do perigo” (São BERNARDO, in *Sentenças Espirituais dos Santos Padres, e Doutores da Igreja*, traduzidas da língua francesa, Lisboa, 1800, t. II, pp. 280-281).

**421. “Semelhante a um cão que volta
a comer o que vomitou”**

Diz São Bernardo (1090-1153), o Doutor Melífluo, num dos sermões sobre o Cântico dos Cânticos:

“ ‘Caçai as raposas pequenas que devastam as vinhas, porque nossa vinha tem florescido’ (Cant. II, 15). As raposas são as tentações. [...]”

“Quanto aos mais adiantados, as potências inimigas não ousam se opor abertamente a suas piedosas práticas, mas costumam, qual astutas raposas, estender ocultamente laços, que na aparência se mostram como sendo virtudes, apesar de serem, de fato, verdadeiros vícios.

“Quantos, por exemplo, conheci que, tendo entrado nos caminhos da vida e atingido um estado bastante perfeito, caminhando e avançando valorosos e confiantes nas sendas da justiça, têm sido vergonhosa e desgraçadamente seduzidos pelos ardis dessas raposas, e têm gemido, se bem que tarde, ao ver sufocados os frutos de suas virtudes?

“Vi um homem que ia bem. Mas de repente lhe sobrevém um pensamento (não seria uma raposinha?): ‘a quantos dentre meus irmãos, parentes, conhecidos e amigos, se eu estivesse em minha terra, poderia fazer partícipes do

bem de que desfruto sozinho! Amam-me e facilmente aceitariam meus conselhos. Para que esta perda? Hei de ir ter com eles, e salvando muitos deles, junto me salvarei. E não devo recear nada em mudar de lugar, pois desde que pratique o bem, que importa onde me encontre? Por outro lado, não poderia estar em melhor lugar do que onde recolho mais frutos’.

“Para abreviar, esse pobre infeliz foi para sua terra natal e se perdeu, mais semelhante a um cão que volta a comer o que vomitou, do que a um desterrado que volta a seu país. Perdeu-se sem que salvasse a nenhum dos que pensava salvar.

“Vede aí uma raposinha nesta falaz esperança que havia concebido de ganhar seus parentes para Deus. Tu também podes encontrar ou notar uma e muitas semelhantes a esta, se prestares atenção” (SÃO BERNARDO, *Obras Completas*, BAC, Madrid, 1955, t. II, pp. 421-422 / *Imprimatur*: José María, Obispo Aux. y Vic. gen., Madrid, 20-1-1955).

422. “Ousastes desviar do serviço de Deus um novo soldado de Cristo — Por vosso coração impenitente, acumulais para vós tesouros de cólera”

De uma biografia de São Bernardo (1090-1153):

“Não menos severa, mas redigida com mais segurança e naturalidade — São Bernardo fala desta vez em seu próprio nome — é a carta escrita para tomar a defesa do monge Pedro, também acossado pelas instâncias de um de seus próximos.

“Um curto preâmbulo nos mostra que o Santo não conhece seu correspondente a não ser de reputação, e que lhe escreve para responder a suas cartas, a pedido de seu religioso; e em seguida o tom se mostra cortante e sem doçura:

“ ‘Vós lhe escrevestes, e antes o tivésseis feito para vossa honra e para proveito dele! Mas não. Ousastes desviar do serviço de Deus um novo soldado de Cristo. Eu vo-lo digo: há Um que inquirirá e que julgará (alusão a Jo. VIII, 50). Não vos bastavam vossos pecados, para irdes ainda acrescentar os dos outros, e para levar ao pecado, tanto quanto em vós está, um jovem que faz penitência. Assim, por vosso coração endurecido e impenitente, vós acumulais para vós tesouros de cólera. Como se não lhe bastasse a tentação do demônio, vós vindes ainda aumentá-la, vós cristão, que sois seu próximo e seu guia! Por vossas mãos ele foi abalado, porém não foi derrubado porque se encontra estabelecido sobre a pedra firme’. [...]

“ ‘Antes de mais nada, como dizem de vós que sois prudente, para que isto seja mais verdade, vos remeto a este homem prudente que diz: ‘Não impeças quem quer fazer o bem, se pudesdes, fazei-o também’ (Prov. III, 27). [...] Tendes tempo para fazer o bem. Mas até quando o tereis? Quão pouco

é o que vos resta a viver, tanto mais que vós começais a envelhecer. Não somos senão um vapor que logo se dissipa. [...]

“ ‘Quantas coisas para vos dizer ainda me sugere meu espírito, ou melhor, o Espírito de Deus, para a salvação de vossa alma! Mas até que tenha sabido, por vossa resposta, como tomais tudo isto, não direi mais nada, de receio de ser uma carga para quem desejo ser amigo e ajuda (se vós o quiserdes) nas vias da salvação’. [...]

“ ‘Por vós, eu saúdo vossa esposa, a quem estimo em Cristo, apesar de ela pouco o merecer’.

“O que faz pensar que, no caso do monge Pedro, a esposa incorria nas mesmas reprovações que o marido (Epist. CCXCII, in P.L., CLXXXII, col. 497-498)” (Pe. ANSELME DIMIER OCR, *Saint Bernard, “Pêcheur de Dieu”*, Letouzey et Ané, Paris, 1953, t. I, pp. 94-95 / *Imprimatur*: Michel Potevin, 23-4-1953).

423. O que dizer da malícia de um tio que das hostes de Cristo arranca seus sobrinhos, para arrastá-los com ele ao inferno?

Um Cônego regular, de nome Foulques, deixara a Ordem do abade de Clavaul para voltar ao Clero da cidade de Lyon. São Bernardo lhe escreve uma longa carta para lhe representar tudo o que sua conduta tinha de censurável. Assim narra o caso uma biografia do Santo:

“Foulques procura uma escusa jogando a culpa sobre seu tio, ele também do Clero lionense, que, por suas insistências, fê-lo sair do claustro:

“ ‘Mas não há escusa, escreve-lhe o Santo Abade; e a falta dele não escusa a vossa’. Pois não foi pela força que o tio fez sair o sobrinho. E São Bernardo interpela o fugitivo numa passagem onde brilha este espírito de fina observação que muitos autores se comprazem em recusar ao Santo:

“ ‘Vós que já desprezastes o mundo, devíeis seguir assim um homem do mundo? A ovelha desgarrada foge apavorada com a aproximação do lobo, a pomba tremendo se esconde à vista do gavião, de seu buraco o rato faminto não ousa sair se o gato ronda em torno; e vós, quando vós vistes o ladrão, vós correstes para junto dele (alusão ao Salmo XLIX, 18). Pois quem era ele senão um ladrão, que não temia roubar a pedra preciosa de Cristo: vossa alma?’

“Já o tio quis desviar da vida religiosa outro de seus sobrinhos. E São Bernardo brada: ‘O que dizer da malícia de um tio que das hostes de Cristo arranca seus sobrinhos (Sed quid de avunculi dicam malitia, qui a Christi militia retrahit nepotes suos; n.º 4, col. 81 C.), para arrastá-los com ele ao inferno? É assim que se faz a felicidade de seus amigos? Os que Cristo chama para permanecer com Ele na eternidade, o tio os chama para queimar para sempre consigo’ (Quos Christus vocat secum in aeternum mansuros, avunculus revocat secum in aeternum arsueros; n.º 4, col. 81 C.).

“Em seguida, o Santo imagina o seguinte diálogo entre Cristo e o tio:

“ ‘Deixai vir a Mim as criancinhas, pois o reino dos Céus lhes pertence.

“— Deixai meus sobrinhos para que eles queimem comigo.

“— Eles são meus, eles devem Me servir.

“— Mas é preciso que pereçam comigo.

“— Eles são meus, Eu os resgatei.

“— Mas eu, eu os nutri.

“— Vós os nutristes, mas com meu pão, não com o vosso. Quanto a Mim, **Eu os resgatei com meu sangue, não com o vosso.**

“Assim o tio carnal disputa ao Pai seus sobrinhos que ele deseja prover de bens terrenos, e deserdá-los dos celestes’.

“Segue-se todo um quadro da desolação do velho tio com a notícia de que seu sobrinho entrou para o claustro, quando contava fazer dele seu companheiro e o sustentáculo de sua velhice, e depois disto seu herdeiro.

“Sem vergonha, sem se preocupar com o diz-que-diz, desprezando o direito, desprezando o próprio Deus, ele reclama seu sobrinho, já professo. Desta vez São Bernardo põe nos lábios de Cristo, dirigindo-se ao sobrinho, estas advertências e estas ameaças:

“ ‘E vós, filho, se vós aceitais, se vós consentis, vós morrereis de morte. **Lembra-vos da mulher de Lot que escapou de Sodoma porque acreditou em Deus, e foi metamorfoseada no caminho porque olhou para trás.** Aprendei no Evangelho que a quem colocou a mão no arado não é mais permitido olhar para trás. **Vosso tio procura vossa alma porque já perdeu a dele’.** Em seguida vem a recordação dos votos proferidos, que vinculam para sempre e que é preciso cumprir. Depois Nosso Senhor se dirige para o tio, ao qual vai qualificar até de inimigo da cruz.

“O próprio São Bernardo volta à carga, fazendo lembrar a Foulques a gravidade de sua falta, que não é outra coisa senão prevaricação. Em seguida lhe representa que não poderá apreciar a Deus no mundo como no claustro; razão pela qual o engaja a retornar o mais breve possível:

“ ‘O que fazeis na cidade, delicado soldado? (Quid agis in urbe delicate miles? — n.º 12, col. 86 D). Vossos companheiros de combate, que fugindo abandonastes, lutam e são vencedores; eles golpeiam e entram; arrebatam o céu e reinam. Entretanto, exibindo-se sobre vosso cavalo, revestido de púrpura e de linho, vós dais a volta nas praças, vós procurais as cidades. Estes são ornamentos para o tempo de paz, não arreios para a guerra’. E a carta termina com uma vibrante exortação para se reunir com seus irmãos de armas no claustro (Epist. II, em P.L., CLXXXII, col. 79-87)” (Pe. ANSELME DIMIER OCR, *Saint Bernard, “Pêcheur de Dieu”*, Letouzey et Ané, Paris, 1953, t. I, pp. 104-106 / *Imprimatur*: Michel Potevin, 23-4-1953).

424. “Vai-te, frei mosca!”

Conta o Pe. Manuel Bernardes sobre São Francisco de Assis (1181-1226):

“A este exemplo da pobreza pediu o hábito da sua Religião (de São Fran-

cisco) certa pessoa. Mandou-lhe que distribuísse primeiro todos os seus bens. Ele o fez entre seus parentes; mas quando tornou, lhe disse o Santo: **‘Vai-te, frei mosca; ainda não saíste do teu sangue e da casa de teu pai; tu, que defraudaste os pobres, não és digno de que te ajuntes com os pobres de Cristo; começaste pela carne, é alicerce falso para edificar a torre da vida espiritual’** (Pe. MANUEL BERNARDES, *Nova Floresta*, Livraria Lello e Irmão — Editores, Porto, 1949, t. IV, p. 339).

425. Linguagem de impressionante rudeza de um Santo em relação a seus próprios pais e parentes mortos

Trecho de um sermão de São Bernardino de Siena (1380-1444), transcrito numa vida do Santo:

“Meus concidadãos e vós, mulheres, ouvi a oração que vou fazer, pelas almas de meu pai, de minha mãe e de meus parentes: ‘Senhor Jesus Cristo, peço-Te que, se meu pai, minha mãe ou algum de meus parentes morreu pertencendo a algum destes dois partidos de que falo (Guelfos e Gibelinos), nenhuma Missa valha por sua alma, nenhuma de minhas orações lhes seja útil. Peço-Te ainda, Senhor, que, se algum deles lhes pertenceu até à morte e não se confessou, mil demônios tenham sua alma e que jamais haja redenção para ele’ (Prediche volgari, t. II, p. 18)” (PAULO THUREAU-DANGIN, *São Bernardino de Siena*, Vozes, Petrópolis, 1937, p. 182 / *Imprimatur*: Por comissão especial de D. José Pereira Alves, 23-6-1937, Frei Oswaldo Schlenger OFM).

426. “Oh! pais bárbaros e ímpios!”

De uma compilação de trechos dos comentários à Sagrada Escritura do famoso exegeta Pe. Cornélio a Lápide, da Companhia de Jesus (1567-1637):

“Obstáculos que se colocam à vocação religiosa e quanto são culpados os que os levantam.

“Quando Moisés e Aarão intimaram por parte de Deus ao Faraó que deixasse em liberdade o povo hebreu, ele respondeu: ‘E quem é o Senhor para que eu deva escutar-lhe a voz e pôr em liberdade a Israel?’ (Ex. V, 1-2).

“Oh! quantas vezes Deus chama, a graça solicita, e entretanto o demônio, o mundo, a carne, às vezes os parentes põem obstáculos, levantam dificuldades a que se ouça e siga o chamado divino! Quantas vocações ao estado eclesiástico ou religioso não ficam impedidas pelos Faraós rebeldes a Deus!...

“Mas se Deus, brada São Bernardo, faz de vosso filho um seu filho e ministro, o que é que perdeis? O que é que perde ele, o vosso filho? Se é rico, torna-se mais rico; se é honrado, torna-se mais nobre; se tem renome, torna-se mais ilustre; e, o que é mais, se pecador, torna-se um santo. E vós, progenitores,



SÃO BERNARDINO DE SENA (séc. XV) em um de seus sermões: "Senhor Jesus Cristo, peço-Te que, se meu pai, minha mãe ou algum de meus parentes morreu pertencendo a algum destes dois partidos (Guelfos e Gibelinos) nenhuma Missa valha por sua alma, nenhuma de minhas orações lhes seja útil". (ficha 425)

(São Bernardino de Sena; retrato da escola de Squarcione, Bergamo, Academia de Carrara)

longe de perderdes, vós ganhais: pois tantos filhos obtereis quantos são os religiosos que receberão vosso filho como irmão (Epist. 90).

“Na sua terceira carta, o santo Doutor severamente repreende os pais de um certo Elias, porque o afastavam de sua vocação. **Oh! pai duro!** nos brada: **Oh! mãe cruel!** — O durum patrem! o saevam matrem! — **Oh! pais bárbaros e ímpios!** — O parentes crudeles et impios! [...]

“Deus pune e golpeia terrivelmente aqueles que procuram dissuadir os jovens de seguir sua vocação e, assim, os fazem perder a alma, perder a Deus e a salvação eterna. **Pois expulsam a Deus daquela alma que Ele escolheu para sua morada;** arrebatam-na a Jesus Cristo, que a chama para desposá-la com um santo vínculo; até a matam porque a arrancam daquele que é a vida. Esses tais se tornam culpados diante de Deus, diante de Jesus Cristo e diante do próximo, e se perdem perdendo aquele que retêm no mundo e para o mundo. Conforme o dito de Jeremias: ‘Aquele que separa o vil do precioso — isto é, como explica Santo Anselmo, sua alma do século — será como a boca de Deus’. — ‘Si separaveris pretiosum a vili, quasi os meum eris (Jer. XV, 19); que coisa será, e que coisa deverá esperar para si aquele que transtorna, que impede, que remove do seu propósito aquele que quer levar a efeito tal separação?...

“O Senhor diz: ‘Este jovem que Eu chamo ao estado religioso será meu filho, e Eu serei para ele Pai’ — ‘Ego ero ei in patrem, et ipse erit mihi in filium’ (II Reg. VII, 14). E aqueles que se opõem a sua vocação respondem: **Senhor, não será assim como Vós dizeis; Vós quereis que ele seja para o Céu, nós queremos que ele seja para a terra; Vós quereis que ele seja feliz, nós o queremos desventurado; Vós quereis ser para ele Pai, nós preferimos que ele tenha por pai a Satanás; Vós quereis dar-lhe a vida da graça e da glória, nós queremos dar-lhe a morte do pecado, a morte no pecado, a morte no inferno**” (*I tesori di Cornelio a Lapide*, extraídos dos seus comentários sobre Sagrada Escritura, compilados pelo Abbé Barbier, Libreria Salesiana, Parma, 1900, 2.^a ed., vol. VIII, pp. 628 a 630).

**427. “Desgraçados pais e desgraçados filhos!
A quantos não veremos no vale de Josafá,
condenados por motivo de vocação”**

Do grande Santo Afonso Maria de Ligório (1696-1787):

“Lutero [...] defendia que pecam os filhos que ingressam em ordens religiosas sem consentimento de seus pais. Sem embargo, contra a opinião de Lutero estão todos os Santos Padres e o Concílio Décimo de Toledo, que ensina ser lícito aos filhos, desde que tenham catorze anos pelo menos, fazer-se religiosos ainda que contra a vontade de seus pais. É certo que os filhos estão obrigados a obedecer seus pais no que diga respeito a sua educação e ao governo da casa, mas não no que se refira à escolha de estado, no que devem obedecer unicamente a Deus, abraçando o estado de vida para o qual são cha-

mados. Quando os pais pretendem ser obedecidos neste ponto, deve-se-lhes responder o que responderam os apóstolos aos judeus: Se é justo diante de Deus obedecer antes a vós que a Deus, julgai-o vós mesmos (Act. IV, 19).

“Ensina expressamente São Tomás que na escolha de estado os filhos não estão obrigados a obedecer a seus pais; e se se trata da vocação religiosa, acrescenta, nem sequer estão obrigados a aconselhar-se com eles, pois que nesta matéria, devido a seus interesses, de pais se tornam inimigos (*‘Propinqui autem carnis, in hoc proposito, amici non sunt, sed potius inimici, iuxta sententiam Domini: Inimici hominis, domestici eius’* — Contra retr. a rel., c. 9), preferindo antes, diz São Bernardo, que seus filhos se condenem com eles a que se salvem saindo de casa (*‘O durum patrem! o saevam matrem! quorum consolatio mors filii est; qui se malunt perire cum eis, quam regnare sine eis!’* — Ep. 140).

“E, pelo contrário, se um jovem, tornando-se sacerdote, pode ser de alguma utilidade para a família, que esforços não fazem seus pais para incliná-los à ordenação, por fas ou por nefas, esteja ou não esteja chamado por Deus, e que alvoroços e que ameaças caem sobre os filhos se por remorsos de consciência recusam a ordenação!

“**Pais bárbaros!; ‘mais que pais, merecem que os chamemos, com São Bernardo, homicidas’** (Non parentes, sed preemtores). **Desgraçados pais, repetirei, e desgraçados filhos! A quantos não veremos no vale de Josafá, condenados por este motivo da vocação, já que, como depois demonstraremos, a salvação eterna de cada qual depende da fidelidade em seguir a vocação divina!”** (Santo AFONSO MARIA DE LIGÓRIO, *Obras Ascéticas*, BAC, Madrid, 1954, pp. 168-169 / *Imprimatur*: José María, Ob. Aux. y Vic. Gral., Madrid, 13-3-1954).

428. É nocivo e pestilencial, para o Religioso, o ar da casa paterna

De outra obra do grande Doutor da Igreja:

“É preciso, pois, decidir-se, para entrar numa comunidade de perfeita observância e ser verdadeiro discípulo de Jesus Cristo, a despojar-se de qualquer apego para com seus parentes. [...]

“Não se poderá mais pôr os pés na casa de seus parentes, exceto no caso de doença mortal do pai ou da mãe, ou de alguma outra necessidade urgente, e isso, bem entendido, sempre com permissão superior. Seria, na vida religiosa, falta grave e escandalosa ir à casa de seus parentes sem uma permissão expressa. [...]

“Caso alguém caísse doente, seria falta relevante pedir permissão ou manifestar o desejo de voltar para a sua família, para aí ser mais bem tratado e respirar o ar natal. **O ar da casa paterna é quase sempre — e até sempre — nocivo e pestilencial para a alma de um Religioso.** [...]

“Para um Religioso, nada é mais desejável do que morrer, quando Deus o queira, na casa de Deus, assistido por seus irmãos em religião, e não no século em meio a seus parentes” (Santo Afonso de Ligório, *Oeuvres Complètes — Oeuvres Ascétiques*, Casterman, Tournai, 1881, 5.^a ed., t. III, pp. 429 a 431 / *Imprimatur*: A.P.V. Descamps, Vic. gen., Tornaci, 15-9-1858).

**429. “Vossos filhos se levantarão contra vós,
que fostes seus tentadores e corruptores”**

De uma *Copiosa y Variada Colección de Selectos Panegíricos*, publicada sob a direção de Santo Antonio Maria Claret (1807-1870):

“Ah! cristãos, aproveitai-vos destas grandes instruções: na direção de vossa família respeitai sempre os direitos de Deus, e não atenteis jamais contra os de vossos filhos. Dai-lhes a mesma liberdade que vós haveis desejado, e de que talvez vos mostrastes muito zelosos. [...]

“Cuidai de sua salvação, que se acha interessada neste particular, e não sejais tão cruéis que a sacrifiqueis a vossos interesses mundanos. Não vos exponhais a ser um dia o objeto de sua maldição depois de ter sido a causa de sua desgraça. Porque sua maldição será eficaz, e atrairá sobre vós a de Deus.

“Se não lhes podeis deixar uma grande herança — nem eles têm que possuir grandes bens — não lhes tireis ao menos, se me atrevo a dizê-lo assim, a posse de si mesmos. Deus não vos obriga a fazê-los ricos, mas vos manda deixá-los livres. [...]

“O que Lhe respondereis um dia quando vos reprender por vos terdes oposto a seus desígnios na direção de uma família que vos havia confiado? Quando vos pedir contas, não do sangue, mas da alma deste filho que Ele queria salvar, e para o qual havia preparado, com tal finalidade, todos os caminhos dos quais vós o afastastes, extraviastes, e que vós perdestes?

“O que respondereis aos vossos próprios filhos? Porque eles se levantarão contra vós, e se tornarão vossos acusadores, assim como vós fostes seus tentadores e seus corruptores” (*Copiosa y Variada Colección de Selectos Panegíricos*, Librería Religiosa — Imprenta de Pablo Riera, Barcelona, 1862, t. XI, pp. 60-61 / *Con aprobación del Ordinario*).

**430. “Jesus Cristo quer para o Céu
homens violentos, sem misericórdia,
escaladores, capazes de tudo”**

De uma obra de São Pedro Julião Eymard (1811-1868):

“Analisando o primeiro sinal da vida sobrenatural, eu disse que era preciso ser forte contra o pecado, forte contra si mesmo. [...] Toda piedade que não queira empregar a força, que não chegue até à força, é uma piedade falsa.

“Há uma força brutal a empregar contra as paixões. Não é a força ponderada; aquele que pondera com seu sedutor já está perdido: tem por ele alguma estima, já que consente em discutir com ele. **Esta força brutal, é preciso empregá-la contra si e contra o mundo: ela deve ser cruel, intolerante como a própria vida religiosa, que rompe qualquer liame com a carne e o sangue.**

“**Longe de nós a tolerância, nenhuma tolerância com o inimigo!** ‘Eu não vim trazer a paz, mas a espada’, diz o Salvador; **espada de separação que separará o filho de seu pai, a filha de sua mãe, o homem de si mesmo.**

“Jesus Cristo foi o primeiro a puxar a espada contra os fariseus, os sensuais, os hipócritas: Ele a lançou no mundo, os cristãos devem apanhá-la; um pedaço basta, pegai-o. É uma espada bem temperada, temperada no Sangue de Jesus Cristo e no fogo do alto.

“**O reino dos Céus admite violência; só os violentos o arrebatam:** ‘rapiunt illud’. **Jesus Cristo quer para o Céu homens violentos, sem misericórdia, escaldadores, capazes de tudo; que se determinam e sustentam por seu Nome uma guerra de morte; que odeiam seu pai, sua mãe, todos os seus próximos. Eu quero dizer o pecado, não as pessoas.**

“Guerra contra si, contra os sete pecados capitais em si; ou contra as três concupiscências, o que é tudo uma coisa só. É preciso cortar até ao coração, até à raiz, e nunca está acabado.

“Oh! quão violento é esse combate: e é preciso sempre recomeçar. A vitória da véspera não garante a do dia seguinte. Hoje, vencedor, amanhã, vencido. Basta qualquer descanso para preparar a derrota: só saem vitoriosos dessa guerra aqueles que jamais cessam de lutar.

“É preciso escalar o Céu, tomá-lo de assalto. Muitos almejam o bem, mas não têm coragem para aceitar a luta. A conseqüência é que suas vidas transcorrem em permanente contradição com suas palavras: as paixões os dominam.

“Vede Herodes, ouvindo com prazer São João, enquanto o Santo lhe fala genericamente do reino de Deus. Mas a partir do momento em que o Precursor passa a atacar sua paixão impura, Herodes se enfurece, esquece tudo, e vai a ponto de fazer morrer a São João.

“Muitas vocações religiosas há no mundo. **Mas há um grande lance a ser dado e não se tem coragem: é que esse primeiro lance é mais penoso que o próprio lance que alcança a vitória.**

“O fundo de nossa natureza é a covardia; todos os vícios nada mais são que covardia. O orgulhoso, que parece levar tudo de roldão, é, no fundo, mais covarde do que qualquer outro: escravo preso por correntes, quer parecer livre não as movendo! Ele se orgulha de sua própria escravidão!

“Neste mundo, a piedade tem esse combate a travar: ele é tão áspero, as ocasiões de mérito e vitória tão numerosas, que se se tiver a coragem de lutar generosamente, sem frouxidão, o mundo se povoará de Santos. Mas, onde a coragem!

“**Na vida religiosa o combate é contra as paixões. O mundo perverso também penetra aí, e muito mais do que imaginamos. Ele entra pela atmosfera: vossos olhos, vossos sentidos o detectarão. Diz-se que os maus pressentem**

instintivamente os outros maus; também os bons pressentem os maus, porém na linha de seu ponto fraco... e rapidamente se estabelece a ligação” (São PEDRO JULIÃO EYMARD, *La Divine Eucharistie*, Desclée de Brouwer, Paris, 1926, 16.^a ed., pp. 293 e 295 / *Imprimatur*: G. Delbroucq, vic. gen., Insulis, 20-2-1926).

431. Não serão exageradas as afirmações de Nosso Senhor e dos Santos aqui mencionadas? — “Mas que é o amor senão exagero? O amor deve exagerar!”

De outra obra do mesmo São Pedro Julião Eymard (1811-1868):

“Nosso Senhor quer estabelecer em nós um amor apaixonado por Ele.

“Toda virtude, todo pensamento que não se termina em uma paixão, que não acaba por tornar-se uma paixão, nada de grande produzirá jamais. [...]

“O amor só triunfa quando é em nós uma paixão vital. Sem isso, podem produzir-se atos isolados de amor, mais ou menos freqüentes; a vida não é tomada, não é dada.

“Ora, enquanto não tivermos por Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento um amor apaixonado nada teremos feito.

“Nosso Senhor, decerto, nesse Sacramento, ama-nos com paixão, ama-nos cegamente, sem pensar em Si, devotando-Se inteiramente por nós: é preciso corresponder-Lhe.

“Nosso amor, para ser uma paixão, deve sofrer as leis das paixões humanas. Falo das paixões honestas, naturalmente boas; pois as paixões são indiferentes em si mesmas; nós as tornamos más quando as dirigimos para o mal, mas só de nós depende utilizá-las para o bem.

“Ora, a paixão que domina um homem, concentra-o.

“Tal homem quer chegar a uma determinada posição honrosa e elevada. Só para isso trabalhará: dez, vinte anos, não importa. Chegarei, diz ele; faz unidade: tudo se acha reduzido a servir esse pensamento, esse desejo, deixa de lado tudo quanto não o conduzisse a seu objetivo.

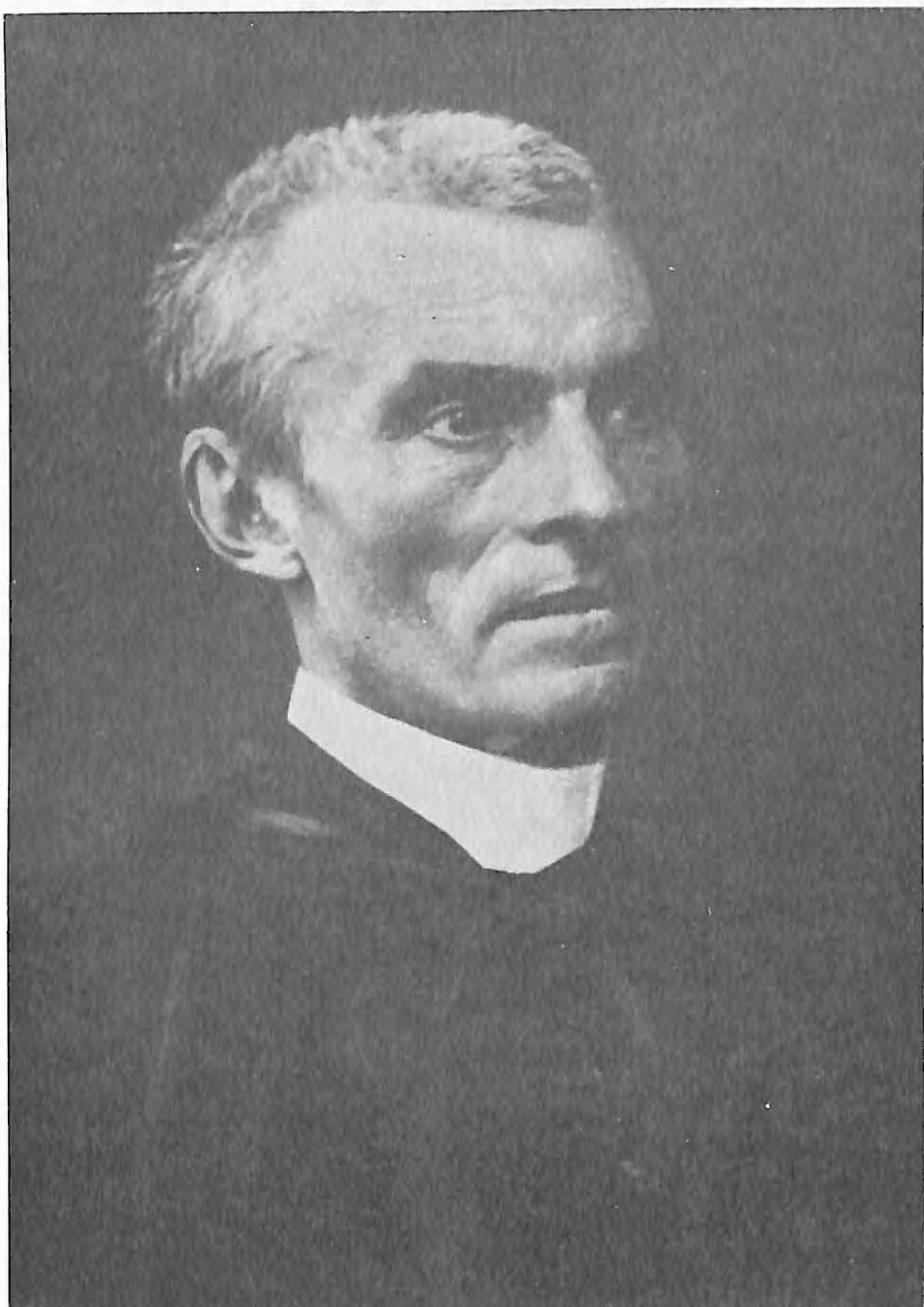
“Eis como se chega no mundo ao que se deseja; essas paixões podem tornar-se más, e ai! muitas vezes não são mais que um crime contínuo; mas enfim podem ser e são ainda honoríficas.

“Sem uma paixão, nada se alcança: a vida carece de objetivo; arrasta-se uma vida inútil.

“Pois bem, na ordem da salvação, é preciso ter também uma paixão que nos domine a vida e a faça produzir, para a glória de Deus, todos os frutos que o Senhor espera.

“Amai tal virtude, tal verdade, tal mistério apaixonadamente. Devotai-lhe a vossa vida, consagrai-lhe os vossos pensamentos e trabalhos; sem isso, nada alcançareis jamais, sereis apenas um assalariado, jamais um herói!

“Tende um amor apaixonado pela Eucaristia. Amai Nosso Senhor no San-



SÃO PEDRO JULIÃO EYMARD (séc. XIX): "Considerai os Santos; seu amor os transporta, abrasa, faz sofrer; é um fogo que os consome, gasta as suas forças e acaba por lhes causar a morte. (...) Dizem: Mas é exagero tudo isso. Mas que é o amor, senão exagero? O amor deve exagerar". (ficha 431)

tíssimo Sacramento com todo o ardor com que se ama no mundo, mas por motivos sobrenaturais. [...]

“Considerai os santos; seu amor os transporta, abrasa, faz sofrer; é um fogo que os consome, despende as suas forças e acaba por lhes causar a morte.

“Morte feliz!

“Mas, se não chegamos todos a esse ponto, ao menos podemos amar apaixonadamente a Nosso Senhor, deixar que nos domine o seu amor.

“Há pessoas que amam até à loucura os pais, os amigos, e não sabem amar o bom Deus! Mas o que se faz com a criatura, é o que se deve fazer com Deus: somente, ao bom Deus, é preciso amá-Lo sem medida, e cada vez mais. [...]

“Ah! no Juízo, não serão tanto os nossos pecados que nos aterrorizarão e nos serão censurados; estão irrevogavelmente perdoados. Mas Nosso Senhor nos censurará por seu amor!

“Vós me amastes menos que às criaturas! Vós não fizestes de Mim a felicidade de vossa vida! Vós me amastes bastante para não me ofender mortalmente; mas não para viver de Mim!

“Mas poderíamos dizer: Somos então obrigados a amar assim?

“Bem sei que o preccito de amar assim não se acha escrito; não há necessidade! Nada o diz, tudo o clama: a lei está em nosso coração.

“Sim, o que me aterroriza, é que os cristãos pensarão de boa vontade e seriamente em todos os mistérios, devotar-se-ão ao culto de algum Santo; e a Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento, não! [...]

“A Eucaristia é a mais nobre aspiração de nosso coração: amêmo-la pois apaixonadamente.

“Dizem: Mas é exagero tudo isso.

“Mas que é o amor, senão exagero? Exagerar é ultrapassar a lei; pois bem, o amor deve exagerar!

“O amor que nos testemunha Nosso Senhor permanecendo conosco sem honras, sem servidores, não é também exagerado?

“Quem se limita ao que é absolutamente de seu dever, não ama. — Só se ama quando se sente interiormente a paixão do amor.

“E tereis a paixão da Eucaristia quando Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento for o vosso pensamento habitual; a vossa felicidade, a de achar-se a seus pés; e vosso constante desejo, o de Lhe causar prazer.

“Vamos! Entremos em Nosso Senhor! Amêmo-lo um pouco por Ele; saibamos esquecer-nos e dar-nos a esse bom Salvador! Imolemo-nos um pouco! Considerai estes círios, esta lâmpada, que se consomem sem deixar vestígios, sem nada reservar” (São PEDRO JULIÃO EYMARD, *O Santíssimo Sacramento*, Coleção “Os grandes Autores Espirituais”, n.º 24, Edições Paulinas, São Paulo, 1956, pp. 27 a 32 / *Pode imprimir-se*: Mons. Caruso, Pró-Vigário geral, Rio, 8-7-1953).

CAPÍTULO XIII

**De que valem os exemplos dos Santos?
— Se nem todos são para ser
estritamente imitados (muitos o são),
todos servem para iluminar a nossa
inteligência e acender em nós
o amor da virtude e o desejo do Céu**

**432. “Quando lê o Martirológio, a Igreja cita em
ordem do dia os heróis da milícia de Cristo”**

De uma introdução ao *Martirológio Romano*, escrita por um Religioso franciscano:

“Sob o ponto de vista ascético, o Martirológio tem por fim propor à nossa imitação as belas ações dos Santos, ou pelo menos as virtudes que as inspiravam. É o Livro de Ouro da Igreja.

“Na constituição apostólica *Emendato jam Kalendario*, diz Gregório XIII: ‘A lembrança da inocência, caridade, fortaleza, e outras virtudes dos Santos, traz consigo uns acicates muito fortes, que nos estimulam poderosamente. Pois, à vista de seus exemplos, reconhecemos nossa frouxidão, e também nos convencemos de quanto estamos ainda longe de sua glória e perfeição’.

“Por isso, quando lê o Martirológio, à hora de Prima, a Igreja cita em ordem do dia os heróis da milícia de Cristo” (Frei LEOPOLDO PIRES MARTINS OFM, *Prolegômenos à tradução do Martirológio Romano*, Vozes, Petrópolis, 1954, p. 5 / *Imprimatur*: Por comissão especial do Exmo. e Revmo. Sr. Dom Manuel Pedro da Cunha Cintra, Bispo de Petrópolis, Frei Lauro Ostermann OFM, Petrópolis, 5-7-1954).

433. Incluindo com insistência, no Breviário Romano, ditos e passagens das vidas dos Santos, a Igreja pretende traçar um quadro que os apresente como um certo tipo de alta virtude

No prefácio de seu conhecido romance histórico *Fabiola*, o Cardeal Wiseman observa:

“Qualquer pessoa familiarizada com o Breviário Romano terá notado que nos Ofícios de certos Santos prevalece um estilo peculiar, que apresenta os sagrados personagens objeto da comemoração numa forma distinta e característica. Esta não é tanto o efeito de uma narração contínua, como a resultante de expressões postas em seus lábios, ou breves descrições de passagens de suas vidas, repetidas muitas e muitas vezes, em antífonas, responsórios das lições, e mesmo versículos; até que eles ponham diante de nós uma personalidade, um retrato claro e definido de singular excelência. A este tipo pertencem os Ofícios das Santas Inês, Ágata, Cecília e Lúcia; e o de São Clemente. Cada um destes Santos se projeta diante de nossos espíritos com feições claramente definidas; quase como se nós os tivéssemos visto e conhecido.

“Se, por exemplo, tomamos a primeira das Santas indicadas, claramente delineamos as seguintes circunstâncias. [...]

“Quem poderia querer pintar um retrato mais fidedigno e mais delicado do que a Igreja o fez? [...] É claro que a Igreja, no Ofício de Santa Inês, tem a intenção de colocar diante de nós um certo tipo de alta virtude que toma corpo no caráter daquela Santa” (Cardeal WISEMAN, *Fabiola or the Church of the Catacombs*, P. J. Kenedy and Sons, New York, sem data, pp. IX a XI).

434. Mais do que as dissertações, são os exemplos que acendem nos corações o desejo do Céu

Da introdução a uma vida de São Bento (480-547):

“Em primeiro lugar, é preciso ter presente que São Gregório se propôs principalmente escrever uma vida popular, eminentemente popular, sem preocupações críticas. Ele mesmo o afirma: ‘Mais do que as dissertações, são os exemplos que acendem nos corações o amor da pátria celestial’. Em suas biografias, busca a edificação dos cristãos, naquela época ávida de maravilhoso” (Pe. BRUNO ÁVILA OSB, *Introducción in San Gregorio Magno, Vida de San Benito*, Editorial San Benito, Buenos Aires, 1956, 3.^a ed., p. 8 / *Imprimatur*: Ramón Novoa, Pro-Vicario General, 14-5-1956).

435. “Com esta leitura concentro a devoção, da qual passo mais facilmente para a especulação”

De uma obra do insigne tomista Pe. Santiago Ramírez, atualizada por Frei Victorino Rodríguez OP, sobre São Tomás de Aquino (1225-1274):

“Encomendava-se (São Tomás) também com frequência aos Anjos e aos Santos. **Todos os dias, por mais ocupado que estivesse com suas aulas ou suas obras, lia um capítulo das Colações, de Cassiano**, para manter vivo no coração, como dizia, o fogo da devoção e do amor de Deus.

“Perguntado uma vez por que interrompia assim a especulação, respondeu: Eu, **com esta leitura, concentro a devoção, da qual passo mais facilmente à especulação** para que assim o afeto tenha de onde prorromper em devoção, e o entendimento, com este mérito, se eleve mais alto (Tocco, Vita... c. 21, em Fontes, p. 95). O mesmo referem CALO (Vita... n.º 13, em Fontes, p. 32) e B. GUI (Vita... n.º 15, em Fontes)” (Pe. SANTIAGO RAMÍREZ OP, edição atualizada pelo Pe. Victorino Rodríguez OP, *Introducción a Tomás de Aquino*, BAC, Madrid, 1975, pp. 85-86 / *Con censura eclesiástica*).

436. Quem não quiser errar no caminho do Céu deve fixar os olhos nas vidas dos Santos

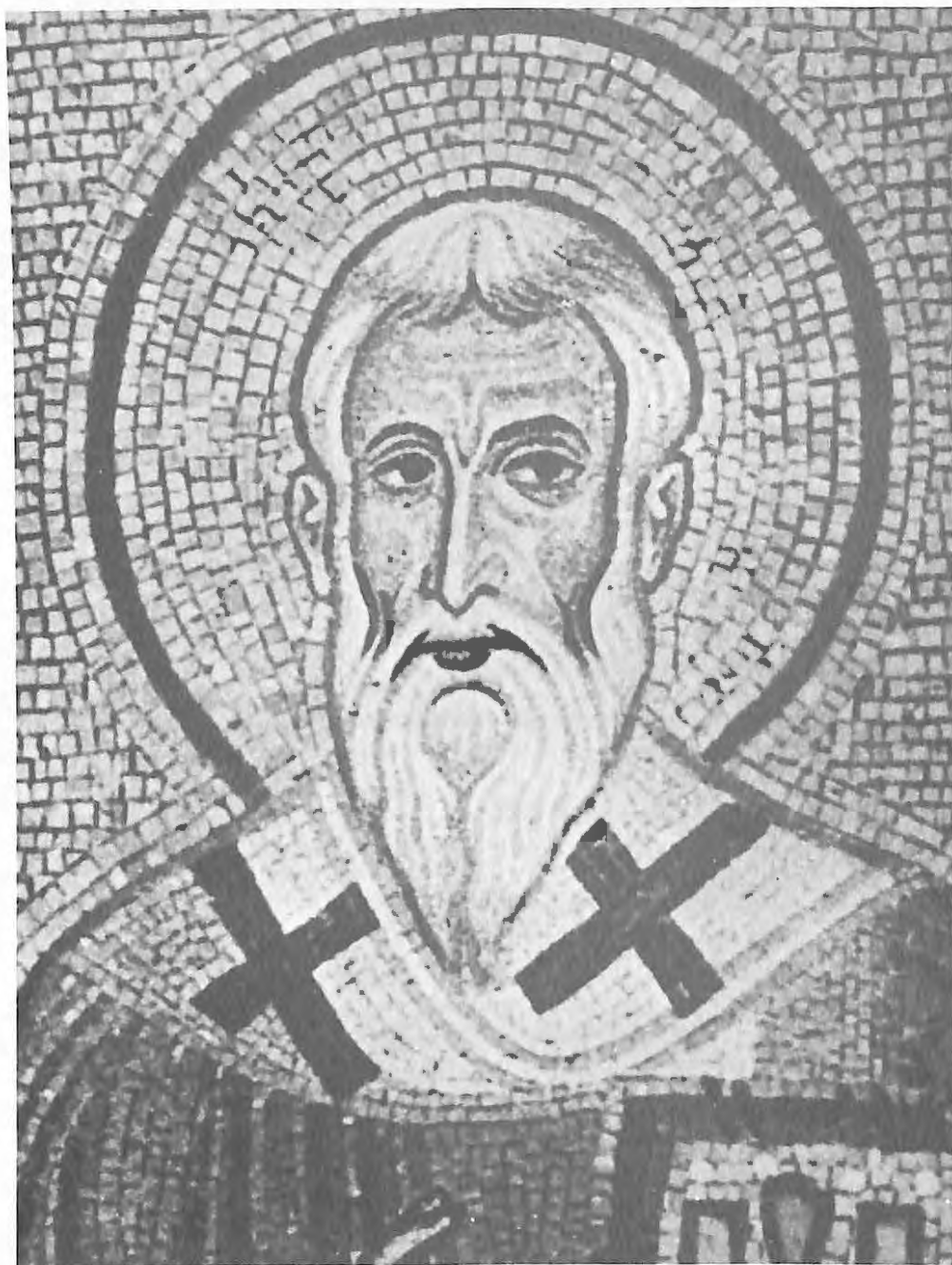
Do prólogo à vida de São Vicente Ferrer (1350-1419), pelo Dominicano e lente de Teologia, Fr. Vicente Antist (1543-1599), biógrafo do Santo:

“Entre muitas coisas que ensinam aos homens como hão de servir a Deus, e evitar toda espécie de pecados e maldades, há uma, e não a menos importante, que é a lição das vidas dos Santos. [...]

“**Quem não quiser errar no caminho do Céu** (que por sua estreiteza e aspezeza é tão pouco trilhado, e por nossa grande ignorância se tornou tão obscuro), **deve fixar por momentos os olhos nas vidas dos Santos**. [...]

“**Os Santos são**, sem dúvida, espelhos muito limpos, ao menos de pecados mortais: são **imagens de Jesus Cristo**, razoavelmente bem feitas; são maravilhosas cópias da vida evangélica, feitas pela mão do Espírito Santo; **são guias que nos ensinam o caminho estreito do céu**; e são tochas que nos iluminam, para que não caiamos em nenhum despenhadeiro.

“É por isso que **São Tomás, apesar de doutíssimo em tudo, entretanto não desdenhava de ler a seu tempo os feitos e as palavras dos santos padres eremitãos**; e não obstante ter escrito muito sobre as virtudes e perfeição evangélica, desocupava-se as vezes que podia, para pensar nessa lição. **Porque os estudos especulativos, ainda que tratem de virtudes, e sejam santos**, e muito necessários para a Igreja, **estão cheios de tantos primores e agudezas, que para que não ensoberbecem a um homem, e o desvançam, é necessário desviar-se deles, às vezes, e ocupar-se em considerar e pensar maduramente sobre a vida, a obediência, a castidade, a devoção, a humildade, a austeri-**



“Pelo grande e incomparável fruto que se tira de semelhantes histórias (as vidas dos Santos), encontramos muitos santos doutores que consideraram valioso escrevê-las. SANTO ATANASIO (séc. IV) escreve a vida do monge Santo Antão”. (ficha 436)

(Santo Atanásio; mosaico do séc. XII -- detalhe. Palermo, Capela palatina)

dade e a penitência, e as demais perfeições dos Santos, para que nos afeiçoemos às virtudes que ensinam as escolas.

“Aqui se vê outra grande utilidade desta lição, não somente para o entendimento, servindo (como dizíamos) de espelho, a fim de que o homem conheça suas faltas, e de original e de desenho para onde possa olhar, de guia e de luz, que lhe indiquem o caminho do Céu; mas também é útil para a vontade, à qual conquista e submete, deitando com ela centelhas de amor de Deus, e de menosprezo pelo mundo: as quais por pouco que a encontrem disposta a receber este fogo celestial, a abrasam totalmente. Não há esporas que façam correr um cavalo que recusa a corrida, tanto quanto esta lição faz caminhar nossa vontade para o Céu.

“Assim, escreve Santo Agostinho em suas Confissões, que os exemplos dos servos de Deus eram para ele como brasas que o inflamavam no mais íntimo da sua alma. [...]

“Pelo grande e incomparável fruto que se tira de semelhantes histórias, encontramos muitos santos doutores que consideraram valioso escrevê-las.

“Santo Atanásio escreve a vida do monge Santo Antão; São Jerônimo a de alguns Padres eremitas; São Gregório os feitos de muitos santos italianos; São Beda, o Venerável, os dos ingleses; São Bernardo, as façanhas de seu grande amigo o Bispo São Malaquias; e o mesmo fizeram quase todos os doutores da Igreja, uns mais, outros menos. Com isto não pretendiam somente honrar e celebrar a fama dos Santos, cujos feitos descreviam; mas também, e muito mais, trazer proveito aos que as leriam.

“E se em algum tempo as referidas histórias foram de utilidade, muito mais o são em nossos dias, nos quais se encontram tão poucos homens verdadeiramente santos (embora Deus ainda proveja sua Igreja de alguns) que, excluídos esses, pode-se dizer dos outros com grande razão o que disse São Bernardo: que já se havia chegado a uma tal miséria, que se podia ter por muito bom quem não era muito mau” (Fr. VICENTE JUSTINIANO ANTIST, *Vida de San Vicente Ferrer*, in *Biografía y Escritos de San Vicente Ferrer*, BAC, Madrid, 1956, pp. 94 a 97 / *Imprimatur*: Hyacinthus, Ep. Aux. y Vic. Gen., Valentiae, 9-6-1956).

437. As vidas dos Santos mostram o caminho do Paraíso com muito mais eficácia do que os livros e as palavras

Da vida de São Luiz Gonzaga (1568-1591), pelo Padre Virgílio Cepari, Jesuíta, contemporâneo do Santo, e para cuja beatificação muito trabalhou:

“Toda pessoa que lê as histórias e vidas dos Santos que em vários tempos floresceram na Igreja Católica, vê que, de ordinário, a Divina Providência nunca manda ao mundo Santo de vida muito exemplar, sem que ao mesmo tempo suscite algum conhecido seu que, inspirado por Deus, escreva sua vida e ações; para que com a morte do Santo não expire sua fama, antes se es-

tenda por toda Igreja, e se conserve nos tempos seguintes **para benefício comum e aproveitamento dos vindouros**. Com efeito, as vidas dos Santos são normas de bem viver, e mostram o caminho direito do Paraíso, com muito mais eficácia, do que os livros escritos e as palavras” (Pe. VIRGILIO CEPARI, *Vida de S. Luiz de Gonzaga*, Officina Poligrafia Editrice, Roma, 1910, p. 15 / *Imprimatur*: Fr. Albertus Lépidi OP, S.P.A. Magister).

**438. Se não existissem os preceitos divinos,
os exemplos dos Santos bastariam
para tomar o lugar da lei**

De uma compilação de trechos dos comentários à Sagrada Escritura, do famoso exegeta Pe. Cornélio a Lápide (1567-1637):

“Está dito de Salomão que a fama de sua sabedoria se havia espalhado por todos os povos em redor: *Erat nominatus in universis gentibus per circuitum* (III Reg. IV, 31).

“Sobre as seguintes palavras do Eclesiástico: ‘Louvemos os varões gloriosos’ — *Laudemos viros gloriosos etc.* (XLIV, 1), Orígenes acertadamente diz: ‘**Como o sol, a lua, os astros do firmamento brilham continuamente aos olhos das criaturas que estão sob o céu, assim os sinais das virtudes dos Santos e de suas generosas lutas brilham maravilhosamente e sempre diante de todo o mundo; oferecem a todos a norma do bem, apresentam a todos o exemplo da piedade e da santidade**’.

“E, de fato, as biografias escritas dos Santos são vivas imagens postas diante de nós como estímulo a imitar-lhes as santas obras, a copiar-lhes a virtude sublime. Oh! provesses ao Céu que de todos os cristãos se pudesse dizer aquilo que de Santo Epifânio deixou anotado Concísio Eunódio: ‘Ele reproduzia nos seus atos a página que lia, indicava com sua santa vida o que lhe ensinavam os livros!’ — *Pingebat actibus suis, paginam quam legisset: quid libri docuissent, vita signabatur*.

“Santo Isidoro de Sevilha escreve: **Ainda que não existissem os preceitos divinos que nos exortam a fazer o bem, os exemplos dos Santos bastariam para tomar o lugar da lei**. Ah! os exemplos dos bons são muito mais proveitosos do que vulgarmente se crê para a correção dos maus. **Os exemplos edificantes dos Santos arrastam e impulsionam à prática das diversas virtudes** aqueles que os observam: a humildade de Jesus Cristo, a devoção de Pedro, a caridade de João, a obediência de Abraão, a paciência de Isaac, a resignação de Jacó, a castidade de José, a doçura de Moisés, a constância de Josué, a bondade de Samuel, a ternura de David, a abstinência de Daniel (*in Vita*).

“**Os Santos se elevam acima de todas as obras de Deus. Eles são como um céu, um sol vivo que narra a glória de Deus por meio de seus lábios, de seu coração, de suas ações. Sua vida nos é proposta como exemplo para provar que os podemos imitar até facilmente**, e que imitá-los reverte para nossa glória e nossa vantagem...” (*I tesori di Cornelio a Lapide*, extraídos dos seus

comentários sobre a Sagrada Escritura, compilados pelo Abbé BARBIER, Libreria Salesiana, Parma, 1900, 2.^a ed., vol. VII, pp. 596 a 598).

439. A conduta dos Santos basta por si só para orientar com critério seguro nossos passos

De uma obra sobre a obediência, do Pe. Espinosa Polit SJ:

“A conduta que observaram os Santos e os amigos de Deus nas coisas que dizem respeito aos interesses da alma, tem para nós o valor de um testemunho, maior que toda exceção, que **basta por si só para orientar com critério seguro nossos passos pelos caminhos do espírito**, estando como estão eles acostumados a contemplar com olhos limpos as realidades sobrenaturais na plena luz de Deus, e a discernir com prudência sobrenatural os valores que mais conduzem ao perfeito serviço e plena glorificação de Deus Nosso Senhor” (MANUEL MARÍA ESPINOSA POLIT SJ, *La obediencia perfecta*, Editorial Jus, México, 1961, 2.^a ed., p. 211 / *Puede imprimirse*: Benigno Chiriboga SJ, Obispo auxiliar, Vic. gen., 9-12-1960).

440. Há exemplos proporcionados a cada idade, a cada sexo, a cada estado, a cada via de perfeição e a cada chamado particular

Da introdução a uma vida de Santa Catarina de Gênova (1447-1510):

“Há na vida dos Santos doutrinas que esclarecem os ensinamentos do Evangelho, dão uma idéia mais exata da perfeição, indicam o caminho que é preciso seguir para atingi-la com mais segurança e rapidez fornecendo ao espírito luzes preciosas para a oração. É necessário recolhê-las com santa avidez; **há exemplos das virtudes recomendadas a todos**, exemplos que facilitam a imitação de Jesus Cristo, e encorajam a abraçá-la. É preciso segui-los.

“**Há exemplos proporcionados a cada idade, a cada sexo, a cada estado, a cada espírito religioso, a cada via de perfeição, a cada chamado particular. O leitor deve ter aqui um criterioso discernimento, e adotar, através da prática, o que lhe convém individualmente.**

“Há exemplos extraordinários que foram provocados por uma moção particular do Espírito Santo. A menos que haja moção semelhante, não se deve segui-los. Há maravilhas de todos os gêneros e favores prodigiosos; que devem levar o leitor a admirar o poder de Deus, a louvar sua bondade, a amá-Lo cada vez mais, não porém a ambicionar dons que não constituem a santidade. Por fim, há fatos curiosos, interessantes, agradáveis; é preciso tirar proveito deles para dilatar o coração e se regozijar santamente. É a recomendação do grande Apóstolo: ‘Alegrai-vos, eu o repito, alegrai-vos no Senhor’ ” (Abbé P., *Vie de Sainte Catherine de Gênes*, Librairie Catholique et Classique de Perisse Frères, Paris, 1881, p. XXIV).

441. “Não há estado de vida cristã para o qual não se possa encontrar, nas vidas dos Santos, consolação, encorajamento, luz”

De uma carta de Mons. Félix, Bispo de Orléans, ao famoso hagiógrafo Mons. Bougaud, Bispo de Laval:

“Eu sempre gostei das vidas dos Santos. São minhas leituras prediletas. Depois da Sagrada Escritura, nada me atrai, me repousa e me encanta mais. Na verdade, não conheço outra coisa que seja mais útil às almas. Santa Teresa as aconselhava outrora a todas as almas piedosas, e muito particularmente às almas fatigadas. Com efeito, **não há estado de vida cristã para o qual não se possa encontrar, nas vidas dos Santos, consolação, encorajamento, luz.**

“Por outro lado nada é mais honroso para a Religião que tais livros, pois os Santos são a glória da Igreja; e a história dessas grandes almas, as melhores, as mais nobres, as mais ternas e as mais fortes que a humanidade tenha produzido, seria por si só uma admirável demonstração do Cristianismo e a mais magnífica apologia da piedade.

“A meu ver, nada é mais próprio, não somente para animar as almas fervorosas e fortificar os corações fracos, mas também para reconduzir a Deus e à Fé aqueles que estes lamentáveis tempos afastaram” (in Mgr Bougaud, *Histoire de Sainte Chantal*, Librairie Ch. Poussielgue, Paris, 1892, 12.^a ed., t. I, pp. 1-2).

**442. “Verba movent, exempla trahunt” —
“As palavras movem, o exemplo arrasta”**

Do conhecido teólogo, Pe. A. Tanquerey:

“Sendo a espiritualidade uma ciência vivida, importa mostrar historicamente como foi posta em prática; e para isto é mister ler biografias de Santos antigos e modernos, de diversas condições e países. [...]

“É, efetivamente, em contato com eles (os autores canonizados, ou daqueles que, sem o serem, viveram como santos) que o coração se inflama, a inteligência, iluminada pela Fé, percebe mais claramente e saboreia melhor que num livro didático os grandes princípios da vida espiritual, e a vontade, sustentada pela graça, se sente arrastada à prática das virtudes, tão vivamente descritas por aqueles que nelas tão heroicamente se exercitaram. Se a essas obras se juntar a leitura da vida dos Santos, melhor se compreenderá ainda por que motivo e de que modo se devem imitar, e a irresistível influência de seus exemplos acrescentará nova força a seus ensinamentos: ‘Verba movent, exempla trahunt’ (As palavras movem, o exemplo arrasta). [...]

“Nossa devoção se dirigirá sobretudo aos Santos que viveram na mesma condição que nós, ocuparam empregos semelhantes, e praticaram a virtude que nos é mais necessária” (A. TANQUEREY, *Compêndio de Teologia Ascé-*

tica e Mística, Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 1961, 6.^a ed., pp. 11, 21 e 93 / *Imprimatur*: A. Arch. Bracarensis, 11-2-1961).

443. Por que a Igreja celebra ininterruptamente a memória dos Santos? Para nos excitar a imitá-los

De Francisco Spirago, pedagogo e escritor húngaro, em seu conhecido *Catecismo Popular*, publicado pela primeira vez em 1894:

“**Ainda mesmo nas coisas deste mundo, se buscam exemplares ou ideais.** Os amantes da poesia propõem-se por modelo, por exemplo, Camões, Garrett ou Castilho; os músicos, Mozart etc., e assim o cristão há de dirigir os seus olhares, na sua aspiração à virtude, para Cristo e para os Santos. Jesus diz-nos: ‘Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida’ (Jo. XIV, 6).

“Quando o jovem rico perguntou ao Divino Salvador o que devia fazer para alcançar a perfeição, recebeu esta resposta: ‘Segue-me’ (Mt. IX, 21); e São Paulo faz-nos esta exortação: ‘Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo’ (Rom. XIII, 14).

**Jesus Cristo é o supremo Modelo, porém
mais facilmente podemos imitar os Santos**

“**Como um aprendiz toma atenção na maneira como o seu mestre trabalha, assim nós devemos observar exatamente a Jesus Cristo nosso Mestre;** por isso os Santos meditaram continuamente a Vida e a Paixão do Divino Salvador. **Ele é um modelo para todos.** Há retratos tão artisticamente pintados que parecem olhar para todos aqueles que param diante deles; o mesmo se pode dizer de Jesus Cristo; porque este modelo foi composto pelo Divino Mestre com tão admirável sabedoria que cada um deve dizer para si: este modelo convém-me perfeitamente (L. de Gr.).

“**Os Santos são também modelos de perfeição,** porque imitaram a Jesus Cristo, por isso São Paulo convida os cristãos a imitarem-no a ele mesmo (I Cor. IV, 16), bem como aos Santos (Hebr. VI, 11). **E por que é que a Igreja celebra durante o ano de maneira ininterrupta a memória dos Santos? É evidentemente para nos excitar a imitá-los!**

“Mas os Santos, em comparação com Jesus Cristo, são como estrelas diante do sol; Jesus Cristo supera-os todos em santidade. Por isso nos é mais fácil imitar os Santos.

**Devemos imitar sobretudo os
Santos de nossa mesma condição**

“Um principiante terá dificuldade em fazer uma cópia reduzida de um grande e belo quadro, ao passo que lhe custará menos a reproduzi-lo do

mesmo tamanho; assim também nos é impossível imitar os exemplos inacessíveis de Jesus Cristo, ao passo que podemos mais facilmente imitar os Santos.

“Na vida dos Santos vê-se como eles lutaram com as suas fraquezas, e os seus combates servem-nos de exemplo e de animação. É contudo necessário notar que quase todos se distinguiram por uma virtude especial (São Francisco de Sales), e que a sua atividade se regravava segundo as circunstâncias particulares da sua vida: por exemplo a vocação, a riqueza, a força física, o temperamento, o clima etc.; devemos, portanto, imitar sobretudo os Santos da nossa mesma condição e da nossa vocação, e não servilmente, mas tendo em conta a sua e a nossa situação pessoal. [...]

Os Santos gostavam de ler a vida dos Santos

“Os exemplos dos Santos excitam-nos poderosamente a imitá-los e fazemos dizer como Santo Agostinho: ‘O que estes e aqueles fizeram, não o poderei eu fazer?’

“Os Santos gostavam de ler as vidas dos Santos; imitavam seus exemplos e faziam como o pintor que dirige muitas vezes os olhares para o modelo que deve copiar (São Basílio); como as abelhas que recolhem o suco de muitas flores antes de fazerem o mel (São Gregório Magno).

As vidas dos Santos são o Evangelho em prática

“Contudo, com um amor de Deus fraco não se chega a imitar as sublimes virtudes dos Santos; parecer-nos-íamos com o corvo que tentasse imitar o canto do rouxinol. Somos como pobres que não podem chegar a todas as espécies de iguarias, sem distinção, porque com efeito não as poderiam suportar todas, nem sobretudo pagá-las (São Bernardo).

“Convém ler, de preferência, a vida dos Santos da nossa condição, porque os seus exemplos nos são mais úteis (São Francisco de Sales). **A vida dos Santos e as suas ações são o Evangelho em prática** (id.), o Evangelho em exemplos (Santo Afonso)” (FRANCISCO SPIRAGO, *Catecismo Católico Popular*, União Gráfica, Lisboa, 1951, 5.^a ed., pp. 469-470, 480-481 / *Imprimatur*: Em., Cardeal Patriarca, Olissipone, 13-2-1951).

DE UM LIVRO RECOMENDADO
POR PIO XI AOS SUPERIORES DE ORDENS E
CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS

Exercício de Perfeição e Virtudes Cristãs, do Padre Alonso Rodríguez SJ

Da afeição desordenada pelos parentes

PADRE ALONSO RODRÍGUEZ SJ *

Alonso Rodríguez, escritor ascético, da Companhia de Jesus, nasceu em Valladolid a 15 de abril de 1538 e morreu em Sevilha a 21 de fevereiro de 1616. Ingressou na referida Ordem em 1557, depois de ter cursado gramática e filosofia em sua cidade natal, e dois anos de teologia em Salamanca, e ter obtido uma graduação de bacharel em artes na Universidade de Valladolid.

Já desde o começo resplandeceu na teoria e prática de todas as virtudes salientando-se como religioso perfeito e consumado mestre do espírito. Entendendo-o assim seus Superiores, deram-lhe o delicado cargo de Mestre de noviços e o de Reitor. Em 1593, ao celebrar-se em Marchen a Congregação Provincial da Andaluzia para designar vogais que assistissem à 5.^a Congregação Geral da Companhia de Jesus, elegeu-se a Rodríguez como a um

(*) Sobre a principal obra do Padre Alonso Rodríguez, *Exercício de Perfeição e Virtudes Cristãs* (da qual faz parte integrante o *Tratado sobre a afeição desordenada pelos parentes*, apresentado a seguir), diz a *Enciclopedia Cattolica*:

"A difusão da obra é apenas comparável à da *Imitação de Cristo*, à do *Combate Espiritual* de L. Scupoli, à da *Filoteia* de São Francisco de Sales.

"Pio XI, na sua Carta Apostólica de 19-3-1924, aos Superiores gerais dos Institutos Religiosos (AAS, 16, 1924, p. 142), indica Rodríguez como terceiro autor a ser lido pelos noviços, depois de São Bernardo e São Boaventura, fazendo nisto coro com a estima universal de que gozou Rodríguez até por parte de muitos Santos e de todos os fundadores de Institutos Religiosos" (*Enciclopedia Cattolica*, Casa Editrice G. C. Sansoni, Firenze, vol. X, col.1084 / *Imprimatur*: Aloisius Traglia, Archiep. Caesariensis, Vicesgerens, Ex Vicariatu Urbis, 9-2-1953).

deles, e de regresso foi ao colégio de Montilla, onde viveu até 1597. No ano seguinte foi nomeado, junto com outros três, inspetor da província de Andaluzia.

Além da grande obra *Ejercicio de Perfección y Virtudes Cristianas* (Sevilha, 1609), que lhe granjeou um renome imperecível, publicou: *Acto de Contrición: para alcanzar perdón de los pecados* (Sevilha, 1615); *Contestación a las respuestas que le propuso el Padre Nadal* (pp. 532-533 de *Epistolae P. Hieronymi Nadal Societatis Jesu*, Madrid, 1899); *Noticias de algunos casos de edificación notados en el P. Suárez*. Também se lhe atribui uma tradução espanhola do hino *Lauda Sion*. Além destas obras publicadas deixou Rodríguez uma notável produção manuscrita.

A obra mestra de Rodríguez é a já citada *Ejercicio de Perfección y Virtudes Cristianas*, que ainda em vida do autor alcançou quatro edições e da qual se fizeram inumeráveis reimpressões (Sommervogel conta 30 às que acrescenta outras 8 de compêndios, extratos e volumes avulsos, e Uriarte enumera 42 e 12 respectivamente), e toda ela (ou parte) foi traduzida para o alemão, anamita, árabe, armênio, basco, boêmio, croata, chinês, flamengo, francês, grego moderno, holandês, húngaro, italiano, latim, polaco, português, russo, tagalo, tamul e checo, havendo se repetido as edições em algumas destas línguas como na alemã (que desde 1623 até 1893 teve 16 edições e se fizeram até 8 de compêndios, extratos e tratados à parte) e na francesa (que teve 7 edições, das quais a de Regnier se reimprimiu 51 vezes e há, pelo menos, 32 impressões de compêndios, resumos etc). As edições italianas são 46 e 10 as de compêndios etc.

O trabalho imenso que supõe a composição desta obra o coloca em relevo o Jesuíta A. Pérez Goyena, no artigo *Tercer centenario de la muerte del Padre Alonso Rodríguez* (em “*Razón y Fe*”, Madrid, 1916, t. XLIV, pp. 141-154): ‘Mencionam-se, recolhidos pelo próprio Pe. Rodríguez, 906 textos de todos os Livros Sagrados... são citados 37 padres e 1172 textos dos mesmos; Santo Agostinho é citado 271 vezes; Santo Ambrósio 68; São Basílio 115; São Bernardo 258; São Gregório Magno 171 e São Jerônimo 144. Os ascetas que utiliza o Jesuíta de Valladolid chegam a 33 e se mencionam 427 vezes; entre eles o Beato Ávila 39 vezes; São Boaventura 95; Cassiano 76; São João Clímaco 33; São Doroteu 38; Kempis 33... Sobem a 20 os teólogos e canonistas que se aduzem, sem contar os da Companhia de Jesus. Como o sol entre as estrelas, destaca-se entre todos São Tomás de Aquino, cujas obras são citadas em 86 ocasiões... Faz o insigne asceta referência a 122 passagens de 19 histórias eclesiásticas religiosas. Certamente leu com singular prazer a Crônica de São Francisco que cita 51 vezes etc.’ E prossegue o autor em apreço comentando o robusto ascetismo de Rodríguez, no qual campeiam a solidez teológica, a seleção dos textos e a arte de aplicar a doutrina à vida prática.

Por fim, manifestou qualidades que raramente se acham reunidas em um escritor ascético, a saber: uma clareza portentosa na explicação dos conceitos; uma riqueza inigualável de comparações, com o que mantém vivo o interesse do leitor; um caudal imenso de exemplos com que matiza a exposição

da doutrina e tempera sua aridez; uma constante comunicação com o leitor; finalmente uma linguagem de pura cepa castelhana, singela mas fidalga, tão natural quão graciosa.

O nome de Rodríguez figura no Catálogo das Autoridades da Língua, publicado pela Real Academia Espanhola.

Da *Enciclopedia Universal Ilustrada* Espasa-Calpe, t. 51, pp. 1258-1259.

***Pio XI coloca as obras do Pe. Alonso Rodríguez SJ
junto com as de São Bernardo e São Boaventura***

“Será da maior utilidade ler assiduamente e meditar os escritos de São Bernardo, do Doutor Seráfico São Boaventura, de Alonso Rodríguez, bem como daqueles que, em cada uma de vossas Ordens, fizeram autoridade em matéria espiritual; **longe de ter envelhecido com o tempo, o valor e a influência de suas obras parecem ter antes crescido em nossos dias** (Carta Apostólica *Unigenitus Dei Filius*, aos Superiores gerais das Ordens religiosas e das outras Congregações masculinas, de 19 de março de 1924, in *Actes de S. S. Pie XI*, Bonne Presse, Paris, 1924, t. II, p. 61 / *Imprimatur*: Paris, 19-6-1931, Eugenius Jacobus Epus. Trallian.).

Ao Leitor

Embora minha principal intenção nesta obra tenha sido servir aos Religiosos, vai ela disposta de tal maneira que será também de muito proveito para todo o gênero de pessoas que tratam da virtude, como dissemos na primeira parte. E especialmente esta segunda parte é muito apropriada para os leigos que desejam verdadeiramente servir a Deus. [...]

De tudo se trata mui praticamente, para que cada um, segundo seu estado, possa melhor exercitá-lo e realizá-lo, que é o que principalmente visamos com este livro.

Receba pois, o cristão leitor, este pequeno trabalho; com o qual, e com um bom propósito favorecido por Deus, alcançará vitória sobre suas paixões, recato em suas palavras, modéstia em seus atos, consolo e remédio em suas tentações, um grande tesouro em Jesus Cristo, um recolhimento devoto e um grande fruto em sua alma.

ALONSO RODRÍGUEZ

CAPÍTULO I

Como é importante para o Religioso fugir das visitas dos parentes e das idas à sua terra

A propósito do amor e afeição que devemos ter aos parentes, dá-nos nosso Padre (Santo Inácio de Loyola) uma regra que diz respeito a todos os Religiosos:

**É preciso perder toda a afeição carnal
pelos parentes, ensina Santo Inácio**

“Cada um dos que entram na Companhia, seguindo o conselho de Cristo Nosso Senhor: ‘Qui reliquerit patrem etc.’ (Mt. XIX, 29), empenhe-se em deixar o pai e a mãe e irmãos e irmãs, e quanto tinha no mundo; antes tome como uma felicidade aquela palavra: ‘Si quis... non odit patrem suum, et matrem... adhuc autem et animam suam, non potest meus esse discipulus’ (Lc. XIV, 26) — (O que não odeia a seu pai, a sua mãe, e o que é mais ainda, a sua própria alma, não pode ser meu discípulo). E por isso **deve procurar perder toda a afeição carnal em relação aos parentes, e convertê-la em espiritual**, amando-os somente com o amor que a caridade ordenada requer, como quem morreu para o mundo e para o amor próprio, e vive somente para Cristo Nosso Senhor, tendo-O no lugar de pais e irmãos e de todas as coisas (Cap. IV Exam., parágrafo 7; et Regul. 8 Summarii)”.

Não basta deixar o mundo com o corpo, é necessário que o deixemos também com o coração, perdendo todas as afeições que o entravam e o inclinam às coisas do século. Não é mau amar o parente porque é parente; até por

causa disso deve ser mais amado do que outro que não o é; mas se este amor se funda somente na natureza, não é próprio do cristão, e muito menos do Religioso, pois todos os homens, ainda que sejam inumanos e bárbaros, querem bem a seus pais e aos que estão relacionados consigo pelo sangue.

Deve-se amar os parentes com amor sobrenatural, por amor de Deus

Mas o cristão, e sobretudo o Religioso, diz São Gregório (Greg., hom. 27), há de aperfeiçoar este amor natural, e purificá-lo como no crisol, com o fogo do amor divino, e amar os seus, não tanto porque a natureza o inclina a amá-los, mas porque Deus manda que os ame, cerceando totalmente o que pode danificar e afastar do amor do sumo bem, e amando-os somente para o que Deus os ama e para o que quer que nós os amemos.

E isto é o que diz a Regra: devemos perder toda a afeição carnal e convertê-la em espiritual, fazendo do amor próprio, amor de caridade; e de amor de carne, amor do espírito. E dá a razão disto: **porque o Religioso deve morrer para o mundo e para o amor próprio**; e assim não há de viver nele o amor do mundo, mas somente o amor de Cristo.

Santo Inácio apóia esta doutrina nas Escrituras

E apoia nosso Padre (Santo Inácio) esta regra com autoridade da Sagrada Escritura, que é uma coisa que não costuma fazer noutras regras e constituições, se bem que pudesse facilmente fazer, porque a doutrina de nossas Constituições (da Companhia de Jesus) é tomada do Evangelho; mas não quis dar-nos esta doutrina senão com a simplicidade e sinceridade com que a tinha recebido de Deus.

Mas ao tratar de parentes, (Santo Inácio) logo apóia o que diz com autoridade da Escritura, como vemos que também o faz quando trata de deixar os bens aos parentes, pois logo cita (Cap. IV, Exam., paragr. 1 e 2) a Escritura que diz: "Dispersit, dedit pauperibus" — (Ps. CXI, 9) — ("Repartiu e deu aos pobres"), e o conselho de Cristo "Da pauperibus" (Mt. XIX, 21) — ("Dá-o aos pobres"). Não disse dá-o a teus parentes, mas dá-o aos pobres.

E viu muito bem nosso Padre que era necessário fazer essas citações, por ser este afeto tão natural, e com o qual todos nós nascemos, e por estar tão arraigado em nossas entranhas e tão apoderado de nós.

Diz São Basílio que convém ao Religioso fugir das conversas com os parentes

Esta é matéria de muita importância para o Religioso, e por isso muito tratada pelos Santos Basílio, Gregório, Bernardo e muitos outros. Daremos aqui brevemente a substância dela.

Quanto ao primeiro, **São Basílio mostra muito bem quanto convém ao Religioso fugir do trato e conversas de parentes, e escusar suas visitas e as idas**

a sua terra. E traz muitas razões que mostram bem a importância disto (“Nam supra hoc quod illis nullam utilitatem exhibemus, insuper et nostram ipsorum vitam tumultibus et turbatione replemus, et peccatorum occasiones attrahimus” — In quaest. fusius disp. 32).

Porque **além de nós não obtermos com isto nenhum fruto para nossos parentes, recebemos muito dano para nossas almas**: porque eles nos contam suas penas, seus pleitos e a perda dos bens e da honra, e todas as suas dores e lamentações; e assim voltamos para nossa casa carregados de tudo o que a eles entristece.

Nos contatos com a família, muitas ocasiões de pecado

E mais: com isto **nos colocamos em muitas ocasiões de pecado**, por muitas vias e maneiras; **porque deste trato e conversação de parentes costuma recrudescer, primeiro, o recordar-se e trazer à memória as coisas da vida passada**, o que costuma ser não pequena ocasião de pecados; porque daqui costuma proceder o renovamento das chagas velhas e o refrescar do sangue, trazendo à memória tal casa, tal lugar, tal caminho, e umas coisas vão trazendo e chamando as outras; e de lance em lance e de ardil em ardil, nos deixam inquietos e nos fazem muito mal.

E o dano que isto produz é uma forte razão para que os mestres da vida espiritual aconselhem que não nos recordemos dos pecados da vida passada em particular, ainda quando seja para nos doermos e ter contrição por eles, mas só genericamente, juntando-os como que num maço para que não nos tornem a inquietar.

Com mais razão ainda, será prejudicial tomarmos essa ocasião sem necessidade: não vos queixeis depois da inquietude e dano que sentis; pois se o buscardes, tereis o que mereceis.

O Religioso torna-se mundano e menos fervoroso

Mais. Diz São Basílio (in Const. Monast., cap. XXI) que os que gostam de tratar e conversar com parentes, com aquele trato e conversas **vão embebendo pouco a pouco em suas almas os maus costumes e inclinações deles, e ocupada a alma com pensamentos mundanos, vai-se esfriando no fervor do espírito**, perdendo a estabilidade e firmeza de seus primeiros desejos, **vai-se laicizando e voltando ao mundo sem sentir**, segundo o que diz o Profeta: “**Misturaram-se com os gentios e aprenderam suas obras; e prestaram culto a seus ídolos; e foi para eles escândalo**” (Ps. CV, 35). Que contágio podia acontecer aos filhos de Israel ao morar com os filisteus, senão adorar seus ídolos e que eles fossem seu escândalo e sua ruína?

Assim, se **tratais com parentes, vos contaminareis com sua linguagem laica**, e o não andar com verdade, senão com ficções, fingimentos e formalidades, com cumprimentos, como se usa no mundo; seus ídolos vos contentarão,

seu amor-próprio e sua boa vida, e estareis cheio de presunção, e desejareis desafogar a vossa, que é outro mundinho com que vos contagiaram.

Debilitam-se e diminuem a virtude e forças espirituais

Dá outra razão muito importante São Basílio (in Const. Monast., cap. XXI) pela qual nos convém muito fugir do trato e conversação dos parentes, e que é o grande dano que causam a compaixão e ternura natural: porque ao tratar e conversar alguém com os seus parentes, segue-se daí naturalmente o alegrar-se com suas prosperidades, entristecer-se com suas adversidades e trabalhos, e sobrecarregar-se de pensamentos e cuidados, como por exemplo: se têm mesmo o de que precisam, o que é que lhes falta, se irão bem naquele emprego, se sairão bem do outro negócio de honra ou de patrimônio: **pensamentos e cuidados que vão debilitando e diminuindo a virtude e forças espirituais de tal maneira, que qualquer tentação faz derrocar tudo.** Porque, diz São Basílio, a pessoa se torna como uma estátua, que está vestida do hábito de Religioso, sem ter a autenticidade e o espírito de Religioso (“Eoque promovet, ut habitum Religionis tantum instar statuæ circumferamus, illi nullo pacto virtutum studio correspondentes” — Basil., ib.). Não estão senão com o corpo na vida religiosa, e o coração está lá no mundo, entre seus parentes.

História de um monge que vivia perto de seus parentes

Cassiano conta (Coll. 14, cap. XI) a história de um monge que fez seu assento e morada perto de seus parentes, e a quem estes proviam ali de todo o necessário. De maneira que ele não tinha que fazer senão dedicar-se à oração e ao estudo. E estava muito contente por isto, parecendo-lhe aquela uma vida muito calma e sossegada.

Foi uma vez visitar o grande Antonio (Santo Antão), e perguntou-lhe o Santo onde morava. Ele respondeu que perto de seus parentes, e que eles o atendiam em tudo o necessário, e não tinha outra ocupação senão dedicar-se a Deus.

Perguntou-lhe: Dize-me, filho, quando acontecem adversidades e dificuldades a teus parentes, entristeces-te? E quando as coisas lhes correm bem, alegras-te com suas prosperidades?

— Isso, Padre, forçosamente; não pode ser senão assim. Confessou francamente a verdade de que que participava de ambas as coisas.

— Pois entende, filho, disse o Santo, que na outra vida serás contado também no número destes, de quem nesta vida foste companheiro de gozos e tristezas. Entre os leigos será contado na outra vida aquele que nesta trata com eles e das suas coisas.

Por esta causa, diz São Basílio, é muito importante fugir do trato e conversação de parentes; porque afinal de contas o que olhos não vêem, o coração não sente. O deixarmos realmente os bens, como os deixamos pelo voto de pobreza, dizem os Santos, nos ajuda a perder a afeição para com eles;

assim também, o deixarmos efetivamente os parentes, e não tratarmos nem conversarmos com eles, nos fará esquecer esta afeição carnal. E assim nos livraremos dos grandes perigos que dela decorrem.

É muito importante desapegarmo-nos deles pela ação, para que nos desapeguemos com o coração; e se não houver a primeira, não haverá o segundo. Mesmo assim acontece estarmos muito afastados e o coração ir-se-nos ali: o que será então se tratamos e conversamos com eles?

Na Companhia de Jesus proibidas estritamente as visitas à terra natal

Por isso em nossa Ordem (Companhia de Jesus) estão proibidas tão estritamente, como todos sabem, as idas dos nossos a suas terras. Mas para que esta tão santa e proveitosa proibição se possa executar, é necessário que colaboremos com ela, e que quando vossos parentes pedirem aos Superiores que vos dêem licença para lá ir, vós sejais os primeiros a resistir e lhes deis uma satisfação e os persuadais de que de nenhuma maneira vos convém. E não vos faltarão razões suficientes para isso, se quiserdes.

Assim, cumpre-se o dever em relação aos parentes e estes ficam satisfeitos com vossa alegria e algumas vezes com a sua. E isto é o que desejam os Superiores; e se edificam muito, quando vós dizeis que não é necessário e que resolvereis de outro modo o problema. Porque os Superiores muitas vezes, se vós não tomais isto a peito, não podem agir de outra maneira diante do que se lhes pede, e diante dos intercessores que se interpõem algumas vezes, condescendem; e dão a licença como que extorquida, o que não é obediência, mas concessão; já que o Superior preferia que não fosseis.

Isto é um aviso muito bom tanto para este como para muitos outros casos. Quando os vossos parentes, ou outros amigos, ou devotos vos pedem que trateis de algum negócio que não é conforme a vossa vocação e instituto, não deiteis toda a carga sobre o Superior, já que o obrigais, ou a romper com eles, ou a conceder o que lhe pedem. Não leveis as coisas a estes termos; desviai-os com boas palavras de sua pretensão, dando-lhes a entender que aquilo não é coisa que diga respeito a nossa profissão (religiosa). Isto é atitude de bons Religiosos, e não como fazem alguns, que para não deixar alguém desgostoso contra si, querem deitar a carga sobre os Superiores.

Diz São Jerônimo, sobre aquelas palavras de Nosso Senhor: “Sêde prudentes como as serpentes” (Mt. X, 16): dá-se-nos como exemplo a serpente, que com o corpo defende a cabeça, na qual está a vida.

Assim, sempre devemos defender a cabeça que é o Superior; e não ao revés, ou seja, para que não se dê um golpe no corpo, descobrimos a cabeça, e para nos escusarmos, deitamos muitas vezes a culpa no Superior. Isto se há de ter muito especialmente em conta na questão de que estamos tratando.

E normalmente a solução deste e de semelhantes assuntos está em nós. Queiramos nós, e facilmente se desfarão as dificuldades. E assim, o que **eu aconselharia** neste caso **a quem desejasse acertar** é, primeiro, **que procure o quanto**

possível evitar estas idas e visitas; e quando não as puder evitar, fazê-las forçado pela obediência, e dizendo ao Superior se sente nela algum perigo; e apesar de tudo isto, há bem o que temer, e é preciso ir bem preparado.

Do Abade Teodoro, a quem sua mãe queria ver

Do Abade Teodoro conta-se (Surius) que vindo vê-lo sua mãe com muitas cartas dos Bispos e Prelados para que o deixassem ver, e dando-lhe licença o santo Abade Pacômio, que era seu Superior, para vê-la, ele respondeu: Pai, assegura-me que não prestarei contas a Deus no dia do Juízo desta visita, e eu a farei. Então o santo Abade disse:

— “Filho, se tu achas que não te convém, eu não te obrigo a isso”. Não lho quis assegurar, e (Teodoro) não quis fazer a visita, se o Superior não tomasse a responsabilidade sobre sua consciência. E assim, não foi

E deu bom resultado, porque sua mãe decidiu ficar num mosteiro de freiras, que estava perto, de quem aqueles monges cuidavam, com esperança de ver alguma vez seu filho entre eles. Este agia bem ao não querer fazer estas visitas senão por pura obediência e se seu Superior as tomasse sobre sua consciência a responsabilidade.

Estão cheias as histórias de exemplos de monges que voltavam perdidos de semelhantes jornadas

Desta maneira deve ir a sua terra um bom Religioso, quando for. E se compreendêssemos bem o que em semelhantes idas costuma acontecer, temê-las-famos mais e as procuraríamos evitar e dificultar com maior diligência.

Cheias estão as histórias e as vidas dos Padres de exemplos de monges que voltavam perdidos de semelhantes jornadas. E será bom que tiremos a lição pensando no que aconteceu com outros, para que não venhamos a experimentar o dano em nós.

“Se quereis achar a Jesus, não O procureis entre parentes”

Diz São Basílio: “Se morrestes para o mundo e para vossos pais e parentes, por que tornais a vos dar e a conversar com eles? Vêde que não é boa coisa voltar a tomar o que deixastes por Cristo; por isso evitai de deixar vosso posto, vosso sossego e vosso recolhimento, por causa de vossos parentes, para que não deixeis juntamente com isso o espírito e os bons costumes, que é o que costuma acontecer” (“Si mortuus es cum Christo a cognatis tuis secundum carnem, quid rursus inter ipsos conversari cupis? Si vero quae destruxisti propter Christum, rursus aedificas propter cognatos tuos, transgressorem te ipsum constituis; ne igitur ab cognatorum tuorum necessitatem secesseris a loco tuo, nam discendens e loco fortassis ex aequo discedes a moribus tuis” — Epist. ad Chilon.). “Non invenitur Jesus inter cognatos et notos”: Não se acha Jesus entre parentes, diz muito bem o glorioso (São) Bernardo. **Como**

Te acharei, ó bom Jesus, entre os meus parentes, pois se entre os teus não Te pôde achar tua sacratíssima Mãe? (Bernard.). Pois se quereis achar a Jesus, não O procureis entre parentes, mas buscai-O no templo, na oração, no recolhimento, e aí O encontrareis.

Lemos na vida do Padre (São) Francisco Xavier (Lib. I, c. 9, vitae S. P. F. Xavier) que quando veio de Roma a Portugal para dali partir rumo às Índias, passando a quatro léguas de sua terra, não quis se aproximar dela nem visitar seus parentes, nem sua mãe que ainda vivia, apesar de o terem importunado muito para que o fizesse; apesar de saber que, passada aquela ocasião, não voltaria a ter outra para poder vê-los.

E o mesmo fez o Padre mestre (Beato) Pedro Fabro, passando a cinco léguas da sua casa. E nosso bem-aventurado Padre (Santo) Inácio, quando por necessidade foi a Loyola, não quis ficar na casa de seu irmão, mas sim no hospital.

CAPÍTULO II

O Religioso há de evitar, o quanto possível, ser visitado por parentes, e ter comunicação por cartas

O bom Religioso, que deveras deseja servir a Deus, tratar de seu aproveitamento e do fim para o qual entrou na Religião (Ordem religiosa), **não somente deve fugir dessas visitas de parentes e idas a sua terra**, ainda que sejam por boa razão, **mas deve procurar quanto possível evitar todo o trato e conversa dos parentes**; e não se há de contentar com não ir visitá-los, mas deve procurar não ser visitado por eles.

Santo Efrém diz (tom. 2, tract. de varia doct., cap. LIII) que admoestemos e persuadamos nossos parentes a que não nos visitem, senão quando muito uma ou duas vezes ao ano, mas acrescenta: “Sed si inutilem illorum conversationem penitus praecideris, melius ages” (“Se pudésseis evitar de todo sua inútil conversação, muito melhor seria”). E chama-a, com muita razão inútil; e nosso Padre (Santo Inácio) também nas Constituições (Cap. VI Exam., paragr. 2) usa este termo, porque é assim; e não só é sem proveito, mas muito danoso, como já dissemos.

Do monge que se tornou invisível para evitar a visita dos pais e parentes

E para entendermos quanto agrada a Deus esta frieza, esta separação e este afastar-se dos parentes, e o não querer ser visitado por eles, quis Nosso Senhor o mostrar e confirmar por meio de milagres.

No *Prado Espiritual* conta-se de um santo monge chamado Ciríaco, que vindo uma vez os seus pais e parentes vê-lo, chamaram à porta de sua ce-

la. Ele, sabendo quem era e ao que vinham, rezou primeiro a Nosso Senhor pedindo que o livrasse deles, e fizesse com que não o vissem.

Feita esta oração, abriu a porta e saiu de sua cela sem que ninguém daquela gente o visse, nem se percebesse que saía alguém, e afastou-se bastante, entrando pelo deserto, sem querer voltar até que soube com toda a certeza que se tinham ido.

São Pacômio se recusa a receber a irmã

E do santo Abade Pacômio conta Surio que, vindo visitá-lo uma irmã, não quis ir vê-la, nem que ela o visse, mas mandou o porteiro dizer-lhe: Já ouvistes que estou vivo e estou bem, vai-te em paz (“Ecce audivisti me vivere, abi” — Surio, 14 de maio; lê-se também nas Vidas dos Padres).

E tirou muito proveito da resposta, como a mãe de Teodoro, porque entrou num mosteiro de freiras que ficava perto dali, tornando-se Religiosa.

Também a comunicação por cartas, que inquieta e desassossega, deve ser evitada

O bom Religioso não somente deve procurar evitar as visitas, mas o quanto possível mesmo a comunicação por cartas, porque também inquieta e desassossega. E assim como, não os visitando, livrar-vos-eis de muitas visitas, assim não lhes escrevendo, livrar-vos-eis de muitas cartas suas.

Diz muito bem aquele santo (Thomas de Kempis): “Se tu souberes deixar os homens, eles te deixarão fazer teus atos”. Tudo está em que vós queirais; se quiserdes, acháreis meios para tudo o que quiserdes.

Já deixamos nossa terra, casa e parentes por Deus, acabemos de deixá-los de todo, e esqueçamo-nos deles, para que assim fiquemos livres e desembaraçados, para nos lembrarmos mais de Deus e para amá-Lo e servi-Lo melhor.

Do santo monge que queimou as cartas de seus pais, parentes e amigos, sem abri-las

Conta Cassiano (lib. 5 de inst. renunt., cap. XXXII) de um santo monge, que era muito dado à oração e contemplação, e tinha muito cuidado em guardar a pureza e limpeza de seu coração, como se requer para tais exercícios.

Estava há quinze anos no deserto, e ao cabo deles trouxeram-lhe um grande maço de cartas de sua terra — da província do Ponto — de seus pais, parentes e amigos. Recebe o maço e começa a penar e remoer consigo: Se leio estas cartas, de quantos pensamentos me serão causa! Que diversidade de ondas se levantarão logo em meu coração, de alegria vã, se vejo que meus parentes vão bem, ou de tristeza inútil e sem fruto, se vejo que lhes aconteceu algum mal! Quantos dias me arrastará atrás de si a lembrança daqueles que me escreveram; e me apartarão do repouso e sossego de minha oração e contemplação! Durante quantos dias se me figurarão e porão diante de mim as formas

e feições de seus rostos, e as palavras que me disseram, e as coisas sobre que me escreveram! Quando se acabarão de esquecer e apagar da memória aquelas idéias! Com quanto trabalho voltarei eu ao estado de tranqüilidade e de esquecimento das coisas do mundo que agora tenho! De que me adiantará ter deixado os parentes com o corpo, se com o coração e com a memória volto a eles, e estou conversando e entretendo-me com eles!

E dizendo e revolvendo estas coisas em seu coração, toma o maço de cartas, assim como vinha, e o joga ao fogo dizendo: Afastai-vos de mim, pensamentos de carne e sangue, e queimai-vos todos aqui juntamente com estas cartas, para que não façais com que eu volte ao que já deixei (*"Ite, cogitationes patriae, pariter concremimini; ne me ulterius ad illa, quae fugi, revocare tentetis"* — Cassiano, *ubi supra*).

Não só não quis ler carta alguma, mas nem sequer desembulhar o maço, nem ver os nomes e assinaturas dos que lhe escreviam, nem mesmo olhar os envelopes, para que reconhecendo a letra, eles não lhe viessem à memória, e aquilo lhe impedisse a tranqüilidade e paz de seu coração.

Também Santo Inácio de Loyola fez o mesmo

De nosso bem-aventurado Padre (Santo) Inácio lemos outro exemplo semelhante (Lib. 5, cap. I, *vitae S. P. N. Ignatii*).

Isto é muito bom para os que não só não se contentam em ler uma vez as cartas, mas que as têm muito bem guardadas para tornar a lê-las mais e mais vezes, e deliciar-se e regozijar-se com elas, refrescando a lembrança de seus parentes. Já que não a queimastes antes de lê-la, por que não a queimais logo depois de fazê-lo, e com ela todos os pensamentos de carne e sangue, para que não vos inquietem mais?

CAPÍTULO III

Ainda que seja sob o pretexto de pregar, deve o Religioso fugir do trato com os parentes e das idas a sua terra

Vem a alguns esta tentação de ir a sua terra visitar e tratar com seus parentes sob o pretexto de pregar e fazer bem espiritual a suas almas. E quando as tentações vêm desta maneira, disfarçadas com cor de aparência de bem, costumam ser mais perigosas. Porque não costumam ser consideradas tentações, mas boas razões.

São Bernardo comentando aquelas palavras: “Pegai-me as raposinhas que destroem as vinhas” (Cant. II, 15) diz (Serm. 64 sup. Cantica) que esta é uma das raposas que entrando enganosamente e com aparência de bem, costumam destruir e levar muitos à perdição.

**Para fazer bem espiritual a parentes, não
são normalmente apropriados os parentes**

E diz o Santo que conheceu alguns que se vieram a perder deste modo; pensaram ganhar a outros, e perderam-se a si. Especialmente porque **para fazer bem espiritual a parentes, não são normalmente apropriados os parentes**. Porque como os conheceram anteriormente, brincando com eles, não os tratam com a estima e respeito que são necessários ao pregador evangélico. E assim disse Cristo Nosso Redentor: “Nenhum profeta é aceito em sua terra” (Lc. IV, 14). E querendo Deus fazer de Abraão um grande pregador e pai dos fiéis, mandou que saísse de sua terra e de entre seus parentes, amigos e conhecidos, e fosse para a Mesopotâmia onde não fosse conhecido de ninguém.

O próprio São Paulo precisou ir pregar longe de Jerusalém

E a São Paulo (o que é digno de consideração), estando em Jerusalém em oração no Templo, disse-lhe Deus que saísse dali, e fosse pregar à gentiidade: porque aqui em Jerusalém, diz, não terás fruto (Act. XXII, 18).

Oh! Senhor, aqui me conhecem, criado aos pés de Gamaliel, e sabem que eu perseguia aos que criam em Vós, e que quando os outros apedrejavam a Santo Estevão, eu lhes guardava as vestes! Vai que não o entendes: sai desta terra, onde és conhecido, pois quero fazer-te pregador das gentes (“Ego in nationes longe mittam te” — ib.). Lá onde não te conhecem, obterás muitos frutos.

E a vós vos parece que tereis resultado em vossa terra? E que fruto podeis obter entre parentes? Como lhes podereis pregar e persuadir do desprezo do mundo e da boa vida, vendo-vos eles a vós contente e entretido com o mundo, entre a carne e o sangue?

Do Jesuíta que se deixou vencer pela ternura da mãe

O Padre Pedro de Ribadeneyra, nuns diálogos manuscritos, conta um exemplo gracioso que aconteceu a um da Companhia (de Jesus), o qual, vencido pela ternura da mãe, foi a sua terra em Messina.

Conta que estando um dia um Sacerdote conjurando na igreja um demônio, que tinha tomado conta de uma pobre mulher, diante de muita gente, entrou mal a propósito o primeiro, e quis ajudar o Sacerdote. Começou a ameaçar o espírito maligno, e mandou-lhe em nome de Deus que saísse daquele corpo. O espírito respondeu-lhe somente: “mamãe, mamãe”. Acharam todos muita graça da resposta, já que o conheciam e sabiam qual a causa de sua vinda, e ele ficou muito confuso e envergonhado.

Pois o mesmo vos poderão responder quando, em vossa terra, pregais a outros que se mortifiquem e deixem os prazeres e distrações do mundo.

Exemplo temível de engano do demônio

Severo Sulpício conta (Dial., 1) outro exemplo a este propósito, não gracioso, mas temível.

Diz que um jovem da Ásia, muito rico de bens temporais e de muito ilustre linhagem, casado e já com um filho, era também tribuno do Egito. Numa das viagens que costumava fazer para negócios que diziam respeito a seu ofício, foi necessário passar pelo Ermo onde viviam os Padres, e onde viu muitos mosteiros e celas de monges. Falou com o Abade João, o qual tratou das coisas de sua alma e salvação, e ficou tão comovido com a conversa, que não voltou mais para casa; pelo contrário, renunciando ao mundo, começou uma vida tão admirável naquele deserto, e tomou tão a peito o assunto da virtude, que em pouco tempo se avantajava a muitos dos velhos.

Indo de vento em popa, veio-lhe uma dura tentação, de que seria melhor voltar ao mundo e salvar sua mulher e seu filho, pois ele já tinha se santificado tanto, que não deveria reservar isto unicamente para si mesmo.

Enganado pelo demônio com esta aparência de caridade, depois de ter estado quatro anos no deserto toma o caminho de volta para sua terra. E passando por um mosteiro, ao visitar os monges e ao lhes dizer sua intenção, todos lhe diziam ser tentação do demônio, e que muitos tinham sido enganados daquela maneira. Ele não lhes deu crédito mas, pelo contrário, obstinado em sua idéia, despediu-se dos monges, e queria prosseguir seu caminho.

Mal tinha saído do mosteiro, Nosso Senhor permitiu que um demônio entrasse em seu corpo e o atormentasse fortemente, fazendo-o despedaçar-se com os dentes e espumar pela boca.

Foi trazido em braços ao mosteiro, e ali foi forçoso, por causa de sua ferocidade, lançá-lo na prisão e atar-lhe os pés e as mãos, castigo merecido pelo fugitivo. E apesar dos monges pedirem a Deus por ele e conjurarem o demônio, permitiu o Senhor que não o deixasse senão depois de dois anos. Ao cabo dos quais, ficando livre, voltou bem corrigido a seu primeiro lugar e à vida de monge, servindo para os outros de grande lição para que perseverassem no que tinham começado, e para que ninguém se deixasse enganar por estas falsas aparências de piedade.

Por aqui se vê quão longe deve estar o Religioso destas idas a sua terra e visitas a parentes. Porque se mesmo sob o pretexto de pregar-lhes e fazer bem a suas almas, dizem os Santos que é tentação, e que há nisso muitos inconvenientes e perigos, o que será, quando se vai somente para consolá-los ou para consolar-se?

CAPÍTULO IV

Deve especialmente o Religioso evitar muito o ocupar-se em negócios de parentes

Sobretudo deve evitar muito o Religioso encarregar-se de negócios de parentes e ocupar-se neles, pelos muitos e grandes inconvenientes e perigos que há nisso.

Diz São Gregório: “Há muitos que, depois de terem deixado seus bens e tudo quanto possuíam no século e, o que é mais, a si mesmos, desprezando-se e tendo-se em pouca conta e desprezando com igual constância a prosperidade e a adversidade, acham-se atados com o vínculo do amor ao parente e ao sangue. E querendo indiscretamente cumprir com essa obrigação, voltam com o afeto da carne e parentesco às coisas que já tinham deixado e esquecido; e amando mais do que devem a seus parentes, esquecidos de sua profissão (religiosa), ocupam-se em negócios e atividades exteriores daqueles, entram nas audiências e tribunais, e se enredam nos processos e assuntos intrincados das coisas terrenas; e deixada a paz e a quietude interior, se engolfam de novo nos negócios do século, com muito perigo para suas almas” (Lib. 7 Mor., c. 14).

Este é um dos maiores barrancos e atoladeiros

O mesmo diz Santo Isidoro: “Muitos Religiosos por amor de seus parentes se engolfam não só em negócios terrenos, mas em pleitos e litígios, e por causa da saúde temporal destes, perdem a eterna saúde de suas almas” (Lib. 1 de summo bono).

Este é um dos maiores barrancos e atoladeiros que há nesta matéria, quando a inclinação carnal se assenhoreia tanto do Religioso, que o faz cuidar dos negócios de seus parentes e encarregar-se deles, como o vemos e experimentamos mais do que quiséramos, por causa de nossos pecados.

Diz São Basílio (in *Constit. Monast.*, c. 21) que isto nasce de que o demônio, invejoso de ver que no mundo um Religioso leva uma vida celestial, e vivendo na carne, vive sem ela e vai ganhando o que ele perdeu, procura sob o pretexto de piedade e ainda de obrigação enredar os Religiosos nesses cuidados, para que assim percam a paz e quietude de suas almas e se vão esfriando no amor que tinham posto em Deus, e no fervor com que caminhavam rumo à perfeição. **E é notável o afincio que nisto põe o demônio, tomando por instrumento os próprios parentes**, que parece que não sabem, em todos os seus negócios, ardis e desacordos, e em todos os seus casamentos e apuros, senão acudir logo ao parente Religioso. Aquele há de ser obrigado a assumir a trabalhadeira; parece-lhes (aos parentes) que aquele (o Religioso) vem mais a propósito, está mais livre, e não tem em que ocupar-se senão em acudir a seus negócios.

Diz muito bem o Cartusiano (Ludolph. de Saxonia Carthusiensis, in *vita Christi*, p. 1, c. 68), falando também dos Prelados e Clérigos seculares: “Deus tirou os filhos aos Clérigos, e o demônio deu-lhes sobrinhos”. E cita aquilo que disse outro:

“Se filhos, aos sacerdotes,
Cristo na Igreja negou,
Uma turba de parentes,
O diabo lhes legou”.

O demônio não quer o bem dos parentes, mas o mal dos Religiosos

Para isso **procura Satanás o negócio do sobrinho**, o dar uma situação à sobrinha, e **meter-vos na dança, para tirar-vos de vosso posto e de vossa profissão (religiosa)**. Isso é o que **ele pretende, não o bem de vossos parentes, mas sim vosso mal e dano**. Pois pobre do Religioso! Deixou ele a sua fazenda e sua honra e suas comodidades e prazer, para livrar-se desses cuidados e embaraços, e há de se encarregar dos alheios, e ser o provedor de todas as coisas que dizem respeito à carne e ao sangue, e perder por isso o fruto de sua vocação?

Muito bem respondeu o Abade Apolo, como conta Cassiano (col. 24, 29). Estava ele em sua cela, quando numa noite veio um irmão seu pedir-lhe que saísse dela e o fosse ajudar a tirar um boi que se lhe havia atolado num lamaçal ou pântano, porque não podia tirá-lo sozinho. Disse-lhe o Abade Apolo: Por que não foste chamar o outro irmão que ficou lá? Respondeu ele: Esse há já quinze anos que morreu. Então disse o Abade Apolo: Meu irmão, eu há vinte anos que morri, e estou sepultado nesta cela; e por isso não posso sair dela para te ajudar.

Desta maneira deve agir o Religioso em semelhantes ocasiões, e se não sabe livrar-se de cuidados e negócios de parentes, tenha por certo que receberá muito grande dano em sua alma, ainda que seja com pretexto de piedade, e a mais justificada que quiser.

Está inteiramente de acordo com isto o que diz São Jerônimo: “**Oh! quantos Religiosos, sob o pretexto de piedade e com uma falsa compaixão de seus parentes, perderam as suas almas e acabaram mal**” (Hieron., in *Regul. Monachor.* quam collegit Lupus de Oliveto). A experiência quotidiana no-lo mostra, e há muitos exemplos de Religiosos que derrocaram por causa desta falsa compaixão pelos parentes.

Quantos faltaram à sua vocação e deixaram de ser Religiosos, por se engolfarem em semelhantes cuidados com os bens dos seus ou para lhes conseguir uma situação!

Quantos, para consolar a seus pais, vemos como apóstatas pelas ruas, e depois não servem senão para comer-lhes os bens e causar-lhes uma má velhice com a sua má vida! E assim chama São Basílio a esta (falsa compaixão), arma ou seta do demônio, da qual devemos fugir muito, porque a toma por instrumento e meio para nos fazer grande mal (“*Scientes itaque intolerabile detrimentum hujus erga cognatus affectus, fugiamus illorum curam, tanquam diabolicam ad impugnandum nos armaturam habentem*” — Basil., in *Const. Monast.*, c. 21).

E não se escuse nem se assegure ninguém nestas coisas, nem pense que está de todo santificado dizendo que o que faz está penetrado e garantido pela obediência; porque como dizíamos das visitas de parentes e idas a suas terras, assim também se dá com isto; pois **muitas vezes os Superiores não queriam que vós vos intrometêsseis nos negócios de vossos parentes**, porque acham que isso seria o melhor. **Mas permitem-no, porque não vêem em vós virtude para outra coisa.** Isso não é obediência, mas sim concessão: condescende o Superior convosco e com vossa fraqueza, e mais faz ele vossa vontade nisso, do que vós a dele. **E se o outro monge não quis visitar a sua mãe, porque o Superior não se responsabilizava, quanto mais será razoável que vós não vos engolfeis, nem intrometais em negócios de vossos parentes, se não for por pura obediência e quando o Superior diga que se responsabiliza, havendo tanto perigo neles?**

CAPÍTULO V

Em que se confirma o que foi dito com alguns exemplos

Do Abade São Pemenes

Do santo Abade Pemenes contavam (Patr. spirituale) aqueles Santos Padres antigos, que em certa época tinha ido ao Egito um juiz, o qual, ouvindo falar da fama e do conceito deste Santo, desejou vê-lo, e para isto lhe enviou um mensageiro suplicando-lhe que tivesse por bem recebê-lo, porque queria ir visitá-lo.

Pemenes se entristeceu e desconsolou com este recado, pensando consigo que se as pessoas nobres comesçassem a ir visitá-lo e honrá-lo, logo acudiriam muitos dos populares, e o inquietariam na sua vida e exercícios solitários; perderia e lhe roubaria o demônio a graça da humildade que com tanto trabalho, favorecido pelo Senhor, havia procurado alcançar e conservar desde a sua mocidade até então, e cairia nos laços da vanglória.

Pensando, pois, consigo estas coisas, determinou escusar-se e não recebê-lo. Pelo qual o juiz ficou desconsolado e disse a um oficial seu: “A meus pecados imputo o não poder ver a este homem de Deus”. E dali em diante desejou vê-lo de qualquer forma que fosse. E descobriu uma maneira que lhe pareceu ser suficiente para forçá-lo a que o recebesse de boa vontade, ou saísse do Ermo para visitá-lo.

A maneira foi a de prender um sobrinho do Abade Pemenes, filho de uma irmã sua, e de pô-lo na prisão. Secretamente disse a um oficial que, para que o santo velho não se desconsolasse pela prisão do sobrinho, lhe mandasse

dizer que, se viesse visitar o juiz, logo o tiraria do cárcere, muito embora a causa pela qual estava preso fosse tão grave e criminosa que não podia deixar de ser asperamente castigado.

Quando a mãe do preso soube disto, e viu que se seu irmão viesse visitar o juiz, seu filho seria solto e libertado, foi ao Ermo e começou a dar grandes gritos e soluços à porta da cela de seu santo irmão, e com abundância de lágrimas lhe pedia que fosse ver o juiz e lhe pedisse por seu filho.

“Pemenes não engendrou filhos, e por isso não se condói”

São Pemenes, apesar de a ter ouvido, não lhe respondeu nada, nem lhe quis abrir a porta para que entrasse. Vendo isto a irmã, se enfureceu e começou a amaldiçoar e a gritar: Duríssimo e cruelíssimo, que tens entranhas de aço: como é que nem a minha grande dor, nem os meus prantos te inclinam à misericórdia, vendo que o único filho que tenho, está em perigo de morte? Pemenes que ouviu isto, disse ao monge seu companheiro que o servia: Vai, dize-lhe estas palavras: “Pemenes não engendrou filhos, e por isso não se condói”.

Com isto, a irmã voltou desconsolada, e o juiz soube o que tinha sucedido no deserto. E vendo que era escusado ir visitá-lo, disse a certos amigos seus: “Persuadi-o de que ao menos me escreva uma carta rogando que eu solte seu sobrinho”.

Muitos foram a Pemenes com este recado, e lhe pediram que escrevesse ao juiz, e ele incomodado com os pedidos deste, escreveu-lhe o seguinte:

“Manda tua nobreza inquirir diligentemente a causa desse jovem; e se fez alguma coisa digna de morte, morra, para que pague neste mundo a culpa do seu pecado, e com isto se escape das penas eternas do inferno”.

Do santo Abade Pastor

Do santo Abade Pastor conta-se na Vida dos Padres outro exemplo semelhante: que não conseguiram obter que ele intercedesse por um sobrinho seu, que estava condenado à morte, para não se meter em coisas que tocavam à carne e ao sangue.

De Santo Inácio de Loyola

Do nosso bem-aventurado Padre (Santo) Inácio lemos (Lib. 5, cap. V, vitae P. N. S. Ignatii) que nunca se quis encarregar do casamento de sua sobrinha, que era herdeira e senhora de sua casa, nem sequer escrever uma carta para isso, apesar de muito lho rogarem alguns grandes senhores, como os Duques de Nájera e Albuquerque, aos quais respondeu que aqueles assuntos já não lhe diziam respeito, nem eram conformes a sua profissão (religiosa) por ter renunciado muitos anos antes a estes cuidados e morrido para o mundo, e que não lhe ficava bem voltar a tomar o que anteriormente tinha deixado,

e tratar de coisas alheias à sua vocação, e vestir outra vez a roupa de que se havia despojado, e sujar os pés que com a graça divina, e com tanto esforço, desde que partiu de sua casa, tinha lavado (Cant. V, 3).

De São Francisco de Borja

De nosso Padre (São) Francisco de Borja lemos na sua vida (Lib. 4, cap. VI, de la vida de N. P. S. Francisco de Borja) de que nunca se conseguiu convencê-lo que suplicasse a Sua Santidade que dispensasse Dom Álvaro de Borja, seu filho, para que se casasse com sua sobrinha, filha de sua irmã Dona Joana de Aragão, que tinha herdado o marquesado de Alcañices, sendo isso muito importante para seu filho, já que ia herdar um estado tão preeminente. E isto mesmo sabendo da grande vontade que tinha o Papa de favorecê-lo e a todas as coisas que lhe dissessem respeito.

Conta-se que com o Imperador lhe aconteceu nesta matéria outro caso, a propósito do qual ficou muito edificado e viu que era verdade o que lhe tinham contado do desapego do Padre Francisco para com seus filhos: que procedia com eles, como se não o fossem.

Consideremos aqui de que assuntos se afastavam aqueles Santos, mesmo podendo resolvê-los tão rapidamente; e vejamos por outro lado em que negócios se imiscuem agora alguns Religiosos.

Se aqueles ilustres varões sendo tão santos temiam tanto tratar de semelhantes assuntos, como não tememos nós, que não somos tão santos, e por isso corremos maior perigo? E creio mais: o não sermos tão santos é a causa de não temermos; porque se deveras tratássemos de santidade e perfeição, temeríamos os grandes perigos que há nestes assuntos, e fugiríamos deles, como vemos que o faziam os Santos.

CAPÍTULO VI

De outros males e danos que causa a afeição pelos parentes, e como Cristo Nosso Redentor nos ensinou a evitá-los

O bem-aventurado São Basílio diz (Basil., in *Const. Monach.*, cap. XXI) que este afeto e compaixão natural para com os parentes costuma algumas vezes pôr em tal estado o Religioso, e fazê-lo ir a tais extremos, **que chega a cometer sacrilégio, roubando à Religião para ajudá-los**. E mesmo que alguém não tome da Religião para dar a seus parentes, toma do que os devotos haviam de dar à Religião, e daqui e dali, de penitentes e amigos, procura para lhes dar, e algumas vezes em detrimento de suas funções. Porque não pode alguém ter tanta liberdade quanto deseja com aqueles a quem deve o donativo. Outras vezes, com algum escrúpulo de consciência a respeito do voto de pobreza, põem-se a cogitar se é melhor que o dinheiro seja dado a eles, ou diretamente aos parentes; se é melhor eles mesmos o entregarem, ou se é melhor que o doador o faça diretamente.

E acrescenta-se a isto que **este apego a parentes cega de tal maneira, que faz com que a pessoa não repare nessas coisas, e que lhe pareça lícito o que algumas vezes é ilícito, e que lhe pareça que não é contra o voto de pobreza o que na realidade o é**. E mesmo que alguém não chegue a furtar à Religião outra coisa, a não ser o tempo que gasta nos negócios de seus parentes, nisso furta e defrauda largamente porque, diz São Basílio, já não sois vosso, mas da Religião, à qual oferecestes também o vosso corpo e todas as vossas obras e trabalhos, e por isso ela cuida não só de vossa alma, mas também de vosso corpo, dando-vos tudo o que vos é necessário; e vós recebeis o sustento da Religião, e vos ocupais em servir vossos parentes. Tudo isto o furtais, sem

contar a desedificação que dais aos que vos vêem tão apegados e sujeitos aos parentes.

Haveis de ter um ódio santo a vossos pais e parentes

Não foi sem muita razão que Cristo Nosso Redentor disse no Evangelho: “Si quis venit ad me, et non odit patrem suum, et matrem, et uxorem, et filios, et fratres, et sorores, adhuc autem et animam suam, non potest meus esse discipulus” (Lc. XIV, 26) — (“Se alguém quizer seguir-Me, e não odiar seu pai, mãe, filhos, mulher, irmãos e, o que é mais, a sua própria alma, não pode ser Meu discípulo”).

A este propósito adverte muito bem São Gregório (Greg., lib. 7 Mor., cap. XIV) que da mesma maneira que manda (Nosso Senhor) que nos odiemos a nós mesmos, manda que odiemos a nossos pais e parentes.

De maneira que **assim como haveis de ter um ódio santo contra vós mesmos, mortificando-vos e contradizendo-vos em tudo aquilo que a carne pedir contra o espírito e contra a razão**, e não condescendendo com isto, porque esse é o maior inimigo que tendes, **assim também deveis ter um ódio santo a vossos pais e parentes**, não condescendendo com eles, mas sim **contradizendo-os em tudo aquilo que for impedimento para vossa salvação** e para vosso progresso e perfeição. Porque eles são parte de vós, e são também vossos inimigos: “Et inimici hominis domestici ejus” (Mich. VII, 6; et Mt. X, 36).

Nas Crônicas de São Francisco conta-se (Par. I, cap. XX) que um homem disse ao santo Frei Gil que se decidira a ser Religioso, apesar de tudo. Respondeu o Servo de Deus: Se te determinas a fazer isso, olha primeiro e mata a quantos parentes tenhas. E aquele homem pediu-lhe chorando que não o obrigasse a cometer tantos pecados. Respondeu Frei Gil: Por que és de tão pouco saber e entendimento? Eu não digo que os mates com a espada material, mas com a mental. Porque, segundo a palavra do Senhor, o que não odeia ao pai e à mãe e aos parentes, não pode ser seu discípulo.

São Basílio fala sobre os dois exemplos do Evangelho

É coisa digna de consideração ver quantas vezes nos repete o Salvador esta doutrina no sagrado Evangelho. E nota-o muito bem São Basílio (Basil., in *Const. Monast.*, cap. XXI) e dá aqueles dois exemplos que nele lemos.

O primeiro, daquele jovem que queria seguir a Cristo e Lhe pediu licença para ir dispor de seus bens e da parte da herança que lhe cabia, ao qual respondeu: “Nemo mittens manum suam ad aratrum, et respiciens retro, aptus est Regno Dei” (Lc. IX, 62) — (“O que deita mão ao arado e volta atrás, não é apto para o Reino dos céus”). De maneira que **é voltar atrás, tendo começado a deitar mão ao arado dos conselhos evangélicos, tornar-vos a imiscuir nos negócios do século que deixastes**. Por isso temei a sentença de Cristo, que é não ser apto para o Reino dos céus.

O segundo exemplo é de outro jovem que também queria seguir a Cristo,

e Lhe pediu licença para ir enterrar seu pai, coisa tão honesta e que tão rapidamente se podia fazer, e não lhe deu, mas lhe respondeu: “Deixa que os mortos enterrem seus mortos” (Lc. IX, 60). Diz Teofilacto a respeito destas palavras: “Se mesmo para enterrar seu pai não lhe deu licença, aí daqueles que professam numa Ordem religiosa e voltam aos negócios mundanos e seculares!” (Theophil. — “Si autem illi neque patrem sepelire licuit, vae his, qui monasticem professi, ad mundana regrediuntur negotia?”).

Nosso Senhor nos adverte com seu próprio exemplo

E não se contentou **Cristo Nosso Redentor** em advertir-nos disto por palavras e com exemplos alheios, mas **com o seu próprio exemplo nos quis recomendar esta separação dos parentes**, como se vê em muitos lugares do Evangelho, em que parece mostrar exteriormente rigor e aspereza para com sua Santíssima Mãe; como naquele desagrado que lhe deu, ao que parece, tendo-O encontrado no Templo: “Por que me buscáveis? Não sabeis que me convém estar nas coisas de meu Pai?” (Lc. II, 49). E nas bodas, quando faltou o vinho: “Que temos nós a ver com isso?” (Jo. II, 4). **Para nos ensinar**, diz São Bernardo (serm. 2 dominica 1 post octav. Epiph.), **o modo pelo qual devemos tratar os parentes; para que quando nos quiserem afastar do fim de nossa profissão, os afastemos dizendo: convém-nos atender aos negócios de Deus e de nossa salvação.**

E ao outro que Lhe disse: “Mestre, dize a meu irmão que partilhe comigo a herança”, respondeu-lhe bruscamente: “Quem Me fez a Mim juiz de partilhas?” (Lc. XII, 14). Não Me enviaram a Mim para averiguar e compor essas desavenças. Disse isto para nos ensinar que devemos fugir de semelhantes negócios, porque não são conformes a nossa profissão.

CAPÍTULO VII

Como esta tentação costuma disfarçar-se não só sob a aparência de piedade, mas de obrigação, e o remédio para isto

**Sábias precauções que tomou Santo Inácio de
Loyola nas Constituições da Companhia de Jesus**

Como esta tentação costuma algumas vezes valer-se e se ajudar não só do pretexto de piedade, mas de obrigação, e são as mais perigosas tentações, nosso Padre (Santo Inácio), para prevenir e obviar o grande dano que daqui pode vir para a Companhia, manda nas Constituições (Cap. III Exam., paragr. 3) que a todos os que nela entram, se lhes pergunte se quando estiverem em dúvida a respeito de se estão obrigados a socorrer a seus pais ou parentes, se deixarão reger pelo que a Companhia (de Jesus) e o Superior dela lhes ordenem, não se deixando levar pelo seu próprio juízo.

Porque em matéria de parentes como em coisa própria, a afeição cega e costuma ser causa de erro. Assim sendo, eles não podem ser bons juízes nesta causa. E para que fiquem todos tranqüilos, e não tenham escrúpulo algum, providenciou nosso Padre (Santo Inácio) este remédio.

Deste modo cada um está obrigado a contentar-se com o que a Companhia lhe disser nesta matéria, pois há nela tantas letras e tanto temor de Deus, que o fará bem conforme à ciência e à consciência.

E para tal, no princípio, se expõe e pergunta isto ao que quer entrar na Companhia, e não se o recebe se não fica contente em passar por isto. E deve dar muitas graças a Deus de que possa seguramente descuidar-se disto, para tratar mais empenhadamente de seu aproveitamento e perfeição.

Por esta mesma razão, manda também nosso Padre que, quando a distribuição dos bens se deve fazer a parentes por serem pobres, se deixe a juízo de duas ou três pessoas de ciência e consciência, que cada um eleger com aprovação do Superior, as quais não de julgar se são verdadeiramente pobres e se é verdadeira a necessidade que têm, para que a afeição da carne e do sangue não o faça errar. De maneira que, para alguém dar seus bens a pobres estranhos, não é necessária esta consulta; mas para dá-la a parentes pobres, sim, pelo perigo que existe, de entrar amor e afeição natural.

“O que não proibiria fazer com um estranho, o proíbe com seu pai”

E isto faz notar São Gregório (Lib. 7 Moral, c. 14) no exemplo em que Cristo proibiu aquele jovem de ir enterrar seu pai (Lc. IX, 60): Vêde que aquilo que não proibiria fazer com um estranho, pelo contrário o aconselharia e seria obra de misericórdia, o proíbe para com seu pai; para que entendamos que **o que se pode fazer com estranhos, muitas vezes não convém que se faça com os parentes, pelo perigo que costuma haver nisso, e pela desedificação dos que vêm um Religioso envolto e emaranhado em coisas de carne e sangue.**

**Quando for preciso ajudar os parentes,
é melhor que outro se encarregue disso**

É claro que se faz de modo diferente o negócio do estranho e o de próximos e parentes; porque aquele não o inquieta nem desassossega, mas o outro bem sabe que lhe causa grande inquietude, rouba-lhe a paz da alma e lhe é um grande impedimento para os exercícios espirituais. E assim, **quando alguma vez for necessário alguém ajudar em algo a seus parentes, será melhor e mais seguro para ele, e de mais edificação para os próximos, que outro Padre se encarregue disso, e não ele.** E na Companhia temos ordem de que se faça assim, e é doutrina de São Basílio (In quaest. fusius disp., 32).

Ademais, **quando ele próprio se mete nesses negócios, se nele há alguma coisa de mundo e carne, quereria que os seus não fossem pobres nem padecessem, e Deus quer que sejam pobres e que padeçam necessidade. Porque aquilo lhes convém mais para sua salvação, e a ele para sua humilhação.** E ainda costuma entrar nisto outra vaidade e loucura, e é que alguns religiosos querem e procuram que seus pais e parentes sejam e tenham mais do que seriam e teriam se eles não fossem Religiosos. No que dão mostra evidente de não sê-lo (religiosos), mas somente de nome, pois devendo ser mais humildes, têm mais vaidade e presunção.

**Para muitos, ajudar a família é mero pretexto para
deixar a vida religiosa e poder viver a seu bel prazer**

E como por causa de nossos pecados sabemos, mais do que queríamos, **que muitos a este título são tentados na vocação e procuram sair da Ordem**

sob o pretexto de ajudar a seus pais ou irmãos, acrescento e digo que as dificuldades destes, normalmente falando, não lhes vem daí, nem é isso o que principalmente os faz fraquejar em sua vocação, mas outras causas ocultas que eles conhecem: **sua pouca virtude e mortificação, a fraqueza que sentem em si para levar o rigor e a perfeição da Religião, isso é o que os faz fraquejar nela**; mas como não podem alegar estas razões, encobrem-se com outras que sejam apresentáveis. Que isto é assim, o apalpamos cada dia com as mãos e se vê claramente pelo efeito. Porque muitas vezes não têm estes possibilidades para remediar aquelas necessidades que apresentaram, nem as remedeiam saindo, antes as remediariam melhor permanecendo na Ordem religiosa: logo **não foi isto que os tirou da Ordem, mas sim o desejo de liberdade e de viver a seu bel prazer**. “Non es mentitus hominibus, sed Deo” (Act. V, 4) — (“Não mentiste aos homens, mas a Deus”). A Deus não podereis enganar. Ai daquele que começa a coxear e não se contenta com o que seus Superiores e suas Constituições lhe dizem!

Finalmente, quem quiser alcançar o fim para o qual veio para a Ordem, convém que se liberte do trato e ocupação de parentes, e que os afaste: **“Quem para servir melhor a Deus se esquece de seus parentes, e diz a seu pai, mãe e irmãos, ‘não vos conheço’, esse guarda bem os Mandamentos de Deus, e os conselhos que professou”** (Deuter. XXXIII, 9).

O Religioso há de ser como Melquisedec, sem pai, sem mãe, sem genealogia

Diz muito bem São Bernardo, e é doutrina comum dos Santos, que **o Religioso há de ser como outro Melquisedec**, do qual diz o Apóstolo São Paulo (Hebr. VII, 3) **que não tinha pai, nem mãe, nem genealogia**; não porque carecesse disso, pois sendo, como era, verdadeiro homem, não podia carecer disso. Mas diz-se que não o tinha, porque a Sagrada Escritura, quando fala dele como Sacerdote, não faz menção disso, nem do princípio e fim de seus dias, para nos dar a entender que os Sacerdotes, e muito mais os Religiosos, hão de ser tão desapegados de tudo isto, como se não o tivessem, e tão dedicados às coisas espirituais e divinas, como se houvessem vindo do céu; de maneira que sejam no seu coração como outro Melquisedec, sem ter coisa neste mundo que os segure, os impeça e retarde em seu pressuroso caminhar para Deus.

Concluamos, pois, com São Bernardo: “Recolhei-vos e sentai-vos a sós, e afastai-vos não só das demais pessoas, mas esquecei-vos também de vossa terra e da casa de vosso pai, e cobiçará Deus a vossa formosura” (Ps. XLIV, 11 — Serm. 30 in Cantica).

São Jerônimo, sobre estas palavras do Profeta, diz: **“Deve ser grande coisa o esquecer-se algum de seus pais e parentes; pois se lhe promete um tão grande prêmio já que cobiçará Deus sua formosura”** (In Regul. Monachor. quam collegit Lupus de Oliveto).

“Mais Me custaste tu a Mim do que a tua mãe, não Me devias deixar por amor a ela”

E nas Crônicas da Ordem de São Francisco conta-se (P. 2, cap. XIII), que entrou em Paris para a Ordem um mestre em Teologia, a quem sua mãe havia sustentado com esmolas e muita pobreza, até pô-lo naquele estado. E ouvindo que seu filho era Frade, veio ao convento, e com muitas lágrimas e importunações pedia gritando ajuda a seu filho, mostrando-lhe os peitos e dizendo-lhe os trabalhos com que o havia criado, tornando-lhe presente a necessidade e miséria em que a deixava.

Por estas lágrimas foi movido o mestre a deixar seu propósito, e resolveu sair da Ordem no dia seguinte. Sentindo no seu coração uma grande contenda sobre este caso, acudiu à oração como tinha costume, e prostrado diante de um crucifixo, dizia com o coração angustiado: Senhor, não Vos quero deixar, nem Vós permitais tal coisa; mas somente quero remediar a minha mãe que está em grande necessidade.

E ao dizer estas coisas tendo levantado os olhos para a imagem, viu que do lado do Senhor manava verdadeiro sangue, e logo ouviu uma voz que lhe dizia: **“Mais Me custaste tu a Mim que a tua mãe, pois te criei e redimi com este sangue; não me devias tu deixar por amor de tua mãe”**. Com este aviso o mestre ficou espantado, e preferindo o amor de Jesus Cristo ao amor natural de sua mãe, que o movia, pela necessidade dela, a deixar aquele estado, perseverou na Ordem, acabando nela com muito louvor.

Também aos leigos pode ser útil este tratado

Parecerá que neste tratado falamos somente aos Religiosos. Mas se os leigos tirassem dele, como desejamos, a resolução de não inquietar os Religiosos, nem emaranhá-los em seus-negócios, e intrometer-se no governo da Ordem religiosa, pedindo e procurando que o seu parente ou amigo vá ou resida em tal ou tal lugar, não seria um fruto pequeno, tanto para eles como para nós.

Ven. Pe. ALONSO RODRÍGUEZ, *Ejercicio de Perfección y Virtudes Cristianas*, Administración del Apostolado de la Prensa, Madrid, 1930, t. II, pp. 561 a 595 / *Imprímase*: Dr. J. Francisco Morán, Vicario General, Madrid, 10-6-1930.

Índice

VOLUME II

A perfeita harmonia entre o I e o IV Mandamento nas vidas dos Santos, que amaram intensamente a seus parentes, mas acima de tudo amaram a Deus.

***Capítulo I* 7**

É no seio de famílias piedosas que a santidade costuma encontrar suas origens; em suas famílias alguns Santos permaneceram toda a vida, constituindo modelos de pais, mães, esposos e filhos; alguns outros Santos, mesmo depois de terem adotado um estado de vida mais perfeito, continuaram a encontrar num ambiente familiar particularmente fervoroso estímulo para seu progresso espiritual.

***Capítulo II* 31**

Assim como Nosso Senhor Jesus Cristo deixou sua Santa Mãe para realizar sua missão que Lhe confiara o Eterno Padre, também houve Santos que deixaram famílias, mesmo piedosas, para atenderem ao chamado de Deus.

***Capítulo III* 45**

Muitos Santos foram incompreendidos por seus próprios familiares, e até precisaram resistir heroicamente a pressões e maus tratos daqueles que procuravam afastá-los do cumprimento de sua vocação.

***Capítulo IV* 89**

Casos houve de pais e parentes de Santos que demonstraram espantosa dureza de coração, não hesitando por vezes ante as piores crueldades para desviá-los da Fé ou da vocação.

***Capítulo V* 111**

Alguns Santos, inclusive extremamente jovens, tiveram que fugir da casa paterna para realizarem sua vocação; e por vezes demonstrou Deus, através de milagres, quanto Lhe eram gratos esses heróicos e excepcionais sacrifícios.

***Capítulo VI* 137**

Não raras vezes o próprio Deus se incumbiu de afastar, por diversas formas, inclusive mortes repentinas, os obstáculos ao cumprimento de vocações especiais; ou demonstrou, com castigos espantosos, quanto Lhe desagradam os pais que procuram desviar os filhos da vocação.

<i>Capítulo VII</i>	149
Defendendo contra as incompreensões, ardis e pressões de seus familiares aqueles que se sentem chamados por Deus para a vida religiosa, os Santos os exortam a sacrificar corajosamente as afeições decorrentes dos laços do sangue.	
<i>Capítulo VIII</i>	163
Muitos Santos — especialmente Fundadores — foram incompreendidos, e até mesmo perseguidos, acusados de fanatismo, de sectarismo e de heterodoxia; tais oposições procediam, por vezes, dos círculos familiares de seus discípulos.	
<i>Capítulo IX</i>	195
Santos e religiosos de grande virtude levaram o amor de Deus e o desapego de seus parentes a ponto de se desinteressarem completamente dos assuntos temporais em que estavam envolvidas suas famílias.	
<i>Capítulo X</i>	207
Discernindo no amor desordenado aos parentes um obstáculo ao fervor e à perfeição espiritual, Santos houve que temeram especialmente o relacionamento próprio ou de seus discípulos, com as respectivas famílias.	
<i>Capítulo XI</i>	221
A exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo e de sua Santíssima Mãe, alguns Santos chegaram, por amor de Deus, a extremos heróicos e até desconcertantes, de desapego dos parentes.	
<i>Capítulo XII</i>	243
Inspirando-se no exemplo de Nosso Senhor, os Santos utilizaram, em certas circunstâncias, uma linguagem veemente, e por vezes até mesmo contundentes, para indicar que o amor de Deus tem precedência absoluta sobre o amor dos pais e parentes.	
<i>Capítulo XIII</i>	263
De que valem os exemplos dos Santos? Se nem todos são para ser estritamente imitados (muitos o são), todos servem para iluminar a nossa inteligência e acender em nós o amor da virtude e o desejo do Céu.	
<i>Exercício de Perfeição e Virtudes Cristãs</i>	273
Exercício de Perfeição e Virtudes Cristãs, do Padre Alonso Rodríguez SJ — Da afeição desordenada pelos parentes.	
<i>Capítulo I</i>	279
Como é importante para o Religioso fugir das visitas dos parentes e das idas à sua terra.	
<i>Capítulo II</i>	287
O Religioso há de evitar, o quanto possível, ser visitado por parentes, e ter comunicação por cartas.	
<i>Capítulo III</i>	291
Ainda que seja sob o pretexto de pregar, deve o Religioso fugir do trato com os parentes e das idas a sua terra.	
<i>Capítulo IV</i>	295
Deve especialmente o Religioso evitar muito o ocupar-se em negócios de parentes.	
<i>Capítulo V</i>	299
Em que se confirma o que foi dito com alguns exemplos.	
<i>Capítulo VI</i>	303
De outros males e danos que causa a afeição pelos parentes, e como Cristo Nosso Redentor nos ensinou a evitá-los.	
<i>Capítulo VII</i>	307
Como esta tentação costuma disfarçar-se não só sob a aparência de piedade, mas de obrigação, e o remédio para isto.	

Índice por Ementas

VOLUME II

Capítulo I

- 254. Numa família cristã, os primeiros germes da santidade.
- 255. Na origem da santidade, o papel incomparável de uma virtuosa mãe.
- 256. Mãe de um Santo, e esposa exemplar.
- 257. "Eu venci cem batalhas, mas fui vencido por Clotilde".
- 258. Um monarca santo, modelo de filho, de esposo e de pai cristão.
- 259. Um santo, abastado comerciante, que viveu feliz e fielmente com sua esposa.
- 260. Santa de sangue real, que amava ternamente os filhos e levava uma vida de perfeição com seu esposo.
- 261. Santa Isabel, Rainha de Portugal e perfeita mãe de família.
- 262. Levou o esposo a imitar a piedade de sua vida.
- 263. Durante quarenta anos, exemplo de todas as virtudes na união conjugal.
- 264. "Paz e felicidade reinavam naquela casa, onde três corações viviam unidos pelo amor de Deus".
- 265. Permaneceu sempre estreitamente afeiçoado à família, com uma ternura toda sobrenatural.
- 266. "Estou cumulado de uma terna e incomparável consolação, junto a minha boa mãe".
- 267. "Depois de Deus, eu o devo à minha mãe".
- 268. "Quando o filho nos assombrar com a grandeza de suas realizações, então nos lembraremos da mãe, a humilde camponesa de Becchi".
- 269. Sua terna devoção a Nossa Senhora era fruto dos conselhos e exemplos de sua virtuosa mãe.
- 270. "Como é atraente e comovedor o espetáculo do lar do Sr. e da Sra. Martin!"
- 271. "Quando penso em ti, meu pai, penso naturalmente em Deus".
- 272. "Casa de bênção era aquela".
- 273. "Aquele filho nunca lhe causara a mais leve mágoa".
- 274. No relacionamento com os familiares, resplandecia sua santidade.

Capítulo II

- 275. Tendo feito Jesus trinta anos, deixou sua mãe e a sua casa.
- 276. "Não mais A chamará de mãe em público, no meio dos prodígios, do poder e dos triunfos de sua palavra".
- 277. Deixando a seus pés até mesmo sua mãe, sobe à Cruz para cumprir seu Sacrifício.
- 278. O amor de Deus tem santas tiranias que desconcertam nossa débil fé.
- 279. Um amor que acaba com todos os outros quereres, mesmo os mais caros.
- 280. Tendo renunciado desde seus mais tenros anos à família, recebeu o cêntuplo e a vida eterna.
- 281. Só Deus lhe pôde dar a força sobre-humana para consumir o sacrifício.

- 282. “Tendo só cinco anos, resolveu deixar o pai e a mãe que a amavam ternamente”.
- 283. “Tivesse eu cem pais ou cem mães, teria partido”.
- 284. “Quando saí da casa de meu pai, o pesar era tal que não creio que seja maior quando morrer”.
- 285. “Se visse perto de mim a meu pai e a Deus, a quem seguiria?”
- 286. Deixou na solidão a seus filhos Francisco e Joana...
- 287. “Deus me chama hoje. Amanhã seria demasiado tarde!”
- 288. Apesar de a acompanhar em seu pranto, nada lhe disse que pudesse desviá-la de sua vocação.

Capítulo III

- 289. É preciso ter heroísmo para resistir à família e aos amigos.
- 290. “Poupai a velhice de vosso pai e a infância de vosso filho: sacrificai pela prosperidade dos Imperadores!”
- 291. Aos 12 anos, Santa Asela veste a túnica de pano grosseiro das virgens para significar aos pais sua resolução de entrega total a Cristo.
- 292. Durante vários dias foi assediada por seus parentes, mas permaneceu inabalável.
- 293. São Tomás de Aquino: um exemplo de heróica resistência!
- 294. O irmão da princesa Santa Joana de Portugal ameaçou arrancar-lhe o hábito se ela não cedesse.
- 295. Incompreendido por um amigo de família, Santo Inácio pede parecer de teólogos para justificar sua atitude.
- 296. Uma vitória difícil, alcançada com as armas da paciência e da oração, da generosidade no sacrifício e da energia da vontade.
- 297. Duras e terríveis foram as provas e investidas que sofreu.
- 298. “Os dois mais poderosos amores que possam existir — o amor de Deus e o amor de mãe — porfiavam em conquistar o coração da santa virgem”.
- 299. Diziam que suas faculdades mentais se tinham ressentido...
- 300. “Morra um de nós dois... Não quero ver-te mais!”
- 301. Um pai piedoso e até fervoroso, que entretanto não se mostrou à altura do sacrifício que Deus lhe pedia.
- 302. A obstinação paterna e a vontade do Santo ainda adolescente se enfrentam por longo tempo.
- 303. “Vai embora, já não és meu filho!”

Capítulo IV

- 304. Após tê-lo maltratado, o pai idólatra o expulsou de casa, impelindo-o assim ao martírio.
- 305. Entregou o filho ao governador para que lhe aplicasse os rigores da lei.
- 306. O pai herético mandou soldados matarem Santo Hermenegildo, os quais lhe abriram a cabeça a golpes de machado.
- 307. Só o pai permanecia impassível; lívido de cólera, toma as vestes e o dinheiro e sai sem proferir palavra.
- 308. Tão desapiedados tratos lhe infligiram, que pelo chão ficaram pedaços de roupa e punhados de cabelos.
- 309. Seduções capciosas, censuras, humilhações, privações de todo o gênero.
- 310. Os parentes de Santa Catarina de Siena não a julgavam de acordo com as normas de Deus, mas segundo seus próprios critérios.
- 311. “Teus cabelos hão de crescer e terás um marido, ainda que isto te custe a vida!”.

312. Princesa da Casa Real da França, desprezada e perseguida pelo Rei, seu pai.
313. "Hei de vos tirar pela força e vos meter em uma prisão em que não vejais nem sol nem lua em vossa vida".
314. "Se o demônio há de levar um de nós, leve antes a Vossa Mercê do que a mim".
315. Rixas, desprezos, pancadas e maus tratos choviam a cada passo sobre a inocente virgem, à qual nem as lágrimas defendiam dos furiosos ataques de sua iracunda mãe.
316. Quando a perseguição de que a tornavam objeto seus familiares impossibilitou sua permanência na casa paterna, se acolheu à hospitalidade de uma família amiga.
317. "Nas perseguições à inocente Religiosa não teve pouca parte sua própria mãe, cujo ódio diabólico e desnaturado só terminaria com a morte".

Capítulo V

318. Três fugas milagrosas.
319. "Se os pais de Clara houvessem tido qualquer indício do seu desígnio, teriam certamente procurado frustrá-lo".
320. "Arrastado para Deus por um primeiro movimento de vocação, João deixou a casa paterna, sem conhecimento dos pais", aos 8 anos de idade.
321. Numa manhã, cedinho, como outrora Francisco e Clara de Assis, deixa sua casa.
322. Fugir de casa custou-lhe dores de morte, mas obedeceu à voz do Senhor.
323. Em hábito de peregrino, com rosário à cintura, um bordão nas mãos, só e a pé, empreendeu a fuga.
324. Fugiu, mas as irmãs correram-lhe atrás, a soluçar e a chamá-lo pelo nome.
325. Futuro grande propagador da devoção ao Sagrado Coração de Jesus e da comunhão diária, autor de profecias e milagres, teve que abandonar furtivamente a casa paterna aos 16 anos.
326. Com o coração transido de dor, mas com a alma em festa, São Vicente Strambi abandona a família.
327. É Youssef que vai para onde Deus o chama.
328. "É chegada a hora de ir-me embora, logo nos juntaremos no Céu, com minha querida mãe".

Capítulo VI

329. "A desgraçada mulher expiou com uma morte prematura sua tardia penitência".
330. Cai o ousado interlocutor sem vida aos pés da donzela.
331. Logo se tornou a fingida viúva em viúva verdadeira.
332. "Crês que sou mais poderosa que tua mãe?"
333. E imediatamente abandonando o pai e todas as suas coisas, correu a entrar na Ordem.
334. Tinha a certeza de que o Senhor levaria deste mundo todos os possíveis noivos, ou a levaria a ela.
335. A mãe acabou miseravelmente a vida corroída por um câncer que lhe foi consumindo as carnes.
336. A bondade divina rompeu por fim aqueles laços que o mantinham aprisionado.
337. Ouviu finalmente o Senhor a voz de seu servo, e o livrou de toda a dificuldade.
338. "Tirei um filho a Deus, e Deus tira um filho a mim!"
339. Um dia, durante uma violenta disputa, o filho matou o pai, e foi condenado à força.
340. "Já conheço, Senhor, que não é tua vontade que eu detenha minha filha".

Capítulo VII

341. Em todos os tempos a vida monástica teve seus detratores, e sempre houve pais que se opuseram obstinadamente à vocação dos filhos.
342. O auge da piedade, em certos casos, consiste em desprezar a mãe por amor de Deus.
343. “Não vos considero como meus pais, mas como meus inimigos”.
344. “Vós que fostes chamado por Deus, como seguis agora o chamado do diabo?”
345. “Se vós me amais, certamente vos alegrareis porque vou ao pai”.
346. “Foge de teus irmãos se queres encontrar a salvação”.
347. “Se alcanças a vitória no ataque do amor paterno, não haverá amor capaz de fazer-te voltar atrás”.
348. “Teus pais poderão negar-te o dote; mas tens um Esposo que te cumulará de riquezas”.
349. Libertara-se das imposições da família como lhe aconselhara Santa Catarina.
350. Uma vocação miseravelmente perdida pela investida da família, com apoio do Cardeal Caraffa.
351. “Não vos oponhais aos designios de Deus sobre vossa filha”.
352. “Vossa filha já não é vossa, é de Deus”.
353. Para obrigar seus filhos a abandonar o Convento de Santo Afonso, pais recorriam à autoridade dos Bispos e até do Soberano.
354. Com santa tenacidade, Afonso reivindicava os filhos que Deus destinava à sua família religiosa.
355. “O Senhor escolheu vosso filho para dele fazer um grande Santo”.

Capítulo VIII

356. Os próprios parentes do Divino Salvador consideravam que Ele tinha perdido o juízo!
357. Os parentes de Nosso Senhor se recusaram a crer em sua divindade e O julgaram doido porque ninguém é profeta para os membros de sua família.
358. “Todos os que querem viver piamente em Jesus Cristo, padecerão perseguição”.
359. Contra Santo Ambrósio, por causa das campanhas que fazia em prol da pureza, se desencadearam furiosos ataques dos inimigos da virgindade.
360. “Mostraram-se contrários ao projeto de Francisco, visto como inovação e, portanto, inadmissível”.
361. Amigos e parentes de três discípulos de Santo Inácio acusavam-no de perverter a juventude e exercer sobre ela uma influência que só podia ter origem na magia.
362. Os Exercícios Espirituais, o estilo de vida e o conteúdo de sua pregação eram objeto de suspeita.
363. As ruas fervilhavam de rapazes e moças entregues ao vício, mas era com aquelas pobres freiras que a cidade se preocupava.
364. Acusaram São Filipe Néri de fomentar uma seita e de criar conventículos cuja independência expunha à heresia.
365. “É natural que contra ela se levantem certos progenitores a quem sua obra transtorna os desejos infames.
366. Os ímpios o tomavam como diabólico, chamando-o de Anticristo; os mundanos consideravam-no extravagante, e os bons tinham-no como esquisito e fora do comum.
367. Que Santo não foi acusado de singularidade?
368. O Santo desconcerta e às vezes escandaliza o homem comum.
369. “Não sei se se conhecem na história de outras fundações, perseguições e dificuldades semelhantes”.

- 370. Homem perigoso, cujo banimento era exigido pela tranqüilidade pública.
- 371. Livro cheio de fanatismo, que transtorna o cérebro.
- 372. Oposições ao Santo Fundador até na própria Hierarchy católica.
- 373. "Eminência, passei tempos difíceis, tempos difíceis..."
- 374. Tudo o que é grande pelo gênio ou pela santidade, começa por escandalizar os que vivem na mediocridade.
- 375. Os fundadores de ordens religiosas serão uma série de fanáticos? O que é fanatismo?

Capítulo IX

- 376. Jesus Cristo viveu separado dos negócios e absolutamente livre das exigências da família.
- 377. Uma carta que tenha passado diante dos olhos pode pegar-nos fogo para muitos anos...
- 378. Tomou as cartas vindas de sua terra natal, deitou-as ao fogo sem as abrir e voltou à sua oração.
- 379. Não se preocupava em nada com os negócios de seus parentes.
- 380. Desinteressado pelo pleito de um filho.
- 381. "Não vos conheço, porque os Papas não tem filhos".
- 382. Era intransigente para com as pretensões ambiciosas de seus parentes.
- 383. "Não quero fazer-me de Sacerdote mercante".
- 384. Gastava milhões para sustentar províncias inteiras, e não empregava um escudo sequer em favor de seus parentes necessitados.
- 385. Nunca quis ocupar-se dos bens da família.
- 386. "Eu morri desde o instante em que deixei Biqa Kafra".

Capítulo X

- 387. Deixou o mosteiro porque as freqüentes visitas de parentes e amigos o perturbavam.
- 388. Ter gasto rendas eclesiásticas para enobrecer sua família: uma das causas do Purgatório de Inocêncio III.
- 389. Os demônios trazem à memória os amigos e parentes.
- 390. "Ah! se soubésseis os trabalhos que tenho com todos estes parentes"...
- 391. Desapegado dos parentes e pouco solícito por eles.
- 392. Não se teria hospedado em casa da mãe se os superiores não lho tivessem ordenado.
- 393. "Afinal Deus teve piedade de mim e tirou-me essa ternura excessiva pelos meus parentes".
- 394. Viu seu confessor padecer no purgatório devido ao excesso de solicitude pelos parentes.
- 395. Durante quarenta anos não quis ver seus parentes.
- 396. Um mês de férias na família basta para fazer perder tudo o que foi ganho num ano de formação.
- 397. Para que suas palavras fossem mais eficazes, ele mesmo dava o exemplo.
- 398. São Domingos Sávio temia passar as férias em casa de seus pais.
- 399. "Em casa existem os perigos do tempo passado".
- 400. O afeto à mãe induziu-o a demorar-se em casa alguns dias além do prazo, o que lhe acarretou ser repreendido por São João Bosco.

Capítulo XI

401. À Sua Santíssima Mãe, o Senhor cumulou de padecimentos, porque A queria exemplo de perfeição para nós.
402. Para impedir a morte de seu amado Filho, nada fez a Santíssima Virgem, e Ela mesma tê-Lo-ia crucificado se faltassem algozes.
403. Três casos de desapego em relação à família.
404. Tapou os ouvidos com estopa para não ouvir as conversas de parentes e conhecidos.
405. "Ainda que lá viesse meu pai eu seria contra ele".
406. "Entrar na casa de meus pais, seria entrar de novo num mundo que eu abandonei para sempre".
407. "Não é para Xavier que Deus me chama, é para as Índias".
408. Recebeu a notícia da morte do pai como se não lhe dissesse respeito.
409. E com os olhos voltados para o céu, passou sobre o corpo de seu filho.
410. Doente, não permitiu que sua venerável avó entrasse em sua cela, atendendo-a no locutório.
411. "Considerai-me como morto; repito: considerai-me como morto".
412. No dia de sua profissão religiosa, falou com a mãe através de uma janela alta de três metros, sem vê-la e sem ser visto.

Capítulo XII

413. "Vim separar o filho do seu pai, e a filha de sua mãe".
414. "Todo o que deixar a casa, ou os irmãos, ou o pai, ou a mãe, por causa do meu nome, receberá o centuplo e terá a vida eterna".
415. "Deixa que os mortos sepultem os seus mortos".
416. "Eu vim trazer fogo à terra, e que quero eu senão que ele se acenda?"
417. "Não vim trazer a paz, mas a guerra".
418. "Que tens tu coMigo, mulher?"
419. "Calca aos pés teu pai, e, com os olhos secos, voa para o estandarte da cruz".
420. "Pais cruéis e ímpios que procuram arrastar-me outra vez ao século como um cão ao seu vômito e um porco ao seu atoleiro".
421. "Semelhante a um cão que volta a comer o que vomitou".
422. "Ousastes desviar do serviço de Deus um novo soldado de Cristo — Por vosso coração impenitente, acumulais para vós tesouros de cólera".
423. "O que dizer da malícia de um tio, que das hostes de Cristo arranca seus sobrinhos, para arrastá-los com ele ao inferno?"
424. "Vai-te, Frei Mosca".
425. Linguagem de impressionante rudeza de um Santo em relação a seus próprios pais e parentes mortos.
426. "Oh! pais bárbaros e ímpios!"
427. "Desgraçados pais e desgraçados filhos! A quantos não veremos no vale de Josafá, condenados por motivo de vocação".
428. É nocivo e pestilencial, para o Religioso, o ar da casa paterna.
429. "Vossos filhos se levantarão contra vós, que fostes seus tentadores e corruptores".
430. "Jesus Cristo quer para o Céu homens violentos, sem misericórdia, escaladores, capazes de tudo".
431. Não serão exageradas as afirmações de Nosso Senhor e dos Santos aqui mencionadas? — "Mas que é o amor senão exagero? O amor deve exagerar!"

Capítulo XIII

432. “Quando lê o Martirológio, a Igreja cita em ordem do dia os heróis da milícia de Cristo”.
433. Incluindo com insistência, no Breviário Romano, ditos e passagens das vidas dos Santos, a Igreja pretende traçar um quadro que os apresente como um certo tipo de alta virtude.
434. Mais do que as dissertações, são os exemplos que acendem nos corações o desejo do Céu.
435. “Com esta leitura concentro a devoção, da qual passo mais facilmente para a especulação”.
436. Quem não quiser errar no caminho do Céu deve fixar os olhos nas vidas dos Santos.
437. As vidas dos Santos mostram o caminho do Paraíso com muito mais eficácia do que os livros e as palavras.
438. Se não existissem os preceitos divinos, os exemplos dos Santos bastariam para tomar o lugar da lei.
439. A conduta dos Santos basta por si só para orientar com critério seguro nossos passos.
440. Há exemplos proporcionados a cada idade, a cada sexo, a cada estado, a cada via de perfeição e a cada chamado particular.
441. “Não há estado de vida cristã para o qual não se possa encontrar, nas vidas dos Santos, consolação, encorajamento, luz”.
442. “Verba movent, exempla trahunt” — “As palavras movem, o exemplo arrasta”.
443. Por que a Igreja celebra ininterruptamente a memória dos Santos? Para nos excitar a imitá-los.

Índice onomástico

Adolphe-Alfred TANQUEREY (1854-1932), nascido na França. Professor de Teologia Dogmática e Moral. Vide fichas números: 44 — 56 — 165 — 186 — 235 — 442

Adriano VI, Papa (1522-1523). V.: Prefácio — 219

Santo Afonso Maria de Ligório (1696-1787), n. Itália. Fundador dos Redentoristas, Bispo, Doutor da Igreja, Padroeiro dos Confessores e moralistas. V.: 19 — 35 — 36 — 47 — 59 — 62 — 108 — 110 — 120 — 124 — 128 — 129 — 136 — 152 — 158 — 165 — 173 — 176 — 177 — 178 — 185 — 256 — 300 — 318 — 324 — 338 — 339 — 353 — 354 — 372 — 395 — 396 — 401 — 402 — 427 — 428 — 443

Santo Agostinho (354-430), n. Numídia (hoje Argélia). Bispo de Hipona, Confessor e Doutor da Igreja. V.: 120 — 131 — 140 — 185 — 220 — 255 — 256 — 377 — 436 — 443

Venerável Alonso Rodríguez, SJ (1538-1616), n. Espanha. Célebre escritor ascético. V.: 52 — 126 — 142 — Apêndice

Santo Ambrósio (340-397), n. Augusta Tureorum (hoje Treves — França). Bispo de

Milão, Confessor e Doutor da Igreja. V.: 120 — 145 — 148 — 167 — 185 — 330 — 347 — 348 — 359

Beata Ana Maria Taigi (1769-1837), n. Itália. Mãe de família, pertenceu à Ordem Terceira Trinitária. V.: 206

Santo Antão do deserto (250-355), n. Alto-Egito. Abade, Pai do monaquismo. V.: 177 — 185 — 311 — 403 — 436 — Apêndice
Pe. Alonso Rodríguez

Antonio BALLERINI, SJ (1805-1881), n. Itália. Professor de História Eclesiástica e Teologia Moral na Universidade Gregoriana (Roma). V.: 21 — 36

Antonio LANZA (1905-1950), n. Itália. Arcebispo de Reggio-Calabria, Professor de Teologia Moral. V.: 17 — 41 — 105

Santo Antonio Maria Claret (1807-1870), n. Espanha. Fundador dos Missionários Filhos do Coração Imaculado de Maria (Claretianos), Arcebispo de Santiago de Cuba. V.: 144 — 187 — 275

Antonio PEINADOR Navarro, CMF (1904-1978), n. Espanha. Doutor em Sagrada Escritura, Professor de Teologia Moral. V.: 39 — 60 — 102 — 118

Santo Antonio de Pádua (ou de Lisboa) (1195-1231), n. Portugal. Franciscano, Confessor e Doutor da Igreja. V.: 387

Antonio ROYO MARIN, OP (* 1913), n. Espanha. Professor de Teologia Dogmática, Mística, Moral e de Espiritualidade em San Esteban de Salamanca, autor de inúmeras obras de teologia e grande pregador. V.: 22 — 23 — 51 — 63 — 99

Armando BANDERA, OP (* 1920), n. Espanha. Professor de Teologia. V.: 153 — 221

Arthur VERMEERSCH, SJ (1858-1936), n. Bélgica. Doutor em Teologia e Direito Canônico, Professor de Teologia Moral. V.: 61

Arturo ALONSO LOBO, OP (1921-1983), n. Espanha. Eminent canonista, Professor na Universidade Santo Tomás de Roma, na Faculdade San Esteban e na Universidade Pontifícia de Salamanca. Co-autor dos conhecidos Comentários ao Código de Direito Canônico, publicados pela BAC. V.: 229 — 245 — 253

Santa Asela (séc. IV). Virgem. V.: 291

Santo Atanásio (295-373), n. Alexandria. Bispo, Confessor e Doutor da Igreja. V.: 436

August LEHMKUHL, SJ (1834-1918), n. Alemanha. Professor de Sagrada Escritura e Teologia Moral. V.: 102 — 119 — 123

São Basílio Magno (329-379), n. Capadócia (Ásia Menor). Bispo de Cesaréia, Confessor e Doutor da Igreja. Com Santo Atanásio, São Gregório Nazianzeno e São João Crisóstomo forma o grupo dos quatro grandes Doutores da Igreja do Oriente. V.: 172 — 177 — 185 — 188 — 443 — Apêndice Pe. Alonso Rodríguez

São Beda o Venerável (673-735), n. Inglaterra. Presbítero, Confessor e Doutor da Igreja. V.: 184 — 436

São Bento (480-547), n. Núrsia (Itália). Abade, Patriarca do monaquismo ocidental. V.: 131 — 190 — 311

São Bernardino de Sena (1380-1444), n. Itália. Religioso franciscano, Confessor. V.: 425

São Bernardo de Claraval (1090-1153), n. França. Fundador e Abade do Mosteiro de Claraval, pregador da Segunda Cruzada, Doutor da Igreja. V.: 120 — 129 — 163 — 165 — 177 — 180 — 281 — 339 — 341 — 342 — 343 — 344 — 345 — 346 — 404 — 418 — 420 — 421 — 422 — 423 — 426 — 427 — 436 — 443 — Apêndice Pe. Alonso Rodríguez

São Bernardo Tolomeu (1272-1348), n. Itália. Abade, Fundador da Congregação dos Olivetanos. V.: 311

São Boaventura (1221-1274), n. Itália. Ministro Geral da Ordem Franciscana, Cardeal, Confessor e Doutor da Igreja. V.: 185 — 311 — 317

São Bonifácio (680-775), n. Inglaterra. Bispo de Mongúcia, Mártir e Apóstolo dos germanos. V.: 280

Santa Brígida (1303-1373), n. Suécia. Viúva. V.: 262

São Bruno (1035-1101), n. Alemanha. Confessor, Fundador da Ordem dos Cartuxos. V.: 191

São Carlos Borromeu (1538-1584), n. Itália. Cardeal, Bispo de Milão e Confessor. V.: 176 — 177

Madre Catalina de Jesús Herrera (1717-1795), n. Equador. Religiosa dominicana falecida em odor de santidade no Convento de Santa Catarina de Quito. V.: 340

Santa Catarina de Sena (1347-1380), n. Itália. Virgem, da Ordem Terceira de São Domingos. V.: 169 — 204 — 205 — 236 — 309 — 310 — 311 — 349

São Charbel Maklouf (1828-1898), n. Líbano. Monge maronita. V.: 327 — 386 — 412

São Cipriano (+ 258), de origem africana. Bispo de Cartago e Mártir. V.: 152

São Cirilo (séc. III), n. Cesaréia (hoje Turquia). Mártir. V.: 304

São Cirilo de Alexandria (séc V). Confessor, Doutor da Igreja e exímio defensor da Fé católica. V.: 128 — 129 — 130 — 131 — 184

Santa Clara de Assis (1193-1253), n. Itália. Virgem e primeira das Donas Pobres da Ordem dos Menores. V.: 292 — 308 — 319 — 321

D. Cláudio López Bru (1853-1925), n. Espanha. Marquês de Comillas e pai de família. V.: 272

Clemente IV, Papa (1265-1268) n. França. V.: 381

Clément MARC, CSSR (1831-1887), n. França. Professor de Teologia Moral e canonista. V.: 123 — 124 — 152

São Clemente Maria Hofbauer (1751-1820), n. Áustria. Sacerdote redentorista. Professor. V.: 370

Santa Clotilde (475-545), n. França. Rainha, por cujas orações seu marido Clóvis, Rei dos Francos, aceitou a Fé cristã. V.: 257

D. Columba Marmion (+ 1923), n. Irlanda. Famoso abade beneditino de Maredsous (Bélgica). V.: 169

Bem-aventurado Contardo Ferrini (1859-1902), n. Itália. Leigo e professor universitário. V.: 273

Cornélio Alápide, SJ (1567-1637), n. Bélgica. Famoso exegeta. V.: 170 — 426 — 438

Cornélio DAMEN, CSSR (1881-1953), n. Holanda. Doutor em Direito Canônico e Professor de Teologia Moral. V.: 38 — 72 — 75 — 89 — 106 — 134

Madre Dolores do Patrocínio (1811-1891), n. Espanha. Religiosa concepcionista, mística. V.: 317

Domenico PALMIERI, SJ (1829-1909), n. Itália. Professor de Filosofia, Teologia e Sagrada Escritura. V.: 21 — 36

Domingo BÁÑEZ, OP (1528-1604), n. Espanha. Confessor de Santa Teresa de Ávila, Professor de Teologia em Salamanca e um dos teólogos de maior prestígio de seu século. V.: 363

São Domingos de Gusmão (1170-1221), n. Espanha. Fundador da Ordem dos Pregadores (Dominicanos). V.: 194

São Domingos Sávio (1842-1857), n. Itália. Aluno de São João Bosco. V.: 398

Dominikus PRÜMMER, OP (1885-1931), n. Kalterherberg. Professor de Teologia Moral. V.: 100

Edouard GENICOT, SJ (1856-1900), n. Bélgica. Professor de Teologia Moral. V.: 37 — 50 — 57

Santo Efrêm (+ 373), n. Mesopotâmia. Diácono de Edessa, Confessor e Doutor da Igreja. V.: Apêndice Pe. Alonso Rodríguez

Bem-aventurado Enrique de Ossó (1840-1896), n. Espanha. Fundador da Companhia de Santa Teresa de Jesus. V.: 328

Santo Epifânio (310-403), n. Chipre. Bispo. Assinalou-se pela vasta erudição e profundo conhecimento das Sagradas Escrituras. V.: 438

Santo Estanislau Kostka (1550-1568), n. Polônia. Noviço da Companhia de Jesus, Confessor. V.: 64 — 313 — 318 — 323

Santo Estêvão (+ 35). Protomártir. V.: 220

Santo Estêvão (+ 1038). Rei da Hungria, Confessor, promoveu a conversão dos húngaros à Fé de Cristo. V.: 210

Bem-aventurado Estêvão Maconi (1350-1424), n. Itália. Superior Geral da Ordem dos Cartuxos, discípulo de Santa Catarina de Sena. V.: 349

Santa Eustóquia (+ 419), n. Itália. Virgem, filha de Santa Paula. V.: 179 — 329

Santa Felicidade (+ 203), n. Cartago (norte de África). Mártir. V.: 290

Félix SARDÁ Y SALVANI (1841-1916), n. Espanha. Sacerdote, catequista, escritor e polemista. V.: 201 — 220

São Fernando de Castela (+ 1252), n. Espanha. Rei de Castela e Aragão. Consagrou sua vida à luta contra as heresias e contra a dominação moura. V.: 258

São Filipe Néri (1515-1595), n. Itália. Fundador da Congregação do Oratório. V.: 129 — 318 — 364 — 372

Santa Francisca Romana (1384-1440), n. Itália. Viúva, célebre pela nobreza de sangue, santidade de vida e o dom de milagres. V.: 263

São Francisco de Assis (1181-1226), n. Itália. Fundador da Ordem dos Frades Menores (Franciscanos). V.: 64 — 200 — 201 — 202 — 203 — 264 — 307 — 308 — 311 — 316 — 319 — 321 — 360 — 424 — Apêndice Pe. Alonso Rodríguez

São Francisco de Borja (1510-1572), n. Espanha. Duque de Gândia, ingressou na Companhia de Jesus da qual foi terceiro Geral. V.: 177 — 380 — Apêndice Pe. Alonso Rodríguez

São Francisco de Paula (1416-1507), n. Itália. Fundou a Ordem dos Mínimos. V.: 264

São Francisco de Sales (1567-1622), n. França. Bispo de Genebra e Doutor da Igreja. V.: 20 — 117 — 265 — 266 — 409 — 443

Francisco SUAREZ, SJ (1548-1617), n. Espanha. Célebre teólogo. V.: 165 — 238 — 253

São Francisco Xavier, SJ (1506-1552), n. Espanha. Discípulo de Santo Inácio de Loyola, Apóstolo das Índias. V.: 129 — 177 — 318 — 361 — 407 — Apêndice Pe. Alonso Rodríguez

São Frutuoso (+ 665). Arcebispo de Braga e fundador de mosteiros. V.: 189

Santa Gema Galgani (1878-1903), n. Itália. Virgem. V.: 274

Santa Gertrudes, a Grande (1256-1301), n. Alemanha. Religiosa da Ordem de São Bento, célebre pelas revelações do Sagrado Coração de Jesus. V.: 282

São Gregório Magno, Papa (590-604), n. Itália. Doutor da Igreja. V.: 131 — 146 — 147 — 163 — 177 — 185 — 255 — 434 — 436 — 443 — Apêndice Pe. Alonso Rodríguez

Gregório XIII, Papa (1572-1585). n. Itália V.: 432

Santa Hedvigis (1174-1243), n. Polônia. Duquesa, dedicou-se ao serviço dos pobres. V.: 260

Santo Henrique I (972-1024). Imperador da Alemanha, Confessor, guardou perpétua virgindade com sua esposa, Santa Cunegundes. V.: 210

Santo Hermenegildo (séc. VI), n. Espanha. Mártir. Filho primogênito de Leovigildo, Rei (ariano) dos Visigodos. V.: 64 — 306

Hieronymus NOLDIN (1838-1922), n. Salorno. Professor de Filosofia, Teologia Moral e Pastoral. V.: 102 — 133

Santo Hilário de Poitiers (320-368). Bispo, Confessor e Doutor da Igreja. V.: 131

Santo Homobono (+ 1197), n. Itália. Pai de família, filho de abastado comerciante de Cremona. V.: 259

Santo Inácio de Loyola (1491-1556), n. Espanha. Fundador da Companhia de Jesus. V.: 177 — 295 — 350 — 361 — 362 — 378 — 379 — 406 — Apêndice Pe. Alonso Rodríguez

Santa Inês de Assis (1198-1252), n. Itália. Irmã de Santa Clara de Assis e primeira Abadessa de Monticelli de Florença. V.: 308

Inocêncio III, Papa (1198-1216), n. Itália. V.: 388

Santa Isabel de Portugal (1271-1336), n. Espanha. Rainha de Portugal. V.: 261

Santo Isidoro de Sevilha (+ 636), n. Espanha. Bispo, Confessor e Doutor da Igreja. V.: 438 — Apêndice Pe. Alonso Rodríguez

Jaime BALMES (1810-1848), n. Espanha. Sacerdote. Filósofo, grande apologista do Catolicismo. V.: 375

Jean Pierre GURY, SJ (1801-1886), n. França. Professor de Teologia Moral. V.: 21 — 36 — 48 — 62 — 135

São Jerônimo (342-420), n. Dalmácia. Eremita do deserto e Doutor da Igreja. V.: 20 — 29 — 120 — 126 — 131 — 139 — 142 — 173 — 177 — 179 — 185 — 220 — 278 — 291 — 322 — 329 — 345 — 419 — 436 — Apêndice do Pe. Alonso Rodríguez

Santa Joana Antida Thouret (1765-1826), n. França. Virgem, fundadora do Instituto das Irmãs de Caridade. V.: 372

Santa Joana de Chantal (1572-1641), n. França. Viúva, fundadora da Ordem da Visitação. V.: 266 — 409

Santa Joana D'Arc (1412-1431), n. França. Virgem, padroeira secundária da França. V.: 283

Santa Joana de Lestonnac (1566-1640), n. França. Fundadora da Companhia de Maria. V.: 286

Santa Joana de Portugal (1452-1490), n. Portugal. Irmã do Rei D. João II. V.: 294 — 334

Santa Joana de Valois (1464-1505), n. França. Rainha de França, fundou a Ordem da Anunciação. V.: 312

D. João Batista Chautard (1858-1935), n. França. Abade trapista de Sept-Fons. V.: 303

João XXIII, Papa (1958-1963). V.: 10 — 14 — 212 — 223 — 224

São João Batista Maria Vianney, Cura d'Ars (1786-1859), n. França. Sacerdote, padroeiro dos Párocos. V.: 255 — 267

São João Batista de la Salle (1651-1719), n. França. Fundador do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs. Padroeiro dos mestres da infância e adolescência. V.: 196 — 299 — 372 — 410

São João Berchmans (1599-1621), n. Bélgica. Jesuíta. V.: 285

São João Bosco (1815-1888), n. Itália. Fundador dos Salesianos. V.: 109 — 116 — 127 — 132 — 157 — 268 — 371 — 372 — 373 — 398 — 399 — 400

São João Calibita (séc. V). Viveu algum tempo num canto da casa paterna, e depois numa cabana, sem se dar a conhecer aos próprios pais. Na hora da morte, foi por eles reconhecido, e começou a resplandecer com milagres. V.: 320

São João Cassiano (360-433), n. Dobrudja (atual Romênia). Presbítero, Confessor. V.: 377

São João Clímaco (séc. VII). Monge de grande erudição, que se tornou Abade de

um mosteiro do Monte Sinai. V.: 177

São João Crisóstomo (344-407), n. Antioquia. Patriarca de Constantinopla, um dos quatro Doutores da Igreja Grega. V.: 96 — 108 — 120 — 131

São João da Cruz (1542-1591), n. Espanha. Reformador do Carmelo, Doutor da Igreja. V.: 174

São João de Deus (1495-1550), n. Portugal. Fundador da Ordem dos Irmãos Hospitaleiros e Padroeiro dos hospitais, doentes, enfermeiros e suas associações católicas. V.: 320

João Paulo I, Papa (26.8.1978 - 28.9.1978), V.: 29

João Paulo II, Papa (16.10.1978). V.: 30 — 65 — 78 — 79 — 80 — 81 — 82 — 85 — 95 — 214 — 215 — 218 — 227

Bem-aventurado José de Anchieta, SJ (1534-1591), n. Espanha (Canárias). Missionário, Apóstolo do Brasil. V.: 391

São José Benedito Cottolengo (1786-1842), n. Itália. Confessor, Fundador da "Pequena Casa da Divina Providência". V.: 385 — 397

São José de Calasanz (1556-1648), n. Espanha. Presbítero, Confessor, fundador da Ordem dos Pobres Clérigos Regrantes da Mãe de Deus e das Escolas Pias, Padroeiro das escolas cristãs populares. V.: 177

José XIFRÉ, CMF (1817-1899), n. Espanha. Superior Geral do Instituto dos Missionários Filhos do Coração de Maria. V.: 111 — 123 — 136 — 173 — 198

Josef AERTNYS, CSSR (1828-1915), n. Holanda. Professor de Teologia Moral. V.: 38 — 106 — 134

Joseph RATZINGER (* 1927), n. Alemanha. Cardeal, Prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé. V.: 43

Joseph SALSMANS, SJ (1873-1944), n. França. Professor de Teologia Moral. V.: 37 — 50 — 57

Juan Bautista FERRERES, SJ (1861-1936), n. Espanha. Canonista. V.: 48 — 62 — 135

Leão XIII, Papa (1878-1903). V.: 1 — 2 — 11 — 12 — 32 — 55 — 93 — 94 — 200 — 202 — 207 — 229

São Leonardo de Porto Maurício (1676-1751), n. Itália. Franciscano, Confessor, Padroeiro dos pregadores de missões populares entre católicos. V.: 369

Louis Martin (1823-1892), n. França. Pai de Santa Teresinha do Menino Jesus. V.: 270 — 271 — 288

São Luís IX (1214-1270), n. França. Rei de França. V.: 210

São Luís Bertrand (1526-1581), n. Espanha. Dominicano, Confessor. V.: 129 — 318

São Luís Gonzaga (1568-1591), n. Itália. Príncipe da estirpe dos Gonzaga, noviço jesuíta, Padroeiro da juventude cristã. V.: 64 — 296 — 392 — 408

São Luís Maria Grignon de Montfort (1673-1716), n. França. Fundador da Companhia de Maria e das Filhas da Sabedoria. V.: 197 — 351 — 352 — 366 — 367 — 411

Santa Lutgarda (+ 1246), n. França. Virgem. V.: 388

São Malaquias (1095-1148), n. Irlanda. Arcebispo de Armagh, Primaz da Irlanda. V.: 436

Marcelino CABREROS DE ANTA, CMF (* 1901), n. Espanha. Doutor em Direito Canônico e Civil, Professor na Universidade de Salamanca, escritor. V.: 156

Marcelino ZALBA, SJ (* 1908), n. Espanha. Doutor em Filosofia e Teologia, Professor de Teologia Moral. V.: 49 — 103

Santa Margarida Maria Alacoque (1647-1690), n. França. Religiosa Visitandina, recebeu as revelações do Sagrado Coração de Jesus. V.: 298

Margarida Occhiena (Mamma Margarita) (1780-1856), n. Itália. Mãe de São João Bosco. V.: 268

Santa Maria Francisca das Cinco Chagas (1715-1791), n. Itália. Virgem, da Ordem

Terceira de São Francisco. V.: 316

Santa Maria Goretti (1890-1902), n. Itália. Piedosíssima menina, cruelmente assassinada, ao defender sua virgindade. O Papa Pio XII inscreveu-a solenemente no catálogo das Santas Mártires. V.: 85

Santa Maria Madalena de Pazzi (1566-1607), n. Itália. Virgem, da Ordem das Carmelitas. V.: 178 — 335

São Miguel Febres Cordero (1854-1910), n. Equador. Lassalista, recentemente canonizado. V.: 302

Miguel Magone (1845-1859), n. Itália. Aluno de São João Bosco. V.: 399

Santa Mônica (332-387), n. Tagaste (hoje Argélia). Mãe de Santo Agostinho. V.: 256

São Nilo de Constantinopla (séc. V). Alto dignatário da corte Bizantina. V.: 279

Bem-aventurado Nun' Álvares Pereira (1360-1431), n. Portugal. Condestável de Portugal. V.: 405

Bem-aventurada Oringa de Valdarno (1237-1310), n. Itália. Religiosa. V.: 318

Dom Orione (1872-1940), n. Itália. Fundador da Pequena Obra da Divina Providência e aluno de São João Bosco. V.: 400

São Pacômio (+ 348), n. Egito. Abade que construiu muitos mosteiros naquela região, e escreveu uma Regra monástica, sob inspiração de um Anjo. V.: 177 — 178 — Apêndice do Pe. Alonso Rodríguez

Santa Paula Romana (347-404), n. Itália. Viúva, oriunda de nobilíssima família de senadores. V.: 179 — 278

Paulo VI, Papa (1963-1978). V.: 15 — 28 — 86 — 88 — 216 — 217 — 226 — 228 — 236

São Paulo da Cruz (1694-1775), n. Itália. Fundador dos Passionistas. V.: 337 — 355 — 369

São Pedro de Alcântara (1499-1562), n. Espanha. Franciscano, diretor espiritual de Santa Teresa de Jesus. V.: 318 — 321

São Pedro Canísio (1520-1597), n. Holanda. Sacerdote da Companhia de Jesus, Confessor e Doutor da Igreja. V.: 323

Bem-aventurado Pedro Fabro, SJ (séc. XVI), n. Villareto, Diocese de Genebra (hoje França). Religioso da Companhia de Jesus. V.: Apêndice do Pe. Alonso Rodríguez

Pedro GASPARRI (1852-1934), n. Itália. Cardeal. Doutor em Filosofia, Teologia e Direito Canônico, Secretário de Estado de Bento XV e Pio XI. V.: 46 — 55

São Pedro Julião Eymard (1811-1868), n. França. Fundador dos Sacramentinos. V.: 149 — 164 — 276 — 287 — 301 — 309 — 430 — 431

Pedro de Ribadeneyra, SJ (1526-1611), n. Espanha. Escritor ascético e religioso jesuíta. V.: 378 — 379 — Apêndice do Pe. Alonso Rodríguez

São Pemenes (+451), n. Egito. Monge e Abade. V.: Apêndice do Pe. Alonso Rodríguez

Santa Perpétua (+203), Mártir. V.: 64 — 290

Pietro PALAZZINI (*1912), n. Itália. Cardeal, Prefeito da Sagrada Congregação para a Canonização dos Santos, Doutor em Teologia, Direito Canônico e Direito Civil, Professor de Teologia Moral. V.: 17 — 41 — 68 — 77 — 84 — 105

Pietro SCAVINI (1791-1869), n. Itália. Teólogo Moralista. V.: 40 — 101

São Pio X, Papa (1903-1914). V.: 208 — 209 — 221 — 241 — 251 — 370

Pio XI, Papa (1922-1939). V.: 3 — 4 — 13 — 24 — 25 — 26 — 53 — 94 — 114 — 115 — 126 — 133 — 142 — 165 — 200 — 203 — 254

Pio XII, Papa (1939-1958). V.: 5 — 6 — 7 — 8 — 9 — 18 — 27 — 92 — 94 — 98 — 158 — 161 — 210 — 211 — 222 — 224 — 229 — 230 — 231 — 232 — 234 — 237 — 239 — 240 — 242 — 243 — 244 — 245 — 248 — 249 — 251

São Pompílio Maria Pirotti (1710-1766), n. Itália. Confessor, da Ordem dos Clérigos

Pobres da Mãe de Deus das Escolas Pias. V.: 325

Santa Pulquéria (399-453), Imperatriz, virgem. V.: 210

Bem-aventurado Raimundo de Cápua (1330-1399), n. Itália. Confessor de Santa Catarina de Sena. V.: 169 — 310

São Roberto Belarmino (1542-1621), n. Itália. Jesuíta, Cardeal, Doutor da Igreja. V.: 382

São Romualdo (950-1027), n. Itália. Abade, pai dos Monges Camaldulos. V.: 311

Santa Rosa de Lima (1586-1617), n. Peru. Virgem. Leiga da Ordem Terceira de São Domingos, primeira Santa do Novo Mundo. V.: 64 — 315

São Teodoro, o Santificado (314-368). Originário da Alta-Tebaida. Abade. V.: 178

Santa Teresa de Jesus (1515-1582), n. Espanha. Reformadora do Carmelo, Doutora da Igreja. V.: 178 — 181 — 182 — 183 — 284 — 320 — 322 — 363 — 389 — 390 — 441

Santa Teresinha do Menino Jesus (1873-1897), n. França. Carmelita, Padroeira das Missões. V.: 270 — 271 — 288

São Tomás de Aquino (1225-1274), n. Itália. Dominicano, Doutor da Igreja. V.: 24 — 45 — 54 — 55 — 59 — 62 — 100 — 104 — 105 — 106 — 112 — 113 — 120 — 121 — 122 — 125 — 126 — 128 — 129 — 130 — 131 — 132 — 136 — 137 — 138 — 139 — 145 — 146 — 162 — 165 — 171 — 173 — 177 — 184 — 229 — 247 — 293 — 318 — 427 — 435 — 436

Tommaso A. IORIO, SJ (1886-1966), n. Itália. Professor de Teologia Moral e Direito Canônico. V.: 104 — 160

Santa Verônica Giuliani (1660-1727), n. Itália. Religiosa Clarissa, mística. V.: 394

São Vicente Maria Strambi (1745-1824), n. Itália. Passionista, Bispo. V.: 326 — 355

São Vicente de Paulo (1581-1660), n. França. Fundou a Congregação dos Padres da Missão (Lazaristas) e, com a ajuda de Santa

Luísa de Marillac, a Congregação das Filhas da Caridade. Patrono de todas as obras de Caridade. V.: 176 — 384 — 393

Santa Virgínia Centurione Bracelli (1587-1651), n. Itália. Viúva, Fundadora das Irmãs de Nossa Senhora do Monte Calvário. Recentemente canonizada por João Paulo II. V.: 365

Dom Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira (1844-1878), n. Brasil. Capuchinho. Bispo de Olinda. V.: 269

São Vito (séc. IV). n. Itália. Mártir. V.: 64 — 305

Frei Vitorino Rodríguez, OP (*1926), n. Espanha. Doutor em Teologia pela Universidade São Tomás de Roma. Professor de Teologia, insígne tomista contemporâneo. V.: 251 — 252

Mme Zélie Martin (1831-1877), n. França. Mãe de Santa Teresinha do Menino Jesus. V.: 270

